UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

CARINE VALÉRIA MENDES DOS SANTOS

O Cuidado Parental Igualitário

Implicações para a construção de um modelo de interação triádica pai-mãe-bebê

SÃO PAULO – SP
2018

CARINE VALÉRIA MENDES DOS SANTOS

O Cuidado Parental Igualitário

Implicações para a construção de um modelo de interação triádica pai-mãe-bebê

Versão Original

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Ciências.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientadora: Prof[a] Titular Isabel Cristina Gomes

SÃO PAULO – SP
2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Santos, Carine Valéria Mendes dos
O cuidado parental igualitário - Implicações para a construção de um modelo de interação triádica pai-mãe-bebê / Carine Valéria Mendes dos Santos; orientadora Isabel Cristina Gomes. -- São Paulo, 2018.
238 f.
Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018.

1. Interação familiar. 2. Cuidado parental igualitário. 3. Bebês. 4. Métodos de observação. 5. Psicanálise. I. Gomes, Isabel Cristina, orient. II. Título.

Nome: Santos, Carine Valéria Mendes dos

Título: O cuidado parental igualitário: Implicações para a construção de um modelo de interação triádica pai-mãe-bebê.

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Psicologia

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____
Instituição: _____Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____Julgamento: _____

Às famílias que se permitiram desnudar.

AGRADECIMENTOS

Sinceros agradecimentos à minha orientadora, professora Isabel Cristina Gomes, pelos ensinamentos, pela paciência e pelo suporte em todo este caminho.

Ao grupo de orientandas do qual faço parte e no qual tantas contribuições valiosas foram compartilhadas. Dentro deste convívio prolífico minha enorme gratidão à Flávia Carvalho, Déa Berttran, Marjorie El Khouri e, principalmente, à Nathalia Campana, cuja parceria acadêmica resultou em ótimos frutos e numa troca de ideias que foram transformadas em trabalhos conjuntos e na sustentação mútua de perspectivas.

Ao grupo de discussão participante do LabCaFam, pela dedicação contínua e assídua que auxiliaram na elaboração de ideias e na sustentação de lacunas criativas mobilizadoras neste processo de investigação.

Ao professor Andrés Eduardo Aguirre Antúnez, pelo apoio e incentivo durante este percurso acadêmico.

Às professoras Heliane de Almeida Lins Leitão e Paula Orchiucci Miura, pelas contribuições durante as supervisões clínicas que fizeram parte da proposta metodológica desenvolvida durante esta pesquisa. À professora Heliane, pela parceria acadêmica estabelecida também através de produções científicas.

Às professoras Audrey Setton Lopes de Souza e Andrea Seixas Magalhães, pelas contribuições e comentários, durante o exame de qualificação, que me auxiliaram a avançar na estruturação do texto da tese a partir de revisões conceituais e do aprofundamento de inferências e interpretações.

Às professoras Margaret Lush, Janine Sternberg e Wendy Hollway, pelas contribuições ao aprofundamento da análise metodológica empreendida e pelas contribuições ao referencial teórico utilizado como fundamentação da tese.

À Stephania Aparecida Ribeiro Batista Geraldini e Marisa Amorim Sampaio Cunha, por todo o auxílio, disponibilidade e mediação que tornaram possível estabelecer contatos importantes para a realização do estágio de pesquisa na Clínica Tavistock em Londres.

Agradecimentos a Mário Henrique da Mata Martins, pelo suporte acadêmico durante todo o doutorado e pela amizade continente.

Aos amigos que leram e contribuíram enormemente no processo de escrita da tese.

Às famílias participantes deste estudo, por me acolherem e pelo compromisso com a produção de conhecimento a partir de suas próprias experiências.

À minha família pelo apoio constante, pelo amor imenso e por sustentarem o meu potencial criativo.

Aos meus amigos de Maceió e São Paulo que foram uma fonte de alegria e relaxamento entre as tensões e demandas geradas por este investimento profissional.

À Gabriela Ferreira Dantas, pelo amor, companheirismo e olhar estético sobre esta tese.

Aos funcionários da Secretária do Programa de Psicologia Clínica, da Secretaria de Pós-graduação e da Biblioteca Dante Moreira, pela paciência, profissionalismo, eficiência e dedicação. Um especial agradecimento para Cláudia Rocha, tão presente e acolhedora na rotina acadêmica dos pós-graduandos em Psicologia Clínica.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela concessão da bolsa de doutorado, processo nº 2015/24335-7, apoio financeiro imprescindível para a realização e integralização de todas as etapas deste estudo.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela concessão da bolsa de estágio de pesquisa no exterior (BEPE), processo nº 2017/20673-0, apoio financeiro imprescindível para ampliação internacional das perspectivas acadêmicas.

RESUMO

Santos, C. V. M. (2018). *O cuidado parental igualitário - Implicações para a construção de um modelo de interação triádica pai-mãe-bebê* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

A partir da utilização alegórica do conto "A roupa nova do imperador", construímos analogias relacionadas à sustentação: da onipotência do bebê imperativo; das ilusões criadoras e das fantasias; e dos revestimentos fantasiosos sobre uma nudez psíquica constitutiva. Nas sobreposições fantasiosas, do bebê e da parentalidade, a interação foi considerada um encontro que abre espaço para a criatividade e o ineditismo da experiência. Logo, o cuidado, sustentado pela intersubjetividade e pela intercorporalidade, atestou o potencial transformador da interação e a importância das práticas parentais realizadas cotidianamente junto ao bebê. Isto posto, tivemos como objetivos investigar: o processo de constituição das interações diádicas e triádicas entre pai, mãe e bebê; as articulações entre o material de pesquisa e os referenciais familiares contemporâneos em torno da parentalidade, com ênfase na família constituída pelo casal heterossexual; a construção de um modelo de interação triádica; e as contribuições da metodologia utilizada. Sob a fundamentação teórica da Psicanálise, com destaque para a teoria winnicottiana, e dos Estudos Psicossociais, a pesquisa foi conduzida por uma adaptação do Método Bick de Observação Infantil, no qual duas tríades (pai-mãe-bebê), provenientes da cidade de Maceió/Brasil, foram observadas por três meses (6º ao 9º mês de idade dos bebês). Foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas com cada casal. A análise conduziu uma discussão a respeito das categorias: processos interativos e práticas de cuidado; construção narrativa de setting; e, modelos de interação diádica e triádica. Os resultados apontam: a construção de práticas de cuidado e revestimentos parentais atualizados pelo encontro com o bebê, num processo de sustentação das interações diádicas e triádicas; e interações e revestimentos parentais que exerceram um caráter de sobreposição, com predominância de processos interativos diádicos em que pai e/ou bebê ocuparam posições de terceiros separadores e/ou excluídos. Concluímos que a possibilidade de um cuidado parental igualitário sustentou a existência de um modelo de interação triádica, enquanto o cuidado exercido a partir de um referencial parental hierárquico foi associado a um modelo de interação diádica.

Palavras-chave: Interação familiar. Cuidado parental igualitário. Bebês. Métodos de observação. Psicanálise.

ABSTRACT

Santos, C. V. M. (2018). *Egalitarian parental care – repercussions on the construction of a triadic father-mother-baby interaction model* (PhD Thesis). Psychology Institute, University of São Paulo, São Paulo.

Considering the allegorical use of the tale "The Emperor's New Clothes", we have made some analogies to support: the omnipotence of an imperative baby; the importance of creative illusions and fantasies; and the coating process that creates fantasy on a constitutive psychic nudity. In the overlapping fantasies of the baby and the parent couple, interaction was considered to be an encounter in which space for creativity and novelty of experience is produced. Therefore, while care is supported by intersubjectivity and intercorporeality, it attests the transformative potential of interaction and the importance of the parental practices performed daily with the baby. Based on these remarks, this study aimed at investigating: the process in which dyadic and triadic interactions between father, mother and baby are produced; the relation between research material and references concerning parenting on contemporary family, with emphasis on families with heterosexual couples; the construction of a triadic interaction model and; the contributions of the methodology used. This study was based on Psychoanalysis, with emphasis on Winnicottian theory and Psychosocial Studies. Research was conducted using an adaptation of the Bick Method of Infant Observation, in which two triads (father-mother-baby) from the city of Maceió/Brazil were observed for three months (6th to 9th month of age of the babies). Two semi-structured interviews were conducted with each couple. Analysis was conducted through the following categories: interactive processes and care practices; narrative construction of settings; and, dyadic and triadic interaction models. Results show: the construction of care practices and parental coatings updated by the encounter with the baby, in a process that supports the dyadic and triadic interactions; and parental interactions and coatings that performed an overlapping aspect, with predominance of dyadic interactive processes in which father and / or baby occupied third-party positions and/or were excluded. We conclude that the possibility of an egalitarian parental care supported the existence of a triadic interaction model, while the care achieved by an hierarchical parenting reference was related to a dyadic interaction model.

Keywords: Family interaction. Egalitarian parental care. Babies. Observation methods. Psychoanalysis.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Processos interativos entre cuidadores e bebê na dependência absoluta _____158

TABELA 2-Processos interativos entre cuidadores e bebê na dependência relativa _____158

TABELA 3-Interpelação empática - Trechos de fala dirigidos ao bebê por observação _____174

TABELA 4- Interpelação aglutinante - Trechos de fala dirigidos ao bebê por observação _____176

TABELA 5 – Interpelação individualizante - Trechos de fala dirigidos ao bebê por observação _____177

TABELA 6-Caracterização esquemática dos modelos de interação triádica e diádica _____204

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO ____ 13

2 INTRODUÇÃO ____ 19

2.1 A roupa nova do imperador ____ 20

2.2 O bebê imperativo ____ 22

2.3 Ilusões criadoras e Tecido fantasioso ____ 25

2.4 Vestuário Psicossocial ____ 32

3 REVESTIMENTOS PARENTAIS: REVISÃO DE LITERATURA ____ 37

3.1 A parentalidade revestida pelo discurso psicanalítico ____ 37

3.2 A parentalidade contemporânea: transformações constitutivas e disposicionais ____ 44

3.3 Cuidado Parental Igualitário: Um novo revestimento? ____ 48

3.4 O modelo familiar igualitário no Brasil: alguns indicadores sócio-econômico-demográficos ____ 51

4 DA DÍADE À TRÍADE: PROCESSOS INTERATIVOS ____ 56

4.1 Interação: Construção conceitual a partir da perspectiva winnicottiana ____ 56

4.2 Tipos de interação: posições intersubjetivas e intercorporais na relação entre pais e bebê ____ 61

4.3 Encontros narrativos: a interação como processo ____ 68

4.4 A díade mãe-bebê. A díade pai-bebê...? – Estilos interativos ____ 71

4.5 Práticas Parentais e Cuidado Ambiental – O potencial transformador da interação ____ 75

5 OBJETIVOS ____ 79

5.1 Objetivo Geral ____ 79

5.2 Objetivos Específicos ____ 79

6 DELINEAMENTO METODOLÓGICO ____ 80

6.1 O Método Bick de Observação Infantil ____ 80

6.1.1 Contexto de origem e disseminação ____ 80

6.1.2 Princípios técnicos e epistemológicos ____ 81

6.1.3 Potencialidades do Método Bick em contextos de pesquisa ____ 85

6.2 Especificidades da aplicação do Método Bick na pesquisa ____ 87

6.2.1 Tríades e critérios de seleção ____ 87

6.2.2 Instrumentos ____ 89

6.2.3 Procedimentos ____ 97

6.2.4 Forma de análise dos resultados 98
6.2.5 Aspectos Éticos 99

7 RESULTADOS 101

7.1 Tríade 1 – Adriano(P1)/Ariane(M1)/Ariel(B1) 101
1ª observação – Manhã 102
2ª observação – Tarde 104
3ª observação – Manhã 105
4ª observação – Tarde 107
5ª observação – Manhã 107
6ª observação – Manhã 109
7ª observação – Manhã 110
8ª observação – Noite 112
9ª observação – Noite 113
10ª observação – Noite 114
11ª observação – Manhã 115
12ª observação – Noite 116
História Familiar 117
Estrutura familiar de origem paterna 117
Estrutura familiar de origem materna 118
Estrutura familiar – Atualizações 119

7.2 Tríade 2 – Breno(P2)/Bárbara(M2)/Bruno(B2) 123
1ª observação – Tarde 124
2ª observação - Tarde 126
3ª observação – Tarde 128
4ª observação – Tarde 130
5ª observação – Tarde 131
6ª observação – Tarde 133
7ª observação – Tarde 135
8ª observação – Tarde 135
9ª observação – Tarde 137
10ª observação – Tarde 138
11ª observação – Tarde 138
História Familiar 140
Estrutura familiar de origem paterna 140
Estrutura familiar de origem materna 141
Estrutura familiar – Atualizações 142

8 PROCESSOS INTERATIVOS E PRÁTICAS DE CUIDADO 147

8.1 A construção do casal parental – Revestimentos e Recomeços 147

8.2 Estilos interativos entre pai, mãe e bebê 157

8.3 Parentês – A linguagem afetiva da tríade 172

8.4 Afazeres domésticos x Investimentos profissionais 184

9 CONSTRUÇÃO NARRATIVA DE SETTING: ENCONTROS ENTRE TRÍADES E OBSERVADORA/PESQUISADORA _____ 191

10 MODELOS DE INTERAÇÃO DIÁDICA E TRIÁDICA _____ 201

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS _____ 206

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____ 212

APÊNDICE A: FORMULÁRIO DE PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO-DEMOGRÁFICO (PERFIL SED) _____ 229

APÊNDICE B: MODELO DE ENTREVISTA _____ 231

APÊNDICE C: MODELO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO _____ 233

ANEXO A _____ 236

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA _____ 236

1 APRESENTAÇÃO

Dentro do percurso empreendido por cada pesquisador há certamente forças e influências que o guiam além de suas próprias escolhas conscientes. Processos identificatórios vão construindo um emaranhado complexo de temáticas, teorias e métodos que sustentam, sobretudo, um olhar reflexivo – no sentido daquele que reflete em e é refletido por. E, embora nossa racionalidade praticamente nos predisponha a tentar visualizar padrões de recorrência e ideologias mobilizadoras, que explicam em parte o motivo que nos conecta ao que investigamos, aquilo que nos leva à determinada pesquisa ou investigação é composto por questões mobilizadoras e lacunas criativas trabalhando em silêncio por metas contínuas, o desejo por conhecimento e o saber da experiência.

Melanie Klein (1921) já nos apontava em seus textos uma propensão constitutiva a investigar, presente desde a tenra infância, que ela denominou de impulso epistemofílico. Na relação inicial com a mãe estaria já posto um interesse por parte da criança em torno desse primeiro objeto relacional, principalmente, naquilo que faz parte e parcializa o corpo materno; além das fantasias em torno do interior da mãe e aquilo que faz dela um objeto bom ou mau a ser "ingerido" ou "expulsado". O não saber nesse contexto é mobilizador e aterrorizante ao mesmo tempo, posto que tanto fomenta os processos investigativos, quanto gera fantasias angustiantes em torno do que seriam os "maus" produtos psíquicos (Klein, 1921, 1946).

É possível compreender que, sob o ponto de vista kleiniano, o processo investigativo se trata de uma mobilização ativa despertada por faltas que precisam ser justificadas e idealmente preenchidas. Nesse sentido, a autora parte da premissa de um terceiro implícito na relação mãe-bebê e que atuaria como um catalizador das fantasias associadas a um objeto mau desconfortante, desorganizador e disruptivo, o que põe em questão um interior materno ambivalente, dividido e também incompleto (Klein, 1991). Sob esta perspectiva, poderíamos pensar em faltas sentidas e/ou presumidas que geram impulsos investigativos como produção de questões imaginárias, indiretamente formuladas pelo bebê/criança ou seus porta-vozes.

Quando afirmei acima que aquilo que nos leva à determinada pesquisa é composto também por lacunas criativas, refiro-me ao fato de que além de entender o processo investigativo como uma sucessão construtiva de hipóteses e questões (adaptadas às capacidades de cada psiquismo ao longo do desenvolvimento) mobilizadas pela falta; winnicottianamente falando é necessário que entendamos também partes desse processo a partir de estados

perceptivos paradoxais. O bebê criou ou encontrou o objeto? Como Winnicott (1975) nos adverte, essa é uma questão que não deve ser formulada, justamente porque a ilusão coincidente entre encontrar e criar fundamenta as bases de nossa criatividade.

Somos nós, enquanto pesquisadores, que escolhemos nossos objetos de estudo? Ou são os objetos de estudo, temáticas e teorias específicas, produzidos por estudiosos precedentes, que nos escolhem? Nos apropriamos criativamente a partir das escolhas que fazemos ou somos capturados numa sequência desejante e alheia que nos enreda? Aquilo a que se convencionou chamar de "resultados de pesquisa" são produtos de encontros entre subjetividades e externalidades ou derivam de criações subjetivas em relação a externalidades sempre fabricadas?

Estas são perguntas que, enquanto lacunas criativas, estão a operar em nossas escolhas inconscientes e nos conectam ao conhecimento que está constantemente a nos moldar vida adentro e à fora. A aceitação da questão como lacuna reside justamente no fato de manter, em uma espécie de "suspensão", a contradição entre questões que, ao serem respondidas, poderiam obliterar o percurso das ilusões criadoras (Winnicott, 1975).

Se o desejo por conhecimento está sedimentado num impulso epistemofílico e em lacunas criativas, Winnicott (1960; 1975) e Bion (1962/1991) acrescentam a possibilidade do saber da experiência proveniente de interações que abarcam tanto o psiquismo quanto a intercorporalidade. Esta afirmação está relacionada à importância do processo de apropriação de qualquer saber pela intersubjetividade transformadora (Bion, 1962/1991, 1965/2004; Winnicott, 1965/1983). Estou a defender, desse modo, um saber que é sempre construção e no qual estão necessariamente implicados o contato entre mentes e o ambiente afetivo/intercorporal.

Quero dizer com isto que, muito mais que armazenar conhecimentos articulados com o tempo e de acordo com as nossas capacidades cognitivas, precisamos transformar continuamente a experiência emocional que nos atinge em elementos "digeríveis", pensáveis e comunicáveis (Bion, 1962/1991). Nesse sentido, entendo que iniciar uma investigação é se deixar tomar pelo objeto de estudo também por diferentes modalidades sensoriais e perceptivas. Nosso corpo inteiro e não só nosso intelecto se coloca de prontidão para captar e elaborar os pensamentos que se formam durante o processo investigativo.

E ainda que não estejamos desenvolvendo atividades aparentemente relacionadas (momentos de lazer, ócio, sono, entre outras), a nossa conexão mental com o objeto de estudo está sempre numa espécie de onipresença paralela, utilizando detalhes cotidianos e supérfluos

para estabelecer novas cadeias de compreensão. Conexões se formam a partir de pensamentos complexos ou pelo entendimento intuitivo que emerge a partir da observação de nosso próprio corpo em interação com aquilo que nos rodeia. Interação que pode ser exemplificada com a compreensão intuitiva de Winnicott da relação materno-infantil através da manipulação de uma espátula na boca do bebê (Winnicott, 1941), ou com a observação freudiana dos processos de separação e retomada do objeto de amor infantil por meio do movimento lúdico do *Fort-Da* (Freud, 1920/1996).

Logo, considero como imprescindível, e até mais importante que descobrir um ponto de partida unificador e decodificador (se é que ele existe!), entender a maneira criativa com que cada pesquisador se apropria daquilo que já está posto, promovendo rearranjos, sistematizações e/ou inserindo novos dados imprevistos. Aqui, o não saber deixa de ser aterrador e permanece em suspensão mobilizando o saber construtivo.

Em vista daquilo que mobiliza e é produzido por cada processo investigativo, apresento alguns passos encadeados que explicam parcialmente o meu percurso enquanto pesquisadora e servem para inserir uma linearidade aparente ao que nunca é linear. Trago, assim, um pouco daquilo que mobiliza o meu desejo por conhecimento e daquilo que, enquanto experiência de pesquisa e estudo, me impactou e foi decisivo para a escolha das direções, das perspectivas e das parcerias acadêmicas firmadas em cada parte do percurso percorrido até aqui.

Durante a minha graduação participei em 2009 de um estudo, como colaboradora pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), sobre o processo de argumentação oral de crianças em salas de aula. O estudo conduzido pela professora Nadja Maria Vieira da Silva na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), apesar de ter sido desenvolvido em uma abordagem teórica diversa da que trabalho hoje, perspectiva Sócio-Histórica e o estudo dos processos dialógicos e comunicativos, estimulou algumas reflexões sobre a importância de investigar o detalhamento dos processos interativos (Silva, Santos & Rhodes, 2014). O conceito de interação foi ressignificado em minha pesquisa de doutorado e enfatizado como um conceito-chave para os fundamentos do que será discutido adiante, a partir da Psicanálise e dos Estudos Psicossociais[1].

[1] Compreendemos que os Estudos Psicossociais estão configurados como um campo de articulação que tenta conciliar investigações psicológicas e/ou psicanalíticas em vista das práticas e fenômenos sociais de determinado contexto histórico e cultural. A família, compreendida como uma rede de transmissão consciente e inconsciente entre gerações atuais e anteriores, assim como as demarcações em torno dos gêneros masculino e feminino, compreendidas como produções intersubjetivas e intercorporais que se transformam ao longo do tempo, são algumas das temáticas utilizadas como ponto de encontro entre estas interfaces.

O passo seguinte foi dado em meu Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado em 2010 para a obtenção do título de Psicóloga pela Universidade Federal de Alagoas, intitulado "Criando laços afetivos: um estudo sobre o processo de inserção da criança no ambiente da creche-escola", orientado pela Professora Heliane de Almeida Lins Leitão e desenvolvido conjuntamente com Raquel de Lima Santos, também aluna do curso de Psicologia da UFAL naquele período.

Esta pesquisa me fez adentrar no universo muito particular dos estudos e das experiências em torno da relação entre mãe-bebê/criança e refletir sobre como esta relação tinha efeitos no processo adaptativo e nas novas interações estabelecidas no ambiente da creche-escola (Santos, Santos & Leitão, 2015). Considero esta investigação um ponto de aproximação com alguns dos principais teóricos que discutiram processos psicodinâmicos durante a primeira infância, com destaque para a teoria psicanalítica winnicottiana.

Ainda nessa pesquisa ao entrevistarmos uma das mães e ouvi-la se referir ao marido com a seguinte fala "*ah, ele é mais mãe do que eu*", começou a se delinear para mim o problema subjacente ao estudo realizado durante o meu mestrado, intitulado "Um novo pai, novas funções? Considerações sobre a relação pai-bebê no período da dependência absoluta" (Santos, 2014), desenvolvido de 2012 a 2014 e orientado pelo Professor Andrés Eduardo Aguirre Antúnez, no Programa de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (IPUSP). Os resultados finais deste estudo fundamentaram uma discussão sobre a possibilidade de um *holding* paterno (Santos & Antúnez, 2018) e a construção da categoria Paternidade Afetivamente Inscrita (Santos & Antúnez, 2017), utilizada para abarcar o fenômeno de uma nova paternidade de forma mais acurada.

Em uma disciplina sobre Casal e Família cursada durante o mestrado travei pela primeira vez contato com a minha atual orientadora de doutorado. Este encontro provocou efeitos vívidos em meus interesses acadêmicos, pois minha pesquisa sobre a relação pai-bebê tinha várias ressonâncias com as temáticas discutidas em sala de aula. Um artigo derivou dessa afinidade temática e foi uma espécie de ensaio interativo e relacional entre futuras orientanda e orientadora (Santos & Gomes, 2016).

A pesquisa de doutorado[2] que aqui apresento, iniciada em 2015, culmina em uma ampliação da temática desenvolvida no mestrado e teve o intuito de investigar o fenômeno da interação triádica entre pai, mãe e bebê de forma mais ampla e complexa, considerando os

[2] Processo FAPESP: 2015/24335-7.

diversos agentes envolvidos em uma tentativa de estabelecer também um diálogo entre Psicanálise e Estudos Psicossociais.

A metodologia escolhida para empreender a investigação deste fenômeno, o Método Bick de Observação Infantil, também abriu uma ponte internacional de acesso à Clínica Tavistock (Tavistock Clinic) em Londres, na qual a partir de um estágio[3] de pesquisa, realizado de janeiro a abril de 2018, a análise do material coletado foi aprofundada sob a supervisão da Dra. Margaret Lush, professora e supervisora na clínica referida. Esta experiência sedimentou e ampliou inferências e interpretações em andamento e serviu também como uma forma de troca de informações em relação à adaptação metodológica utilizada no estudo e à aplicação do Método Bick conduzida em vários contextos interventivos na Tavistock.

Durante o estágio também pude participar de grupos de supervisão com a professora Janine Sternberg, cujo trabalho tem defendido de forma contundente a utilização do Método Bick em contextos de pesquisa. Considero que os contatos com os grupos de Seminário de Observação Infantil, conduzidos pelas duas professoras mencionadas, enriqueceram e diversificaram o meu entendimento clínico e científico.

Menciono também as contribuições, durante todo o percurso do doutorado, provenientes dos diálogos desenvolvidos continuamente pelo grupo constituinte do Laboratório Casal e Família: Clínica e Estudos Psicossociais (LabCaFam). Criado em 2005 no Instituto de Psicologia da USP, o laboratório conta com a participação de orientandos(as), psicólogos(as) ligados a instituições clínicas e/ou forenses[4], além de sua criadora e coordenadora.

Somos um grupo de pesquisadores e/ou psicólogos(as) que reunidos por interesses temáticos comuns temos nos ajudado a promover articulações entre clínica, teoria, pesquisa e sociedade. Esse espaço de trocas acadêmicas figura como palco de elaborações de conteúdos, argumentos, questões e (por que não?) lacunas que reverberam em um movimento constante de legitimação do saber, enquanto conhecimento adquirido e enquanto lacuna criativa permanente a ser constantemente preenchida.

O desejo por conhecimento e o saber da experiência nos levam da condição de indivíduos movidos por curiosidades e interesses individuais à condição de pesquisadores daquilo que é humano, do particular ao genérico e vice-versa. E é só assim que talvez consigamos, enquanto pesquisadores, transferir visões de mundo em atos de exposição e

---

[3] BEPE – Processo FAPESP: 2017/20673-0

[4] O Laboratório LabCaFam, sob a supervisão da Professora Isabel Cristina Gomes, estabeleceu uma parceria com a Coordenadoria da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, para elaboração de pesquisas sobre o tema da adoção.

vinculação que culminam na defesa de ideias, na continência e transformação das experiências e no desejo de que estas possam contribuir para o avanço do conhecimento.

2 INTRODUÇÃO

Após essa breve explanação de meu percurso enquanto pesquisadora, apresentamos os argumentos e conceitos que servirão de base para a defesa da tese final decorrente desta investigação. Iniciamos, então, a partir da apropriação de um conto amplamente conhecido, *A roupa nova do imperador*, a ser utilizado alegoricamente. A justificativa para o uso do conto está relacionada ao impacto provocado pela experiência junto às famílias que participaram deste estudo em meu processo de elaboração, o que me remeteu a elementos desta história em particular.

A utilização da narrativa como alegoria remete-se ao potencial metaforizante tanto do conto como um todo representativo, como deste analisado em suas subpartes a partir de analogias que podem se relacionar de formas complementares ou concomitantes (Azevedo, 2001). É possível afirmar que a alegoria, como um sistema ampliado de metáforas, traz também a possibilidade de leituras diferentes e inclusive paradoxais em relação aos mesmos elementos (http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/alegoria/). Logo, a opção por este recurso levou em conta, principalmente: a ampliação do potencial de transformação da experiência captada por mim, enquanto pesquisadora, em produtos simbólicos, traduzidos e apresentados a partir de uma perspectiva teórica e em um formato científico; e a experiência acessada pelo leitor por meio de conteúdos simbolizantes, geradores de novas associações também a partir do conto.

Na elaboração de aspectos essenciais da narrativa remetemo-nos: ao processo de subjetivação da criança dentro de sua história familiar; aos conceitos psicanalíticos que explicam importantes processos psíquicos implicados na interação entre os membros familiares; às ressonâncias das dinâmicas interativas estabelecidas no e pelo contexto psicossocial investigado; e à minha experiência de contato, enquanto pesquisadora, com o ambiente familiar relativa à técnica metodológica utilizada neste estudo[5]. A seguir apresento uma versão condensada do conto.

[5] Utilizou-se neste estudo uma adaptação do Método Esther Bick de Observação Infantil, a ser apresentado no capítulo referente ao delineamento metodológico.

2.1 A roupa nova do imperador[6]

Existiu em um reino longínquo um imperador cujos interesses se concentravam nas novidades obtidas para compor seu vestuário cotidiano. Nada era mais importante que uma nova roupa para vestir, seu dinheiro era investido prioritariamente neste tipo de regalia.

Certo dia o reino foi visitado por dois tecelões que, sob a enganosa promessa de fiar os mais lindos tecidos imagináveis, propuseram ao imperador a confecção de um tecido especial, este possuiria a peculiaridade de apenas ser visto por aqueles que fossem dignos dos cargos que ocupavam, ou que fossem inegavelmente inteligentes[7].

O soberano seduzido pela promessa de algo que o ajudaria a reconhecer os funcionários indignos e a distinguir sábios de idiotas aceitou prontamente a proposta, dando aos falsos tecelões uma quantia enorme de dinheiro para que eles começassem a trabalhar imediatamente.

Os impostores, no entanto, guardaram o dinheiro e iniciaram sua encenação nos teares erguidos. Fingindo trabalhar até tarde da noite, enquanto a fama do material confeccionado se espalhava.

Curioso sobre a eficácia de legitimidade ou ilegitimidade atestada pelo tecido, o imperador delegou a função de primeira averiguação ao seu ministro, supondo-o inteligente e digno. Este prontamente atendeu ao pedido e dirigiu-se ao tear. Para seu espanto não enxergou nada, não sabendo que a suposta invisibilidade era um embuste e não querendo admitir sua incapacidade negou que não enxergava tecido algum. Quando os cínicos tecelões enalteceram e descreveram os detalhes supostamente evidentes, o ministro prestou atenção a cada pormenor no intuito de reproduzir a descrição e assim atestar sua dignidade e inteligência.

A falsa legitimação do ministro foi usada pelos pícaros para pedirem mais dinheiro, sob o pretexto de comprar mais seda e fios de ouro. Pouco tempo depois, outro funcionário foi enviado para avaliar o trabalho e indagar sobre o prazo de término. O mesmo aconteceu, nada foi enxergado, mas a humilhação de admitir não ser digno do cargo que ocupava induziu também esse funcionário a encenar uma pretensa visão.

---

[6] Para efeitos de ilustração escolheu-se a versão escrita por Hans Christian Andersen (Andersen, 1991). Esta versão, contudo, é baseada em um conto mais antigo, retirado do livro Don Juan Manuel – El conde Lucanor (Báez, 1953/2012), com o título "Lo que sucedio a un rey com los picaros que hicieron la tela"/O que sucedeu a um rei com os maliciosos que lhe fizeram o tecido (Tradução Livre).

[7] Na primeira versão tratava-se de um rei e três tecelões. Apenas enxergavam o tecido aqueles que eram filhos legítimos de seus pais. Isso era interessante para a coroa, pois na ausência de filhos legítimos em uma família as propriedades eram herdadas pelo rei (Baéz, 1953/2012).

Chegou o dia em que o próprio imperador quis conhecer o famoso tecido. Acompanhado de seu séquito foi observar o trabalho de fiação. Todos os cortesãos e funcionários atestaram efusivamente a beleza do pano, enaltecendo suas cores e qualidades estilísticas. No entanto, o soberano constatou a contragosto que não enxergava nada. Se os subalternos fingiram ver para não perderem os lugares que ocupavam ou não serem considerados idiotas, ele tinha mais a perder do que todos e não podia ser considerado indigno de ser o líder do povo, ou ser um líder idiota.

Desse modo, o engodo foi também sustentado pelo imperador que entusiasmado exigiu que o tecido fosse logo transformado em um imponente traje, a ser usado numa cerimônia imperial. Após fingirem medir, cortar e costurar por dias a fio, os tecelões declararam finalmente que a roupa nova estava pronta.

O soberano sequioso por vesti-la, despiu-se e deixou que os embusteiros realizassem os devidos ajustes. Sobre o reflexo do espelho[8] ambos exclamavam cinicamente a respeito da perfeição do tecido e em como este assentava ao corpo de sua majestade. Este fingindo que via um belo traje no espelho corroborou o alarde.

Era chegada a hora da cerimônia. Os camaristas fingiram carregar a cauda da roupa, enquanto o imperador desfilava empertigado pelas ruas. Toda a população fingindo-se maravilhada dava mostras de enxergar a tão esperada nova vestimenta. Até que uma criança[9] no meio da multidão exclamou o que todos já estavam a saber – "*O imperador está nu!*".

Inicialmente, sob a alegação de inocência, a criança é tomada de forma condescendente e desculpada por seu engano, mas em seguida cochichos começam a atestar a verdade que todos estavam a negar – "*O imperador está nu!*". Do alto de sua arrogância o imperador, contudo, mesmo sabendo que todos falavam a verdade, permaneceu em sua empáfia, mais empertigado do que antes a fingir que vestia uma roupa especial e invisível[10].

---

[8] Na versão mais antiga não há menção ao uso do espelho (Baéz, 1953/2012).

[9] Na primeira versão quem é porta-voz do engodo encoberto é um negro do reino, descrito no conto como aquele que não tem herança a perder e como aquele que não se importa com uma legitimação de seu lugar enquanto filho de seu pai (Baéz, 1953/2012).

[10] No final da primeira história todos reconhecem que foram enganados e descobrem que os tecelões fugiram com todo o ouro pago pelo tecido (Báez, 1953/2012).

2.2 O bebê imperativo

A primeira analogia que trazemos à tona nesta alegoria refere-se ao lugar privilegiado que o imperador ocupa. Destacamos esta posição, pois é justamente este lugar de autoridade que mobiliza todas as ações na história. Se considerarmos que a valorização da infância, desde a idade moderna e, principalmente, na contemporaneidade, circunscreveu a família nuclear a um lugar de proteção e cuidados infantis, é possível pensar no bebê que acaba de nascer (como uma possibilidade ideal na vida do casal ou como um pequeno ser portador de um corpo) como aquele que ocupa um lugar privilegiado no ambiente familiar.

Sobre essa posição privilegiada, Golse (2003) faz uma interessante inferência ao afirmar que o século XIX atestou - com o uso do raio X, a criação da psicanálise e os estudos sobre os estados psicológicos - uma curiosidade pelo que havia dentro do corpo e do psiquismo. No início do novo milênio estaríamos imersos em preocupações a respeito das origens, o que tem fomentado um intenso interesse pela psiquiatria do bebê e a psicologia do desenvolvimento precoce. Na perspectiva do autor, o bebê, como um universo particular a ser explorado, foi colocado no epicentro das preocupações em torno do que acontece nos primórdios da constituição psíquica e dos processos de maturação[11].

Nesse sentido, tanto o imperador quanto o bebê, ao ocuparem posições de destaque em relação ao entorno, podem ser equiparados como aqueles que geram demandas as quais alguém precisa atender. No entanto, a relação de autoridade entre imperador e cortesãos pressupõe uma demanda consciente para sustentar a própria posição de hierarquia. Os súditos atendem ao imperador pela posição subalterna que ocupam, a dependência existente é fundada pela manutenção de um sistema social, não implicando sua inexistência em uma ameaça à vida dos envolvidos.

Para o bebê que parte de uma dependência constitutiva em relação ao ambiente que o circunda, representado principalmente pela mãe, as demandas não se baseiam em pedidos conscientes a serem atendidos, mas em uma urgência por cuidados que sustentam a vida e o processo de subjetivação. E, embora estas sejam demandas direcionadas aos cuidadores imediatos, inicialmente, isto não implica em um reconhecimento do outro. É porque o ambiente

[11] O conceito de maturação está intimamente relacionado ao conceito de saúde em Winnicott (1983) e diz respeito a tendências inatas, inicialmente atuando como potenciais, que precisariam da provisão de cuidados por parte de um ambiente para serem desenvolvidas. O ambiente seria constituído, inicialmente, pelos cuidados maternos, sendo expandido para abarcar outros relacionamentos: pai, outros familiares, escola, etc.

é suficientemente bom e protege das perturbações externas que o bebê não tem consciência do ambiente e nem da própria dependência, para ele não existe ainda a percepção de nada externo e nem tampouco de algo que possa ser entendido como um indivíduo (Winnicott, 1965/1983, 1988/2006). Não há, desse modo, uma relação de autoridade implícita. E foi justamente pensando nessa distinção que preferimos considerar o bebê não como um pequeno imperador, mas como um imperativo.

Logo, em uma posição privilegiada e não hierárquica, todo bebê como ser em constituição ou em uma continuidade de ser, como denominou Winnicott, é um imperativo. A continuidade de ser é justamente o desenvolvimento do potencial maturacional herdado, o bebê num primeiro momento deve simplesmente ser ele mesmo, ainda que um si mesmo não integrado. A partir da não integração constitutiva, com a experiência de cuidado por alguém que desempenhe a função de *holding* adequadamente e ofereça uma provisão ambiental suficientemente boa, a continuidade de ser seria sustentada no tempo e o bebê passaria a experimentar-se como alguém que possui uma individualidade integrada, em um corpo em contato com o mundo (Winnicott, 1965/1983, 1988/2006, 1990).

Em contrapartida, falhas ambientais poderiam perturbar essa continuidade e interromper a consecução dos processos constitutivos essenciais, nesses casos o bebê tende a reagir ao invés de ser. O ambiente, como a mãe suficientemente boa, deve reduzir ao mínimo as perturbações provenientes do exterior, fazendo da vida do bebê algo consistente, previsível e monótono. E é exatamente esta cobertura ambiental que insere na subjetividade da criança a noção de que o mundo é algo ao qual ela pode confiar (Winnicott, 1958/2000, 1965/2011a).

Vê-se com isso que a dependência, inicialmente, é absoluta e a demanda é por um *holding* que se molde às necessidades imediatas. O *holding*, enquanto sustentação física (*handling*) e emocional do bebê, é assim realizado por uma mãe em estado de preocupação materna primária, processo de identificação da mãe com as necessidades da criança. Para que essa identificação seja possível é necessário que haja uma regressão psicológica à posição subjetiva do bebê, este processo estaria concernido à rememoração inconsciente da experiência materna de também ter sido um bebê que recebeu cuidados (Winnicott, 1965/1983, 1988/2006).

Nessa posição regressiva a mãe se coloca num estado de “procuração” egóica, no qual opera uma espécie de empréstimo subjetivo de seu ego como suporte ao estado inicial de inorganização do bebê. Remetemo-nos também ao termo winnicottiano “afinidade egóica”, cunhado para abarcar o fenômeno de fusão da unidade mãe-bebê na identificação primária. Ressalta-se que na teoria winnicottiana o ego existe desde o início e é o responsável por reunir

as experiências vividas pelo bebê, a serem posteriormente integradas em um indivíduo com uma pessoalidade. Porém, isto só é possível se houver um ego materno servindo de suporte a este processo de organização. Pressupõe-se, desse modo, uma unidade mãe-bebê em estado de indiferenciação egóica no período da dependência absoluta (Winnicott, 1958, 1962).

Portanto, a mãe suficientemente boa, assim como os súditos e o povo devem se adaptar e sustentar, respectivamente, a onipotência primária do bebê e o lugar de potência do imperador. Sobre a importância da experiência de onipotência, Winnicott (1988/2006) nos esclarece:

> Temos que dizer que o bebê criou o seio, mas não poderia tê-lo feito se a mãe não tivesse chegado com o seio exatamente naquele momento. O que se comunica ao bebê é: "Venha para o mundo de uma forma criativa, crie o mundo; só o que você criar terá significado para você". E em seguida: "O mundo está sob o seu controle". A partir desta *experiência* de *onipotência inicial* o bebê é capaz de começar a experimentar a frustração, e até mesmo de chegar, um dia, ao outro extremo da onipotência, isto é, de perceber que não passa de uma partícula do universo, um universo que ali já estava antes mesmo da concepção do bebê, e que foi concebido por um pai e uma mãe que gostavam um do outro. Não é a partir da sensação de ser Deus que os seres humanos chegam à humildade característica da individualidade humana? (Winnicott, 1988/2006, pp.89-90).

Nessa perspectiva, onipotência implica tanto em controle mágico, quanto na criação de objetos subjetivos pelo bebê. Objetos estes que em sua definição dizem respeito a uma forma de percepção primária do mundo (ou apercepção) e são essenciais para a consolidação da espontaneidade sustentada pela mãe-ambiente. Logo, cada gesto acolhido como espontâneo e criador alimenta a onipotência primária do bebê-imperativo, criador de seu mundo (Winnicott, 1975, 1988/2006).

Com o tempo e a repetição assídua dos cuidados familiares as demandas são transformadas em apelos proferidos de forma consciente. Podemos pensar no bebê que é também um imper(ativo), pois possui competências interativas e a capacidade de se moldar e moldar o ambiente. A capacidade de moldagem (acomodação) e modulação (variação) do ambiente em relação ao que o bebê precisa caracteriza-o como um ambiente perfeito e adaptativo em um nível, inicialmente, quase absoluto. Ressalta-se que a adaptação seria sempre incompleta, mas são justamente as pequenas falhas relacionadas à incompletude ambiental que abrem caminho para a dependência relativa e a independência relativa ou interdependência[12] (Winnicott, 1965/1983).

---

[12] Para Winnicott, jamais alcançamos uma independência absoluta em relação ao ambiente. Na saúde, a interdependência é o caminho que fomenta uma vida que vale a pena ser vivida (Winnicott, 1965/1983).

Em uma de suas acepções a palavra imperativo quer dizer "princípio que tem o caráter de obrigação imperiosa" (https://www.priberam.pt/dlpo/imperativo), esta é trazida aqui, pois representa perfeitamente o que caracteriza o bebê ao ser recebido no ambiente familiar. O casal no processo de apropriação do encargo parental é convocado pelo novo ente familiar a habilitá-lo a realizar seu potencial herdado, a saber, a tendência a constituir-se como um *self*[13] em relação de interdependência com o mundo e a tendência a desenvolver a capacidade de se apropriar e modificar a realidade interna e externa criativamente (Winnicott, 1990).

Nesta primeira analogia, portanto, estabeleceu-se a relação entre os lugares privilegiados dentro de um contexto sustentador: do imperador, situado em uma posição de autoridade e potência exercendo um controle consciente em relação ao entorno; e do bebê, situado em uma posição imperativa e onipotente exercendo um controle inconsciente em relação a um ambiente que, inicialmente, é apercebido a partir das concepções subjetivas. Se a demanda é urgente, e podemos considerar a implicação afetiva parental como um fato mobilizador, todo o ser do bebê exige um cuidado que seja capaz de reunir as partes do *self* em processo de integração e de sustentar o lugar imperativo de onipotência, fundamento para a criatividade primária.

2.3 Ilusões criadoras e Tecido fantasioso

Podemos entender a criação de um seio, ali e no momento imprescindível para a criança como uma das primeiras ilusões criadoras. Ao tratar sobre o valor da ilusão na criação dos objetos e fenômenos transicionais, Winnicott (1975) enfatiza: "A mãe, no começo, através de uma adaptação quase completa propicia ao bebê a oportunidade para a ilusão de que o seio faz parte do bebê" (p.26). A ilusão também é vivida como processo perceptivo por parte da mãe, pois "o bebê recebe de um seio que faz parte dele e a mãe dá leite a um bebê que é parte dela mesma" (Winnicott, 1975, p.27).

Se há, portanto, a necessidade de uma ilusão de onipotência que dê legitimidade à criatividade primária, os pais seriam os responsáveis por "tecer" junto com o bebê os recursos

[13] A partir de uma leitura da obra de Winnicott estamos tomando o *self* como a experiência egóica e psicossomática de um indivíduo que alcançou o estágio de integração e se apropriou do sentir-se real e em relação com o mundo interno e subjetivo e o mundo externo e compartilhado, objetivo e subjetivo (Winnicott, 1990).

fundamentais para os processos psíquicos que habilitam as diferentes formas de percepção e interação com a realidade interna e externa, a saber, as ilusões criadoras e as fantasias.

Dito isto, podemos pensar numa analogia em que o bebê, assim como o imperador, investe em "novas vestimentas" em um momento em que ele está predisposto a ser iludido. Nesse ínterim, as ilusões criadoras/tecelões surgem com a promessa de um tecido mágico e poderoso. É na confecção destas linhas ilusórias e invisíveis que as fantasias subjetivas vão sendo construídas por cada um que observa a nova roupa do imperador. Tratam-se de "engodos" articulados por aquilo que, não fazendo parte de uma visão compartilhada, segue à margem do consenso daquilo que é dito pelos tecelões e aquilo que é criado subjetivamente por cada observador na tentativa de ver o que supostamente existe.

O cuidado ambiental, dessa maneira, ao facilitar a capacidade de criar, sustentando a onipotência primária, põe em marcha a criação dos objetos subjetivos, articulados em esboços narrativos pelo bebê e os pais, na confecção das primeiras fantasias (Winnicott, 1975, 1990). Estamos tomando o conceito de fantasia[14] aqui como um conglomerado de ilusões criadoras que se reúnem narrativamente numa sequência constante no tempo intermitente do bebê e que fomentam as primeiras interpretações psíquicas do mundo em relação aquilo que o afeta em seu corpo (físico e psíquico) ainda não integrado.

Quando estabelecemos paralelos entre a encenação dos tecelões e o caráter "ilusionista" do cuidado primário, referente ao processo de construção fantasiosa, não estamos a defender que os pais estão a fingir teatralmente um conjunto de ações que manipulam a realidade do bebê. A analogia se presta a destacar simplesmente o caráter essencial de um processo identificatório, por parte dos pais, em que o *holding* oferecido proporciona a ilusão de que tudo que acontece ao redor da criança é produto de sua criatividade. E é justamente a simplificação e a repetição previsível do cuidado que sustentam esse engodo necessário (Winnicott, 1965/1983, 1975, 1988/2006).

É possível também destacar que os pais estariam inseridos na própria ilusão que sustentam, o que seria o mesmo que dizer que, quando uma boa provisão ambiental é possível, a ilusão criadora é algo compartilhado também pelos cuidadores primários. Da mesma forma que no conto podemos pensar que os súditos sustentam a ilusão, demandada pelo imperador, em torno de uma nova vestimenta. Seguindo esse raciocínio, o bebê é tanto visto como um ser capaz de se manifestar espontaneamente, fantasiar e construir-se como um indivíduo, como a

[14] Esta conceituação está intimamente relacionada aos conceitos de ilusão em Winnicott (1975), fantasia inconsciente em Klein (1991) e narratividade em Golse (2003).

projeção das fantasias inseridas dentro de uma história familiar e geracional (Gomes, 2010; Magalhães, 2010).

Estas fantasias tecidas pelas ilusões criadoras da criança e dos pais têm início, principalmente, a partir do cuidado físico, enquanto um acesso predominante ao ser em processo de integração, evocado na concretude do corpo infantil. Logo, podemos conceber um processo de construção fantasiosa do corpo, subjacente a esta ideia está o pressuposto de que o corpo biológico não garante de forma predeterminada a apropriação subjetiva do que se constitui ao longo do tempo como um corpo individual, particular e único. Com isso, entendemos que ao longo das interações constrói-se também a fantasia de um corpo com diversas idiossincrasias e especificidades interativas.

Dentro desse contexto, podemos pensar no conceito winnicottiano de elaboração imaginativa das funções corporais, como os primeiros rudimentos de representação daquilo que o bebê apercebe e que é proveniente das sensações despertadas pelas experiências primitivas de ser. Reflitamos sobre os esclarecimentos de Winnicott (1990) em relação ao conceito: "A elaboração imaginativa do funcionamento corporal organiza-se em fantasias, que são qualitativamente determinadas pela localização no corpo, mas que são específicas do indivíduo, por causa da hereditariedade e da experiência" (p.69). É possível compreender que nesse processo de elaboração está presente tanto a especificidade do potencial maturacional herdado de cada criança, quanto a presença de alguém que faça da experiência localizada e parcial um momento de apropriação afetiva e de encontro. Sobre esse encontro elaborativo (por parte do bebê) e colaborativo (por parte da mãe), Safra (2005) desenvolve o seguinte entendimento:

> O encontro do corpo do bebê com o corpo da mãe devotada dá a ele condições de ter um repertório imaginativo que o capacitará a elaborar, imaginativamente, as funções corporais. Portanto, as diferentes funções corporais atualizam as qualidades dos encontros que o bebê teve com sua mãe. Trata-se de um repertório que é fruto da presença humanizadora do outro. A criança ganha unidade corporal por meio da e na presença do outro, surgindo paulatinamente um corpo psíquico: um corpo cujas funções foram elaboradas imaginativamente. (Safra, 2005, p.79)

Em concomitância com este conceito winnicottiano podemos nos referir também à teorização de phantasia[15] inconsciente desenvolvida por Melanie Klein, como a representante psíquica de tudo que acontece no mundo interno e fragmentado do bebê (fome, dor, desejos, processos fisiológicos, ideias etc.). Para a autora a phantasia inconsciente, enquanto

[15] Preferimos seguir a grafia dos kleinianos em relação ao conceito de phantasia inconsciente para distingui-lo do conceito de fantasia proposto aqui.

representação psíquica do que é produzido pelo corpo, estaria também relacionada ao sentido afetivo dado a cada experiência vivida (Klein, 1934, 1955).

A capacidade de *reverie*, incluída na função continente da mãe, vem ao encontro nesse momento para habilitar o processo de subjetivação do bebê, pois é a partir do que Bion conceituou como a função alpha da mãe que as experiências parciais (físicas e emocionais) e incompreensíveis para o bebê, vão sendo traduzidas e transformadas em conteúdos assimiláveis e digeríveis, adequados aos recursos psíquicos rudimentares da criança. Na perspectiva de Bion, a identificação projetiva[16] que opera na *reverie* da mãe faz com que esta receba as fantasias de angústias e ansiedades primitivas (elementos beta) projetadas pelo bebê e devolva-as, intuitiva e empaticamente, de forma simbolizada por meio da nomeação daquilo que, na perspectiva da criança, é da ordem do irrepresentável (Bion, 1962/1991, 1965/2004, 1966).

O desenvolvimento dos processos interativos caminha num sentido em que a articulação de aquisições sucessivas sustenta a ilusão criadora, o fantasiar e, consequentemente, a comunicação do bebê com aquilo que posteriormente será compreendido como uma realidade externa e separada de seu corpo (físico e psíquico). Logo, se num primeiro momento a sustentação da onipotência por um ambiente quase perfeito é fundamental, esta deve ser gradualmente abandonada para que o indivíduo aprenda a lidar com as realidades interna e externa e seja capaz de construir relacionamentos com pessoas fora de seu controle mágico. Desse modo, as experiências com tudo aquilo que é considerado externo chegariam primeiramente a partir das ilusões de onipotência, representantes subjetivos que antecipam a percepção da realidade objetiva e que dizem respeito, predominantemente, à apropriação pessoal dos limites e do funcionamento do corpo em interação com o entorno ambiental (Winnicott, 1965/1983, 1975).

Esta transformação entre percepção onipotente e subjetiva e percepção objetiva e compartilhada da realidade tem raízes num momento em que a mãe, antes em estado de identificação quase absoluta, deve começar a inserir a falta e a espera na vida da criança. Se antes havia a necessidade de um ambiente que sustentasse a ilusão criadora de um objeto que já estava ali para ser encontrado, passa-se a necessidade de ser desiludido para criar objetos que simbolizem a mãe ausente (Winnicott, 1965/1983, 1975, 1988/2006). Logo, num primeiro

[16] A capacidade de introjeção e projeção implica em uma espécie de sofisticação nos processos comunicativos do bebê, pois é a partir desses mecanismos que as fantasias inconscientes provenientes do que é considerado interno são projetadas nos objetos externos e fantasias inconscientes situadas no mundo exterior são assimiladas pela realidade interna (Bion, 1962/1991)

momento, cria-se um objeto completamente subjetivo, posto que absolutamente presente, para em seguida criar um objeto-símbolo, que substitui temporariamente a mãe ausente.

A ausência deve ser inserida paulatinamente e em “pequenas doses”, respeitando o limite de espera de cada criança. Desse modo, criam-se as bases para a confiança em um objeto que, ainda que momentaneamente ausente, irá retornar. Este objeto que realiza a função de representar paradoxalmente uma ausência e uma presença foi situado numa área intermediária e denominado por Winnicott de objeto transicional (Winnicott, 1975, 1957/2008b).

A transicionalidade do objeto está sedimentada nas propriedades de não ser nem interno nem externo, possuir qualidades materiais e físicas e estar sujeito à destrutividade do bebê, o que implica em um controle pela manipulação (em substituição ao controle mágico dos objetos completamente subjetivos) e na sobrevivência (na fantasia onipotente) aos ataques impiedosos. Para Winnicott, sobreviver é não retaliar os aspectos destrutivos da personalidade do bebê. Estes objetos (chupeta, urso de pelúcia, brinquedos, peça de vestuário ou até o próprio seio materno) situados no espaço transicional seriam percebidos tanto como subjetivos, posto que criados pelo bebê, como objetivos, por estarem situados fora da área do controle onipotente (Winnicott, 1975).

O bebê, portanto, usa o objeto para exercer controle, mas também para reconhecer que a vitalidade deste não depende de sua manipulação. Se o objeto sobrevive aos ataques destrutivos não retaliando, a relação amorosa é restaurada agora como uma forma de percepção não-eu. A mãe, utilizada como objeto transicional, volta a ser amada, como alguém separado a acolher diferentes aspectos da personalidade infantil (Winnicott, 1975, 1988/2006). Sobre esta transição entre percepções eu e não-eu, Safra (2005) complementa:

> O conhecer subordina-se ao criar, no entanto, o outro como outro só é criado e encontrado em momentos posteriores do processo maturacional, ou seja, no momento em que o não-eu tenha entrado no campo vital da criança, a partir do gesto criador. (Safra, 2005, p.25)

Seguindo a argumentação acerca das ilusões criadoras, das fantasias presentes nas primeiras percepções de mundo do bebê e o lugar ocupado pelos pais na sustentação desses processos, podemos pensar também na compreensão acurada desenvolvida por Esther Bick de um estado primitivo bi-dimensional da mente, no qual não há percepção de um espaço interno e partes da personalidade aderem aos estímulos provenientes do ambiente. A autora entende que este seria um primeiro estado presente no desenvolvimento inicial das relações objetais precoces e situa a pele como uma primeira fronteira responsável por reunir passivamente as partes não integradas da personalidade. Trazendo referências do conceito bioniano de função

continente, Bick (1968) defende a essencialidade de um objeto externo que realize a função de conter a não integração do bebê:

> A necessidade por um objeto continente pareceria, em um estado infantil não integrado, produzir uma busca frenética por um objeto – uma luz, uma voz, ou outro objeto sensual – que pode sustentar a atenção e assim ser experienciado, ao menos momentaneamente, como sustentando as parte da personalidade juntas. O objeto ótimo é o mamilo na boca, junto com o *holding* e a conversa e o cheiro familiar da mãe.[17] (Bick, 1968, p.134, Tradução Livre)

Nesse contexto, o objeto continente para Bick é experienciado pelo bebê concretamente como uma pele. É na medida em que a experiência de continência vai se tornando uma realidade recorrente e consistente que o objeto externo vai sendo introjetado. Ainda segundo a autora, com essa aquisição o bebê alcançaria um estado tri-dimensional da mente, no qual já se pode conceber a possibilidade do uso das projeções e introjeções como recursos psíquicos mediadores entre realidade externa e interna (Bick, 1968).

Winnicott também compreende a pele como uma membrana limitante e protetora, responsável por estabelecer a divisão entre eu e não-eu e fazer a ligação entre as experiências motoras e sensoriais numa configuração que será reconhecida como um bebê com um esquema corporal e uma existência psicossomática (Winnicott, 1960). De uma existência pontual na pele, passa-se à aquisição de um contorno que intermedia um espaço interno e externo; ou de um ambiente interno e pessoal, de um ambiente externo e compartilhado e de todo o espaço potencial. Para o autor esse espaço é construído quando a experiência de um viver criativo se faz possível, a partir da ludicidade e da experiência cultural (Winnicott, 1965/1983, 1975).

A constância e a estabilidade decorrentes dos cuidados ambientais a desempenhar a continência adequada criam também a possibilidade de construção da confiabilidade, na qual a experiência de uma provisão suficientemente boa e continente fomentou a crença de que o ambiente, seja ele interno ou externo, pode sempre ser usado como provedor, no sentido de possuir recursos que auxiliam o indivíduo a lidar com as situações de frustração e os incômodos que o acometem; o que não significa dizer que o ambiente não possua aspectos frustrantes, ambivalentes e destrutivos (Winnicott, 1965/2011a, 1984/2012, 1988/2006). Nesse contexto, concordamos com a compreensão de Safra (2005) de que o ambiente provedor pode ser tudo que circunda o indivíduo em seus diferentes momentos de maturação, o que abarca o mundo

---

[17] The need for a containing object would seem, in the infantile unintegrated state, to produce a frantic search for an object – a light, a voice, a smell, or other sensual object – which can hold the attention and thereby be experienced, momentarily at least, as holding the parts of the personality together. The optimal object is the nipple in the mouth, together with the holding and talking and familiar smelling mother. (Bick, 1968, p.134)

interno, os pais, o lar, o espaço potencial, a família extensa, a cidade, o país, o mundo e assim por diante.

Se o bebê, inicialmente, existe em um estado bi-dimensional (Bick, 1968), sujeito às nuances da experiência, como por exemplo a cólica e o estado de ser o incômodo e todas as sutilezas corporais sentidas, pensamos que é possível dizer também que a pele atuaria nesse primeiro momento, não só como lugar de fronteira e proteção, mas como lugar de ser. Seria o mesmo que dizer que o bebê é e existe no ponto, contido na linha que ainda não é um contorno, onde seu corpo está sendo afetado. A continência e o *holding* do ambiente realizam, dessa maneira, o delineamento do corpo físico e psíquico infantil, enquanto um ambiente com contornos, vazios, fronteiras e preenchimentos: a ser apropriado pelo indivíduo em constituição e a ser preenchido pela noção de um dentro e um fora.

No processo de reunião imaginativa das parcialidades corporais em um contorno tri-dimensional, a pele surge como a primeira fantasia psíquica de ser, uma espécie de vestimenta original, o que atesta, sobretudo e também, uma nudez psíquica constitutiva. Podemos afirmar em todo caso que de fato o bebê está nu!

Os pais não só sustentam as ilusões criadoras que mobilizam o processo de constituição criativa da pele como primeira “vestimenta”, como também põem em ação os processos de transformação que implicam em um revestimento, também constitutivo, do corpo físico e psíquico, as novas roupas de ser. O revestimento psíquico operaria ao nível do desenvolvimento das capacidades de simbolização e comunicação, a partir da inserção do bebê no campo simbólico e cultural ao qual os pais pertencem. Já o revestimento físico implicaria em facilitar o processo de personalização (constituição e reconhecimento de um si-mesmo) e de apropriação psicossomática (reconhecimento da existência dentro de um corpo) do corpo-pele; a ser revestido como corpo-bebê inserido em uma família em particular, em um momento e em um espaço histórico-social-cultural determinado.

2.4 Vestuário Psicossocial[18]

Como foi mencionado na breve exposição do conto, tanto na versão de Andersen (1991) quanto na versão de Baéz (2012), temos uma criança e um negro no meio da multidão a desnudar a verdade negada por todos, "o imperador está nu!". Retomamos este ponto para situar, paradoxalmente, o bebê em três posições narrativas e corporais ao mesmo tempo: o bebê imperativo, o bebê expositor e o bebê revestido[19].

O bebê está tanto no lugar daquele que quer ser iludido e revestido (imperador), quanto no lugar daquele que, por não ter consciência do que pode perder ou não precisar atestar um saber valorizado, nos confronta (criança que aponta) com a nudez psíquica constitutiva humana. E ele faz isso a partir de sua própria pessoalidade em construção.

Esclarecemos de antemão que ao destacar o termo revestimento para falar de uma sobreposição fantasiosa em torno do bebê, estamos considerando a premissa de uma vestimenta original, a pele, sobre a qual a demanda por um revestimento intersubjetivo é construída. Algo corroborado pelo excerto winnicottiano: "é conveniente que a psique e o corpo ocupem o mesmo espaço, de modo que a membrana limitante não seja apenas um limite metafórico da psique, mas coincida também com a pele corporal. 'Exposta' significa 'nu'" (Winnicott, 1965/2011a, p.216).

Essa nudez fragilizada, absolutamente dependente e intrínseca, é também a nudez que faz parte de todas as pessoas que entram em contato com o bebê. É ao vir ao mundo em um lugar de exposição que o bebê nos expõe o engodo de nossos próprios revestimentos, o que torna a tarefa de quem cuida extremamente delicada, pois identificar-se com a criança nesse momento é entrar em contato direto com as próprias vulnerabilidades.

As memórias corporais e inconscientes que ajudam a mãe, ou um cuidador substituto, a desempenhar o *holding* e a continência necessários, também são geradoras de ansiedades e angústias que foram vividas num tempo remoto e esquecido. Porém, enquanto o bebê é a atualidade dessas sensações e percepções, o adulto é a atualização dessas experiências, o que

---

[18] Mencionamos, a título de reconhecimento, a possibilidade de estabelecer comparativos entre esta metáfora e a metáfora do guarda-roupa elaborada por Judith Butler (Butler, 2003). No entanto, destacamos, dentro da argumentação que estamos desenvolvendo, uma noção mais ampla de vestuário e que não está circunscrita apenas às perfomatividades do gênero. As "vestimentas" relativas ao processo de generificação humano incluem-se entre outras na constituição de um vestuário psicossocial desde à primeiríssima infância, a partir das fantasias com as quais os pais e o entorno revestem a criança.

[19] Em vista do detalhamento contextual e alegórico da posição ocupada pelo bebê imperativo explicada anteriormente, neste tópico serão discutidas as outras posições intersubjetivas mencionadas.

faz com que este último, sendo possuidor de recursos ainda não desenvolvidos pelo bebê, possa elaborar essas sensações aterradoras a partir da nominação (Bion, 1962/1991; Winnicott, 1988/2006).

Aquilo que era uma ansiedade incontrolável é traduzido como fome, como a necessidade de ser limpo, ou a necessidade de aconchego. A sensação irrepresentável para o bebê, vivenciada por um adulto em estado identificado é significada como um desconforto passageiro, ao mesmo tempo em que o incômodo é substituído pelo cuidado que transforma a sensação e a percepção em algo positivo.

Sobre a atualização das experiências primitivas podemos pensar em uma quarta posição intersubjetiva, ocupada pelo adulto a partir da interação com o bebê, a do bebê retroativo. Aqui estamos considerando esse processo de rememoração inconsciente que evoca e reativa o bebê que os cuidadores primários foram e os tipos de cuidados recebidos durante esse período (Winnicott, 1963). Podemos ainda nos referir ao bebê retroativo atuado (*acting out*[20]) a partir das experiências que põem a criança um pouco mais crescida em estados psíquicos regressivos, como por exemplo, a chegada de um novo bebê/irmã(o) na família.

O bebê expositor[21] seria, desse modo, aquele que revela a nudez psíquica e o bebê retroativo em todos nós. Os cuidadores primários precisam aceitar esse fato constitutivo e sustentar, sem negar, o lugar de fragilidade e dependência. Alguém que esteja cuidando, negando esta realidade no bebê e em si mesmo jamais poderá ajudar a pôr em ação o processo de transformação da experiência angustiante em assimilável, pois já estará de antemão negando a realidade não integrada e primitiva presentificada pelo bebê.

Aceitar a nudez constitutiva é aceitar a intensidade da demanda infantil por revestimento, sem obliterar a criatividade nascente. Queremos dizer com isso que os "trajes" que paramentam o corpo físico e psíquico são construídos na interação entre mãe e bebê. Se o gesto espontâneo e criativo é acolhido, o bebê também participa subjetivamente das escolhas naquilo que o reveste.

Retomando o momento em que o imperador "vestido" com sua nova roupa se olha no espelho, enquanto os tecelões enaltecem a qualidade do traje dando ricos detalhes do que está

---

[20] Segundo Roudinesco e Plon (1998), *acting out* define-se como a: Noção criada pelos psicanalistas de língua inglesa e depois retomada tal e qual em francês, para traduzir o que Sigmund Freud denomina de colocação em prática ou em ato, segundo o verbo alemão *agieren*. O termo remete à técnica psicanalítica e designa a maneira como um sujeito passa inconscientemente ao ato, fora ou dentro do tratamento psicanalítico, ao mesmo tempo para evitar a verbalização da lembrança recalcada e para se furtar à transferência. No Brasil também se usa "atuação". (Roudinesco & Plon, 1998, p. 5)

[21] O caráter de desnudamento do pesquisador, no lugar de observador psicanalítico ao adentrar o ambiente familiar, será desenvolvido na seção metodológica deste trabalho.

sendo espelhado, o que o imperador vê? O que o bebê enxerga nos olhos da mãe? Falando sobre o papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil, Winnicott (1975) nos traz a seguinte assertiva:

> O que o bebê vê quando olha para o rosto da mãe? Sugiro que, normalmente, o que o bebê vê é ele mesmo. Em outros termos, a mãe está olhando para o bebê e *aquilo com o que ela se parece se acha relacionado com o que ela vê ali* [grifos do autor]. (Winnicott, 1975, p.154)

Esta função especular da mãe é necessária para que o bebê seja reconhecido como um *self* individual, independentemente de já ter alcançado ou não a integração. No que poderia ser observado como a expressão impessoal dos reflexos e da motilidade orgânica do corpo, a mãe está a enxergar um bebê, e mais ainda, o seu bebê. As particularidades do que isto significa em cada família depende da sobreposição de fantasias entre aquilo que o bebê vê no olhar de sua mãe e aquilo que a mãe enxerga em seu bebê. É o que Winnicott (1975) nos traz em seu excerto tão conhecido:

> Quando olho, sou visto; logo, existo.
> Posso agora me permitir olhar e ver.
> Olho agora criativamente e sofro a minha apercepção e também percebo.
> Na verdade, protejo-me de não ver o que ali não está para ser visto (a menos que esteja cansado). (Winnicott, 1975, p.157)

O que o imperador enxerga no espelho é, portanto, uma conjunção de fantasias provenientes de um observador externo (os tecelões, os funcionários e o povo) e de sua própria capacidade criativa de "não ver o que ali não está para ser visto" (Winnicott, 1975, p.157). Se a nudez psíquica faz parte da natureza humana, os revestimentos que se produzem como demanda subjetivante dependem da narrativa familiar e da posição subjetiva em que está situado aquele que fantasia junto com o bebê. Golse (2003) nos aponta o caminho essencial dessa construção narrativa:

> Então cada um, o bebê e o adulto, conta uma história muito antiga, e de fato a única possibilidade de liberdade para o bebê é co-escrever, co-construir com o adulto uma terceira história que dá conta desse momento e que é uma nova história, com um certo grau de liberdade. (Golse, 2003, pp.38-39)

Lembremos que aqueles que enxergam a nova roupa do imperador são inteligentes e dignos dos lugares que ocupam. Os pais, assim como os funcionários imperiais e o povo, não só devem ser dignos do en(cargo) parental, como ao criarem uma narrativa constituída pelas ilusões criadoras e os revestimentos fantasiosos em torno do bebê, transmitem essas fantasias aos que também estão lá para sustentar o engodo do revestimento. Os pais se "ocupam" do e no bebê, pois este é tanto o objeto dos cuidados, como aquele que situa o adulto em uma posição

parental, enquanto encargo a ser legitimado. Nesse processo concebe-se que a parentalidade e a filiação são sempre posições a serem apropriadas ao longo das interações (Silva & Solis-Ponton, 2004).

A visibilidade legitimadora do bebê revestido[22], como um engodo essencial, implica na apropriação de vestimentas físicas e psíquicas, que são também vestimentas psicossociais se considerarmos que os pais estão sempre a revestir a criança com fantasias que fazem parte de uma história pessoal e das histórias familiares que os precedem. Além das fantasias que dizem respeito ao momento histórico e à sociedade específica em que determinada família se constitui. Nesse sentido, as fantasias parentais estão sempre sendo costuradas a partir da herança do tecido geracional e pelas influências da época em que o bebê vem ao mundo (Golse, 2003; Silva & Solis-Ponton, 2004).

É necessário reconhecer que da mesma forma que os pais projetam fantasias no bebê, este também desenvolve capacidades de projetar fantasias nos pais, inicialmente como representantes de um ambiente indiferenciado, depois como indivíduos separados, para serem então revestidos na função parental. Logo, concordamos com Lebovici (2004) ao compreender que o bebê tem capacidades de parentalizar e com Golse (2003) no argumento no qual se defende uma modulação do ambiente por parte do bebê a partir da transmissão de fantasias armazenadas ao longo das primeiras interações. Dentro desse contexto, trazemos a ideia de um espaço de narração construído nas interações pais-bebê e que foi desenvolvido por Golse (2003):

> No quadro desse encontro inédito, cada um vai então "contar" algo para o outro. O adulto "conta", de seu modo, ao bebê o bebê que ele mesmo foi, crer ser ou duvida ser, enquanto o bebê "conta", à sua maneira, ao adulto a história dos seus primeiros encontros interativos ou inter-relacionais. (Golse, 2003, p.103)

Cada criança se insere de forma pessoal na narrativa familiar e constrói relacionamentos singulares. Estamos a considerar aqui o cuidado ambiental que reconhece a especificidade da criança como parte do processo de identificação, o que implica reconhecer a apropriação da relação parento-filial como um processo que nunca está dado de antemão (Golse, 2003; Silva & Solis-Ponton, 2004).

Aquilo que se "enxerga" enquanto vestimenta (fantasia) determina a construção das dinâmicas interativas e familiares e os lugares a serem ocupados por todos em contato com a

---

[22] É possível afirmar que o bebê revestido engloba o bebê mencionado por Freud (1914/1996) e que é situado como um produto do narcisismo primário revivido pelas idealizações parentais (his majesty – the baby/sua majestade – o bebê). Diferentemente do bebê imperativo situado a partir da dependência constitutiva e da sustentação da onipotência primária.

criança. Podemos pensar em fantasias da mulher enquanto mãe, esposa, profissional e o bebê que ela foi ao ser cuidado, por sua própria mãe ou outro cuidador; nas fantasias do homem enquanto pai, em relação ao que um pai deve fazer junto à criança de acordo com o repertório de referências familiares adquiridos; ou ainda nos lugares de ameaça nos quais o bebê é situado como um rival; além de fantasias construídas pelos avôs, avós, irmãos, tios, babás e etc. Fantasias que vão compondo um vestuário de possibilidades interativas cada vez mais complexo e que podem ser investidas pelo bebê, ao mesmo tempo em que também são transformadas pelo *self* criativo para dar origem a novos revestimentos mais autênticos.

∞

Como é possível notar o conto trouxe para o contexto de pesquisa associações metabolizantes e que não se esgotam nas metáforas e analogias apresentadas aqui. O leitor, com a sua capacidade criativa, está convidado a tecer tantas outras associações quanto for possível. Ao longo do material que segue serão expostas as lacunas teóricas e contextuais que mobilizaram o problema de pesquisa e as hipóteses construídas a partir da análise do material reunido, elaborado imaginativamente como um corpo textual: a apresentar, quiçá, contribuições condizentes com o impacto das experiências vívidas junto às famílias.

3 REVESTIMENTOS PARENTAIS: REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo designa-se a apresentar uma discussão sobre aspectos psicossociais que tratam da parentalidade contemporânea. Por meio de transformações no discurso científico e nas práticas parentais refletimos acerca das novas dinâmicas relacionais e interativas entre pai, mãe e bebê, inseridas em um contexto macrossocial de ressignificação dos papéis e funções de homens e mulheres no âmbito familiar.

3.1 A parentalidade revestida pelo discurso psicanalítico

O conceito de parentalidade atrelado às mudanças no contexto psicossocial foi desenvolvido e utilizado a partir de 1960 e define a relação parento-filial como um processo de co-construção, na qual a parentalidade (tornar-se pai e mãe) é sempre um processo incessante, atualizado pela inscrição da criança na história pessoal de cada membro do casal (Silva & Solis-Ponton, 2004). A chegada do bebê traz a possibilidade de uma neoformação psíquica nos pais que tem seu início na notícia da gravidez e se estende às expectativas e conciliações das fantasias parentais e da individualidade construída pela criança (Zornig, 2010).

De acordo com Houzel (2004), a parentalidade seria operacionalizada por meio de três registros simultâneos: o exercício da parentalidade, concernente ao sentido jurídico do parentesco e às relações de pertinência; a experiência parental, referente aos processos conscientes e inconscientes implicados no desejo e na construção subjetiva do ser pai e do ser mãe; e as práticas parentais, relativas ao cuidado desempenhado cotidianamente junto à criança.

Contudo, alguns autores levantam ressalvas sobre o uso do termo parentalidade em contextos nos quais se pressupõe uma neutralidade de gênero nos cuidados parentais. Hollway (2016), feminista que tenta conciliar articulações entre Psicanálise e Estudos Psicossociais sobre identidade de gênero, vem destacar o uso do termo *parenting* (traduzido no Brasil como parentalidade), principalmente sob ideais políticos, para enfatizar uma indiscriminação entre maternidade e paternidade. Segundo a autora, estaríamos testemunhando a utilização do termo *parent* (referindo-se a pais e mães) em favor de uma igualdade que nega as diferenças de gênero e as condições reprodutivas específicas de homens e mulheres. Segue a posição da autora sobre o assunto: “O termo parentalidade, com seus imperativos políticos para tratar mães e pais não

só como igualmente responsáveis, mas tendo a mesma relação com bebês, é um produto direto do modelo de igualdade de gênero baseado no apagamento da diferença”[23] (Hollway, 2016, p.149 - Tradução Livre).

Nesta tese partimos do pressuposto de que os cuidados maternos e paternos não são pré-definidos a partir de dissimetrias biológicas ou de imposições normativas. Logo, compreendemos que o conceito de parentalidade, longe de negar as diferenças entre pais e mães, propõe uma ausência de hierarquias entre os cuidados parentais e o caráter co-construtivo das relações e interações como essencial. A flexibilidade implícita na concepção de parentalidade, enquanto uma construção, não levaria necessariamente à falta de referências estáveis de cuidado, à dificuldade na imposição dos limites psíquicos ao longo do desenvolvimento individual, ou ainda ao apagamento das especificidades de gênero na manutenção dos cuidados cotidianos, o que inclui diferentes implicações no processo reprodutivo.

Trata-se, portanto, de uma mudança de paradigma na forma de enxergar o materno e o paterno, o conceito de parentalidade promove um distanciamento em relação a demarcações atemporais e rígidas nas relações de gênero. E assim como essa conceituação surgiu num período em que uma série de revoluções macrossociais estava em curso, como por exemplo, o início do impacto das ideologias feministas nas sociedades, é possível refletir sobre as acepções psicanalíticas de cada época, relativas às dinâmicas familiares, como subprodutos do momento histórico e cultural (Roudinesco, 2002; Silva & Solis-Ponton, 2004). Num mais além, podemos pensar também no quanto aquilo que se produz como “espírito” de uma época abarca um potencial ininterrupto de transformações, seja por meio das teorias e ideologias emergentes ou pelas referências psicossociais que validam as argumentações que as sustentam e que estão em permanente estado de construção e desconstrução.

Seguindo essa argumentação podemos, primeiramente, nos remeter a um período de dominância da ideologia patriarcal, da racionalidade e do masculino como sexo único, em cuja completude o feminino constituía-se, de antemão, como insuficiente e no qual a Psicanálise edificou seus pressupostos, sendo influenciada pelas determinações das normas sociais e culturais vigentes (Chodorow, 1978). Entre os conflitos dualistas impostos pela relação entre paixão(afetos) e razão(representação), natureza e cultura, feminino e masculino, o constructo teórico psicanalítico estabeleceu polos dicotômicos de subjugação e dominação, nos quais a representação foi posta num lugar central no processo de conhecimento; enquanto as

[23] The term parenting, with its political imperative to treat mothers and fathers as not just equally responsible but having the same relation to babies, is a direct product of the model of gender equality based on the erasure of difference. (Hollway, 2016, p. 149)

modalidades compreensivas de apreensão, ligadas à emoção e à intuição, tornaram-se desvalorizadas. Nessa conjuntura o feminino e a mulher, associados aos afetos e à natureza, foram situados no polo dominado, sob o qual pesavam as imposições de um controle civilizatório (Plastino, 2014). Sobre o contexto familiar de fundamentação da Psicanálise, Chodorow (1978) descreveu:

> A Psicanálise admite que a família é nuclear, que um intenso laço mãe-filho, e cuidados à criança pela mãe sozinha, possivelmente ajudada por outra mulher, é natural e mesmo necessário para um desenvolvimento adequado. Há pouco reconhecimento da especificidade histórica dessa forma de família. Freud presumia uma família fortemente patriarcal com a autoridade investida no pai, e a teoria do complexo edípico apóia-se numa família assim definida. (p.78)

Mitchell (1979) também destacou a ênfase freudiana no modelo patriarcal e defendeu a ideia de que, para a Psicanálise, o relacionamento inicial entre mãe e filho(a) estaria configurado como uma relação não-social, determinada pelas condições biológicas; enquanto o pai funcionaria como um representante da cultura e da sociedade. Nesse sentido, para a autora, o processo de socialização da criança tornar-se-ia sinônimo de inserção em uma sociedade patriarcal.

Nas teorizações de alguns autores freudianos contemporâneos fala-se no declínio da sociedade patriarcal (e também da autoridade paterna), pressupondo-se, desse modo, que a flexibilização de papeis e funções parentais e a instituição de novas configurações familiares trouxe para a contemporaneidade um processo de fragilização do masculino e da paternidade (Roudinesco, 2002). Seguindo esta caracterização Lang, Barbosa e Caselli (2011) se remetem ao contemporâneo a partir de uma carência de grandes narrativas e de referências universais, além de uma dificuldade social generalizada de lidar com limites.

Se a função paterna interpunha-se tradicionalmente no processo de desfusionamento da relação mãe-bebê, a insuficiência paterna como interdito vem sendo relacionada a dificuldades ligadas a não separação com o universo materno. A maternalização seria necessariamente legitimada por um novo discurso social em que os homens são induzidos a maternar ou, nos casos atuais de reprodução assistida, é possível engendrar um sujeito sem a presença do homem como representante da função paterna, numa espécie de onipotência do materno (Lang et al., 2011; Roudinesco, 2002). A contraposição entre as funções materna e paterna como invariantes estruturais de forma rígida e a conjuntura familiar contemporânea em que há uma desvinculação entre papéis e funções parentais em função do gênero levaria, necessariamente, a um estado de desordem?

Numa linha oposta de argumentação, Plastino (2014), ao apresentar uma compreensão dos pressupostos da teoria winnicottiana, entende que o pai não estaria apenas situado como representante da lei ou na função interditora, pois atuaria de formas não repressivas ao longo do desenvolvimento emocional primitivo. Argumento também corroborado por Rosa (2009; 2014) ao descrever, a partir de Winnicott, as funções paternas de proteção ambiental da díade e de mãe substituta, numa contribuição à maternagem do bebê. Não tratar-se-ia, portanto, de indução à maternação ou da não separação com o universo materno, mas de uma contribuição possível oferecida também pelo homem/pai num momento pré-edípico e que não concerne somente a mãe no *holding* oferecido à criança.

Podemos também apontar que a dicotomia masculino e feminino freudiana foi reelaborada na visão de Winnicott a partir dos conceitos de elemento feminino puro e elemento masculino puro, ligados ao processo de integração e à elaboração imaginativa das funções corporais. Na ótica winicottiana, o elemento feminino puro estaria relacionado às experiências de *ser* e *continuar a ser* (Winnicott, 1975). Este elemento teria suas bases na identificação primária, processo no qual, a partir da adaptação ativa às necessidades do bebê, a mãe promove a sustentação da onipotência e da apercepção subjetiva de um ambiente indiferenciado (Abram, 2000; Loparic, 2005; Winnicott, 1965/1983, 1975, 1990).

O elemento masculino puro, engendrado e fomentado pela instintualidade, refere-se às experiências de *fazer*, no sentido de um relacionar-se com a realidade externa a partir de objetos objetivamente percebidos. Experiências essas que se associam à atividade num momento do desenvolvimento em que já há uma desadaptação da mãe e uma percepção na criança de elementos da realidade externa. É na interação com essa realidade que constitui-se um *fazer* mobilizado pelas necessidades instintuais, apropriadas por um indivíduo que é. O *ser* precede o *fazer* e o elemento feminino puro é constitutivo do si-mesmo e do sentir-se real (Loparic, 2005; Winnicott, 1965/1983, 1975).

Observa-se que a relação entre masculino e feminino deixa de ter um caráter dicotômico (Freud) e passa a ser entendida como complementaridade (Winnicott). E embora possamos considerar esta importante modificação teórica como um avanço nas hierarquias entre masculino e feminino, nas teorizações winnicotianas permanecem os argumentos que situam o pai como complemento de uma díade/unidade mãe-bebê, destacada como central e privilegiada. Esta última asserção estaria relacionada à argumentação winnicottiana de que apesar dos elementos (masculino e feminino puros) fazerem parte do processo de constituição psíquica de homens e mulheres, existiria na natureza do ser mulher uma predisposição a exercer os cuidados

primários necessários ao desenvolvimento maturacional (Winnicott, 1958/2000; 1957/2008a). Logo, pode-se pressupor também uma diminuição nas hierarquias entre maternidade e paternidade no contexto histórico de Winnicott, em relação a Freud, porém, o materno permanece, pela justificativa biológica e cultural, como uma referência mais adequada de provisão ambiental suficientemente boa.

Loparic (2005), psicanalista winnicottiano, desenvolvendo as bases dessa predisposição ao cuidado na mulher, justifica esse fato ao considerar que o tipo de identificação que permite ser e deixar ser, como um atributo derivado da relação íntima de uma pessoa com seu elemento feminino puro, seria mais natural à mulher, principalmente, devido ao estado da preocupação materna primária. Para o autor, o processo da gravidez que prepara a mulher para acolher o bebê, a capacidade de desenvolver uma técnica de cuidado mais constante e adaptada às necessidades infantis, a amamentação e as brincadeiras infantis das meninas seriam fatores determinantes nessa maior propensão ao cuidado.

Acrescesse-se a isso, o fato de a sexualidade masculina ter sua edificação na fase fálica, ligada à instintualidade e ao *fazer* (elemento masculino puro), enquanto a sexualidade feminina teria suas origens em fases mais primitivas, as quais serviriam de base para as identificações com a mãe-fêmea, traços feminino-genitais (capacidade de engravidar e amamentar), e com a mãe-mulher, traços maternais (capacidade de transmitir a continuidade de ser) (Loparic, 2005). Remetemo-nos às elaborações de Klein (1930/1996) ao desenvolver a ideia de uma dupla identificação da mulher com a mãe idealizada da relação primordial e com o(a) próprio(a) filho(a) que a remete ao bebê que ela foi.

Contudo, se considerarmos que em experiências de um cuidado primário suficientemente bom para bebês de ambos os sexos, os alicerces para a capacidade de cuidar (a maternação recebida da própria mãe e o infantil do indivíduo que cuida) deveriam fazer parte da constituição psíquica de homens e mulheres (Chodorow, 1978), como compreender capacidades de cuidar que se manifestam como “naturais” apenas para as mulheres? Além disso, diante de contextos contemporâneos nos quais observamos capacidades de identificação com o momento da gestação e com o bebê também por parte dos homens, da possibilidade de uma técnica constante sustentada pelo pai e de um cenário em que as brincadeiras infantis são constantemente relativizadas quanto ao gênero, como justificar uma sociedade em que apenas (ou predominantemente) as mulheres maternam?

De acordo com Chodorow (1978), que há meio século atrás já tentava articular pressupostos psicanalíticos ao desenvolvimento da personalidade masculina e feminina, a

maternação como atributo exclusivo e naturalizado na mulher faria parte de um processo de reprodução cíclica e social. Nesse sentido, as filhas são "produzidas" com a capacidade e o desejo de maternar, enquanto os filhos teriam suas capacidades maternantes reduzidas e/ou reprimidas. Para a autora, essa ideia se justificava por um contexto no qual:

> A divisão sexual e familiar do trabalho, na qual a mulher materna e fica mais envolvida em relações interpessoais afetivas do que o homem, produz nas filhas e filhos uma divisão das capacidades psicológicas que os leva a reproduzir essa divisão do trabalho familiar e sexual. (Chodorow, 1978, p.22)

Sob essa premissa, a maternação, configurada pelo modelo familiar patriarcal, seria a principal responsável pela organização social do gênero e pela reprodução da dominância masculina (Chodorow, 1978). A gravidez assim pressupõe a existência de uma mulher com capacidades maternantes e a paternidade, vinculada ao simbólico, seria um derivado das normas culturais e sociais.

E ainda que na perspectiva winnicottiana o elemento feminino puro tenha sido elaborado como fazendo parte do processo constitutivo de homens e mulheres, o que poderia fazer o pai da criança desempenhar de forma eficaz o papel de uma mãe-substituta, Winnicott (1957/2008a) ressalta que: "Não se deve supor, em todo caso, que seja uma boa coisa para o pai entrar prematuramente em cena" (p.128). Sobre o contexto psicossocial em que Winnicott desenvolveu suas construções teóricas, o próprio autor descreve:

> (...) o pai, pela manhã, parte para o trabalho, enquanto a mãe fica entregue aos afazeres caseiros e a cuidar dos filhos. Os afazeres domésticos são algo com que as crianças facilmente se familiarizam, visto que decorrem sempre em torno delas, mas o trabalho que o pai realiza, já para não falarmos de seus *hobbies* nas horas vagas, amplia os horizontes infantis do mundo. (Winnicott, 1957/2008a, p.131)

Percebe-se com isto que o contexto dicotômico, no que diz respeito às atribuições parentais, ainda era subjacente ao discurso de Winnicott, o que pode ter influenciado a sua posição cautelosa em relação à inserção paterna nos cuidados primários. Para o autor a advertência sobre a entrada precoce do pai em cena se justificaria por três motivos: na primeiríssima infância, palco dos primórdios das relações subjetivas e da sustentação da onipotência primária, seria essencial que os cuidados cotidianos se desenvolvessem sobre a regência de uma única técnica (*handling*); seria difícil para o pai desempenhar o cuidado especializado (em termos de continuidade, identificação, constância e monotonia) que o bebê demanda no início da vida, pois isso acarretaria em renúncias em sua vida pessoal e em sua masculinidade; e por último, os homens que são mais maternais que as próprias mães poderiam ter dificuldades em desempenhar suas funções num momento posterior do amadurecimento

pessoal, em que o pai é demandado a atuar como primeiro referencial de integração e a intervir como um separador da relação mãe-bebê (Loparic, 2005; Rosa, 2009; Winnicott, 1957/2008a; 1969b).

Bion, contemporâneo de Winnicott, desenvolveu acepções em torno de uma capacidade de *reverie* e da continência psíquica como funções maternas, ainda que ele não tenha explicitamente desconsiderado a possibilidade destas serem desenvolvidas em outros cuidadores, como o pai (Bion, 1962/1991). Além disso, também podemos nos remeter às teorizações do autor em torno da capacidade de continência relacionada a determinadas formações grupais, algo que subentende uma operacionalização de funções de acordo com as capacidades do indivíduo(continente), amplificadas pelo suporte grupal, independente do gênero de cada integrante destes conjuntos (Bion, 1970/2006).

Seguindo a fundamentação bioniana, Esther Bick também destaca o seio, referente do corpo materno, como primeiro objeto ótimo capaz de auxiliar o processo de integração na pele a partir de uma realidade tri-dimensional (Bick, 1968). Aqui novamente podemos pensar que ainda que o pai não seja excluído, como o responsável por também realizar uma continência do bebê, a referência ao materno permanece evidente e privilegiada, enquanto o pai é o elemento marginalizado e naturalizado como um não-cuidador.

Psicanalistas emblemáticos como Freud, Winnicott e Bion construíram legados teóricos a partir de suas experiências clínicas e continuam tendo extrema relevância para a psicanálise contemporânea e para a psicologia do desenvolvimento do bebê em relação ao entorno familiar. Dentro do arcabouço teórico que os representa, o pai esteve ora em uma posição de autoridade e de interdição, ora como complemento auxiliar e secundário.

Partimos do entendimento de que a ausência prática do pai nos cuidados cotidianos da criança, na época em que estes autores desenvolveram suas teorizações, foi significativa para a ênfase dada ao processo constitutivo a partir da díade mãe-bebê. O pai enquanto corpo psíquico presentificado no discurso da mãe ou como presença contrastante em relação às funções maternas foi o modelo de paternidade, inicialmente, acompanhado pela psicanálise, situada muitas vezes como um discurso narrativo teórico atemporal, ao invés de contextual.

Ampliações teóricas, a partir do já desenvolvido por referências psicanalíticas reconhecidamente validadas, são empreendidas por psicanalistas contemporâneos, a exemplo de Rosa e Plastino. Vivemos em um contexto específico de transformações e desconstruções que precisa ser considerado e ressignificado pela teoria psicanalítica. As noções de provisão ambiental, *holding* e continência são exemplos de conceitos que podem ser enxergados a partir

de ângulos em que não só a mãe estaria presumida, mas o pai também poderia ser posto em evidência. A teoria, portanto, não tem um caráter inquestionável e pode se adaptar ou ser ampliada ao que emerge enquanto fenômeno psicossocial. Passemos, então, a apresentação do contexto de transformações nas famílias contemporâneas que tem demandado novos revestimentos e ampliações teóricas por parte da psicanálise.

3.2 A parentalidade contemporânea: transformações constitutivas e disposicionais

A família, como instituição social, passa por uma série de transformações em sua estrutura. É possível mencionar mudanças denominadas aqui de constitutivas como aquelas que dizem respeito ao alargamento das dimensões familiares, nesse sentido não se pode tratar de família como uma estrutura única, atemporal e imutável.

Nas sociedades ocidentais durante muito tempo o parâmetro estrutural de família tem sido aquele que é composto em seu núcleo pelo casal heterossexual, legitimado pelo casamento, e seus filhos(as). Na atualidade, este tipo de formato constitutivo transita entre outros, como as famílias: monoparentais, homoparentais, reconstituídas, coparentais (divisão de atribuições parentais em relação à(s) crianças, compartilhadas entre casais de gays e lésbicas), de casais sem filho(a) (Araújo, 2011; Corrêa, 2012; Grossi, 2003) e, ainda, artificiais (família constituída por pai(s) e mãe(s) biológicos, doadores de material genético, e pelos pai e mãe sociais, responsáveis pelos cuidados e educação da criança) (Gradvohl, Osis & Makuch, 2014).

Esta variedade de formatos implica em níveis complexos de interação familiar e num processo de vinculação que está para além do biológico ou do reconhecimento jurídico. Isso quer dizer por um lado que o engendramento biológico e o registro jurídico do parentesco não são suficientes para instituir uma família e, por outro lado, que uma família pode se constituir a despeito desses vínculos.

Este para além constitutivo refere-se à afetividade como um novo paradigma atuando na legitimação do vínculo familiar. E embora o afeto por si só não tenha o poder de engendrar o corpo biológico ou de aceder à legitimação jurídica, o que tem sido observado no panorama familiar contemporâneo é que a afetividade tem atuado como um catalizador, capaz de construir demandas fundantes e mobilizar ações decorrentes da necessidade de uma legitimação social dos vínculos intersubjetivos estabelecidos. Se as mudanças constitutivas dizem respeito aos limites da estrutura familiar, também é possível falar em uma mudança no caráter disposicional

dessa estrutura, referente aos reordenamentos na organização e na flexibilidade das posições que os membros familiares ocupam.

Quanto à organização disposicional, a família dita tradicional, fundamentada em seus alicerces pela ideologia patriarcal, dividia as relações de forma hierárquica (verticalização de poderes) e situava o homem numa posição de domínio e autoridade na regência familiar. Nessa disposição, a mulher encarregava-se do cuidado com as crianças e da manutenção do ambiente doméstico, subjugando-se à autoridade masculina e aos ditames maritais (Araújo, 2011). As famílias contemporâneas, no entanto, têm apresentado uma organização democrática (horizontalização de poderes) e uma circulação de lideranças em permanente negociação. Nessa disposição, o provimento financeiro é responsabilidade do casal e os encargos domésticos não são mais exclusividade da mulher.

Quanto à flexibilização disposicional, observa-se um intercâmbio entre papéis e funções em que estereótipos de gênero, vinculados a atribuições preconcebidas em relação aquilo que é da ordem do feminino e do masculino, são desconstruídos (Rodriguez & Gomes, 2012). Dessa forma, atividades parentais tipicamente orientadas quanto ao gênero podem ser exercidas pelo cuidador imediato em função da disponibilidade situacional do casal. E se em termos de organização permanece uma hierarquia no sentido dos pais e mães para os filhos, há uma maior flexibilidade nas negociações parento-filiais em decorrência de uma autoridade parental que não está dada de antemão, mas é construída e reconhecida na vinculação afetiva.

Entende-se que esse quadro geral de transformações é decorrente de uma confluência de fatores significativos, como: as mobilizações políticas e sociais trazidas pelo movimento feminista; a dissociação entre sexualidade e procriação e a consequente modificação do cenário de submissão e repressão da sexualidade feminina; a entrada da mulher no mercado de trabalho em setores diversificados e em posições de alta hierarquia; a modificação na legislação do divórcio que dava plenos domínios aos homens sobre as esposas; a inserção dos homens no âmbito doméstico como cuidadores infantis e ajudantes nas atividades de manutenção do lar; e a crescente valorização da infância e dos papéis parentais (Barham & Vanalli, 2012; Borsa & Nunes, 2011; Esteca, 2012; Guimarães & Petean, 2012).

Esta conjuntura tem impacto no processo de construção parental e provoca reformulações nas expectativas e práticas de homens e mulheres dentro da família. A maternação ou maternagem, como cuidado primário da ordem do feminino e atribuição exclusiva da mulher, vem sendo contestada e desmistificada em função de uma desvinculação entre identidade feminina e maternidade, nesse sentido admite-se tanto que a identidade da

mulher vai além da maternidade, quanto a negação do desejo materno em casos de mulheres que não querem ter filhos(as) (Badinter, 1980, 2011).

Como foi dito anteriormente, o cuidado primário está, inclusive em âmbito teórico, caracterizado e justificado como cuidado materno. Principalmente, no que se refere à primeira infância, tudo que está concernido ao cuidado direcionado à criança é diluído como extensão do materno, relação primordial, básica e fundante do psiquismo. Se todo cuidado primário é materno, pressupõe-se reiteradamente que não existem cuidados de outra ordem. O materno é, portanto, transferido do lugar de qualificativo e situado como elemento substantivado aglutinado ao cuidado, logo, dizer cuidado infantil é fazer uma referência invariante à mãe.

Este tipo de referência privilegia a maternidade como papel social dominante, inviabilizando ou restringindo outros papéis sociais na construção identitária da mulher. A ideia de renúncia trazida pela exclusividade do cuidado tem sido rechaçada pelas mulheres contemporâneas em favor da apropriação de outros papéis e funções, tão (ou mais) significativos que a maternidade (Fiorin, Oliveira & Dias, 2014; Guimarães & Petean, 2012). E embora a mulher ainda permaneça como principal cuidadora é possível observar uma crescente inserção paterna nos cuidados infantis, fenômeno que tem sido entendido como uma nova paternidade. Santos (2014), ao apresentar um estudo sobre a relação pai-bebê, expõe alguns parâmetros encontrados na literatura científica acerca de uma paternidade engajada:

Quanto à conciliação entre o conjugal e o parental – construção do imaginário em torno do casal grávido decorrente de uma postura masculina implicada durante a gestação, parto e puerpério; valorização e facilitação do papel do pai como cuidador por parte da mulher; manifestações afetivas mais evidentes entre o casal; e maior divisão de tarefas no cotidiano.

Quanto às novas interações entre pai-bebê\criança: vinculação afetiva precoce com a prole; disponibilidade para aprender e participar dos cuidados (físicos e emocionais) cotidianos dispensados à criança; percepção paterna sensível às necessidades infantis e atitudes caracterizadas por uma postura dialogante e lúdica.

O pai começa, desse modo, a adentrar um espaço delimitado anteriormente como território de domínio do feminino. Nesse processo de inserção é preciso destacar que enquanto algumas mulheres veem esse fenômeno como uma ameaça à primazia do cuidado, instituído socialmente como norteador da identidade feminina; outras têm acolhido e mediado a participação dos homens nos cuidados com os(as) filhos(as), compartilhando e assegurando novos tipos de prática parental (Rehel, 2014; Viala, 2011; Zvara, Schoppe-Sullivan & Dush, 2013).

Contudo, percebe-se uma lenta adaptação dos homens a esse novo papel familiar, o que justifica-se em parte pelas resistências masculinas em se apropriar de tarefas tipicamente atribuídas às mulheres, e também pelos preconceitos provenientes das companheiras e/ou das várias instâncias sociais destinadas a prover assistência e serviços à família. O cuidado paterno, pressuposto como aquele que não é evidente, é estranhado e em muitos casos excluído, o que perpetua o lugar central atribuído à díade mãe-bebê/criança e situa o homem que cuida num lugar desvalorizado ou inexistente (Tiitinen & Ruusuvuori, 2015).

Percebe-se também que a massiva entrada da mulher no mercado de trabalho não foi acompanhada por uma divisão completa por parte dos homens do trabalho não remunerado realizado no ambiente familiar. Os pais têm se inserido mais nos cuidados infantis que nas atividades de manutenção doméstica. De acordo com Kosakowska-Berezecka et al. (2016), isso se justificaria por uma associação menos conflituosa entre cuidado infantil e paternidade, o que não se estabelece em relação ao trabalho doméstico, que em alguns casos torna-se uma ameaça ao estatuto da masculinidade por ser considerado um trabalho feminino e inferior.

Esta desigualdade de atribuições impõe à mulher uma rotina de sobrecargas que estabelece uma tripla jornada de trabalho, na qual é a mulher quem tem que se dividir em termos de maior tempo e energia em relação à carreira profissional, ao investimento em qualificação e às atribuições familiares. Jornada esta que pode acarretar em prejuízos para a saúde emocional, física e relacional da mulher (Quek, Knudson-Martin, Orpen & Victor, 2011; Ruitenberg & Beer, 2014).

No contexto das confrontações entre família e trabalho, algumas empresas têm desenvolvido políticas *family-friendly* (amigas da família) ou *father-friendly* (amigas do pai) no intuito de promover ações que auxiliem na conciliação entre as esferas familiar e laboral, exemplo do acesso à creches, da flexibilização do regime de trabalho *part-time* (meio período) e o aumento da licença-paternidade (Kosakowska-Berezecka et al., 2016; Ruitenberg & Beer, 2014; Stevens, 2015).

Atuando na contramão dessas conciliações, outras empresas têm fomentado um ambiente de trabalho que perpetua um discurso androcêntrico no qual a mulher, mesmo quando está em posições de alta hierarquia, é tratada de forma depreciativa. Nesse tipo de contexto, a maternidade é vista como um empecilho à ascensão profissional e as mulheres que não querem ser mães ou adiam a maternidade ficam em posições mais vantajosas pela maior disponibilidade de tempo e de locomoção (Fiorin et al., 2014). E ainda que o trabalho feminino esteja associado à satisfação pessoal, ao aumento da autoestima, à autonomia e ao senso de competência da

mulher, há pressões sociais, provenientes também das próprias mulheres, ligadas à associação entre trabalho feminino e negligência aos filhos(as) e aos maridos (Ruitenberg & Beer, 2014; Stevens, 2015).

Em alguns países como a Alemanha, a Suécia e o Canadá regulamentou-se a possibilidade de uma licença parental, que engloba as licenças materna e paterna e pressupõe uma divisão simultânea ou alternada pelo casal das funções de cuidado junto à criança em seus primeiros anos de idade (Malmquist, 2015; Rehel, 2014; Schulz & Rost, 2012). Esse tipo de estratégia política de conciliação trabalho x família atua no sentido de desmistificar o lugar da mãe como cuidadora primária exclusiva e constrói as bases de uma sociedade em que é possível também para o homem se inserir nesses cuidados a partir da legitimação social e política.

3.3 Cuidado Parental Igualitário: Um novo revestimento?

Diante das mudanças referidas anteriormente, surge na contemporaneidade uma prática parental que foi denominada de cuidado parental igualitário[24]. Esta refere-se à constituição das dinâmicas relacionais e interativas familiares a partir de uma lógica que privilegia a divisão democrática de funções e papéis, em vista do bem-estar individual e grupal no núcleo familiar.

Ressaltamos que o caráter igualitário desses cuidados não inviabiliza a demarcação de especificidades, pois as assimetrias e diferenças são reconhecidas. Trata-se na verdade de uma ausência de hierarquias e de relações de dominação. Homens e mulheres compartilham dos afazeres cotidianos e exercem suas funções em espaços intersubjetivos e intercambiantes, com a garantia do respeito às suas autonomias e necessidades (Araújo, 2011; Viala, 2011).

Esta nova tendência de cuidado parental tem sido observada em algumas sociedades ocidentais, principalmente, naquelas que promovem políticas e estratégias sociais para diminuir as desigualdades de gênero e garantir a cidadania aos indivíduos. Em outros contextos o referencial igualitário, atuando como princípio operador na parentalidade, restringe-se apenas a um discurso incipiente, contraditório quando comparado com a prática cotidiana (Rodriguez e Gomes, 2012).

---

[24] Este conceito foi desenvolvido em um artigo de revisão realizado como fruto das pesquisas de doutorado de Carine Valéria Mendes dos Santos e Nathalia Teixeira Caldas Campana, sob a orientação da Profa. Titular Isabel Cristina Gomes, junto ao Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Santos, Campana & Gomes, no prelo).

O cuidado parental igualitário enquanto fenômeno psicossocial tem sido fundamentado por alguns pressupostos. O primeiro deles está associado a uma mudança no status social atribuído ao casamento, pois se anteriormente havia uma relação intrínseca entre casar e ter filhos(as), na atualidade percebe-se a progressiva dissociação entre casamento e procriação. Neste cenário, surge o fenômeno da coabitação sem legitimação jurídica e esta pode ser entendida como uma espécie de preâmbulo exploratório que pode culminar, ou não, na decisão pelo casamento no civil ou numa união estável (Cunha & Féres-Carneiro, 2009).

E mesmo nas uniões legitimadas pelo casamento, as pressões para que os casais tenham filhos(as) se relativizam em função de outras demandas prioritárias, fenômeno mais observado nos centros urbanos. Isso não quer dizer que as pressões desapareceram, apenas que não ter filhos(as) deixou de ter um caráter de estigma. Logo, a parentalidade tornou-se um investimento do casal, sujeito a adiamentos, preparações, planejamento e controle de etapas (Missonnier, 2004; Viala, 2011). Percebe-se no processo de construção parental contemporâneo uma lógica mercadológica e um discurso transferido dos contextos empresariais influenciando as relações e dando à parentalidade um caráter de empreendimento a longo-prazo, continuamente em estado de negociação.

Outro pressuposto que fundamenta o ideal igualitário nas famílias é a subversão dos acessos entre os espaços públicos e privados. Homens e mulheres possuíam nas sociedades patriarcais domínios espaciais separados e impermeáveis. Com a entrada da mulher no mercado de trabalho e do homem no ambiente doméstico, os espaços deixam de ser domínios exclusivos e tornam-se ambientes de livre circulação (Bilac, 2014).

Contudo, a divisão sexual do trabalho ainda é vista como desigual, principalmente, nos espaços privados. De acordo com Moreno (2011), a cidadania, como um direito, está mais marcadamente associada ao espaço público, este por sua vez mais associado ao universo masculino. Ato contínuo, a garantia de direitos no espaço privado, principalmente, no que se refere à relação com o trabalho não remunerado, não se configura como uma questão passível de mobilização política, já que o estado não pode cercear a intimidade familiar e este tipo de trabalho é considerado ora como inatividade, ora como atividade desvalorizada e inferior.

O individualismo, exacerbado pela economia capitalista, também transformou os direitos igualitários em bens de consumo. É possível dessa forma, subentender igualdades e desigualdades a partir do poder aquisitivo de uma população. A noção de igualdade pautada nessa ótica fundamenta uma democracia em que os acessos a algumas instâncias sociais são

negados em função do extrato socioeconômico ao qual o indivíduo pertence (Park, Goodwin, Harsányi & Kim, 2011).

Esta disparidade, gerada pela formação de estados democráticos cujo sistema econômico é o capitalista, reflete-se numa maior disseminação do cuidado parental igualitário nas camadas populacionais mais urbanizadas, com maior poder aquisitivo e melhor acesso à formação educacional. Em contraposição, nos outros seguimentos populacionais observa-se ainda uma prevalência da divisão hierárquica de dominância masculina, mesmo quando a mulher também ajuda no provimento financeiro (Araújo, 2011).

Surgem nesse contexto os casais de duplo-ganho (os membros do casal contribuem para a renda familiar) e os casais de dupla-carreira (além de contribuírem para a renda familiar, os membros do casal também investem em formação educacional contínua e qualificação profissional) (Quek et al., 2011; Ruitenberg & Beer, 2014). E à medida que há uma maior valorização da qualificação e dos resultados profissionais, independente do gênero, novos ideais de homens e mulheres concretizam-se na multiplicidade de papéis, os quais se configuram em buscas pelo sucesso profissional, pela estabilidade financeira, por uma parentalidade exercida como um projeto igualitário do casal e por relações conjugais mais democráticas.

O feminismo também teve um papel crucial para a fomentação e mobilização desse contexto igualitário, já que tornou-se uma via possível de militância a nível macrossocial em prol dos direitos pela igualdade e dignidade das mulheres. O discurso feminista tinha e continua tendo em sua essência um caráter desconstrutivo, no sentido de rever, reinterpretar, desvelar preconceitos implícitos e subverter as normatividades que subjugam a mulher a um lugar social desvalorizado (Araújo, 2011; Viala, 2011).

A partir da desconstrução de estereótipos, preconceitos e mitos foi possível construir novos lugares impensáveis para o feminino e (por que não?) também para o masculino. A tendência atual das relações caminha num sentido de diminuir a rigidez das estereotipias e dicotomias. No entanto, de acordo com Trifan, Stattin e Tilton-Weaver (2014), o discurso igualitário ainda tem sido mais defendido e propagado pelas mulheres que pelos homens, o que talvez se justifique pelas desvantagens quantitativas e qualitativas que pesam sobre as mulheres em uma sociedade hierárquica e patriarcal.

Alguns autores entendem que a defesa pelos homens dos ideais igualitários está diretamente atrelada à segurança em relação ao estatuto introjetado de masculinidade no indivíduo, assim, enquanto alguns homens se sentem mais ameaçados em sua masculinidade por uma demarcação mais flexível de estereótipos e tendem a reassegurar a masculinidade a

partir de discursos machistas, outros se sentem mais seguros para endossar o discurso igualitário (Kosakowska-Berezecka et al., 2016). Estes novos referenciais familiares têm sido encontrados de forma mais efetiva em famílias constituídas por casais mais jovens e que estão abertos a novas dinâmicas relacionais (Araújo, 2011).

Há também, no discurso contemporâneo, uma associação entre o que tem sido entendido como cuidado parental igualitário e a construção de um ambiente familiar em que a qualidade de vida, individual e grupal, é prioritária (Kosakowska-Berezecka et al., 2016). Este ângulo de discussão entende a divisão igualitária dos cuidados infantis e afazeres domésticos como um ambiente mais saudável emocional, física e intersubjetivamente. Esta característica do ideal igualitário como propiciador de bem-estar tem sido mais atrelada às vantagens trazidas para o desenvolvimento infantil, para a saúde emocional da mulher e do homem, e para a satisfação conjugal a partir da maior implicação do homem/marido/pai na vida familiar cotidiana.

Se a afetividade se apresenta na contemporaneidade como um novo paradigma nos processos de vinculação, o ideal igualitário inserido nas práticas parentais traz uma gama de transformações que incidem em reconstruções de papéis e funções em vista de interações menos previsíveis e mais adaptáveis aos diversos contextos familiares.

3.4 O modelo familiar igualitário no Brasil: alguns indicadores sócio-econômico-demográficos

No Brasil até a década de 1970 o ideal de família patriarcal predominava. Do final desta década em diante houve uma crise de valores que, de acordo com Araújo (2011), “se instaurou na família obrigando-a a rever seus padrões de moralidade, sexualidade, práticas educativas, papéis e relações de poder” (p.190). Neste momento, introduz-se a ideia de uma família igualitária, ainda que, inicialmente, mais como um discurso.

Enaltecia-se nesse modelo de família a multiplicidade de escolhas, a individualidade como um valor, a igualdade entre os gêneros e a abolição de estereótipos na diferenciação entre homens e mulheres. Araújo (2011) associa esse processo de democratização da família brasileira à queda da ditadura militar, ao retorno das diretrizes democráticas na regência do país e à emancipação feminina ligada às conquistas do movimento feminista. Segundo Alves e Cavenaghi (2013), a Constituição de 1988 também tornou-se um marco no contexto da

igualdade de direitos entre homens e mulheres, pois instituía princípios igualitários entre os gêneros na família e na sociedade.

Contudo, percebe-se que a contemporaneidade apresenta-se como um momento de transição e convivência entre dois modelos familiares (hierárquico e igualitário), conjuntura esta que gera contradições e impasses diante de discursos e demandas em torno de novos e antigos posicionamentos. Se os estudos sobre o papel primordial da mãe eram predominantes, hoje em dia existe um interesse crescente pela investigação do engajamento paterno. Busca-se compreender, principalmente, a assimilação e a adequação do pai ao papel de cuidador, as implicações desse papel para o desenvolvimento infantil e o processo de construção parental característico das dinâmicas relacionais contemporâneas (Santos, 2014). Em menor número, observa-se também um interesse por estudos que privilegiem a interação triádica entre pai, mãe e bebê (Frizzo & Piccinini, 2007).

Estudos nacionais e internacionais recentes também investigam as implicações do engajamento paterno para o desenvolvimento infantil e relatam alguns benefícios, como: suporte emocional à mulher que interfere na estabilidade e no bem-estar familiar ao longo do processo gravídico-puerperal; confiança infantil na figura paterna como representante do cuidado; enriquecimento do desenvolvimento psicomotor; transmissão de novos estereótipos masculinos; e associações com melhores desempenhos infantis no período escolar (Benczik, 2011; Castoldi, Gonçalves & Lopes, 2014; Röhr-Sendlmeier & Bergold, 2012; Zvara et al, 2013).

Quanto à adequação do pai como um cuidador da criança pequena, estudos se voltam para a compreensão de correlações do engajamento paterno com fatores, como: sexo do bebê, quantidade de filhos(as), condição socioeconômica e rede social de apoio (Seabra & Seidl-de-Moura, 2011; Zvara et al., 2013). Há também uma discriminação dos tipos de cuidados nos quais os pais se engajam e que são apontados como uma participação seletiva, na qual atividades que envolvem brincadeiras e disciplinamento são mais frequentes como práticas de cuidado e interação dos pais (Arruda & Lima, 2013; Castoldi et al., 2014; Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes & Tudge, 2012).

As mulheres permanecem sendo descritas como as principais cuidadoras, mas em alguns casos, a participação dos homens nos afazeres e cuidados com as crianças, ainda que de forma desigual, é considerada suficiente para modificar a percepção feminina de uma sobrecarga de trabalhos (Guimarães & Petean, 2012). De acordo com Prado e Fleith (2012), em vários estudos

brasileiros foi constatado que as mulheres gastam quase o triplo de horas em atividades domésticas quando comparadas aos homens (Alves & Cavenaghi, 2013; Prado & Fleith, 2012).

Guimarães e Petean (2012) entendem que a percepção, por parte das mulheres, de uma divisão justa de tarefas, estaria enraizada ainda na transmissão de papéis femininos e na centralidade do papel de cuidadoras do lar para algumas mulheres. Logo, qualquer engajamento maior dos homens na vida familiar já seria considerado satisfatório. Contudo, a maioria dos estudos que tratam da tripla jornada de trabalho da mulher se remetem à sobrecarga cotidiana, a sentimentos de insatisfação conjugal, à culpa feminina pela associação entre trabalho e negligência com os(as) filhos(as) e à maternidade atrelada a renúncias na vida das mulheres (Esteca, 2012; Fiorin et al., 2014).

Em relação a uma possível horizontalização de poderes no funcionamento familiar, analisada a partir de indicadores sócio-econômico-demográficos da sociedade brasileira, Covre-Sussai (2014) e Pedrosa e Salvato (2008) apontam para uma diminuição nas desigualdades entre gêneros tanto no âmbito macrossocial (distribuição de renda, escolaridade, participação no mercado de trabalho, diminuição da fertilidade, etc.), quanto no que se refere às dinâmicas relacionais de funcionamento dentro do âmbito familiar.

No entanto, embora seja possível observar a diminuição entre as desigualdades dos diferentes indicadores, ainda há disparidades significativas entre as regiões brasileiras. Segundo Covre-Sussai (2014), o nordeste apresenta extremas desigualdades sócio-econômico-demográficas e a família ainda encontra-se concernida ao modelo familiar patriarcal. Em um estudo sobre o índice nacional de desigualdade de gênero nos estados brasileiros, Bortoluzzo, Matavelli e Madalozzo (2016), apontam Alagoas, Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais e Rio de Janeiro como os estados com maiores índices de desigualdade de gênero no país. A delimitação destes índices circunscreveu aspectos avaliados em função de dados quantitativos em relação a acessos e oportunidades para homens e mulheres, tais como: participação econômica e oportunidades; educação; saúde/sobrevivência; e poder político.

No entanto, Bortoluzo et al., (2016) destacam que em termos proporcionais, as regiões norte e nordeste têm apresentado melhores índices no que se refere a igualdade de gênero, enquanto o Sul e o Sudeste apresentaram os piores resultados. Percebe-se pelo exposto pelas autoras que alguns estados destoam do que é apresentado em nível regional, seja apresentando índices de maior igualdade de gênero numa região de menores índices, ou vice-versa. Estados como Roraima, Amapá, Maranhão, Rio Grande do Norte, Bahia, Espírito Santo e Rio Grande

do Sul figuram como aqueles com maiores índices de igualdade de gênero (Bortoluzzo et al., 2016). Numa linha oposta de argumentação, também baseada em estudos quantitativos, Pedrosa e Salvato (2008) destacam que no sudeste os indivíduos têm apresentado maior distribuição de renda e melhor distribuição da educação quanto ao gênero da população. Dessa forma, os autores apontam que é possível observar em casais pertencentes às camadas mais altas do extrato socioeconômico e com alto nível de escolaridade a emergência de um funcionamento mais igualitário (Covre-Sussai, 2014).

Na literatura científica o modelo igualitário de família tem sido mais marcadamente investigado, como um fenômeno característico da contemporaneidade, por pesquisadores situados nas regiões Sudeste e Sul do Brasil, o que também implica numa maior prevalência de publicações sobre esta temática nestas regiões; enquanto a produção no nordeste e nas demais regiões ainda é mínima. Isto pode estar correlacionado a maior quantidade de programas de pós-graduação e, consequentemente, de pesquisas realizadas nas regiões de maior produção, mas também pode refletir a pouca incidência do fenômeno do cuidado parental igualitário nas regiões de baixa produção (Santos et al., no prelo).

A concentração da produção nas regiões Sul e Sudeste, justifica o interesse desse estudo em estender o foco de investigação para outros contextos regionais como o nordeste, especificamente no estado de Alagoas, estado de proveniência das famílias participantes. Destaca-se também que a Psicologia e a Enfermagem têm sido as áreas de estudo no Brasil que mais têm demonstrado interesse pelos aspectos psicossociais contemporâneos nas configurações familiares. Estudos estes que têm priorizado as metodologias de base empírica e que tentam apreender a disseminação dos valores igualitários a partir do acesso aos contextos em que ele pode se manifestar, seja como prática ou como discurso (Santos et al., no prelo).

É preciso atentar para a repercussão desse novo modelo parental para a transmissão de novos referenciais acerca do feminino e do masculino. Estaremos em breve sobre a influência de uma nova tradição, um novo revestimento? Da mesma forma que a família patriarcal esteve a serviço da manutenção e preservação dos valores de uma época, o que a emergência de uma família democrática e do cuidado parental igualitário pode desvelar sobre aquilo que começa a se delinear como um modelo norteador dos processos interativos?

Durante o Governo Dilma Rousseff, sancionou-se uma lei que instituiu um aumento nas licenças materna (de 120 para 180 dias) e paterna (de 5 para 20 dias) para funcionários de empresas vinculadas ao Programa Empresa Cidadã e que passou a vigorar a partir de 2017 (Lei

nº 11.770, 2008). É possível vislumbrar o início de uma conscientização que repercute em mudanças efetivas sobre o papel do pai como agente imprescindível nos cuidados infantis?

Percebe-se que embora a transição para um modelo familiar igualitário, com novos referenciais parentais, se dê de forma lenta pela sociedade brasileira, algumas mudanças significativas já são observadas no sentido de ultrapassar a mera reprodução de discursos. Nas investigações dos contextos familiares atuais observam-se conflitos decorrentes da tentativa de operacionalizar os ideais igualitários na prática parental.

Fato que pode atestar a relação conflituosa, mas necessária, entre modelos diacrônicos e em convivência intermitente, ou a suplantação progressiva de um modelo familiar pelo outro. De todo modo, é indiscutível a necessidade de explorar a disseminação do fenômeno do cuidado parental igualitário na sociedade brasileira, bem como analisar as repercussões da assimilação total ou parcial desta nova referência que se delineia, atuando na parentalidade e nos processos interativos.

4 DA DÍADE À TRÍADE: PROCESSOS INTERATIVOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar o conceito de interação que fundamentou tanto a execução da pesquisa, como a análise dos dados construídos a partir do acompanhamento das famílias participantes. Aquilo que abarca o que será defendido aqui como processos interativos servirá de suporte argumentativo à ênfase nas práticas parentais e no cuidado ambiental, configurados por diferentes estilos interativos entre pai, mãe e bebê.

4.1 Interação: Construção conceitual a partir da perspectiva winnicottiana

A interação, como um conceito clássico em Psicologia, vem sendo explorada desde o século XIX a partir de diferentes perspectivas, como: os estudos etológicos e experimentais, as teorias desenvolvimentistas, a teoria cognitiva-construtivista, a teoria sistêmica e a teoria psicanalítica (Aranha, 1993; Golse, 1999; Lebovici, 1987; Piccinini et al., 2001; Wendland, 2001). Entretanto, para fins de delimitação e na tentativa de situar o conceito dentro da perspectiva teórica adotada neste estudo, apresentamos uma conceituação de interação a partir do escopo psicanalítico winnicottiano.

Lebovici (1987), em seus estudos sobre as concepções e o uso contextual do termo interação em diferentes abordagens teóricas, nos aponta a importância da perspectiva winnicottiana como um novo caminho na psicanálise, cuja conciliação entre imagens e conceitos que se remetem tanto ao intrapessoal como às experiências interpessoais, permite a compreensão de relações a partir de uma linguagem que constantemente se refere aos processos interativos entre o psiquismo e o corpo da mãe e do bebê.

Isto posto, tentaremos delinear o entrelaçamento entre conceitos já consolidados dentro dessa perspectiva, a serem usados como subsídios para a construção do conceito de interação. Compreendemos que esta é uma leitura possível, pois ainda que Winnicott não tenha estabelecido uma definição objetiva do termo, esta pode ser articulada como um referente potencial presente em sua teoria acerca do desenvolvimento emocional primitivo e do relacionamento paterno-infantil (Winnicott, 1965/1983, 1990).

Começamos, desse modo, a partir da compreensão da **interação como um encontro intersubjetivo**. Desta premissa estamos considerando uma noção de intersubjetividade que

implica em mutualidade como fundamento interativo, o que nos remete, necessariamente, ao estabelecimento dos processos identificatórios. Para melhor tratar deste caráter da interação recorremos à especificação apontada por Abram (2000) de três referências nas obras de Winnicott em relação às experiências de caráter mútuo.

Primeiramente, temos a mutualidade que culmina na identificação primária, esta constituída pela indiferenciação indivíduo-ambiente na dependência absoluta, na qual a unidade mãe-bebê sustenta a apercepção e a onipotência primárias. Do ponto de vista do bebê, a intercomunicação se dá com objetos subjetivos, que exigem uma presença viva, humana, afetiva e identificada para existirem. A externalidade chega a partir da sustentação ilusória e fantasiosa de um entorno que se funde ao psiquismo ainda inarticulado (Winnicott, 1975, 1988/2006). Podemos sustentar o pressuposto de uma intercomunicação, mesmo sem percepção consciente, e de interações mútuas, pois se "A identificação é aqui aquilo com o que a criança começa" (Winnicott, 1965/2011a, p.25), consequentemente, "Um bebê não pode existir sozinho, sendo essencialmente parte de uma relação" (Winnicott, 1957/2008b, p.99).

Passamos agora a contraparte desta equação para falar do processo identificatório que opera a partir do psiquismo materno e da mutualidade sustentada pela preocupação materna primária. O estado regressivo que possibilita uma leitura sensível das necessidades primitivas do bebê traz a ideia implícita de uma mãe que sustente o indivíduo em potencial a partir do acolhimento do gesto espontâneo. O ser criativo do bebê precisa de ajuda no processo de reunião imaginativa das funcionalidades corporais, a serem integradas num *self* verdadeiro. A intercomunicação e a mutualidade sob este ângulo estão a serviço do processo de separação eu/não-eu e da compreensão paulatina de um interior e um exterior (Winnicott, 1956).

Podemos ainda mencionar a constituição da mutualidade presente nas identificações cruzadas. Estas se estabelecem como a intercomunicação entre indivíduos que por meio da empatia e da identificação, conseguem se colocar imaginativamente no lugar um do outro. Este processo se torna possível quando a mutualidade (em diferentes níveis intersubjetivos) é construída por meio de identificações projetivas e introjetivas (Winnicott, 1975, 1989/2015). Sobre a mutualidade presente nas interações, Winnicott (1969a), esclarece:

> (...) enquanto a mãe puder identificar-se com o bebê, tenha ele nascido ou ainda esteja sendo gestado, de uma forma muito sutil e complexa, o bebê possui tão somente uma capacidade em desenvolvimento de alcançar as identificações cruzadas na experiência de mutualidade que se transforma em um fato. Nesta mutualidade, então, é fundamental

> que a mãe tenha capacidade para adaptar-se às necessidades da criança.[25] (Winnicott, 1969a, p. 305, Tradução Livre)

Compreende-se que é justamente a mãe em estado de preocupação materna primária, que ao identificar-se com as necessidades primitivas da criança, mobiliza as capacidades de reciprocidade e empatia. A mutualidade e a intercomunicação, desta maneira, permitem a consecução de experiências com qualidades afetivas que configuram a intersubjetividade do encontro, algo que pode ser expandido para além do contexto da relação diádica mãe-bebê.

É possível afirmar também que **a interação é um encontro intercorporal**. Se o *holding* físico (*handling*) vai aos poucos reunindo as parcialidades corporais num esquema delineado pela pele, vestimenta original que constitui a fantasia em torno de um corpo físico, podemos presumir uma comunicação primitiva e pré-verbal que se expressa, principalmente, pelos ritmos compartilhados entre o corpo-pele do bebê (em processo de integração psicossomática) e o corpo-pele materno (Winnicott, 1965/1983, 1990).

Aqui também apresentamos uma compreensão mais ampliada da noção de corpo, que vai além do biológico e do aparato orgânico e inato a qualquer ser humano. Para esclarecer melhor este aspecto retomamos a afirmação de uma corporeidade constituída fantasiosamente, até mesmo em sua materialidade, algo corroborado pelo pressuposto de uma elaboração imaginativa das funções corporais. O bebê em processo de integração psicossomática é um corpo que se percebe e se constitui aos pedaços, com a ajuda da corporeidade daquele que cuida e que oferece o *holding* físico (Winnicott, 1965/1983, 1990).

Na conjunção interativa entre peles, inicialmente indiscriminadas pelo bebê, temos um corpo-materno portador de individualidade e pessoalidade, e um bebê em processo de delineamento e apropriação corporal. Nesse sentido, podemos pensar na interação intercorporal como um encontro que acontece necessariamente entre pelo menos dois corpos. Se a mãe se oferece como presença viva e afetiva, este bebê torna-se também portador de um corpo individual, espontâneo e interativo.

Ao afirmar que a interação se dá entre pelo menos dois corpos queremos dizer que a intercorporalidade poderia ser estabelecida de três modos: entre dois ou mais indivíduos portadores de corporeidades (físicas e psíquicas) constituídas; por um indivíduo portador de

---

[25] (...) mientras que la madre puede identificarse con el bebé, haya éste nacido o se este gestando todavía, y en uma forma muy sutil y compleja, el bebé aporta tan sólo uma capacidade en desarrollo para lograr las identificaciones cruzadas en la *experiencia de mutualidad* que se hace un hecho. En esta mutualidad, entonces, es fundamental la capacidad que tenga la madre para adaptarse a las necessidades del niño. (Winnicott, 1969a, p. 305)

corporeidade constituída e um ser com um corpo em potencial, como é o caso do bebê em processo de integração; ou ainda por um indivíduo e um corpo ausente, mas presentificado através de signos representativos de algum aspecto que se remeta à materialidade corporal.

O exemplo emblemático deste último tipo de interação intercorporal seria aquela estabelecida entre o bebê e os objetos transicionais, portadores de uma materialidade que se remete ao objeto-mãe ausente (Winnicott, 1975). Poderíamos também pensar em outros signos como: as imagens mentais e afetivas (presentes na fantasia ou resgatadas em fotografias que podem ser armazenadas desde a primeira ultrassom); o registro e a escuta da voz através de instrumentos eletrônicos ou sob o filtro placentário; a singularidade de um texto (caligrafias, cartas, mensagens, poemas, postagens em redes sociais etc); entre outros exemplos em que o encontro se dá a partir da evocação de um corpo psíquico e físico produto das fantasias em torno de uma corporeidade acessada de formas indiretas e mediadas.

A intersubjetividade e a intercorporalidade necessitam, no entanto, de **sustentação**, ou winnicottianamente falando, de *holding* - **configuração espaço-tempo** constituída pela presença contínua e afetiva de alguém identificado, ou seja, o ambiente de provisão. O colo que sustenta assegura tanto a experiência de ser, como a continuidade de ser (Serralha, 2005; Winnicott, 1965/1983).

De acordo com Safra (2005), a repetição dos cuidados que reúnem o corpo em potencial do bebê sustentam a apreensão consecutiva de um tempo subjetivo (controle mágico da realidade), um tempo compartilhado e transicional (apreensão intermitente das noções de eu/não-eu e das realidades subjetiva e objetiva), e um tempo convencionado (tempo cronológico). Incluso neste aspecto está a observação de ritmos compartilhados, algo destacado por Figueiredo (2014) ao tratar da comunicação primitiva:

> Segundo Winnicott, a responsividade recíproca – ritmos compartilhados, por exemplo – seria a base da comunicação primitiva, e a comunicação entre bebê e mãe é tão ou mais importante quanto as ações de cuidado da mãe em resposta às necessidades somatopsíquicas do bebê. (Figueiredo, 2014, p.17)

Podemos também afirmar que este mesmo colo materno é também um espaço de contenção e organização que leva o bebê do estado não integrado ao estado de integração. Logo, temos um ambiente provisor que configura as noções bi e tridimensionais[26] do corpo-pele e do

[26] Enquanto Esther Bick (1968/2011) desenvolveu uma compreensão em torno de percepções bi-dimensionais e tri-dimensionais na mente do bebê; Gilberto Safra nos traz a compreensão de um *self* bidimensional, referente às sensações e percepções pontuais do bebê (calor, textura, dureza etc) e um *self* tridimensional, referente à emergência das percepções não-eu a partir do *holding* materno. Segundo Safra (2005), a consecução de experiências de *self* bi e tridimensionais dão à criança a vivência de lugar e de extensão.

entorno (Bick, 1968; Safra, 2005). Neste contexto o *holding* é paradoxalmente tanto a ação de sustentar, quanto o ambiente sustentador, argumento reforçado pelas palavras de Winnicott ao esclarecer o termo *holding* como “tudo aquilo, que nesta ocasião, uma mãe é e faz” (Winnicott, 1988/2006, p.4).

A introjeção do cuidado que configura também um ambiente de provisão interno no indivíduo permite a expansão da abrangência do *holding*, estendido para espaços e ações que fazem parte da subjetividade individual, do espaço potencial e das relações com outros indivíduos. A interação está, desse modo, sempre situada a partir de ambientes potencialmente provisores: o ambiente interno de cada indivíduo (introjetado pelo cuidado suficientemente bom), o ambiente externo e compartilhado e o ambiente psicossocial, que também faz parte de uma cultura e possui historicidade (Serralha, 2005).

A **integração criativa** também precisa ser considerada como elemento constituinte da interação. Partindo da sustentação suficientemente boa de uma continuidade de ser como um fato, podemos compreender o encontro intersubjetivo e intercorporal a partir de gestos espontâneos produzidos pela criatividade na intercomunicação entre *selfs*. No contexto do processo de integração individual, podemos conceber um bebê e um ambiente que se constituem mutuamente aos pedaços. Queremos destacar com isso que as experiências interativas também precisam ser integradas criativamente pelos indivíduos (Winnicott, 1965/1983, 1975, 1990).

A integração é tanto do corpo físico e psíquico, como da experiência que se atualiza em cada interação. Inicialmente, do ponto de vista do bebê, as experiências se configurariam como relações entre partes, para então serem assimiladas como interações que vão aos poucos se constituindo como processos. Os rudimentos de uma narratividade, a partir de gestos espontâneos, que produzem ações assimiladas como completas e totais, criam as primeiras noções de linearidade (continuidade de ser) nos processos interativos. A experiência de integração criativa é também algo que perdura durante todo o processo maturacional do indivíduo, que está permanentemente construindo narratividades e apropriando-se criativamente da realidade compartilhada (Winnicott, 1965/2011a).

Em vista dos elementos apontados, reunidos sob a fundamentação da teoria winnicottiana, compreendemos, portanto, o conceito de interação como **um encontro intersubjetivo e intercorporal sustentado em uma configuração espaço-tempo que torna possível a experiência de uma integração criativa**. Passemos agora a distinção dos tipos de interação construídos no contexto das relações entre o bebê e o entorno familiar.

4.2 Tipos de interação: posições intersubjetivas e intercorporais na relação entre pais e bebê

Para tratar dos tipos de interação entre cuidadores e bebê, retomamos duas sistematizações estabelecidas por dois teóricos relevantes no que diz respeito à conciliação entre Psicanálise e Estudos Psicossociais, refiro-me a Serge Lebovici e Didier Houzel. Ambos desenvolveram estudos sobre a interação, estabelecendo critérios e divisões elucidativas para facilitar a compreensão dos processos interativos entre mãe e bebê e ao mesmo tempo apresentar a complexidade desses encontros.

Iniciamos a partir da compreensão de interação comportamental estabelecida por Houzel (2004). Na perspectiva deste autor, este tipo de interação considera, principalmente, a captação de: ações e formas de cuidado diretamente observáveis; reciprocidade, alternância e variação estabelecida nos contatos físicos; controle do ritmo interativo; e aspectos observáveis a partir de contatos visuais e vocais (linguagem dos pais com o bebê, nuances de balbucios e choros infantis). Este tipo de interação compreende os comportamentos que "se observam e podem ser objeto de uma descrição objetiva" (Houzel, 2004, p.50).

Estabelecendo um diálogo entre as argumentações dos autores referidos em relação à caracterização de interação comportamental, podemos trazer a compreensão de Lebovici (1987) de uma interação social. Este autor - apoiado nos estudos em torno das capacidades cognitivas; do desenvolvimento dos sistemas psicomotor, neurofisiológico e neuronal; da linguagem e dos comportamentos programados e inatos - aponta uma noção de interação social investigada, principalmente, pelos comportamentalistas. Esta noção parte do pressuposto de um bebê ativo e possuidor de competências desde o início, além de uma sociabilidade inata atuando nos processos interativos entre mãe e bebê. Dentro dessa perspectiva, Lebovici dá um destaque especial aos estudos etológicos e sistêmicos de John Bowlby, à sua teoria do apego e à compreensão de relações sociais primárias (Bowlby, 1988, 1950/1995).

As interações comportamental e social se referem, respectivamente, ao objeto da interação - os comportamentos - e às correntes teóricas que tentam apreender este objeto. Desse modo, enquanto Houzel (2004) nos fala sobre os elementos constituintes de um tipo de interação; Lebovici (1987) apresenta uma discussão sobre os estudos que enfatizam a interação como subproduto das trocas comportamentais entre mãe e bebê.

Investigar os processos interativos enfatizando prioritariamente os comportamentos observáveis estabelece restrições que não abarcam toda a complexidade do encontro entre bebê

e o entorno familiar. No entanto, é necessário reconhecer o avanço promovido pelos estudos comportamentais, no sentido de investigar e legitimar a posição ativa do bebê como um parceiro colaborador e competente para expressar-se ao longo das interações.

De acordo com Piccinini et al. (2001) e Wendland (2001), estes estudos também privilegiaram durante muito tempo a observação de aspectos compartimentados e individuais nos comportamentos do adulto e do bebê. Com a valorização da interação como um processo estas investigações passaram progressivamente a se deter na reciprocidade e bidirecionalidade estabelecidas por meio de trocas interativas sequenciais, interligadas de forma dinâmica.

Entre as descobertas apresentadas por estes estudos têm-se: a noção de temperamento e da individualidade de cada bebê; preferências rítmicas; complexidade nos comportamentos básicos de sucção e olhar; audição desenvolvida desde os 6 meses de gestação; olfato que reage a estimulações ao nascer e que é capaz de reconhecer o cheiro da mãe; reações ao rosto de outra pessoa logo após o nascimento; precocidade nas capacidades perceptivas, sensórias e imitativas; capacidade de captação de afetos em função da tonalidade da voz do adulto; e o interesse imediato pelo parceiro humano (Golse, 1999; Kupfer & Teperman, 2008; Lebovici, 1987; Wendland, 2001).

Se o bebê é visto como um ser dotado de competências, antes ignoradas, Stern (1992) acerca desse caráter ativo, já ressaltava que não se tratava apenas de reconhecer habilidades e comportamentos, mas de considerar o bebê um ser essencialmente social, que sofre influências de seu meio, mas que também modifica-o de formas peculiares. Este autor também refletiu acerca de percepções, no recém-nascido, que ele nomeou como amodais e que se referiam à capacidade de traduzir informações de uma modalidade sensorial para outra. As qualidades amodais circulariam entre modalidades perceptivas e sensórias num processo sinestésico.

Sobre as percepções sensoriais, Busnel & Heron (2011) discutem o conceito de intersensorialidade, referente a uma sensorialidade global influenciada por cada sistema perceptivo. Este conceito trata de uma capacidade presente nos fetos e que tem repercussão na vida afetiva pós-nascimento. As autoras também falam sobre o caráter rítmico das interações percebido pelo feto a partir de sons, movimentos, contatos táteis e ainda as mudanças visuais decorrentes da luminosidade que atinge a barriga da gestante (ciclo circadiano). O recém-nascido prematuro também tem sido apontado como um ser ativo nas interações com o entorno familiar, algo exemplificado por alguns estudos que se remetem a expressões faciais correlacionadas à sociabilidade inata e à capacidade de discriminar contatos provenientes de outras pessoas em relação aos contatos com o próprio corpo.

Considerando o conceito de interação construído a partir da teorização winnicottiana, ressaltamos que o caráter ativo da percepção não implica, inicialmente, em uma apreensão objetiva da realidade. Esta é uma aquisição paulatina que depende dos cuidados ambientais suficientemente bons e do processo integrativo em curso. Retomamos o argumento para desfazer possíveis sinonímias entre apreensão subjetiva da realidade (apercepção) e passividade. A cri(a)tividade primária como um potencial a ser sustentado pelo *holding* ambiental dá a cada gesto do bebê uma atribuição afetiva, pessoal e individual, ainda que para o bebê o si mesmo seja uma apropriação contínua e que não está dada de antemão. Desse modo, ao permitir e legitimar a espontaneidade, a mãe constrói as bases para um ser e um fazer a partir do viver criativo (Winnicott, 1965/1983, 1975).

Partindo desse esclarecimento podemos compreender que as capacidades ativas do bebê, cada vez mais exploradas em sua diversidade, corroboram o caráter intersubjetivo e intercorporal como qualidades interativas, implícitas desde o início do processo de constituição psíquica. Sobre a forma como o bebê percebe e reage ao ambiente desde o início, Plastino (2014) destaca:

> (...) as reações do bebê ao comportamento ambiental, sua espontaneidade liberada por um ambiente confiável, ou, alternativamente, seu recuo defensivo numa atitude de adaptação a um ambiente intrusivo, exigem que se reconheça no bebê – desde o início da vida – a capacidade de perceber seu ambiente e de tingir de sentido suas experiências com este. As emoções vivenciadas, sem possuir qualquer representação linguageira, são portadoras de sentidos fundamentais. (Plastino, 2014, p.49)

É justamente por considerar a afetividade e a emocionalidade presente nas interações que Lebovici (1987) destaca a importância dos estudos psicanalíticos, na medida em que estes se voltam à exploração da constituição psíquica do bebê, à mutualidade afetiva, às transmissões conscientes e inconscientes e à intercomunicação. Segue a caracterização do autor em relação à interação afetiva:

> O objeto da comunicação diz respeito diretamente e principalmente aos dois membros da dupla pais-bebê; além disso, o que parece ser transmitido de um a outro é representado essencialmente pelos afetos de cada parceiro a cada instante da interação. Além do mais, parece que as modalidades de comunicação utilizadas entre os dois parceiros (o olhar, a voz, o tato, as posturas, etc.) são sobretudo aptas a comunicar o afeto, o estado emocional de cada um, muito mais que representações ou pensamentos. (Lebovici, 1987, p.161)

Este tipo de interação remete-se prioritariamente à inscrição subjetiva do indivíduo numa rede familiar em função de uma dimensão intercomunicativa e afetiva, a qual abrange a

apropriação da linguagem simbólica, mas também inclui a comunicação primitiva e pré-verbal como uma forma de expressão nos processos interativos precoces (Lebovici, 1987).

Houzel (2004) também se refere a um tipo de interação emocional ou afetiva que estaria relacionada à manifestação de estados afetivos e à influência desses estados na determinação do clima emocional entre os adultos cuidadores e o bebê. Nesse tipo de interação é possível observar aspectos, como: atenção, sensibilidade do bebê aos pais e destes em relação ao bebê, mutualidade íntima, e o clima emocional predominante manifestado em detalhes como entonação de voz, contatos ternos e apaziguadores, sorrisos etc (Houzel, 2004).

Na esteira das contribuições psicanalíticas ao estudo das interações, Lebovici (1987) vem nos apontar ainda um terceiro tipo de interação entre mãe e bebê, constituída, principalmente, pelas fantasias e projeções maternas e pela forma como a criança recebe e responde a essas fantasias. Segue a definição do autor:

> O bebê é uma figuração das imagos parentais, já que os objetos internos criados pela criança são modulados por esta última e pois pelas produções fantasiosas da mãe, pode-se tomar todos os elementos do que descrevemos sob o nome de interações fantasiosas. (Lebovici, 1987, p.255)

Seguindo uma linha semelhante de argumentação, Houzel (2004) define uma interação fantasmática que compreenderia as representações mentais inconscientes que circulam na relação entre pais e criança. De acordo com o autor, esse tipo de interação poderia ser acessado a partir dos seguintes aspectos: expectativas, fantasias e projeções que circulam entre pai, mãe e bebê; além de aspectos constituintes das personalidades da mãe e do pai. Para Houzel (2004) haveria ainda uma interação simbólica referente ao processo de transmissão psíquica que insere a criança numa filiação e numa família com tradições e legados inter e transgeracionais[27]específicos.

Tendo em vista as sistematizações apresentadas por cada autor, estabelecemos aqui a compreensão em torno de posições intersubjetivas e intercorporais constituídas nas interações entre pais e bebê. O que estamos chamando aqui de posições diz respeito a lugares de *ser* e *fazer*[28] demarcados a partir de representações fantasiosas, de um corpo físico e psíquico em

---

[27] O intergeracional se refere à transmissão inconsciente entre duas gerações consecutivas, pais e filhos(as) e vice-versa, e o transgeracional à transmissão do legado inconsciente entre gerações não consecutivas, como avós e netos(as) (Silva & Solis-Ponton, 2004).

[28] Aqui podemos também nos remeter à noção de ambiente internalizado, o que pressupõe a consolidação da experiência de ser, e de ambiente compartilhado, que implica em um indivíduo que é e faz na relação com um outro. Logo, o indivíduo é o ambiente e interage com o ambiente, aquisição relacionada ao cuidado recebido por um ambiente sustentador que é e faz (funções paradoxais de *holding*). A posição interativa depende da consecução e aquisição, ou não, das experiências de ser e fazer, o que permitiria o desenvolvimento das capacidades de identificação com o outro e de integração criativa da realidade (Winnicott, 1975, 1983, 1988/2006)

interação com outros corpos; e da apreensão afetiva e estética daquilo que configura a interação como um encontro. Sobre o conceito de estética utilizado nesse contexto, remetemo-nos à noção desenvolvida por Safra (2005) em seu livro *A face estética do Self*:

> Utilizo o termo estético ao longo desse trabalho para abordar o fenômeno pelo qual o indivíduo cria uma forma imagética, sensorial, que veicula sensações de agrado, encanto, temor, horror, etc. Estas imagens, quando atualizadas pela presença de um outro significativo, permitem que a pessoa constitua os fundamentos ou aspectos de seu self, podendo então existir no mundo humano. (Safra, 2005, p.20)

A definição apresentada serve ao propósito de refletir sobre posições intersubjetivas e intercorporais que são definidas tanto como representações, quanto como apreensão sensorial daquilo que é percebido a partir da realidade compartilhada e da construção fantasiosa e imagética da alteridade. O outro nesse sentido é presença humana e afetiva, acessado e integrado criativamente pelo encontro, a partir de formas representativas e sensoriais.

Isto posto, remetemo-nos, primeiramente, às posições ocupadas pelo bebê imperativo e pelo bebê expositor para tratar da interação constituída entre pais-bebê sob as demandas da dependência constitutiva, da onipotência primária e da nudez psíquica. Algumas associações poderiam ser feitas entre estas posições e a definição de um bebê real construída por Lebovici (1987), ao tratar das representações mentais do pai e da mãe em torno da criança. O bebê da realidade material, passível de ser observado, pode ser incluído naquilo que caracteriza as posições do bebê imperativo/expositor, posto que é justamente a materialidade corporal do bebê que convoca o cuidado ambiental.

Porém, de acordo com o exposto, compreende-se que o bebê real, definido em sua materialidade, é também uma construção fantasiosa e imagética e não poderia ser dissociado apenas como um corpo físico. Não queremos com isto desconsiderar a materialidade do corpo, apenas defendemos o pressuposto de um corpo que só é apropriado dentro de uma mutualidade singular, relativa a uma díade cuidador-bebê específica. Nesse sentido, o corpo é vitalizado e delineado apenas a partir da interação, o bebê só existe no encontro e o corpo físico é sempre revestido pela produção psíquica de alguém (que é e que interage com). E embora existam consensos de apreensão e representação, o que se observa como corpo físico é sempre um derivado de co-construções intersubjetivas e intercorporais.

Retomando às posições interativas mencionadas, aquilo que convoca como imperativo de ser, integração criativa e fragilidade no bebê, atualiza em cada cuidador a urgência por cuidados. Na interação mobilizada pelo bebê imperativo/expositor os pais seriam situados, principalmente, a partir do bebê retroativo, como uma posição intersubjetiva e intercorporal,

ocupada pelo adulto na presença do bebê. O bebê retroativo, presente e revivido, possibilitaria o andamento dos processos identificatórios parentais e a antecipação criadora[29] constituinte do *holding* suficientemente bom.

Podemos associar o bebê retroativo ao bebê narcísico, produto das projeções idealizadas dos pais em relação ao bebê e que estão ligadas ao narcisismo primário (Freud, 1914/1996; Lebovici, 1998; Solis-Ponton, 2004). No entanto, nesta especificação não se tratam apenas de projeções ou representações ideais e imaginárias, pois é a atualização do bebê internalizado na história pessoal de cada membro do casal que possibilita, ou não, a boa provisão de cuidados, ou seja, tratam-se também de experiências revividas e atualizadas pelo cuidado infantil.

Winnicott destaca a preocupação materna primária como um estado que possibilita a identificação com a criança a partir dos cuidados internalizados, recebidos pelo adulto quando ainda um bebê. Uma boa experiência de cuidados, constitutiva de um ambiente interno confiável, permitiria a realização dos cuidados a partir de dois tipos de identificação: com a mãe-ambiente internalizada e com o bebê que o adulto foi um dia (Winnicott, 1956, 1988/2006).

Quando pensamos na noção de retroativo como aquilo que tem efeitos sobre o passado (https://www.priberam.pt/dlpo/retroativo), podemos conceber tanto a perspectiva de uma memória intersubjetiva e intercorporal atualizada nos cuidados realizados pelo adulto, como podemos pensar numa intercomunicação entre o bebê imperativo/expositor e o bebê retroativo (atualizado no cuidador) que tem efeitos reparadores. O que nos fala sobre um processo que não se trata apenas de rememoração inconsciente e nos apresenta a possibilidade de um cuidado que é também proveniente da criança em relação aos pais, a partir da posição do bebê retroativo. Inferência corroborada por Golse (2004) ao esclarecer sobre o que o bebê induz no adulto:

> O bebê nos induz, por um lado, ao desejo de cuidar dele (seja para compensar os bebês que não fomos, seja para nos curar do bebê que fomos, mas puderam nos decepcionar, seja para reparar o bebê que fomos, seja por outras razões ainda...), mas, ao mesmo tempo, nos suscita sempre o desejo de evitar, ou de se proteger, do que vem dele e nos perturba no mais profundo de nós. (Golse, 2004, p.163)

Nesse processo, a atualização da experiência de ter sido um bebê, ao cuidar do próprio filho(a), permite também que os pais reconstruam o bebê internalizado, resgatado da experiência primitiva passada, como fantasia e como presença sensorial. Se a urgência por cuidados está presente nesse contexto de interação, esta se refere tanto às demandas imperativas

---

[29] De acordo com Lebovici, Solis-Ponton e Barriguete (1997), a antecipação criadora remete-se à empatia metaforizante que se estabelece na comunicação primária entre mãe e criança. Trata-se de “um entendimento que existiria antes do verbo”, ou de comunicações pela via das emoções primitivas que permitem uma leitura materna das necessidades do bebê. O conceito também está associado à preocupação materna primária.

do bebê, quanto aquilo que de imperativo é mobilizado na experiência dos pais. Esse processo possibilita assim a re-experiência de dependência, de onipotência e de fragilidade (física e psíquica) de maneiras reintegradoras e/ou disruptivas. O bebê retroativo é por estes motivos revivescência e presentificação.

Um outro tipo de interação pode ser concebido a partir do processo de revestimento fantasioso que se dá na mutualidade da relação pais-bebê. Temos, desse modo, tanto a posição de bebê revestido, ocupada pela criança a partir das fantasias dos pais; como a posição da parentalidade revestida, ocupada por cada figura parental a partir das fantasias do bebê e das fantasias em torno das funções parentais que circulam em determinada época e dentro de contextos psicossociais específicos.

Nesse tipo de interação incluem-se as representações em torno do bebê imaginário, fantasmático e cultural ou mítico[30], descritas por Lebovici (1998). Porém, aqui também não se tratam apenas de representações e nem tão pouco de construções fantasiosas provenientes apenas do adulto cuidador. Estamos a considerar o revestimento como um processo intersubjetivo e intercorporal para além das capacidades de simbolização, já que "O bebê nos ensinou que não se pensa apenas com o cérebro, mas com todo o corpo" (Golse, 2004, p.166), e como algo que se dá na mutualidade dos processos interativos, o que subentende também a participação criativa do bebê. Aqui podemos retomar a conceituação de fantasia exposta na introdução como:

> **Um conglomerado de ilusões criadoras que se reúnem narrativamente numa sequência constante no tempo intermitente do bebê e que fomentam as primeiras interpretações psíquicas do mundo em relação aquilo que o afeta em seu corpo (físico e psíquico) ainda não integrado.**

O processo interativo que se dá pela via dos revestimentos seria assim responsável por sedimentar o potencial narrativo da interação, o que situa cada membro familiar a partir de uma história e ao mesmo tempo cria novos pontos de partida, na possibilidade contínua de reinterpretar o mundo. É necessário ressaltar que o revestimento implica em sobreposições fantasiosas sobre os corpos (físicos e psíquicos) e que carecem de atualização constante. Uma possível rigidez fantasiosa atuando neste processo traz como característica a sobreposição de revestimentos predominantes, a serem sustentados a partir da submissão e da restrição das

[30] De acordo com Lebovici (1998), o bebê imaginário é configurado pelas representações conscientes e pré-conscientes dos pais a partir do desejo de ter um(a) filho(a); o bebê fantasmático se constitui pelas representações inconscientes e que se remetem ao complexo de Édipo materno; e o bebê cultural ou mítico é produto das transmissões culturais de representações que circulam em determinada época e sociedade, as quais a criança e os pais estão situados.

capacidades criadoras. Além disso, podemos refletir sobre uma construção fantasiosa por parte do bebê que não é acolhida em sua espontaneidade; nesse sentido, o bebê não reveste (sobre si e/ou sobre o ambiente), ou reveste em função do esperado. Por fim, na intermitência e constância da narratividade, construída a partir dos encontros entre pais e bebê, ressaltamos a coexistência simultânea das diferentes posições intersubjetivas e intercorporais apontadas e o potencial transformador da experiência de cuidar e ser cuidado, algo a ser explorado adiante.

4.3 Encontros narrativos: a interação como processo

Falamos anteriormente numa integração criativa que se relaciona à continuidade de ser e à construção progressiva de uma linearidade, o que não necessariamente se remete à sequência cronológica e consensual do tempo. Disso pode-se depreender que pensar a interação enquanto processo não é o mesmo que pensar na repetição de padrões acumulados e replicáveis ao longo do tempo, não se trata tão pouco, como apontado por Golse (2003), de "uma sucessão de acontecimentos independentes, justapostos e sem relação uns com os outros" (p.69).

A qualidade processual depende da co-construção narrativa atribuída à sequência de interação por aqueles que a compõem. Podemos dizer também que a observação dos processos interativos nunca é externa a esses processos, estando aquele que observa também implicado em cada encontro. No contexto das relações pais-bebê, trazemos para esta reflexão a noção de história relacional desenvolvida por Golse (2003):

> A história se co-constrói entre as crianças e os adultos; é fruto de uma co-escritura ativa e é o ponto sobre o qual eu desejo insistir, na medida em que, a narratividade, ela mesma, encontra-se como produto das interações precoces. (Golse, 2003, p.101)

Seguindo os argumentos que defendem um bebê ativo e competente para interagir desde o início, Golse (2003) vem nos apontar uma auto precocidade narrativa no bebê, a qual se fundamenta no "relato" infantil a partir das primeiras experiências interativas. O bebê está, desse modo, a nos contar (intersubjetiva e intercorporalmente) sobre seus processos identificatórios, sua apropriação pessoal de um si mesmo integrado no tempo e no espaço e suas capacidades de ser criativo na atualização do encontro.

Safra (2005) também destaca as concepções em torno de uma temporalidade constituída precocemente a partir da alternância entre ausência e presença do outro na vida da criança. São,

portanto, as variações, esperas e a estabilidade na constância do outro que sustentam um ambiente suficientemente narrativo, paradoxalmente intermitente e contínuo.

Do ponto de vista daquilo que o cuidador conta, Golse (2003) esclarece que este contribui com uma história que é a conjunção das experiências infantis passadas, de sua personalidade em particular e do impacto da singularidade de uma criança específica em seu psiquismo. Desse modo, no espaço de narração propiciado pelo encontro entre pais e bebê, tem-se uma terceira história inédita e co-construída:

> E dessas duas histórias deve nascer uma terceira. Uma terceira que nasce, que se origina, que se enraíza nas duas primeiras, a do adulto já vivida e a do bebê que começa a viver, mas que pode funcionar como um espaço de liberdade. Uma terceira história que se constrói à medida que ela se faz e que se diz – mas que só pode ser estruturante para o bebê na condição de fazer laço com as duas histórias que lhe pré-existem, deixando espaço para o novo, para o possível, para o não-já-advindo. (Golse, 2003, p.103)

É na co-construção de uma terceira história que se dá também a inscrição da criança num grupo familiar particular a partir das transmissões inter e transgeracionais. No entanto, é preciso enfatizar este espaço de narração também como um espaço que deve permitir a liberdade de co-escrever, pois do ponto de vista da criança, situar-se a partir de uma narrativa familiar não significa alienar-se nesta história, mas sim apropriar-se dela e revesti-la a partir de sua experiência de integração criativa (Golse, 2003).

Na ideia de narratividade (Golse, 2003) produzida pelos processos interativos precisa estar clara também a noção de uma história que é contada não só de forma simbólica, pois no início, a linearidade narrativa é construída, principalmente, ao nível das comunicações primitivas e pré-verbais. Safra (2005) compreende a linguagem pré-verbal como um fenômeno estético, no sentido em que, a partir da intercorporalidade, é possível pensar numa leitura de signos e sentidos que são transmitidos pela via sensorial e afetiva.

Sobre esta intercomunicação afetiva que vai além do simbólico utilizada nas interações pais-bebês, uma quantidade maciça de estudos exploram uma linguagem específica utilizada pelas mães, denominada de *manhês* (*motherese*). Esta foi detectada em todas as culturas e expressa um modo particular de vocalização (Catão, 2011).

No *manhês* a voz materna ganha contornos musicais e modulações que variam em relação aos seguintes aspectos: altura, timbre, intensidade e dinâmica temporal. Há também especificidades quanto à prosódia: que se dá com entonações restritas, modulações e variações de altura exageradas, velocidade de fala rápida, formas melódicas, repetição rítmica de sílabas

e voz em falsetto. E quanto à sintaxe: uso de sentenças gramaticais curtas, simplicidade sintática, léxico infantilizado, além do excesso de perguntas e imperativos (Gratier, 2011).

Estudos da abordagem psicolinguística descobriram que, antes da satisfação oral alimentar, o recém-nascido pode apresentar comportamentos de sucção simplesmente ao ouvir a voz materna, ou de outra mulher que se dirija a ele a partir do *manhês*. O bebê também seria capaz de agrupar sons em sequências a partir de características acústicas (altura ou duração) semelhantes, tanto quanto um adulto. Além da voz da mãe, o bebê se entretém na exploração das qualidades expressivas de sua própria voz, aquisição que tem seu início por volta do segundo mês de idade. As vocalizações iriam ganhando com o tempo um caráter lúdico, no qual as nuances vocais seriam testadas e reconhecidas a partir de interações com outras vozes (Gratier, 2011).

De acordo com Ferreira (1995), psicanalista e psicolinguista, a mãe ao se dirigir ao bebê também atribui a este turnos de fala, o que coloca a criança na posição ativa de interlocutor. Nessa espera pelo sinal do bebê, a mãe estabelece um espaço temporal e interpreta as manifestações corporais e sequenciais da criança como atos de fala, promovendo em seguida uma tradução daquilo que é "falado" pelo bebê, atividade que foi nomeada de protoconversação. Poderíamos presumir que esta diz respeito ao compartilhamento de um espaço intersubjetivo e intercorporal precoce que ajuda a mãe a antecipar a expressividade do bebê em suas diversas manifestações afetivas.

No momento da identificação primária, ao interpretar e traduzir o gesto espontâneo a mãe se coloca no lugar de porta-voz, seguindo o conceito de interação aqui exposto, essa tradução implica em mutualidade, pois a mãe também se traduz para o bebê num movimento especular e constitutivo, nesse sentido ela fala com o bebê (situado na posição de ouvinte) e pelo bebê (situado na posição de falante).

Se a voz é componente da corporeidade, Gratier (2011) afirma que o *manhês* ganha o sentido de um "gesto vocal" (p. 79), pois expressa qualidades afetivas que incidem no psiquismo do bebê e o concernem à emocionalidade materna. Para Winnicott (1988/2006) a musicalidade da voz estaria incluída nas diversas trocas interativas a partir do *holding*. Além disso, esta voz também faria parte do manejo (*handling*) específico da mãe com o bebê, funcionando como ponto de referência na intercorporalidade interativa (Pierotti, Levy & Zornig, 2010).

Sobre esse contexto de trocas que configura o *manhês* também é possível se referenciar ao conceito de função *reverie*, postulado por Bion (1962/1991). Nessa elaboração, a mãe seria

responsável por acolher e conter as experiências primitivas, para através de sua capacidade de sonhar e simbolizar pôr em palavras aquilo que necessita ser articulado e devolvido ao bebê de uma forma assimilável. A função *reverie* tem assim um caráter de transformação e insere, segundo Golse (2003), a possibilidade de "ajudar a criança a traçar um fio condutor, permitindo associá-los em um todo contínuo e coerente" (p.70).

Podemos, portanto, considerar o *manhês* como um revestimento fantasioso e imagético que auxilia no processo de delineamento do corpo físico e psíquico da criança, além de ajudá-la a inserir-se no campo simbólico das comunicações verbais, algo que só pode ocorrer a partir da sustentação do corpo como um instrumento de intercomunicação também produtor de sentido e narratividade.

Se os revestimentos tecem as linhas narrativas que permeiam o processo de interação, o que o encontro entre cuidador e bebê nos conta sobre a história relacional em construção? E o que essa história nos conta sobre a configuração espaço-tempo (ambiente provisor) psicossocial na qual determinados processos interativos são mobilizados?

4.4 A díade mãe-bebê. A díade pai-bebê...? – Estilos interativos

Se é possível pensar no bebê a partir de um potencial criativo para interagir desde o início, trataremos agora dos estudos que se referem às capacidades infantis precoces para captar as variações nas nuances que distinguem as pessoas presentes no entorno familiar. Aqui estamos, principalmente, interessados em refletir sobre investigações relacionadas não só às interações da díade mãe-bebê, mas também aquelas que sustentam uma discussão em torno da interação pai-bebê, como um ambiente intersubjetivo e intercorporal possível.

Sobre a díade primordial no processo maturativo da criança, Winnicott (1965/1983) destaca: "A relação diádica inicial é aquela entre a criança e a mãe ou mãe substituta, antes que qualquer característica da mãe tenha-se diferenciado na imagem do pai" (p.32). Na construção teórica winnicottiana a mãe e o bebê são tanto uma díade, como uma unidade, algo sustentado pela indiferenciação psíquica e física inicial.

No desfusionamento entre mãe e bebê haveria um processo de duplicação das imagos maternas, no qual algumas características ligadas à rigidez, à severidade e ao ordenamento temporal seriam situadas como algo que remete a criança a uma externalidade. Nessa linha de argumentação, Winnicott situa o pai como uma dessas duplicações, mais precisamente a que

está associada, sob o ponto de vista da criança, a um terceiro separador da unidade mãe-bebê (Winnicott, 1957/2008a).

O pai, desse modo, é um derivado de algumas qualidades maternas, não sendo reconhecido como uma pessoa para o bebê no início. À medida que a separação segue seu curso, o pai, enquanto pessoalidade integrada, passa a ser situado como primeiro diagrama de integração, utilizado como primeira referência de uma pessoa total. Para Winnicott, a mãe não poderia fazer esta função, pois estaria, inicialmente, mais situada como parte do bebê (Winnicott, 1957/2008a, 1969b).

A premissa subjacente a essa argumentação é a crença de que, na identificação primária, tudo que modifica e se impõe ao ritmo infantil como uma temporalidade externa à criação onipotente não poderia ser concebido como parte da unidade mãe-bebê. Logo, a reunião das variações (duplicações) numa integralidade materna, o que inclui interações que inserem a frustração na vida do bebê, seria uma aquisição posterior no desenvolvimento psíquico da criança. Aqui podemos compreender que o pai, enquanto presença, é sempre mediado pelo corpo (físico e psíquico) materno. A interação existe, mas a intercorporalidade pai-bebê se dá de formas indiretas.

Winnicott também vem nos apontar a necessidade imprescindível de uma única técnica de cuidados que sustente a continuidade de ser do bebê. Na constância e na previsibilidade presentes na integração contínua da experiência de provisão, a mãe estaria mais capacitada a ser o ambiente suficientemente bom. O pai poderia entrar nesse contexto como protetor da díade, ou seja, na função de sustentar a função de *holding* da mãe (Winnicott, 1948, 1965/1983, 1990, 1986/2011b).

Embora considerando a validade e a pertinência das especificações winnicottianas sobre o que seria da ordem do cuidado materno e paterno e os tipos de interações diádicas derivados destas demarcações, na contemporaneidade podemos acompanhar o estabelecimento de interações mais diretas entre pai e bebê. O pai, antes mediado pelo corpo (físico e psíquico) da mãe como presença e função, passa a interagir como intercorporalidade não mediada, o que contribui para o crescente interesse acerca das interações entre pai, mãe e bebê. Alguns estudos já demonstram a capacidade do bebê de partilhar sua atenção em relação às duas figuras parentais, enquanto outros se focam no impacto da chegada do bebê para a construção parental do casal, ampliando o foco anteriormente predominante nos estudos que enfatizavam apenas a díade materno-infantil (Fivaz-Depeursinge et al., 1994; Piccinini et al., 2001; Wendland, 2001).

Considera-se cada vez mais que o processo interativo entre pai, mãe e bebê pode ter seu início desde os primórdios da gestação, estendendo-se ao ciclo gravídico-puerperal e ao desenvolvimento infantil como um todo. A interação paterna tem sido explorada, principalmente, em seus aspectos psicossociais, o que explicita a necessidade de investigações que deem conta das especificidades e implicações da interação triádica pai-mãe-bebê para o processo de constituição psíquica (Santos, 2014).

Nos avanços em torno desta problemática, podemos nos remeter aos estudos que se detém em analisar: as interações e o engajamento paterno no período gestacional através da visualização do feto, dos contatos com a barriga da gestante e até mesmo das mudanças corporais no pai, decorrentes de processos identificatórios com a gravidez da mulher (Bogren, 1984; Zornig, 2010); o processo de construção parental após o nascimento e a interação entre pai e bebê ou entre pai e mãe em função das demandas da criança (Jager & Bottoli, 2011); as capacidades paternas, mobilizadas por intercorrências durante a gestação ou parto, na estimulação precoce a partir do contato pele-a-pele (Método Canguru) (Helth & Jarden, 2013); e a substituição dos cuidados maternos pelos paternos devido à pouca responsividade da mãe (depressão ou psicose puerperal) (Frizzo & Piccinini, 2007).

Golse (2003) argumenta que o primeiro terceiro na vida da criança não seria um terceiro separador, mas sim, continente. Ao participar dos cuidados e das interações o pai se tornaria o primeiro a contextualizar a relação mãe-bebê. Este mesmo autor nos fala sobre a construção de estilos interativos entre o bebê e o adulto. Nessa noção está implícita a capacidade infantil para decodificar modalidades de interação a partir do cuidador primário. Esta decodificação é possível a partir da apreensão de variações entre as experiências interativas preliminares. Nesse sentido, ainda que exista uma figura de cuidado predominante é possível, para o bebê, reconhecer a partir das variações interativas outras figuras de cuidado.

O estilo interativo do adulto seria configurado pelos seguintes aspectos: história pessoal (história infantil pregressa e os processos de transmissão fantasmática de uma história inter e transgeracional), personalidade do adulto, encontro com a criança em particular e a capacidade de identificar-se regressivamente (retomada inconsciente pelo adulto de sua própria experiência infantil em função daquilo que é despertado na relação com a criança) (Golse, 2003).

Ressalta-se que o bebê também teria a capacidade de induzir o adulto a desenvolver um estilo interativo específico, algo relacionado à capacidade de imprimir traços de uma história precoce que se unem aos do adulto para co-construir uma terceira história compartilhada. Como foi exposto no item anterior, a noção de uma terceira história (Golse, 2003) implica o bebê

numa auto precocidade narrativa, relativa à representação e à apreensão de um si mesmo através da interação intersubjetiva e intercorporal.

No estabelecimento das interações mais diretas entre pai e bebê e, consequentemente, na construção de um estilo interativo entre essa díade mais característico da contemporaneidade, Santos e Antúnez (2017) trazem a menção a alguns fatores que poderiam influenciar a implicação paterna: a transmissão de referenciais parentais mais flexíveis no que diz respeito à manutenção das atribuições relativas ao gênero do casal parental; a conjugalidade estabelecida de forma não hierárquica; experiências de cuidados anteriores com crianças ou bebês, aqui poderíamos também incluir a experiência do pai de ter sido um bebê; e a interação constantemente atualizada com o bebê.

Os autores desenvolveram uma categoria denominada de Paternidade Afetivamente Inscrita, para se referir tanto à construção parental que se dá sob a égide da afetividade, novo paradigma fundante das relações, como às inscrições paternas que podem se dar de maneiras indiretas, nas quais o pai é um assistente da mãe (corpo mediador); ou diretamente, o que pressupõe o encontro intercorporal e intersubjetivo, não necessariamente mediado, entre pai e bebê (Santos & Antúnez, 2017).

Santos e Antúnez (2018) e Belo (2012) também discutem a possibilidade de um *holding* paterno, atuando conjuntamente com o *holding* realizado pela mãe. Enquanto Belo (2012) destaca uma técnica de cuidados que pode ser construída de forma harmoniosa entre duas pessoas, Santos e Antúnez (2018) defendem a possibilidade do pai atuar também como cuidador primário, a partir de uma posição afetiva e identificada.

O que na perspectiva dos autores poderia incluir no mundo subjetivo da criança o que foi denominado de elementos de diversidade, estes compreenderiam: elementos sensoriais e perceptivos – referentes às distinções percebidas na intercorporalidade construída com os corpos maternos e paternos, o que inseriria a diversidade nas experiências de caráter mútuo; elementos psicoafetivos – referentes à sintonia intersubjetiva e afetiva e que incluem a capacidade do pai de se identificar com às necessidades da criança; e elementos espaço-temporais – referentes aos ritmos compartilhados entre a díade pai-bebê a partir das trocas interativas (Santos & Antúnez, 2018).

Depreende-se do exposto que tanto a mãe, quanto o pai podem construir estilos interativos que acompanham e sustentam as etapas de integração criativa da realidade compartilhada por parte do bebê; além disso, concebe-se a possibilidade de uma percepção precoce das diferentes modalidades de interação, não necessariamente intrusivas, que sustentam

a continuidade de ser. Partindo deste entendimento, deparamo-nos com a necessidade de repensar as formas como as práticas parentais são construídas na interação e a forma como o cuidado, a oferecer continência a diferentes estilos interativos entre pais e bebê, traz a possibilidade de novas referências naquilo que compõe o ambiente provisor.

4.5 Práticas Parentais e Cuidado Ambiental – O potencial transformador da interação

A ênfase situada nos processos interativos apresentada nesta tese está diretamente relacionada à centralidade que será dada aqui às práticas parentais. Na especificação estabelecida por Houzel (2004) de eixos que configurariam a parentalidade - o exercício, a experiência e a prática – deter-nos-emos especialmente na compreensão em torno do eixo relativo a tudo aquilo que se remete ao cotidiano de cuidados dentro do ambiente familiar. Trazemos a definição de prática da parentalidade estabelecida por Houzel (2004):

> Por *prática da parentalidade* designamos as tarefas cotidianas que os pais devem executar junto à criança. É a área de *cuidados maternais*, objeto de estudos profundos desde há mais de cinquenta anos. Seria melhor dizer *cuidados parentais*, mais que maternais, pois não há nenhuma dúvida de que cada um dos pais tem seu papel a desempenhar nessas tarefas. Lembremo-nos de que entenderemos por *cuidado* não somente cuidados físicos, mas igualmente cuidados psíquicos. (Houzel, 2004, p.50)

A ênfase mencionada se baseia justamente num caminho que aponta o estabelecimento de práticas parentais, operacionalizadas pelo cuidado cotidiano, que são construídas e acessadas a partir dos processos interativos entre cuidadores e bebê. Podemos observar na definição de Houzel (2004) uma referência ao cuidado materno, retificada como cuidado parental, o que subentende um cuidado que não é apanágio apenas do materno, como também um cuidado que, no contexto deste estudo, se dá tanto na intercorporalidade quanto na intersubjetividade.

Nesta conjuntura, recorremos à conceituação de Figueiredo (2012, 2014) acerca de uma metapsicologia do cuidado, ou teoria geral do cuidar, na qual o autor categoriza e esclarece os pressupostos que fundamentam o cuidado a partir da ótica psicanalítica, numa amplitude que se estende a contextos variados e que também pode ser aplicada aos cuidados infantis. Nesta teoria faz-se referência às funções de implicação e reserva dos agentes cuidadores, nas palavras de Figueiredo (2014): “A implicação diz respeito aos *fazeres* e a reserva de presença diz respeito a *ser e deixar ser*” (p.13).

Comecemos, pois, por especificar as funções relativas aos *fazeres* implicados no cuidado. A primeira função a ser desempenhada por aquele que cuida seria a sustentação, referente à capacidade de exercer o *holding* e promover a continuidade de ser, e a continência, referente à capacidade de reter as fantasias inconscientes projetadas (geradoras de angústia, medo, desejo, curiosidade etc), transformando-as em conteúdos "reconhecíveis, interpretáveis e toleráveis" (Figueiredo, 2012, p.137).

A segunda função de implicação seria a de reconhecer, no sentido de testemunhar e espelhar o outro, reconhecendo-o em sua singularidade. Esta também estaria concernida aos processos identificatórios e aquilo que diz respeito ao reconhecimento do outro como semelhante. A terceira função se refere à interpelação como a capacidade de oferecer um enigma que desperta fantasias. O cuidador, portanto, é aquele que faz um chamamento na suposição de um indivíduo (em potencial) e espera por uma resposta proveniente de uma presença interativa. Podemos pensar numa convocação que reconhece também o outro como diferença (Figueiredo, 2012, 2014).

Na argumentação de Figueiredo (2012), o equilíbrio entre essas três funções de implicação depende de uma função de reserva, relativa ao ser e deixar ser, presente na capacidade do cuidador de manter-se como uma presença implicada e ao mesmo tempo reservada. A função de reserva é situada como aquela que media e permite o atravessamento dinâmico entre as várias funções. Nela está implícita a capacidade de moderação e "desapego", a qual, de acordo com o autor, se relaciona com o que Winnicott (1965/1983) desenvolveu acerca da capacidade de estar só na presença de alguém. Este alguém é o cuidador que permite um deixar ser, enquanto mantém-se nas proximidades intersubjetivas e intercorporais atuando de forma silenciosa e não intrusiva.

É importante que o agente de cuidados também se deixe cuidar, seja por um terceiro (pai, mãe, família extensa, médicos, amigos etc), seja pelo próprio objeto dos cuidados, algo que reconhece no outro o potencial de se preocupar e se responsabilizar. De acordo com Figueiredo (2012), podemos conceber a existência de cuidados recíprocos no fato de que "o objeto de cuidados em diversos aspectos surpreendentes pode, também ele, exercer funções cuidadoras diante daquele que, supostamente, monopoliza tais tarefas. Deixar-se cuidar pelo objeto de cuidado passa a ser, em si mesmo, uma forma eficaz de cuidar" (p.142). Trata-se, portanto, de legitimar e potencializar o processo de introjeção criativa das funções cuidadoras, tanto por parte daquele que cuida, como daquele que é cuidado.

É possível refletir que esta perspectiva não faz referência a um cuidado como atribuição específica de alguém, mas desenvolve uma noção mais ampla em que o cuidado é elaborado como uma conjunção de funções a serem desempenhadas, independente do gênero. E ainda que a inserção paterna nos cuidados seja um processo que tem ocorrido gradualmente na contemporaneidade, podemos contemplar um cenário em que tanto as trocas interativas são captadas pelo bebê em suas variações, quanto o cuidado é visto como uma prerrogativa do infantil e, não necessariamente, do materno.

Retomando a possibilidade do cuidado parental igualitário apresentada anteriormente, refletiu-se sobre as relações democráticas, também no âmbito da parentalidade, associadas a formas de cuidado que fazem parte de práticas sociais em que as relações de dominação naturalizadas são substituídas pelo reconhecimento das necessidades mútuas e do outro em sua singularidade. Plastino (2014), a partir de uma leitura winnicottiana, faz um interessante apontamento sobre práticas democráticas fundamentadas pelo cuidar e pela empatia:

> Conflito, ódio e agressão são centrais quando as relações sociais se caracterizam por opressão e exploração, mas podem ser minimizados e administrados em sociedades centralmente organizadas no genuíno reconhecimento de todos e de suas necessidades. Este reconhecimento, na perspectiva winnicottiana, deve incluir o respeito pela espontaneidade e criatividade dos indivíduos. Nesta perspectiva historicista, a expansão da democracia ao conjunto das relações sociais, democracia entendida no seu núcleo mais fundamental como sendo o reconhecimento da singularidade de todos por todos, pode constituir a matriz de um ambiente social radicalmente diferente de todos os que já existiram na história registrada. (Plastino, 2014, p.83)

Nesta reflexão o caráter historicista da perspectiva winnicottiana se relaciona precisamente à compreensão de um desenvolvimento emocional primitivo não determinista e que, construído sobre as contingências do cuidado ambiental, é situado numa história – individual, familiar e psicossocial. Logo, a saúde psíquica e a vida social não podem prescindir da experiência criativa de liberdade e de narratividade (ser, continuar a ser e fazer), nas quais o processo histórico é sempre uma construção em aberto (Plastino, 2014). Sobre estas associações entre cuidado e democracia, trazemos um excerto do próprio Winnicott (1990):

> Na *maturidade*, o ambiente é algo para o qual o indivíduo contribui e pelo qual o homem ou mulher individuais se sentem responsáveis. Nas comunidades em que há uma proporção suficientemente elevada de indivíduos maduros existe um estado de coisas que proporciona a base para o que chamamos democracia. (Winnicott, 1990, p.173)

Numa linha de argumentação similar, Figueiredo (2014) apresenta uma noção ampliada de democracia predominantemente sustentada pela difusão das práticas de cuidados recíprocos, expandidas em suas dimensões sociais e culturais; em contraposição a práticas assimétricas, nas

quais receber e oferecer cuidados aparecem como ações dissociadas e, mais ainda, como ações pautadas em desigualdades socialmente instituídas. Nestes tipos de assimetrias, podemos pensar no cuidado infantil visto como uma exclusividade materna, algo que vem sendo desconstruído pelo cuidado ambiental configurado pelas interações diretas entre pai, mãe e bebê. Sobre as práticas de cuidado democráticas, Figueiredo (2014) destaca aquilo que podemos esperar de um casal parental suficientemente bom:

> (...) é justamente este o serviço que se espera, por exemplo, de um casal parental suficientemente bom: participar não só como polo de interações do bebê, em relações objetais primitivas, mas como meio e matriz, das interações do bebê e da criança pequena com seu ambiente, regulando estas trocas de forma a propiciar processos contínuos de metabolização, organização, integração, crises e rupturas, desintegrações e reorganizações somatopsíquicas. (Figueiredo, 2014, p.25)

Se o casal parental pode ser usado, pela criança, como uma matriz de interações a serem expandidas, o cuidado parental igualitário, como processo interativo que se dá na intersubjetividade e intercorporalidade entre pai, mãe e bebê, pode se constituir também como matriz de transformações psicossociais, na qual podemos conceber uma noção ampliada de democracia, que implica em reciprocidade, simetria e respeito às singularidades.

5 OBJETIVOS

5.1 Objetivo Geral

Analisar como se dá o processo de constituição das interações diádicas e triádicas entre pai, mãe e bebê no terceiro trimestre de idade da criança.

5.2 Objetivos Específicos

Investigar o processo de constituição parento-filial das famílias acompanhadas estabelecendo articulações entre o material de pesquisa e os referenciais familiares contemporâneos presentes na literatura científica, analisados sob a perspectiva Psicanalítica e dos Estudos Psicossociais;

Investigar a possibilidade de um modelo de interação triádica e suas repercussões para o processo de constituição psíquica da criança e para a construção da parentalidade;

Discutir as contribuições relativas à especificidade da aplicação do Método Bick de Observação Infantil ao contexto das interações diádicas e triádicas entre pai, mãe e bebê.

6 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Realizou-se uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório conduzida a partir de uma adaptação do Método Bick de Observação Infantil. As diversas etapas de pesquisa estão fundamentadas e articuladas segundo os pressupostos teóricos da Psicanálise e dos Estudos Psicossociais. Nesta seção, apresentamos os pressupostos técnicos e teóricos sobre os quais o método escolhido foi concebido e as adaptações empreendidas, considerando o limite de tempo do estudo e os objetivos a serem alcançados.

6.1 O Método Bick de Observação Infantil

6.1.1 Contexto de origem e disseminação

Esther Bick (1902-1983) foi uma física e psicanalista polonesa que, para fugir da ocupação nazista, mudou-se em 1938 para a Inglaterra. Seus estudos tiveram início em Viena, sob a orientação de Charllote Bühler. Na Inglaterra, Bick foi analisanda de Michael Balint e Melanie Klein. Em 1948, a psicanalista criou um método que tinha o objetivo de auxiliar psicoterapeutas e psicanalistas em processo de formação (Harris & Bick, 2011; Mélega & Sonzogno, 2008).

O Método Bick de Observação Infantil foi introduzido na Clínica Tavistock (Tavistock Clinic) em Londres em 1949, a pedidos de John Bowlby, diretor da clínica naquele momento. Desde então, o método tornou-se parte integrante de um modelo internacional de formação e treinamento oferecido a profissionais atuantes em contextos clínicos e de saúde, principalmente, aqueles que atuam no atendimento de crianças até os 5 anos de idade e seus familiares (Harris & Bick, 2011).

Essencialmente, o método foi desenvolvido para propiciar ao estudante em formação uma oportunidade de observar a relação mãe-bebê em processo de construção. Esther Bick tornou-se pioneira ao criar um método que tinha como objetivo central proporcionar uma vivência prática aos futuros psicoterapeutas infantis a partir do acompanhamento das primeiras experiências interativas entre o bebê e o ambiente familiar (Scorsolini-Comin, Nedel & Santos,

2011). Após a saída de Esther Bick da coordenação do Programa de Psicoterapia Infantil da Tavistock em 1960, Martha Harris deu continuidade a aplicação do método como ferramenta de ensino, instituindo o Método de Observação da Relação Mãe-Bebê e preservando os mesmos preceitos técnicos do Método Bick de Observação Infantil (Harris & Bick, 2011; Williams, 2008).

Essa espécie de "análise do bebê" fundamentava-se em uma técnica consistente e que, ao longo da demonstração de sua eficácia como ferramenta de ensino, foi também introduzida em 1960 na Sociedade Psicanalítica Britânica (British Psychoanalytic Society) no programa de treinamento institucional, tornando-se parte obrigatória do currículo para todos os candidatos em formação (Harris & Bick, 2011). Algo também incorporado, seja de forma obrigatória ou opcional, por outros centros e institutos psicanalíticos como a Sociedade Psicanalítica Belga (Belgian Psychoanalytic Society), o Centro Psicanalítico da Califórnia (Psychoanalytic Center of California) e a Sociedade Psicanalítica de Paris (Société Psychanalytique de Paris). No Brasil o método Bick tornou-se parte dos currículos de formação da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e do Centro de Estudos, Atendimento e Psicoterapia na Infância e Adolescência (CEAPIA), integrante da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (Klauber, 2013; Oliveira-Menegotto et al., 2006; Prat et al., 2008).

6.1.2 Princípios técnicos e epistemológicos

O Método Bick de Observação Infantil está dividido em três preceitos técnicos fundamentais: as observações, as anotações do que é observado e a supervisão do que é relatado. As observações devem ser realizadas semanalmente no ambiente familiar, ter duração de uma hora e ocorrer ao longo dos dois primeiros anos de idade da criança. Em sua formulação original, o método não foi concebido para ser aplicado a contextos com especificidades psicopatológicas ou com demandas pré-determinadas, ainda que estas pudessem surgir durante o acompanhamento. O observador podia assim estabelecer contato com qualquer família que se dispusesse a ser acompanhada com a frequência e pelo período referidos (Bick, 1964; Golin & Benetti, 2013; Harris & Bick, 2011; Mélega, 2008; Mellier, 2007; Sampaio et al., 2012).

As anotações deveriam ser feitas imediatamente após a hora de observação e com o máximo de detalhes possíveis, numa linguagem simples e desprovida de interpretações teóricas.

Segundo Esther Bick, o observador deveria deixar que os processos interativos recorrentes emergissem ao longo do acompanhamento familiar, tomando cuidado para que a teoria aprendida não o fizesse se precipitar em conclusões que não pudessem se sustentar a partir do material observado (Golin, Benetti & Donelli, 2011; Harris & Bick, 2011; Houzel, 2012; Oliveira-Menegoto et al., 2006). Oliveira-Menegotto, Lopes e Caron (2010) interpretam essa recomendação de Bick defendendo o ponto de vista sobre o qual a teoria pode ser um instrumento de observação na medida em que inclui a elaboração de novos fenômenos naquilo que foi formulado inicialmente.

Compreendemos que ao fazer tais recomendações Bick buscou tanto alertar-nos sobre o uso que pode ser feito, pelo observador, da teoria como processo defensivo de racionalização, que o impede de experienciar a atualidade do que está sendo observado, como situar o uso da teoria, *a posteriori*, como um instrumento de elaboração de conceitos prévios e conceitos que poderiam ser desenvolvidos a partir do ineditismo do material proveniente das observações.

O relato seria, desse modo, a descrição simplificada das interações, expondo também os sentimentos e emoções gerados no observador a partir do que foi captado. Paralelamente às observações, estes relatos seriam lidos e elaborados em seminários supervisionados por um analista com experiência em atendimento infantil e/ou com o Método Bick. As supervisões seriam realizadas em um grupo que poderia ser constituído por pesquisadores, profissionais da saúde, professores e/ou outros alunos em formação que também estivessem realizando observações com outras famílias, além do supervisor responsável (Bick, 1964; Bustamante & Mccallum, 2014; Oliveira-Menegotto et al., 2010).

Tendo em vista a delimitação da técnica que suporta o método, Houzel (2012) afirma que o contexto observacional está dividido em três tipos de *setting*: material, contratual e psíquico. O *setting* material estaria concernido à relação espaço-temporal estabelecida entre o observador e a família; o que poderia incluir os horários de visita, a frequência semanal, os intervalos ocasionados por feriados ou indisponibilidades por parte de qualquer dos envolvidos nesse processo, além do comprometimento por 2 anos definido previamente. Aqui também está incluída a sustentação da confiança a partir da constância do *setting*.

O *setting* contratual consiste no objetivo que mobiliza a própria observação e que foi definido de antemão nos pressupostos do método. O observador, futuro psicoterapeuta, teria como meta principal aprender por meio da experiência de observação como se dá o processo de desenvolvimento psíquico infantil dentro do ambiente familiar. Sem a pretensão de ser preventivo ou terapêutico o método foi desenvolvido para proporcionar ao

estudante/observador uma oportunidade de acompanhar o processo de construção das primeiras relações da criança, organizadas progressivamente de formas específicas no cotidiano familiar (Houzel, 2012).

O *setting* psíquico, como o próprio termo sugere, refere-se ao ambiente interno de sustentação da observação desenvolvido na mente do observador. Este *setting* é construído pela capacidade de atenção, escuta e empatia em relação ao que acontece no ambiente familiar, o que poderia ser entendido como um espaço intersubjetivo sustentado pela presença continente do observador. Neste sentido, assim como a mãe deve conter as projeções relativas às ansiedades e angústias intoleráveis para o bebê, o observador deve conter as projeções provenientes do bebê e da mãe em relação ao que está sendo produzido na interação, sem deixar que estas projeções o façam sair de sua posição (Houzel, 2012).

Como é possível notar, o observador tem um lugar central como instrumento metodológico e deve manter durante todo o período de observação uma atitude de abertura ao inesperado e ao não saber. É necessário também desenvolver a capacidade de acolher o que quer que aconteça, desligando-se de julgamentos, expectativas ou preconceitos em relação ao entorno e também a si mesmo. Aquilo que é experienciado internamente precisa ser compreendido, contratransferencialmente, como produção psíquica situacional; o que também pode ajudá-lo, num momento posterior, a entender as dinâmicas inconscientes que se configuram e os processos interativos estabelecidos (Briggs, 2008; Harris & Bick, 1976; Hepburn, 2017; Mélega & Ribeiro, 2008). Sobre a postura que deve ser adotada pelo observador, Oliveira-Menegotto et al. (2006) nos apontam:

> Nesse sentido, observar um bebê significa deixar-se impregnar por uma realidade sensível – sons, cores, atmosferas emocionais – que entram em ressonância com esses mesmos aspectos do observador. É relevante uma atitude de espera, tolerância e paciência frente ao desconhecido e ao "não saber". Significa deixar-se penetrar por mensagens não compreendidas, tolerar esta não-compreensão, suportar viver na falta de um sentido, aguardando que ele surja. Além disso, o observador deve ser discreto, atento, receptivo, delicado e não crítico, para depois relatar suas observações nos mínimos detalhes. Não deve aconselhar, interpretar, interferir. Esta capacidade de lidar com o não-saber é reconhecida como indispensável ao analista, em sua prática clínica, para poder acompanhar seu paciente sem precipitar interpretações. (Oliveira-Menegotto et al., 2006, p.80)

Ressaltamos, porém, que embora recomende-se uma atitude de não interferência e não intrusão, na defesa de seu método, Bick nunca presumiu um caráter neutro relacionado à presença do observador. Este foi considerado desde o início um observador participante privilegiado e grato "a privileged and therefore grateful participant observer" (Bick, 1964,

p.99), o que leva em conta a posição subjetiva consciente e inconsciente do observador na própria constituição daquilo que é observado. Logo, sob o pressuposto dos fenômenos transferenciais e contransferenciais, constitui-se um observador psicanalítico que instrumentaliza sua subjetividade para acessar tanto a experiência junto à família, quanto a maneira como seu próprio psiquismo lida com o que emerge.

Desse modo, a observação psicanalítica presta-se a captar elementos conscientes e inconscientes, o que abarca entre infinitas possibilidades interativas: comunicações verbais e pré-verbais, interações corporais, tonicidade nos movimentos do bebê, gestos, expressões faciais, reações, movimentos excitados e relaxados, emocionalidade envolvida nos contatos, atenção e não-atenção, padrões interativos e relacionais, ambivalências comunicadas diretamente ou expressas em comportamentos, fantasias projetadas, além de representações demonstradas em falas dos pais e naquilo que é traduzido a partir da experiência do bebê pelos adultos (Harris & Bick, 2011; Mélega & Sonzogno, 2008).

Nessa infinidade de detalhes captados, a necessidade de um espaço de elaboração e contenção da experiência do observador torna-se imprescindível, o que situa a supervisão como espaço continente no qual o relato é acolhido e os sentidos são expandidos com as contribuições do grupo. Nesse processo de relatar e rememorar novamente o que foi observado - a primeira rememoração é feita na escrita do relato - detalhes aparentemente esquecidos podem vir à tona e aquilo que é produzido em termos de impacto emocional, naqueles que ouvem, gera um diálogo no qual são articuladas novas associações e elaborações não só no observador, mas também em cada integrante do grupo, enquanto interlocutores indiretos (Cebon, 2007; Mélega, 2008; Oliveira-Menegotto et al., 2010).

A supervisão, portanto, dirige-se ao material observado e ao observador, situado como instrumento, visando aprimorar as capacidades de apreensão e de continência no *setting* de observação. A continência do grupo é necessária em vista das experiências primitivas e pré-verbais vivenciadas pelo bebê com as quais o observador entra em contato, é o que nos destaca Lopes, Caron, Steibel e Donelli (2012) ao mencionar que “A presença de um bebê estimula a regressão a estados primitivos e à comunicação cinestésica, que provocam vivências emocionais e sensações físicas intensas, sem palavras, também no observador” (p.217). Na supervisão o impacto despertado no observador pela inserção no campo emocional da relação mãe-bebê é contido e transformado a partir do processo grupal de elaboração psíquica. A função continente é introjetada cada vez mais pelo observador psicanalítico e transposta para o contexto de observação (Palmigiani, 2008).

Como podemos ver o Método Bick foi delineado, principalmente, como uma ferramenta de ensino. Ao longo do acompanhamento familiar o aluno tornava-se capaz de desenvolver um espaço continente fundamental para uma prática clínica e ganhava uma experiência prolífica acompanhando as dinâmicas e variações de diversos processos intersubjetivos a partir das interações do bebê com seu entorno familiar.

6.1.3 Potencialidades do Método Bick em contextos de pesquisa

Além do potencial como ferramenta de ensino, descobriu-se ao longo da aplicação do Método Bick a possibilidade de efeitos terapêuticos, justamente porque o observador constitui-se como um ambiente continente em um momento de adaptação aos novos papéis e funções parentais junto ao bebê. Por essa razão o método tem sido cada vez mais aplicado por diferentes profissionais da saúde em novos contextos ligados à profilaxia e terapêutica nos vínculos entre pais e bebê (Berg, 2016; Mélega & Sonzogno, 2008; Wakelyn, 2012).

No Brasil, o método vem sendo também utilizado em universidades em treinamentos e práticas profissionalizantes. O intuito dessa implementação seria proporcionar aos alunos a possibilidade prática e aprofundada de observar o desenvolvimento infantil na primeira infância e o estabelecimento das dinâmicas familiares (Lopes et al., 2012; Scorsolini-Comin et al., 2011). De um dispositivo de ensino e treinamento para a prática clínica, passou-se ao reconhecimento do potencial terapêutico e, mais recentemente, à tentativa de legitimação do método enquanto ferramenta investigativa aplicada a contextos científicos de pesquisa (Donelli & Lopes, 2013; Golin et al., 2011; Hollway, 2007; Oliveira-Menegotto et al., 2006; Rhode, 2004; Rustin, 1998, 2006, 2011).

Segundo Rosa (1995), o Método Bick pode ser compreendido como um método de pesquisa genuinamente psicanalítico, tendo em vista que a sua aplicação dá acesso aos conteúdos verbais e imediatos da interação, mas também aos conteúdos latentes e pré-verbais que circulam através da projeções de fantasias, representações, interações corporais de diversas ordens, além de emoções e ansiedades transmitidas dentro do *setting* de observação. Outro aspecto importante é a possibilidade da geração de novos conceitos a partir do material observado extensivamente e que pode trazer contribuições tanto para a teoria psicanalítica quanto para a psicologia do desenvolvimento precoce (Golin et al., 2011; Rosa, 1995; Rustin, 2001)

Estudos apontam alguns traços semelhantes entre o Método Bick e métodos desenvolvidos por algumas ciências sociais, como a Sociologia e a Antropologia, tais como: a valorização da observação em ambiente naturalístico, a construção de uma postura aberta e receptiva à experiência e a ênfase na forma como o observador constrói narrativamente a realidade observada (Rustin, 2001; Sampaio et al., 2012; Shuttleworth, 2012).

Rustin, professor de sociologia na University of East London e professor visitante na Tavistock Clinic, destaca que o estudo dos estados psíquicos dos indivíduos observados e do próprio observador é algo característico do método de investigação psicanalítico, algo também preconizado pelo Método Bick. O autor faz ainda uma distinção entre métodos empíricos e experimentais para afirmar que o Método Bick é um método empírico, posto que investiga as qualidades e processos a partir da experiência, mas não é experimental, pois o observador vai a campo sem hipóteses prévias e a observação é realizada no sentido de compreender aquilo que configura o todo familiar e não as partes do fenômeno interativo de forma dissociada (Rustin, 2008).

Pesquisadores como Briggs, Rustin, Sternberg, Caron e Lopes têm defendido de forma consistente o potencial do Método Bick como fonte de dados e, consequentemente, como um método de investigação ainda pouco explorado em contextos de pesquisas científicas (Briggs, 1999/2008; Caron & Lopes, 2014; Rustin, 1998, 2006, 2011, 2012; Sternberg, 2012). Rosa (1995), no entanto, menciona algumas ressalvas sobre esse uso científico do método declarando que este não pode ser considerado um método de pesquisa no sentido tradicional, porém, a autora reconhece que o material produzido a partir das observações e supervisões pode apresentar pontos passíveis de investigação.

Como aplicações em contextos clínicos e de pesquisa, podemos citar investigações sobre: os significados e práticas inconscientes mobilizados em profissionais do Programa Estratégia de Saúde da Família durante o processo de amamentação das puérperas (Bustamante & Mccallum, 2014); o impacto emocional na mulher gerado pela experiência do parto (Donelli & Lopes, 2013); a relação entre cuidador e crianças em abrigos (Golin & Benetti, 2013); o impacto emocional das ultrassonografias obstétricas (Briggs & Piontelli, 2006); dinâmicas interativas em creches (Lejderman & kompinsky, 2000); bebês com síndrome de Down (Oliveira-Menegotto, 2007); bebês prematuros em UTI neonatal (Steibel, 2011); crianças vítimas de violência doméstica (Briggs, 1999); casos de mães em detenção no sistema prisional (Candelori & Dal Dosso, 2007); depressão materna (Vliegen, 2006); crianças diagnosticadas com autismo (Reid, 1997) etc.

É importante destacar que na aplicação deste método em contextos de pesquisa, alguns estudos foram conduzidos a partir da estrita reprodução da técnica, enquanto outros têm sido desenvolvidos a partir de adaptações em alguns elementos, como por exemplo a redução do período total de acompanhamento familiar ou a flexibilidade em relação aos locais de observação, não necessariamente a casa das famílias, ou aos horários de visitas, ajustados de acordo com a disponibilidade dos participantes. Alguns pesquisadores também têm feito uso de instrumentos e técnicas metodológicas complementares no processo de coleta de dados, principalmente, utilizando diferentes tipos de entrevistas para a obtenção de detalhes adicionais sobre a história familiar (Golin & Benetti, 2013; Sampaio et al., 2012; Scorsolini-Comin et al., 2011)

Em vista do exposto, no próximo item apresentamos os detalhes que compõem o que foi considerado como uma aplicação adaptada dos preceitos técnicos e teóricos do Método Bick de Observação infantil no presente estudo. Trata-se não só de uma apropriação desses pressupostos a partir da utilização do método, como da tentativa de expandir alguns aspectos fundamentais por meio do ineditismo da experiência captada ao longo do processo de observação, registro, elaboração e análise do material.

6.2 Especificidades da aplicação do Método Bick na pesquisa

6.2.1 Tríades e critérios de seleção

Para a realização desse estudo optou-se pela delimitação de 2 tríades (pai-mãe-bebê) como participantes, ambas provenientes da cidade de Maceió/Brasil. Essa delimitação foi considerada levando-se em conta o tempo hábil para obter o grau de doutoramento e o tempo estipulado para acompanhamento de cada tríade (3 meses).

A seleção dessas famílias nessa cidade em particular justificou-se pela maior facilidade de acesso aos possíveis participantes por meio da rede de contatos da pesquisadora, considerando sua procedência também de Maceió. Em vista desse esclarecimento, destacamos que a divulgação da pesquisa se deu através de redes sociais (Facebook, Whatsapp e Gmail) atendendo aos critérios de seleção a seguir:

Pais e mães – vinculação biológica com a criança; primeira experiência parental; casais de dupla carreira[31]; residentes na cidade de Maceió/Alagoas; gestação, parto e puerpério sem intercorrências; escolaridade mínima - superior completo.

Bebês – 6 meses de idade no início das observações; desenvolvimento normal durante o ciclo gravídico-puerperal.

A escolha pelas tríades a partir da vinculação biológica, excluindo, por exemplo, famílias adotivas, reconstituídas ou homoparentais, teve apenas o intuito de delimitar a amostra à família heterossexual contemporânea. Esta delimitação justifica-se também pelo intuito de investigar dinâmicas interativas características de um funcionamento atual em relação a modelos de família nuclear e heterossexual estabelecidos em outros momentos históricos.

Alguns estudos apontam que a primeira experiência parental, justamente pelo seu caráter inédito, pode mobilizar processos de identificação intensos e conflituosos no casal parental, além de ser um momento de construção nas práticas de cuidado em que muitas vezes a falta de referência ou suporte gera ansiedades específicas (Abreu, 2009; Gama, 2014; Zornig, 2010). Diante disso, optou-se por observar casais que estavam passando pela experiência parental pela primeira vez. Seguindo essa delimitação, a escolha por bebês sem intercorrências durante o ciclo gravídico-puerperal também serviu para delimitar um perfil no qual não existissem outros fatores intensificadores dessas ansiedades e angústias inerentes ao cuidado do bebê.

A escolha pelo acompanhamento a partir do terceiro trimestre (6º ao 9º mês de idade) da criança levou em conta aspectos, como: término da licença-maternidade; acompanhamento das interações ainda situadas na primeira infância[32]; capacidade de interações dinâmicas entre bebê e cuidadores; possibilidade de início do desmame; início da dependência relativa da criança; e possibilidade de observação de interações diádicas e triádicas.

Ressalta-se também que a quantidade de tríades (duas) e o período de acompanhamento (3 meses) foram delimitados levando-se em conta a diversidade e a complexidade das interações como foco a ser observado e o acompanhamento semanal e regular das tríades selecionadas, o que produziu uma quantidade extensa de material e o registro de processos interativos que se modificaram ao longo do período de observação. Dessa forma, considerou-se o período de 3

[31] Designação para os casais em que ambos os parceiros exercem e investem em uma carreira profissional e contribuem para a manutenção da renda familiar (Souza, Wagner, Branco & Reichert, 2007).

[32] Estudos apontam que a primeira infância compreende o desenvolvimento da criança até os 3 anos de idade (Golse, 1999).

meses e o acompanhamento de duas tríades suficiente para captar especificidades na interação de forma aprofundada e alcançar os objetivos da pesquisa.

Por fim, a literatura científica tem apontado uma maior incidência de referenciais parentais contemporâneos em casais de dupla-carreira, com alto nível de escolaridade e residentes nos centros urbanos, o que também fez parte da delimitação da amostra. Outros aspectos a serem destacados dizem respeitos aos índices que situam, em alguns estudos, o nordeste brasileiro como uma região que ainda tem sido mais marcadamente referenciada a partir da influência do modelo hierárquico de família (Pedrosa & Salvato, 2008); e os índices que situam Alagoas a partir de um contexto psicossocial em que ainda imperam extremas desigualdades de gênero (Bortoluzzo et al., 2016). Considerando que em ambas as tríades participantes os membros dos casais possuíam carreiras, tinham nível superior completo (alguns com pós-graduação), estavam situados na classe média e residiam em Maceió/Alagoas, a validação ou refutação desses pressupostos será discutida a partir dos dados coletados.

6.2.2 Instrumentos

Tendo em vista a importância central do observador psicanalítico como um instrumento no Método Bick, a seguir serão apresentados, na ordem em que foram utilizados, os recursos com os quais a observadora/pesquisadora entrou em contato com as famílias e que serviram de base para a construção do processo de observação. Aqui estamos defendendo a ideia da existência concomitante entre dois *settings*, observacional e investigativo que foram sustentados, respectivamente, por dois tipos de supervisão, clínica e de pesquisa.

O *setting* observacional constituiu-se pela configuração espaço-tempo delimitada e explorada no contexto de observação e na supervisão clínica, esta seguiu os preceitos técnicos do Método Bick e teve o intuito de analisar as interações entre a tríade pai-mãe-bebê. Ato contínuo, o *setting* investigativo constituiu-se como uma configuração paralela e complementar sustentada pela supervisão de pesquisa. Nesta, o contexto familiar foi analisado a partir do material de observação, das elaborações desenvolvidas ao longo das supervisões clínicas, dos objetivos do estudo e do referencial teórico escolhido. Instituir os dois tipos de supervisão esteve a serviço tanto de preservar a técnica original preconizada, como de promover uma adequação às exigências de validação científica.

Os tipos de *settings* referidos estiveram, desse modo, interligados por meio do que estamos chamando aqui de planos interativos, como diferentes formas de encontro entre participantes e observadora/pesquisadora. Passemos a apresentação sequencial dos recursos de acesso intersubjetivo e intercorporal às famílias. Salientamos também a necessidade de compreender os *settings* observacional e investigativo como ambientes concomitantes que auxiliaram na mobilização das elaborações narrativas.

1º Plano Interativo – Formulário de Perfil Sócio-Econômico-Demográfico

Perfil SED (Apêndice A)

Consideramos que o referido formulário, contendo itens a serem preenchidos com algumas características sócio-econômico-demográficas das tríades, instituiu o início da construção dos *settings* observacional e investigativo. Utilizado como contato inicial com as famílias e como instrumento de triagem, de acordo com os critérios de seleção especificados previamente, o formulário pode ser considerado como uma apresentação do contrato inicial para as partes envolvidas. Remetemo-nos novamente à divisão de *setting*, estabelecida por Houzel (2012), para destacar que o *setting* contratual, no contexto desse estudo, abriu caminho para a construção tanto da observação como da pesquisa.

Logo, os membros do casal a partir do contato indireto com a pesquisadora começaram, por meio deste recurso, a formular suas próprias disposições psíquicas para investir no *setting* de observação. A pesquisadora por meio da formulação de critérios abstratos, definidos por uma lógica racional e acadêmica, utilizou o referido formulário como recurso inicial de captação das interações a partir de cada membro familiar.

Aqui podemos pensar numa intercorporalidade estabelecida de formas indiretas e mediadas, já que esse primeiro momento de aplicação e preenchimento do formulário se deu a partir das redes sociais (Facebook, Whatsapp e Gmail). Este seria, desse modo, um momento de construção fantasiosa em vista das expectativas relacionadas à observação iminente. Podemos dizer que o *setting* (observacional e investigativo) foi "investido antes de ser percebido" e por isso mesmo ganhou uma existência potencial e criativa.

2º Plano Interativo – Desnudamentos

Como foi afirmado anteriormente o bebê ao olhar para seus cuidadores primários vê-se refletido no olhar afetivo e fantasioso que estes lhe devolvem. Inserida no grupo a partir dos revestimentos familiares a criança pode construir suas fantasias em relação aos adultos, situando-os, inicialmente, como um ambiente provisor e indiferenciado, para em seguida concebê-los como indivíduos separados, com uma existência interdependente e revestidos na função parental. Em contrapartida, os pais estão a interagir com a criança situada nas posições simultâneas do bebê imperativo, expositor e revestido.

Este é o plano interativo no qual o observador psicanalítico deve se inserir e que existe independentemente de sua presença. Entretanto, é justamente esse observador participante privilegiado que configura um plano interativo específico no cotidiano familiar, relativo ao *setting* de observação. Este plano seria delineado por tudo aquilo que o observador é e faz no encontro com cada família, algo que é sustentado pela constância da sua presença e pelo seu processo de construção de um *setting* psíquico.

A diferença entre o observador e as outras pessoas que vão sendo inseridas no cotidiano do bebê pelos pais é que, diferentemente destas, não há a pretensão, por parte do observador, de participar na construção dos revestimentos compartilhados e que dizem respeito aquilo que circula, enquanto fantasia, nas interações entre pais, bebê e outros representantes do entorno familiar.

Como foi estabelecido nos próprios preceitos do Método Bick é essencial uma postura empática, não intrusiva e desprovida de expectativas e pré-conceitos (Bion, 1991) por parte daquele que observa. Com isto queremos dizer que o observador começa a familiarizar-se (sem ser parte da família) com as fantasias construídas pelos pais e pelo bebê (revestimentos constitutivos), entretanto, embora estas possam ser acolhidas e sustentadas por sua presença continente, elas não devem ser reproduzidas ou corroboradas pelo observador.

Seguindo este raciocínio, ao retomarmos os processos identificatórios mobilizados pelo bebê imperativo/expositor e que põem o adulto em contato com a sua própria nudez psíquica, é possível considerar que o observador está situado no contexto familiar como elemento de desnudamento. Isto quer dizer que, partindo da premissa da nudez constitutiva que mobiliza os revestimentos fantasiosos, o observador, ao entrar em contato com esses processos interativos, está justamente situado como aquele que enxerga o contexto familiar a partir de uma ordem

inversa, ou seja, a partir do desnudamento das fantasias e projeções que operam continuamente na intersubjetividade e na intercorporalidade dos encontros.

Desta posição os processos interativos captados pelo observador no ambiente familiar poderiam se constituir: pelas projeções provenientes dos membros familiares, aqui o observador torna-se também um depositário de conteúdos não elaborados ou em processo de elaboração; ou por identificações do próprio observador com as diferentes posições e fantasias presentes nas interações. Esse tipo de apreensão está mais relacionada à contratransferência, mobilizada pela experiência primitiva e anterior de um bebê que foi cuidado, ou não, por um ambiente sustentador e continente (bebê retroativo no observador).

É justamente por ser situado nesta posição que o observador pode ser considerado como alguém que, a partir de sua presença no ambiente familiar, está constantemente a desnudar e expor os revestimentos fantasiosos mobilizados pela nudez constitutiva, presentificada pelo bebê e atualizada nos cuidadores.

Se por um lado, a presença do observador pode surtir um efeito terapêutico naqueles que o utilizam como instrumento de suporte para a construção de uma prática parental de forma menos idealizada, posto que o *setting* observacional sustenta, mas não é interventivo no prosseguimento das interações; por outro lado, também é possível considerar que esta mesma presença pode se tornar uma fantasia persecutória para aqueles que cuidam a partir de uma posição onipotente e/ou negam as próprias vulnerabilidades no processo de construção parental.

3º Plano interativo - Relatos de Observação e Narratividade Descritiva

Num momento posterior à observação, no qual exige-se um relato detalhado e em linguagem simples, o observador põe em palavras tudo aquilo que é captado. No contexto observacional este relato é, precisamente, a primeira elaboração fantasiosa e narrativa do observador, esta sempre proveniente de um encontro intersubjetivo e intercorporal. Logo, o impacto de tudo que é percebido (consciente e inconscientemente) é integrado criativamente e transformado em uma representação simbólica dos processos interativos apreendidos.

Esta transformação em relato tem o intuito de apresentar o que é observado como construção fantasiosa e imagética produzida na mutualidade pais-bebê e os efeitos de observar/desnudar as interações no psiquismo do observador. Isto é expresso no relato a partir do impacto de elementos da experiência na emocionalidade e corporeidade de quem observa, o

que muitas vezes torna-se um desafio já que é preciso metabolizar percepções provenientes das intercomunicações primitivas entre pais e bebê e que estão situadas num momento pré-verbal.

Podemos afirmar também que a produção deste relato constrói uma descrição sequencial de processos não-lineares, ou seja, o observador baseado, principalmente em uma lógica narrativa própria, tenta organizar um texto que represente o mais fielmente quanto for possível a experiência intersubjetiva e intercorporal captada no *setting* de observação. No entanto, a linearidade com a qual esta sequência é encadeada não está, necessariamente, subjugada a um consenso nas percepções individuais, mas sim, à forma como o observador constrói uma narratividade processual do contexto.

Não estamos a afirmar com isto a construção de um relato ficcional, muito do que é observado pode fazer parte da realidade percebida por aqueles que compõem o *setting* de observação num tempo compartilhado e convencionado[33]. Porém, na escolha dessa sequência e até nos lapsos de memória, nos quais alguns detalhes só serão relembrados num momento posterior, está presente a integração criativa, característica da forma com a qual o observador percebe as realidades subjetiva e objetiva, situando-as numa narratividade.

Outro ponto a ser destacado nessa descrição é que o estilo de escrita, assim como os atos falhos presentes no texto produzido podem apresentar elementos que dão indicativos das dinâmicas inconscientes, fantasias e projeções observadas. Para exemplificar este caráter cito um ato falho produzido na escrita de um dos relatos de observação de uma das tríades: ao descrever o momento em que o pai dava banho em seu filho e em como neste momento a mãe, que estava ao meu lado, sugere que eu veja mais de perto, percebo que ao invés de escrever "mais de perto" havia escrito "de mais perto". Este foi um ato falho de escrita que se deu no começo do processo de observação de uma das tríades participantes e que foi entendido como produção contratransferencial em função da projeção de elementos persecutórios, provenientes desta mãe, os quais foram se intensificando ao longo das visitas seguintes.

O exemplo foi mencionado apenas para enfatizar o fato de que os relatos de observação, enquanto produções que se remetem também a um estilo de escrita e a uma narratividade pessoal, têm sido pouco explorados na aplicação do Método Bick. A descrição textual (em

---

[33] Segundo Safra, "O tempo compartilhado diferencia-se do tempo subjetivo, porque nele o tempo já não é só uma expressão do si mesmo, mas é articulado com a noção de um outro, fruto do interjogo entre presenças e ausências. A criança sustenta a presença de um outro em seu mundo, porque lhe é possível acolher o tempo subjetivo desse outro sem que isso signifique a ruptura de si. Isto ocorre porque ela não só tem seu senso de continuidade estabelecido, mas também pode, por meio da vida imaginativa, tornar o tempo do outro parte de si: questão que se estabiliza na terceira área da experiência o espaço potencial. O tempo compartilhado dá acesso à aquisição do tempo convencionado, quando a criança aprende a organizar o tempo com as medidas utilizadas em sua cultura". (Safra, 2005, p.66)

publicações) ou oral dos relatos (nos seminários de supervisão) tem, em sua maioria, priorizado a análise de conteúdo, em detrimento da análise discursiva e estilística. Este estudo também priorizou os conteúdos que emergiram como processos interativos nos relatos, no entanto, ao longo da escrita foi possível observar o potencial desse recurso em relação à forma pessoal com que cada observador pode descrever o *setting*, algo que é mencionado aqui como lacuna de investigação a ser explorada em outros estudos.

O momento de escrita da observação operou, desse modo, como um plano interativo de elaboração dos conteúdos intersubjetivos e intercorporais captados. Ao longo da escrita contínua e semanal detalhes foram associados e organizados como processos interativos. É importante destacar que esta elaboração nesse momento esteve a serviço da experiência e não o oposto, ou seja, as hipóteses construídas não conduziram de forma rígida o olhar da observadora, pois o sentido dado à cada interação foi situado num processo e não analisado de forma isolada.

4º Plano Interativo – Supervisões e Narrativa grupal

O momento da supervisão, que pode trazer a contribuição tanto do supervisor quanto de outros integrantes do grupo de seminário, é situado como um outro nível de elaboração, posto que diferentes olhares estão a compor e analisar os detalhes daquilo que é relatado e que constituem as construções fantasiosas e imagéticas do observador em relação a determinada família. No acesso a essa construção, fantasias e sensações também serão mobilizadas em cada membro do grupo a partir do que está sendo relatado. Podemos pensar numa integração criativa grupal que constrói uma narrativa ao longo das elaborações e associações e que são mobilizadas pela interação entre a família, o observador e os membros do grupo, a partir das fantasias e percepções sensoriais.

Nesse sentido, o grupo tem acesso às ressonâncias do encontro intersubjetivo e intercorporal produzido no *setting* de observação e podem experienciar o impacto do que é relatado, num processo constante de atualização de *setting*. A interação é acessada de forma mediada pelo relato e pela experiência integrada, ou em processo de integração, no observador. Aquilo que é compartilhado pelo grupo pode contribuir, assim, para a elaboração do que é da ordem das comunicações primitivas e daquilo que ainda não foi simbolizado. Da mesma forma que o observador deve manter-se num lugar de não saber e não julgar aquilo que emerge nas interações, o grupo também deve acolher e sustentar o relato, enquanto testemunho da

integração criativa de uma experiência particular, a ser compreendida também criativamente numa narrativa conjunta.

Consideramos, portanto, que neste estudo esse plano interativo de acesso às famílias participantes foi dividido em dois ambientes, a supervisão clínica e a supervisão de pesquisa. A supervisão clínica foi realizada com as contribuições de duas professoras/psicanalistas[34] que auxiliaram a observadora/pesquisadora durante os três meses de observação de cada família na cidade de Maceió. Como foi mencionado anteriormente, esta supervisão seguiu os preceitos técnicos especificados pelo Método Bick e serviu para elaborar aspectos essenciais referentes aos processos interativos entre pai, mãe e bebê.

As professoras convidadas não foram informadas de nenhum detalhe referente aos objetivos ou hipóteses da pesquisa de doutorado. Estes detalhes foram omitidos no intuito de utilizar esse espaço para refletir sobre a interação de forma não-seletiva. As supervisões clínicas também foram pensadas como um suporte à observadora/pesquisadora na construção de uma narrativa em função dos processos interativos como um todo. Este espaço foi, desse modo, imprescindível para demarcar os limites do *setting* observacional, pois auxiliaram a averiguar se as inferências e interpretações se sustentavam naquilo que era trazido a partir do relato das interações.

Realizou-se também uma supervisão de pesquisa na qual aquilo que emergiu como processo interativo foi analisado em relação aos seguintes aspectos: os referenciais psicanalíticos em torno das parentalidades contemporâneas, com ênfase nas famílias constituídas pelo casal heterossexual e monogâmico; os referenciais acerca da manutenção das relações de gênero no cuidado parental; as implicações de novas práticas parentais para o processo de constituição psíquica da criança; e a análise dos processos interativos diádicos e triádicos. Esta supervisão foi conduzida pela orientadora de doutorado, Professora Isabel Cristina Gomes, e serviu para analisar o material em função dos objetivos do estudo e do referencial teórico adotado. Neste ambiente de continência demarcou-se o *setting* investigativo que fomentou a construção das categorias de análise a serem discutidas nesta tese.

Em vista destas adaptações ao Método Bick é possível afirmar que os dois tipos de supervisão trouxeram contribuições sob diferentes ângulos em relação ao mesmo material de observação, o que produziu análises que se interligaram e ampliaram o alcance das inferências e interpretações.

---

[34] Heliane de Almeida Lins Leitão e Paula Orchiucci Miura, ambas professoras da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

5º Plano Interativo – Entrevista: Fechamento de *Settings*

A entrevista semiestruturada realizada com o casal foi também considerada um plano interativo dentro do *setting* observacional, no qual o caráter investigativo do *setting* foi posto em evidência. Logo, a entrevista foi realizada no intuito de buscar informações sobre o histórico familiar das tríades a partir de questões formuladas de acordo com os seguintes tópicos: complementação de aspectos sócio-econômico-demográficos; informações relevantes sobre a construção parental; contexto das famílias de origem de cada membro do casal; processo gravídico-puerperal; licenças paterna e materna; primeiros cuidados com o recém-nascido; divisão do cuidado parental até o momento da entrevista; e o impacto da experiência de participação no estudo.

Além de todas as informações fornecidas, este momento, que também se deu na casa das famílias, configurou-se de forma ligeiramente diferente das observações semanais, pois a função de pesquisadora operou de forma mais ativa a partir da condução da entrevista. Justamente por isso esse recurso complementar de acesso foi utilizado apenas ao final do período de observação.

A função de observar, contudo, continuou a operar neste momento e à medida que os participantes iam respondendo, foi possível observar interações entre os casais e seus respectivos bebês, assim como a transmissão de fantasias por meio das respostas enunciadas. É possível refletir também sobre este momento como uma oportunidade para o casal parental de elaborar o final do período de observação, trazendo informações sobre a percepção em relação ao processo de acompanhamento e à observadora/pesquisadora.

O fechamento do *setting* material (Houzel, 2012) demarcado pela entrevista não significou a interrupção do processo elaborativo, pois os encontros intersubjetivos e intercorporais continuaram a produzir efeitos na observadora/pesquisadora, transformando-se nesta produção textual. Dessa maneira, esta tese é produto da integração criativa das experiências junto às famílias e que foram organizadas numa narrativa utilizada para discutir os revestimentos psicossociais e os processos interativos presentes nas práticas parentais contemporâneas.

6.2.3 Procedimentos

A pesquisadora, a partir da divulgação em suas redes sociais, recebeu indicações de possíveis famílias que poderiam participar do estudo. Os contatos foram feitos via Facebook, WhatsApp e Gmail, após o preenchimento do formulário de Perfil SED (APÊNDICE A), duas tríades foram selecionadas e convidadas a participar da pesquisa. As informações fornecidas no formulário foram os únicos detalhes aos quais a pesquisadora teve acesso antes de iniciar o período de observação.

Um primeiro encontro foi agendado com cada família para apresentação e assinatura do T.C.L.E. (APÊNDICE C), nesse momento que marcou a oficialização do compromisso com a pesquisa, foi declarada, pela pesquisadora, a importância da presença de cada membro da tríade durante a observação, pois esta tinha como foco observar a interação entre pai, mãe e bebê. Apesar deste detalhe não ter sido enunciado como uma obrigatoriedade, mães e pais entenderam a importância de suas presenças durante a observação e, excetuando-se uma observação da tríade 2, os dois membros do casal e os bebês estiveram presentes em todas as observações.

Na semana em que os bebês atingiram a idade de 6 meses tiveram início as observações na casa dos participantes. Estas ocorreram em uma frequência semanal, com duração de uma hora, entre o 6º e o 9º mês de idade das crianças e tiveram o intuito de acompanhar aspectos da rotina de interações das tríades familiares. Como os bebês eram praticamente da mesma idade, com uma diferença de algumas semanas, as observações foram realizadas durante o mesmo período, dezembro/2015 a abril/2016.

Foram realizadas 12 e 11 observações, respectivamente, à tríade 1 e à tríade 2. Durante o período de acompanhamento as únicas semanas em que as visitas não ocorreram foram referentes à semana do carnaval (tríades 1 e 2) e à semana santa (apenas tríade 2, o acompanhamento da tríade 1 já havia sido finalizado).

Nesta pesquisa a demarcação de horários não foi estabelecida de forma fixa, pois em cada encontro inicial definiu-se que os agendamentos ocorreriam de acordo com a disponibilidade dos participantes. Os relatos de observação, contendo informações referentes às interações, foram registrados logo após cada visita às famílias, primeiramente, de forma manual e em seguida em arquivos computadorizados. Paralelamente às observações foram realizadas às supervisões clínicas e de pesquisa, em frequências quinzenais e com duração de uma hora e meia a duas horas, nas quais o material colhido era discutido extensivamente, considerando a especificidade de cada tipo de supervisão.

Em janeiro de 2016, realizou-se uma entrevista-piloto para revisão e adequação desse instrumento. A entrevista (APÊNDICE B) foi realizada com os dois membros do casal (os bebês também estavam presentes) ao final do 9º mês de idade da criança. Seguem as especificações de duração das entrevistas: tríade 1 - duração de 1 hora e 6 minutos; e tríade 2 - duração de 1 hora e 29 minutos.

A escolha pela realização das entrevistas após o período de observação foi determinada no intuito de promover: a assimilação de uma postura reflexiva e não-ativa por parte da observadora-pesquisadora que deu início ao registro das observações sem inferências prévias, mas sim elaborando impressões a partir das interações observadas; a captação entre possíveis ambiguidades e contradições presentes no discurso dos participantes em relação aos dados provenientes dos cuidados práticos com o bebê e da interação familiar observada; e a possibilidade de elaboração por parte dos participantes de aspectos mobilizados ao longo do acompanhamento realizado.

6.2.4 Forma de análise dos resultados

O primeiro momento de análise deu-se na escrita dos relatos, a partir do processo elaborativo no qual a pesquisadora foi paulatinamente estabelecendo associações e inferências entre as interações observadas. Uma análise mais aprofundada foi realizada a partir da supervisão clínica e, por fim, a supervisão de pesquisa serviu para articular o material coletado com os referenciais teóricos e os objetivos do estudo. Em vista destas análises sucessivas foram criadas categorias e subcategorias no intuito de apresentar recortes do material utilizados para sustentar uma discussão e defender a tese final. Seguem as categorias elaboradas:

Categoria 1 - Processos Interativos e Práticas de Cuidado

a) A construção do casal parental – revestimentos e recomeços;
b) Estilos interativos entre pai, mãe e bebê;
c) *Parentês* – A linguagem afetiva da tríade;
d) Afazeres domésticos x Investimentos profissionais.

Categoria 2 - Construção narrativa de setting: encontros entre tríades e observadora/pesquisadora

Categoria 3 - Modelos de interação diádica e triádica

6.2.5 Aspectos Éticos

Declaramos na realização deste estudo o compromisso com os preceitos éticos estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa e especificados na Resolução 510/2016 para o desenvolvimento de pesquisas com seres humanos. Logo, consideramos como prioridade os direitos contínuos a serem assegurados aos participantes. Informamos também que a consecução da pesquisa só se deu mediante o parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa do IPUSP (ANEXO A), sob a ponderação entre riscos e benefícios, além da garantia de que danos previsíveis seriam evitados em vista do respeito à autonomia e à dignidade humana.

Aos participantes que decidiram contribuir para a execução da pesquisa foram apresentados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C) onde constavam informações essenciais sobre o estudo, como: objetivos, justificativa e relevância, método e procedimentos, resultados a serem alcançados, possíveis riscos e benefícios, entre outros detalhes referentes à forma de realização do estudo.

O sigilo das informações que poderiam identificar os participantes foi preservado com a uso de nomes fictícios e o disfarce de alguns detalhes idiossincráticos, sem prejuízos para a discussão empreendida. A escolha de participar do estudo, portanto, deu-se de forma autônoma e consciente, na qual também foi ressaltada a possibilidade de interrupção desta participação em qualquer momento da pesquisa.

Declaramos também o compromisso ético com a disponibilidade e abertura das famílias que acolheram a observadora/pesquisadora em seu cotidiano e mantiveram o compromisso estabelecido até o fim do período estipulado. Aqui também podemos mencionar todas as precauções e cuidados que foram tomados para que a observadora/pesquisadora não fosse um elemento intrusivo no contexto dos casais e dos bebês. Logo, mantendo uma atitude de constante atenção ao bem-estar dos participantes ao longo das etapas de pesquisa, consideramos que este estudo tem potencial para gerar conhecimentos, ainda que limitados ao objeto de investigação.

Por fim, declaramos também um compromisso ético com aquilo que da experiência junto às famílias foi e será transformado em contribuição como produção científica mobilizadora de outros estudos. Neste compromisso inclui-se tanto o acesso aos materiais derivados do estudo, quanto a utilização de tudo que foi produzido a partir desta experiência na

ampliação de conceitos e conhecimentos que possam contribuir para a área da Psicanálise, da Psicologia Clínica, da Psicologia do Desenvolvimento Precoce e dos Estudos Psicossociais.

7 RESULTADOS

7.1 Tríade 1 – Adriano(P1)/Ariane(M1)/Ariel(B1)[35]

O contato com a família se deu, inicialmente, através de Adriano via Facebook. Apresentei os detalhes essenciais da pesquisa e com a anuência do participante, encaminhei o formulário de Perfil SED (Apêndice A) por e-mail, a ser preenchido pelo casal. Todos os contatos online se deram apenas com Adriano e este mostrou-se desde o início bastante interessado na proposta do estudo e em participar da pesquisa, seu interesse mobilizou também a indicação de outras famílias com bebês recém-nascidos.

Como procedimento estabelecido previamente, comecei as visitas sem informações sobre a família, exceto aquelas referentes à adequação aos critérios de inclusão. Detalhes mais específicos e aprofundados sobre a história familiar foram sendo acessados ao longo das visitas por meio dos relatos espontâneos de Adriano e Ariane e também através da entrevista que ocorreu após a última observação.

Adriano e Ariane, provenientes do Estado de Alagoas e residentes na cidade de Maceió, estavam, a época[36] do acompanhamento, com 32 e 30 anos, respectivamente. Ariel (sexo masculino) foi acompanhado dos 6 aos 9 meses. Casados após um ano de relacionamento o casal estava junto há 4 anos e coabitando há 3. Adriano informou ter uma carreira militar há 9 anos e Ariane possuía uma carreira na área da saúde há 6 anos. Quanto à escolaridade, Adriano alegou possuir a titulação de mestre e Ariane, especialização. Ambos informaram terem usufruído das licenças materna e paterna e Ariane conseguiu estender sua licença por mais um mês, pois conciliou esta com seu período de férias, totalizando 7 meses. Adriano também informou que, além da licença paternidade, havia conseguido um mês de licença para acompanhamento de parente, justificado pelo parto ter sido uma cesariana, acrescidos de 30 dias de férias que ele também conseguiu conciliar com esse período, totalizando 70 dias integralmente afastado do trabalho. Não houve intercorrências durante o período gravídico-puerperal e a renda familiar estava compreendida entre 6 e 7 salários[37] mínimos. Os membros

[35] Nomes fictícios.
[36] Dezembro de 2015 a Abril de 2016.
[37] Valor corrente no Brasil R$880,00 no ano de 2016 (Decreto Nº 8618, 2015).

do casal se declararam quanto à raça como pardos e quanto à religião Adriano disse ser católico e Ariane espírita.

Com base nessas informações o convite para participar da pesquisa foi feito formalmente em dezembro de 2015 por meio da apresentação do T.C.L.E. (Apêndice C), contendo detalhes sobre a forma de participação. Encontrei-me com o casal em sua residência e ambos mostraram-se interessados, fazendo-me várias perguntas sobre como a pesquisa seria realizada e sobre minha formação acadêmica.

Fui esclarecendo as dúvidas levantadas e quando perguntei se eles preferiam agendar as visitas em horários fixos ou flexíveis Adriano e Ariane me informaram que seria melhor o agendamento de acordo com a disponibilidade semanal, pois Ariane iria, durante o período de observação, retornar consecutivamente a seus dois empregos, um pela manhã e outro pela tarde. Adriano deixa claro que nos momentos em que a esposa estivesse no trabalho ele é quem cuidaria de Ariel. O participante havia destacado que como militar tinha sido cedido para dar aulas relacionadas ao seu ofício e que seu trabalho se concentrava, à época do acompanhamento, em dois dias da semana, o que dava a este pai bastante tempo de convivência com esposa e filho.

Ressaltei que podia me adaptar aos horários que fossem mais convenientes para ambos. Adriano propõe criar um grupo de WhatsApp para nos falarmos semanalmente sobre os horários das visitas. Concordo com a sugestão e me despeço do casal, neste primeiro encontro Ariel estava dormindo e não pude conhecê-lo. Logo após a minha saída, vi que Adriano havia me adicionado a um grupo em que estávamos ele, Ariane e eu, o qual foi nomeado de "Observação Ariel". Destaco que quase todos os agendamentos se deram via WhatsApp e foram mediados por Adriano.

A seguir apresento recortes específicos retirados dos relatos completos de cada visita de observação. Estes recortes foram escolhidos em função da discussão empreendida, a ser desenvolvida a partir das categorias temáticas.

1ª observação – Manhã

Compareço à residência da família às 9h. Ariane me recebe à porta com cara de sono, mas receptiva e pede que eu fique à vontade. Enquanto me dirijo ao sofá ela me fala que Ariel ainda estava dormindo, o que de acordo com ela era estranho, pois normalmente ele já teria acordado. Sentada no braço do sofá ela me conta que o filho andava muito sério e cabisbaixo nos últimos dias e achou estranho, porque ele normalmente é uma criança alegre.

Ela fica se questionando sobre o motivo dessa mudança de humor, pois no geral não havia nenhuma alteração, "*ele continua comendo bem, dormindo normalmente e não está doente*". Ariane diz também ter cogitado sobre a possibilidade da causa ser o nascimento recente dos dentes, mas associou a mudança, principalmente, à volta dela ao trabalho. Ela havia retornado na semana anterior e quando chegou em casa notou que ele estava mais eufórico ao vê-la, mas no outro dia ele pareceu mais sério. Adriano chega nesse momento, cumprimenta-me e confirma a hipótese da esposa sobre a mudança de comportamento de Ariel, dizendo que achou o filho mais "*morgado*" esses dias.

Ariane comenta que conversou com Adriano sobre o fato de eu estar lá para observar e imaginou que no começo eles poderiam ficar mecânicos, mas complementa dizendo que achava que seria algo mais no início. Adriano concorda dizendo achar que poderia acontecer isso, mas depois eles pensariam "*ah, é só Carine*" e nem ligariam.

Em seguida Ariane vai à cozinha e me pergunta se não seria interessante para mim observar diferentes momentos da rotina. Explico que me adequaria à disponibilidade deles e que se houvesse a possibilidade deles me receberem em diferentes momentos seria interessante. Adriano concorda e diz achar a ideia legal.

Adriano adentra em um dos quartos e depois de alguns minutos aparece na sala com Ariel desperto. Este está com cara de sono e me olha curioso, cumprimento-o sorrindo e dizendo "*Oi Ariel*", ele sorri e Adriano fala que ele está mais normal e que só estava precisando dormir um pouco para melhorar o humor. Seguro a mão de Ariel e ele sorri, continuando a me olhar curioso, Ariane vem da cozinha e Ariel se agita no colo do pai, visivelmente excitado com a chegada da mãe. Adriano entrega Ariel à esposa e diz "*é um puxa-saco*", Ariel abraça o pescoço da mãe e sorri ao escutá-la, ele morde o queixo dela e continua sorrindo, ela sorri também e continua falando carinhosamente com o filho.

Durante esta visita Ariel acorda apenas nos últimos 5 minutos, a maior parte do tempo foi usada pelo casal para me relatar detalhes sobre Ariel e sobre aspectos da história familiar, também senti que neste primeiro momento Ariane estava preocupada com as repercussões de seu afastamento em relação ao filho em vista do retorno ao trabalho. Na perspectiva de ambos, Ariel demonstrou claramente uma mudança significativa de humor que foi logo associada a essa mudança.

2ª observação – Tarde

Chego ao apartamento às 14h e Adriano me atende à porta. Ariane está sentada no chão da sala com Ariel, este é apresentado novamente a mim pela mãe que avisa ao filho "*Olha filho, a tia Carine!*". Ariel me observa fixamente durante um tempo, mesmo com os pais conversando com ele, Ariane comenta "*E tá paquerando Carine, é?*".

Vejo uma roupinha ao meu lado no sofá, o casal me explica que como Ariel tinha completado 6 meses eles estavam se preparando para tirar a foto do mês. Adriano traz para a sala uma cadeira branca e depois começa a vestir o filho, este parece que vai chorar, mas o pai interrompe a tentativa de vesti-lo e suspende o filho nos braços falando em um tom mais agudo e brincalhão "*pula pipoquinha, pula pipoquinha, vamos vestir a roupa filho*". Ariel presta atenção ao pai e começa a sorrir com as brincadeiras.

Adriano tenta novamente vesti-lo, mas Ariel começa a chorar novamente, Adriano fica de pé com Ariel nos braços e canta, balançando-o. Depois ele deita o filho no tapete emborrachado na sala e canta "*Agora eu fiquei doce, doce, doce...*". Ao mesmo tempo em que faz cócegas na barriga do filho, ele fala "*E esse buxo de lama? E esse buxo de lama?*". Ariel olha o pai atento e sorri várias vezes. Adriano vai avisando ao filho que vai vesti-lo e passa a roupinha por sua cabeça dizendo "*pronto*", depois passa os braços pelas mangas e fala mais alto para a esposa que está num outro cômodo da casa, "*seu filho engordou, esse body tá apertado*".

Ariane aparece alegando ter comprado tamanho G e diz "*espera, deixa eu fazer isso, pegue a fita adesiva*". Ela toma o lugar do marido e vai vestindo o filho, constatando que a roupinha de fato está apertada. Adriano volta e diz "*toradinho*" ao ver o filho já vestido. Ariane comenta sorrindo que ele vai ficar *slim*. A roupinha também é branca e vejo que a fita adesiva é usada para colar na frente do busto de Ariel o número 6.

Enquanto está sendo vestido, Ariel pega os brinquedos ao redor e começa a morder, ele se entretém mordendo um boneco de borracha e começa a salivar muito, a mãe pede para o filho morder um outro boneco que é de pano. Adriano tenta substituir os bonecos, mas logo desfaz a troca quando vê que o filho faz cara de choro.

Ariel é levantado nos braços pela mãe e colocado na cadeira. Adriano coloca a máquina fotográfica de frente para o filho e se prepara para tirar a foto, no entanto, Ariel só presta atenção na coruja de pelúcia ao seu lado e não dá atenção aos chamados dos pais. Adriano se movimenta e tenta chamar a atenção do filho. Ariane comenta que antes ele ficava parado e olhava para a câmera mesmo com a coruja ao lado, mas eles deduzem que agora o colorido da coruja prendia sua atenção. Em um momento em que Adriano está falando para chamar a atenção do filho,

Ariane pede para que ele deixe ela falar sozinha, parecendo considerar que o filho não poderia ter dois focos de atenção e que só seguiria um foco de cada vez.

Eles finalizam as tentativas, pois Ariel já começa a dar sinais de que não está gostando de ficar naquela situação, ele não havia aprendido ainda a ficar sentado e constantemente pendia o corpo para um dos lados da cadeira. Adriano suspeita que Ariel tinha feito cocô, eles levam o filho para o quarto e escuto Adriano falando em tom carinhoso, voltando em seguida com Ariel no colo só de fraldas. Ariane senta-se com o filho encostado em seu corpo e este morde um chocalho colorido. Ela fala para Ariel ficar sentado, pois este ficava deitando em seu colo, ela o põe na posição sentada e diz "*Assim, filho!*".

3ª observação – Manhã

Ariane, que estava na cozinha, vem até a sala e pega Ariel, sentado em sua cadeirinha, levando-o para o quarto. Depois de pouco tempo ela volta com ele despido e pergunta para Adriano "*Você quer que eu dê, ou você vai dar?*", este responde "*não, deixe que eu dou*". Ele pega Ariel e o leva em direção ao banheiro, Ariane me fala que eu podia observar e que eu ficasse à vontade.

Eu fico em pé na porta do banheiro, Adriano vai dando banho no filho enquanto Ariane fica indo e vindo, parando em alguns momentos ao meu lado. Adriano, inicialmente, segura o filho suspenso na altura de seu rosto e vai cantando várias músicas animadas, ele abre o chuveiro num fluxo lento e vai colocando Ariel embaixo da água, este parece agitado e alegre. Adriano deixa o filho algum tempo embaixo da água e depois desliga o chuveiro, segurando-o com um dos braços com muita habilidade. Ele pega um frasco de shampoo e despeja uma pequena quantidade na cabeça de Ariel, ensaboando e cantando animadamente. Ariane diz ao meu lado que Ariel gosta muito daquela música e também que gosta muito de música em geral.

Adriano enxágua a cabeça do filho, despejando calmamente um pouco da água que se acumula na banheira de bebê que está embaixo do chuveiro. Em seguida ele segura Ariel com o busto mais apoiado em seu antebraço e começa a ensaboar suas nádegas, esfregando a região por dentro e por fora com delicadeza. Liga novamente o chuveiro e enxágua o sabão acumulado.

Ariane conta que está tentando introduzir uma alimentação complementar (comidas pastosas e sucos) na dieta do filho e que ele está estranhando os gostos. Adriano desliga o chuveiro e coloca o filho com o busto para cima na banheira, deitado sobre uma rede que sustenta bem sua cabeça e sua coluna. Ariel continua a ser ensaboado, agora na parte da frente de seu corpo. O pai se detém com mais cuidado na região genital, limpando reentrâncias

escondidas. Ariel parece bastante confortável nessa posição e bate as pernas repetidamente na água da banheira. Adriano termina de ensaboá-lo e vai enxaguando o corpo do filho.

Durante o banho em vários momentos houve contatos concentrados por parte de Ariel em relação ao pai por meio de olhares e sorrisos recíprocos. Saio do banheiro e deixo o espaço para que Ariane entre com a toalha. Adriano sai do banheiro e diz que eu posso ficar à vontade para acompanhá-los. Ariel é levado para o quarto pela mãe e eu os acompanho, ficando em pé ao lado do trocador acoplado ao berço. Adriano diz para a esposa que vai fazer o gogó, ele pergunta se seria melhor adicionar pedaços de fruta, Ariane diz que não precisa. Ela pede para que ele esterilize o recipiente do suco que ela havia utilizado antes.

Ariane vai enxugando Ariel devagar e conversando com ele. Este começa a chorar, mas logo se acalma e olha para a mãe compenetrado. A mãe pega uma pomada e passa ao redor do pênis e ânus de Ariel, este olha para mim algumas vezes e Ariane diz como se falasse pelo filho "*Quem é essa estranha que não é daqui? Eu não vejo ela por aqui*". Apesar do clima de ternura nos contatos com o bebê que estava observando até então, ao escutar a mãe falar isso sinto uma tensão no corpo e associo isto com a percepção de um estranhamento ou desconfiança por parte da mãe e também do bebê em relação à minha presença.

Após colocar a fralda, ela pega um cotonete e limpa delicadamente a orelha do filho dizendo "*eu gosto tanto desse negócio fazendo um carinhosinho no meu ouvido*". Ela está debruçada, falando muito próximo ao ouvido dele de forma vagarosa e terna. Ariel parece calmo e deleitado com o contato. Adriano aparece dizendo que o gogó já está pronto e segura o filho, enquanto a esposa penteia os cabelos dele com uma escova.

Após a higienização e troca de roupa de Ariel, retornamos à sala e Ariane senta-se com o filho no sofá. Adriano entrega para ela a mamadeira, ela segura a mamadeira para que ele comece a comer. Ariel suga vorazmente o bico da mamadeira, precisando que a mãe retire-a de sua boca várias vezes para que ele respire. Ariane comenta que aos 4 meses e meio seu seio começou a secar e aos 6 ela quase não dava mais o peito, tinha virado mais um "*chameguinho*". Ariel estava tomando o leite artificial, ela também fala novamente que está acrescentando a alimentação complementar.

Ariel termina a mamadeira e começa a morder um de seus brinquedos de borracha, em seguida ele procura pelo seio da mãe que oferece o peito esquerdo ao filho, trocando de posição para o seio direito, que ela achava ter algum leite. Ariane diz que sentiu muito quando teve que parar de amamentar, porque ela queria ter amamentado até os 6 meses, mas o leite havia secado

e completa "*é muito bom esse vínculo*", olhando para Ariel. Enquanto mama ele passa uma das mãos pelo rosto e pescoço da mãe.

4ª observação – Tarde

Neste dia mãe e filho estão gripados. Ariane coloca o termômetro em Ariel e vê que ele está com 37.3. Adriano pergunta para ela o que pode ser isso. Ela diz que é a febre mesmo, ou o dente nascendo, ou as duas coisas juntas, respondendo de forma um pouco ríspida. Ele vai instalando o nebulizador e segura o filho para começar a nebulização, Ariel abre a boca querendo morder a máscara de plástico. Ele volta a chorar e o pai pergunta se não seria o caso de dar um banho nele. Ariane pega o filho e caminha pela sala, balançando-o e tentando acalmá-lo, mas ele chora sem parar e nada mais parece acalmá-lo.

Adriano vai montar a banheira no banheiro e insiste para que o filho tome banho. Ariane ignora o marido e não responde, nesse momento eu me pergunto se ela acha que essa não seria a melhor maneira de ajudar o filho, ou se seu silêncio é o reflexo de sua indecisão quanto ao que fazer, mas ao mesmo tempo também uma recusa em admitir essa incerteza. Ela entrega Ariel a Adriano que segura o filho, também balançando-o e tentando acalmá-lo.

Ariane volta com outra roupa mais apropriada para amamentar e senta com o filho. Ela o coloca junto ao seio e ele, mesmo relutante no começo, começa a mamar e para de chorar. Adriano limpa algumas peças do nebulizador que estavam sujas e ajusta o soro. Quando o nebulizador funciona normalmente ele entrega a máscara à esposa que a põe próxima ao rosto de Ariel, nesse momento vejo de forma mais nítida que ele não está respirando bem.

Passados cerca de 40 minutos de observação, Adriano comenta "*estão os dois derrubados*" e Ariane complementa "*quando a gente tá assim, só quer cama*". Este diálogo me pareceu direcionado ao incômodo da minha presença num momento de fragilidade entre mãe e filho. Considero, portanto, o fato de Ariane e Ariel estarem doentes e, em vista da situação visivelmente incômoda para a família, pondero no momento que seria mais adequado encerrar a observação 20 minutos antes.

5ª observação – Manhã

Ariane senta-se com Ariel no sofá, eu me sento ao lado dos dois e Adriano vai à cozinha e volta com a mamadeira. Ariane relata que no dia anterior havia ido ao trabalho e de lá ligou para saber como o filho estava (se ele havia feito cocô, chorado etc.). Adriano havia dito para

ela que estava tudo tranquilo. Quando ela chega em casa reencontra o filho e observa que ele estava com a barriga vermelha. Ela diz que inicialmente pensou que o marido tivesse arranhado o filho com a barba ao brincar com ele, de acordo com ela às vezes a barba furava. Ela perguntou a Adriano se Ariel estava vermelho por causa da barba e ele disse que não. Depois de pouco tempo ela percebeu que várias manchas vermelhas apareceram pelo corpo todo de Ariel. Ela achou que pudesse ser alergia ao novo leite, ou podia ser ainda sequela da gripe. Adriano traz outra mamadeira e Ariel estica os braços, agitado. O pai comenta "*Que fome, pai!*".

Ariel suga a mamadeira avidamente e Ariane tem que tirar a mamadeira algumas vezes para que ele respire. Ela pede para o filho ter calma e me olha sorrindo. Ele vai sugando todo o líquido e ela diz que ele vai chorar quando terminar querendo mais, mas ele não chora. Ela o põe em pé em seu colo e com o rosto de frente para a janela. Ele parece entretido com algo lá fora e pula algumas vezes no colo da mãe. Ariane diz "*não pula filho, vai colocar tudo pra fora*". Ariel olha para a mãe e fica mais quieto. Adriano vem da cozinha e chama a atenção do filho fazendo brincadeiras, Ariane diz "*não agite ele não mô, ele acabou de comer*", ele interrompe a tentativa de brincadeira.

Adriano e Ariane pedem licença para tomar café da manhã e me perguntam se eu quero me juntar a eles, eu digo que já comi. Ariane põe Ariel na cadeirinha que está no chão de frente para a mesa e eles se sentam para comer. O casal frequentemente fala ou interage com o filho, trocando sorrisos, colocando a cadeirinha dele para balançar (Ariane) e fazendo sons de que está comendo algo saboroso (Adriano). Ariel enquanto olha para os pais segura os pés, segura a fralda de pano que está com ele e põe a mão na boca várias vezes. Adriano também brinca um pouco de esconder e achar usando a fralda.

Após tomar seu café da manhã, Adriano senta-se no chão encostado na parede e com o filho no colo. Enquanto ele fala comigo, Ariel morde os dedos do pai. Ariane também termina de comer e vai para o quarto atender uma ligação. Adriano põe o filho de pé e Ariel dá passos desequilibrados. Adriano fala "*eu nunca vi a pessoa querer andar sem ter aprendido a sentar*" e põe o filho sentado. Ariel balança para os lados e para trás sem equilíbrio. O pai beija o pescoço do filho e faz cócegas, ele sorri e olha para o pai. Passando a fralda pelo corpo do filho, Adriano o põe de pé novamente, desta vez segurando Ariel através da fralda, ele dá alguns passos.

Ariane volta à sala e chama por Ariel, escondendo-se por trás da mesa. Este escuta a voz da mãe, mas não consegue identificar onde ela está, até que ela aparece em seu campo de visão dizendo "*Tô aqui, mãe*". Ele ri com a brincadeira e ela senta-se no chão, juntando-se aos dois.

Ariane brinca com o filho chamando-o de "*gostoso*" várias vezes. Ariel ri muito e dá passos na direção da mãe, esticando os braços e segurando-a pelos cabelos. Adriano continua a segurá-lo pela fralda e ri da brincadeira entre esposa e filho.

Ariane pede para que o marido deixe de segurar o filho assim, pois pode machucá-lo, ele volta a segurar Ariel com as mãos, ela diz "*tá vendo, ficou vermelho*", apontando para o lugar onde estava a fralda, Adriano parece constrangido com o comentário, mas não fala nada. Os dois continuam fazendo várias brincadeiras de chamar o filho e interagir com ele. Percebo que Ariel olha em direção a ambos os pais quando eles falam. Às vezes de forma contemplativa. Ariane se levanta e brinca de fingir que vai pegar o filho, ela vai na direção do filho, que ri em expectativa, Adriano manipula as pernas e braços do filho como se simulasse por Ariel os movimentos que o ajudariam a se proteger. Ariane faz várias vezes a brincadeira e Adriano continua manipulando o corpo de Ariel, algumas vezes de forma brusca, Ariane pede para o marido ter cuidado e vai à cozinha.

6ª observação – Manhã

Adriano está sentado com o filho no tapete emborrachado na sala. Ariel está deitado sugando absorto um brinquedo e o pai chama sua atenção dizendo "*desistiu, foi? Hein preguiçoso?*" Adriano aproxima o rosto do filho e começa a beijar sua orelha. Ariel fica rindo. Adriano beija a barriga do filho e diz "*tu sabia que é o amor da vida do painho?*" Ele põe Ariel sentado novamente e fica beijando seu pescoço, este chora e o pai logo fala "*já sei, foi a barba, né? Pronto, pronto*". Ariel para de chorar. Adriano se senta e segura o filho em pé, ele anda na ponta dos pés e olha na direção da cozinha. Adriano diz "*Cadê a mamãe?*", Ariel sorri. Ariane vem até o filho e diz "*Cadê a mainha?*", Ariel sorri e ela volta à cozinha.

Adriano permanece com o filho no tapete. Ele se deita e Ariel bate na barriga do pai, que está sem camisa. Adriano deixa o filho à vontade e Ariel aproxima o rosto da barriga do pai, tentando mordê-lo. Adriano sorri. Ariane vem da cozinha com várias roupas nos braços e as coloca no sofá. Ela vai dobrando e falando com o filho. Ariel sorri animado e olha atento para as roupas que estão sendo dobradas pela mãe.

Adriano pega Ariel nos braços brincando de aviãozinho. Ariane pede para o marido ter cuidado e ele responde como se falasse pelo filho "*Ela não entende que é com emoção, né pai?*". Ele para de fazer a brincadeira e apenas segura Ariel de pé, este olha para a mãe balbuciando. Eles comentam que o filho está querendo falar mamãe. Adriano brinca dizendo

que tem um acordo com o filho. Ela pergunta "*que acordo?*" e ele responde "*30 ml de suco de manga de manhã, se falar primeiro papai*".

Ariane não fala nada e faz uma expressão séria, fico em dúvida se a expressão é de brincadeira ou se ela ficou de fato com raiva pelo comentário. Em dado momento Adriano solta uma das mãos de Ariel e ele quase cai para a frente. Ariane segura-o rapidamente e diz "*cuidado, mô*". Adriano parece constrangido e deixa que a esposa segure o filho, mas ela pede para que ele continue segurando, pois ela precisa organizar a roupa limpa. Ele segura o filho novamente e brinca balançando-o. Ariel começa a rir, mas depois abre os olhos como se estivesse assustado. Ariane diz "*Devagar, pai*".

Adriano se levanta para ir à cozinha e me diz que na semana seguinte eu teria que ir pela noite, pois Ariane iria assumir a carga horária dos dois empregos, ficando com as manhãs e tardes indisponíveis. Ariane acrescenta com uma expressão de pesar e com os olhos lacrimejando que não sabe como vai ficar esse momento de separação. Diz que até os 7 meses sempre foi "*eu e ele*" e agora não ia ser assim. Diz que também fica preocupada para ver como vai ser e que esse processo está sendo doloroso. Ela comenta "*não tem como definir o que uma mãe sente por um filho*". E continua, agora dirigindo-se ao filho "*eu fico com o papai, mas não é a mesma coisa*".

7ª observação – Manhã

Pai e filho estão na sala assistindo TV, enquanto Ariane lava pratos na cozinha, Adriano percebe que o filho está de cocô e Ariane pergunta se ele já fez tudo, ele confirma. Pai e filho se encaminham para o quarto do bebê e Adriano deixa que eu os acompanhe para ver a troca da fralda. Ele tira a fralda do filho e pergunta se ele ainda vai fazer mais. Ariel tem suas pernas dobradas e pressionadas contra sua barriga pelo pai (ação que eles chamam de pedalinho), ele não faz mais cocô. Ariel me olha curioso e eu sorrio, ele sorri também.

Adriano tira a fralda suja dizendo que não está muito cheia. Ele pega um pedaço de algodão, molha em uma pequena vasilha com água e vai limpando a bunda de Ariel. Fazendo isso calmamente e falando com o filho em tom brincalhão. Ariel ora se vira inquieto, ora presta atenção ao pai sorrindo. A higienização termina e o bebê é levado pelo pai para ser lavado na pia da lavanderia ao lado da cozinha. Acompanho-os e observo, enquanto Ariane fica ao meu lado. Nesse momento começo a ter a impressão de que Ariane está incomodada com algo. Ela pergunta se o filho havia feito mais cocô, Adriano responde que não e ela pergunta também se ele havia feito o pedalinho, ele responde que sim.

Enquanto fala com a mulher Adriano vai jogando água e ensaboando Ariel. Ele se diverte ao ver a reação do filho ao receber a água fria em seu corpo. Ariane diz que ele não precisa ensaboar demais, porque ela já havia dado banho nele. Adriano termina de lavá-lo e Ariane pega o filho com a toalha, saio da cozinha e dou espaço para que ela passe e volto a me sentar no sofá.

Adriano segue para o quarto para pôr a fralda em Ariel e eu permaneço na sala esperando que eles voltem. Ariane vai à cozinha e do sofá escuto Adriano rindo e falando com Ariel. Nesse momento, apesar de ter acompanhado a díade pai-bebê antes, sinto que devo permanecer onde estou. Como uma espécie de paralisação corporal. A ideia predominante que me acomete é que eu não poderia estar onde Ariane não estava. Decido então permanecer na sala e Ariane vem da cozinha dizendo que irá desfazer a árvore de natal.

Adriano aparece com Ariel de fralda. Ariane fala "*tu ainda tava aí*?", Adriano parece se justificar dizendo que quando estava nos 45 minutos da fralda, Ariel havia feito xixi e ele teve que pôr uma outra. Ele ajeita o filho no sofá, rodeando-o com almofadas para que ele não caia e pede para que a esposa o olhe, pois ele precisava fazer uma ligação.

Ariane senta-se no chão da sala e coloca Ariel no de pé no chão, com as costas apoiadas no sofá, Adriano depois de pouco tempo senta-se no puff ao lado dos dois. Ariane diz para Ariel abraçá-la, ela abaixa a cabeça e ele põe a boca em seus cabelos, puxando-os também com as mãos. Ela levanta o rosto e ele continua a tentar morder o rosto dela. Ele faz força com as pernas e acaba empurrando-a, ela diz "*assim não filho, carinho*". Ariel põe novamente a boca no cabelo dela.

Ariel está de pé de frente para a mãe, enquanto Adriano canta uma música do canguru e Ariel começa a se agachar e levantar, a mãe o segura atenta. Depois de um tempo segurando ele nesse movimento Ariane diz que está com os braços cansados. Ela pega a fralda e põe na cabeça de Ariel, escondendo-o. Ele puxa a fralda e ela brinca dizendo que o encontrou. A brincadeira é repetida várias vezes. Ariel parece se divertir muito e ela sempre espera que ele puxe o pano. Em uma das vezes ele demora a puxar e ela continua a chamar, esperando que a iniciativa seja do filho. Adriano diz brincando que está ficando angustiado com a espera, depois deles chamarem algumas vezes, ele acaba conseguindo puxar o pano.

A mãe também põe o pano em sua cabeça pedindo que o marido preste atenção em Ariel enquanto ela se esconde. Adriano se aproxima para ficar mais perto. Ariel também puxa o pano da cabeça da mãe e sorri ao revê-la. Ariane sugere "*vamos esconder o painho*". Nesse momento Adriano sai do puff e senta-se ao lado dos dois no chão. Ela coloca a fralda na cabeça dele e os

dois ficam perguntando para Ariel "*Onde tá o painho*?". Ariel também puxa o pano da cabeça do pai e os três sorriem. Ariane continua a brincadeira dizendo "*vamos os três pra caverna*" e põe a fralda na cabeça dos três, depois eles tiram o pano e saem sorrindo.

8ª observação – Noite

Os três estão no tapete, enquanto estou sentada numa cadeira próxima. Adriano está deitado de frente para Ariane e Ariel, este está sendo apoiado nas costas pela mãe. Ela põe o filho sentado e percebo que ele está sem apoio. Comento isso e Ariane confirma que ele já está conseguindo sentar sozinho. Adriano vai entregando brinquedos ao filho e conversando animadamente. Ariane me conta que começou a trabalhar nos dois horários com um ar de pesar. Ariel está ficando com o pai por enquanto.

Adriano comenta que estava falando com a vizinha e ela disse "*esse menino é filho só de pai, porque é a sua cara*". Percebo que Ariane não reage ao comentário. Ariel se movimenta por cima das pernas da mãe e ela o incentiva a engatinhar. Ela segura-o em pé e vai incentivando ele a andar na direção do pai. Este estica os braços e chama o filho. Ariel dá um passo, mas tem dificuldade de dar outro, a mãe incentiva "*vai filho, o outro pé*". Ela espera pra ver se ele anda e toca na perna dele dizendo "*esse, filho*". Ariel dá um passo curto e ela diz "*isso, filho*".

Ariel inclina o corpo na direção do pai e se debruça sobre seu tórax. Ariel põe a cabeça perto do peito do pai que diz "*esse não tem leite não, filho*". Ariane segura Ariel novamente e Adriano vai cantando várias músicas, enquanto o filho o olha sorrindo. Em alguns momentos Ariel olha em minha direção e contrai a boca de um jeito específico emitindo balbucios, ele também faz besourinho (ruídos que parecem de besouro emitido pelo movimento dos lábios) várias vezes. Adriano diz que agora ele fazia besourinho para tudo, "*quando tá com raiva, com fome, alegre. Tudo era besourinho*".

O pai comenta que na pediatra tem uma lista de tudo que a criança faz de acordo com a idade e que o besourinho estava na lista. Ele diz que foi tomar banho com o filho e que ele havia feito a maior molhadeira batendo na água, agora ele não ficava mais sentado, só queria ficar em pé. Adriano também diz que agora toda tarde faz treinamentos com o filho.

Ariane fica calada durante boa parte do tempo e apenas observa. Ela parece muito cansada e sem energia, bocejando várias vezes. Ela abraça Ariel e diz "*dá um abraço na mãe, filho*". Ele fica abraçado por pouco tempo, logo mostrando-se inquieto.

9ª observação – Noite

Ariel está sentado na cadeirinha de frente para a mãe, que está sentada no sofá. Ela recebe de Adriano um prato de plástico com mamão em uma consistência pastosa. Nessa observação Adriano passou a maior parte do tempo lavando pratos e preparando o jantar.

Ariane pega um pouco de mamão na colher e vai colocando na boca do filho. Este abre um pouco a boca e ao receber o alimento faz uma careta de desagrado. Ela vai conversando com ele, enquanto vai seguidamente oferecendo a fruta. "*Come, filho*", "*tem que comer*". Ariel não abre a boca e resiste a receber o alimento virando-se para olhar a televisão que está ligada. Ariane aproveita os momentos em que o filho abre a boca para fazê-lo comer. Ela diz "*fui mais rápida que você*" e dá uma risada, ele come, mas continua fazendo caretas e fechando a boca em resistência.

Ela desliga a TV para que ele se concentre no que está fazendo e fala de uma forma melódica "*a mamãe precisa insistir e não vai desistir, você é muito miúdo para saber o que quer*". Ariel vai aceitando algumas colheradas e abrindo a boca. Logo em seguida ele começa a rejeitar o alimento, a mãe diz que precisa insistir e põe a colher perto da boca dele, dizendo "*mamãe vai esperar você comer*", mas ele não abre a boca e começa a chorar um pouco. Ariane pede para o marido trazer algo para limpar o filho, ele traz papel-toalha e limpa o rosto de Ariel, dizendo "*pronto, limpo como brilux*".

Ariane diz "*eu me sinto impotente*", Adriano responde "*ô amor tem que ter paciência*". Ela diz "*eu tenho, mas ele não come, com 8 meses já devia tá fazendo isso*". O pai diz que eles podem ir tentando outros alimentos até que ele consiga comer algum.

Ariane pega Ariel nos braços, apoiando-o sentado junto ao seu corpo e com uma das mãos vai oferecendo a colher. Ariel afasta a mão da mãe repetidamente e começa a chorar. Quando ela insere a colher com mamão enquanto ele chora, o choro se intensifica mais ainda. Ele começa a regurgitar o alimento. Depois de algumas tentativas a mais com a colher e com o dedo ela para de insistir.

Ariane retira a camisa do filho enquanto o limpa e depois leva-o para o banheiro para lavar o rosto dele. Ela pergunta para Adriano que horas ele deu banho, Adriano está fazendo a vitamina no liquidificador e não escuta. Depois de um tempo ele desliga o aparelho e ela pergunta novamente "*preto, que horas você deu banho?*". Ele responde que deu banho às 3 da tarde. Ela vem do banheiro com Ariel e diz "*olha ela aqui, é Carine*", Ariel me olha e sorri, eu sorrio também. Esta foi a primeira observação em que senti a mãe relaxada e à vontade com a minha presença, apesar da tensão demonstrada pela frustração em não conseguir alimentar o

filho. Ariane vai até a cozinha perguntando ao marido se ele achava que Ariel devia tomar banho ou tomar a vitamina primeiro. Adriano não responde, mas entrega a mamadeira à Ariane, dizendo que acabou fazendo um pouco a mais do que a medida certa.

10ª observação – Noite

Estou no quarto com mãe e bebê, Ariane realiza a higiene de Ariel. Ela pega um cotonete e diz para o filho que vai limpar seu nariz. Ariel fica inquieto enquanto a mãe o limpa e ela pede que ele tenha um pouco de paciência. Ela faz algumas brincadeiras e canta, ele sorri. Ela vem para o lado do trocador para limpar a orelha do filho, depois volta para a posição anterior e limpa a outra narina e a outra orelha.

Ariane comenta que está menos cansada que na semana anterior e que, apesar da correria, está se acostumando à nova rotina. Ela pega a escova e começa a pentear o cabelinho de Ariel. Ao terminar ela põe o filho nos braços. Ele se inclina em minha direção e eu o seguro em meus braços dizendo que ele estava cheiroso. Ariane me olha sorrindo e atenta à reação do filho, Ariel me olha e sorri.

Ela vai ao quarto ao lado e eu a acompanho, dizendo "*vamos atrás da mamãe*", continuo segurando ele e me encaminho para a sala, Adriano nos vê e parece se surpreender por eu estar segurando Ariel. Ele fala com o filho de forma carinhosa. Ariane passa para a cozinha e Ariel se inclina na direção do pai, eu o entrego a Adriano.

Sento-me no sofá e Ariane, que estava na cozinha, pega o filho novamente e senta-se ao meu lado. Ela dá vários abraços em Ariel que retribui o carinho pondo a mão em volta do pescoço da mãe e abraçando-a também. Ela conversa com ele, este emite vários balbucios. Ela diz "*e foi, filho? Tá contando pra mamãe como foi o dia, é?*".

Ariel se movimenta no colo da mãe, ela resolve colocá-lo em pé no chão e segurá-lo pelos braços. A mãe canta músicas e Ariel se agacha e levanta várias vezes, enquanto olha a mãe sorrindo, abrindo a boca e salivando muito.

Ela diz "*é sexta-feira filho, eu vou ter amanhã e depois de amanhã para ficar com você*", diz também que iria fazer uma faxina naquele dia para não ter que se preocupar com isso depois. Após algum tempo, Ariel começa a chorar, sua mãe diz "*eu já sei o que você quer*". Ele puxa a roupa da mãe procurando o seio e ela olha para mim sorrindo. Permanecemos em silêncio a observar Ariel mamar e ambos parecem bastante relaxados, o que também me dá uma sensação de conforto. Ao ser colocado para mamar ele se acalma, tocando com uma das mãos o pescoço da mãe. Esta pega a mão dele e a beija. Eles permanecem com as mãos unidas.

Após se satisfazer, ele para de mamar. Adriano vem da cozinha falando em um tom carinhoso "*tá com saudade do paizinho, é filho?!*", Ariel sorri e emite alguns balbucios, olhando atento para o pai. Ariane sorri olhando para o filho. Adriano estende os braços e segura o filho em pé no braço do sofá.

Ariel, que está com a cabeça na altura do peito do pai, aperta os mamilos de Adriano com força, este sorri se esquivando e dizendo "*esses parecem com os da sua mãe, mas não tem leite não*".

11ª observação – Manhã

Estou no sofá e Ariane na cozinha lavando pratos. Ariel e Adriano estão sentados no chão da sala ao meu lado. Ariel começa a se agachar e levantar e o pai acompanha o movimento cantando "*zigue-rigue-dum, zigue-rigue-dum...*". Ariel sorri e olha para o pai enquanto continua a se agachar e levantar várias vezes. De repente ele mantém-se em pé e Adriano para de cantar e diz "*perna dura!*". Ele se aproxima do pai e este faz caretas mexendo a boca. Ariel fica inquieto e Adriano comenta "*é só a barba crescer um pouquinho e tu não quer saber mais do teu pai, né?*".

Ariel me olha curioso e sorrindo. Adriano tira a chupeta dele e ele dá um novo sorriso para mim. Adriano sorri e diz "*tá rindo pra tia Carine, é?*", Ariel se inclina em minha direção e o pai o aproxima mais do canto do sofá onde estou. Ariel olha para minha bolsa e Adriano diz "*tu quer pegar a bolsa da tia Carine, né?*". Ele vem em minha direção e inclina os braços para que eu o pegue. Eu digo "*você quer vir pra cá, é?*" e pego ele nos braços deixando-o em pé apoiado em minhas pernas. Ariel segura alguns fios do meu cabelo e toca em meu rosto como se estivesse me investigando, eu o observo sorrindo. Ele se inclina para baixo e eu o ponho sentado no meu colo, numa posição de frente para o pai. Ele encosta a cabeça em meu peito e depois me olha curioso. Quando ele começa a se movimentar inquieto eu o ponho em pé no chão perto de Adriano, este pega novamente o filho nos braços.

Adriano põe Ariel de frente para si de pé. Este começa a se agachar e levantar novamente, enquanto o pai repete a música do zigueriguedum. Esta parece ser uma interação recorrente entre eles, Ariel movimenta-se no ritmo da música. Ele para e o pai repete "*perna dura*", o movimento lúdico é retomado. Adriano fala "*bate palma, filho*" e canta o parabéns, Ariel começa o movimento de unir as mãos para bater palma, mas antes de fazer isso volta a se agachar e levantar. Adriano ri da artimanha do filho e canta outras músicas, enquanto Ariel se movimenta sem parar.

12ª observação – Noite

Estamos no quarto de Ariel, este está deitado no trocador e o pai o enxuga calmamente. Ariel olha para o pai e empurra-o esticando as pernas. Adriano pega a pomada e passa nos genitais e no ânus do filho. Ariel se movimenta e emite alguns balbucios, Adriano diz "*calma pai, deixa eu terminar isso*". Ele termina de pôr a pomada e coloca a fralda, em seguida pega um cotonete, debruçando-se sobre o filho para limpar suas orelhas. Ariel movimenta a cabeça tentando se esquivar e fica muito vermelho. Adriano termina de limpar e avisa para o filho que naquele momento ia começar a parte que ele não gostava, mas que tinha que limpar a sujeira do nariz.

Nesse momento Ariane aparece e pega um cotonete. Enquanto ela limpa, Adriano e eu observamos. Ariel parece calmo enquanto espera que a mãe o limpe. Adriano põe uma cueca no filho, enquanto Ariane termina de higienizar o nariz e penteia os cabelos do bebê, pegando-o nos braços em seguida. Ariel nos observa e se inclina em minha direção, esticando também os braços para que eu o pegue. Eu o seguro enquanto nos olhamos. Ariane fala "*olha como está atirado*". Ela diz também "*tá vendo tia Carine, como eu cresci desde que você chegou aqui*".

Nos dirigimos à sala e lá eu entrego Ariel à mãe. Ela diz para o filho que vai desligar a TV para eles brincarem um pouco. Eles se sentam no tapete emborrachado e ela vai entregando brinquedos. Ariel pega uma chupeta que estava no tapete, mas não a põe na boca, a mãe pontua para mim que o filho não é viciado em chupeta, pois se fosse já a colocaria na boca de imediato.

Ela me conta que Ariel está comendo um pouco melhor. Ele procura o seio da mãe, mas ela diz que não vai dar, porque agora que os dentes estavam crescendo ele ficava mordendo o seio. Adriano pede para a esposa pôr Ariel na cadeirinha. Ele se aproxima com um pratinho contendo mandioca cozida. Os dois ficam de frente para a cadeirinha e sentados no chão. Ariane vai dando comida numa colherzinha. Adriano diz que naquele dia Ariel havia comido outros alimentos e que ele filmara para mostrar à esposa.

Ariane vai dando a mandioca e Ariel come em seu ritmo, colocando às vezes um pouco de comida para fora. Adriano sugere que ela coloque a colher na parte inferior da boca e depois incline-a para cima, desse jeito entrava mais alimento. Ela faz o indicado e isso parece de fato fazer com que uma porção maior de comida entre na boca de Ariel. Ariane pergunta se o marido havia posto leite na mandioca e ele confirma. Diz também que comprou batata e beterraba para oferecer no dia seguinte. Ariane espera um pouco para dar outra colher com mandioca para Ariel e Adriano insiste para que a esposa dê o alimento logo. Ela diz para ele ter calma e esperar Ariel terminar de mastigar. Adriano vai à cozinha e Ariel o acompanha com o olhar.

Observando o pai à distância várias vezes durante essa visita. Ariel emite balbucios e os pais entendem que ele está reclamando para comer mais. Adriano comenta "*quando que a gente ia ver Ariel reclamando pra comer mais?!*". Ele parece feliz e diz várias vezes que é a coisa mais linda ver o filho comendo.

História Familiar

Estrutura familiar de origem paterna

Adriano relata que seus pais se divorciaram quando ele tinha 7 anos. Ele possui um irmão mais novo e dois meios-irmãos provenientes de uma segunda relação do pai. A mãe de Adriano não se casou novamente após a separação.

Ao descrever a relação com o próprio pai, Adriano explica que após o divórcio ele basicamente se comunicava com o pai por telefone, este só comparecia em eventos como aniversário, natal e dia das crianças para visitar ele e o irmão. Adriano ressalta, porém, que sempre teve uma relação próxima com o pai e que nos últimos 6 anos houve uma reaproximação presencial entre os dois, no geral a relação pai-filho foi declarada como bastante amistosa.

O afastamento da interação presencial também foi decorrente de ordenamentos da mãe de Adriano, pois esta não queria que os filhos convivessem com a madrasta (atual companheira do pai de Adriano). Por meio de conselhos de Ariane, Adriano repensou sua relação com o pai e resolveu tentar se relacionar de outra forma com a madrasta, algo relatado como um acontecimento recente. A relação com a madrasta também é considerada amistosa, mesmo que a mãe de Adriano continue não concordando com essa aproximação.

A relação com a própria mãe é descrita por Adriano como muito próxima, mas após o divórcio, em função de viagens recorrentes de trabalho nos interiores de Alagoas, Adriano e o irmão foram criados por telefone por essa mãe, que convivia com os filhos mais nos fins de semana. Quando questionado sobre quem ficava com ele e o irmão durante a semana, Adriano explica:

> É, eu e meu irmão. Aí a gente tinha uma pessoa pra fazer faxina, fazer a comida da semana e aí eu fazia feira, eu pagava conta, eu levava o meu irmão no colégio. E aí assim, me tornei pai com 12 anos, 12, 13 anos. (P1, Entrevista)

E enquanto a relação mãe-filho é descrita com qualificativos como boa e comunicativa, a mãe é também referenciada como uma pessoa "*sisuda, de personalidade forte e muito*

autoritária" (P1, Entrevista). Adriano também relata que ela só voltou a conviver diariamente com ele na idade de 24 anos, o irmão estava com 21. De acordo com o participante eles já estavam "*criados*", "*mas, foi massa quando ela voltou que a gente pode restabelecer a família física né, que a gente tinha...essa distância territorial atrapalhava um bocado*" (P1, Entrevista).

Estrutura familiar de origem materna

Ariane é filha de uma união que gerou mais dois filhos, um irmão e uma irmã mais velhos. Os pais de Ariane se divorciaram quando ela tinha 6 anos e o pai arranjou uma nova companheira, com a qual teve mais dois filhos. A mãe de Ariane teve um segundo casamento, que durou 11 anos e separou-se novamente.

Ao se remeter à relação com o pai Ariane descreve-a como uma relação "*de final de semana*" (M1, Entrevista), cuja frequência era quinzenal. Aos 16 anos ela resolve morar por um tempo com o pai e permanece residindo com ele até os 21. Quando questionei se essa mudança teria se dado por uma tentativa de reaproximar-se do pai, Ariane respondeu: "*Foi, foi uma tentativa de ver como seria o meu relacionamento com o meu pai e tentar, na verdade eu não sei lhe dizer assim o porquê de eu ter ido, foi mais uma tentativa realmente*" (M1, Entrevista).

Ao descrever características da relação pai-filha Ariane qualifica-a como tranquila, mas ao mesmo tempo também diz não haver muita aproximação e menciona uma cobrança pela presença mais ativa do pai na vida dela e dos irmãos. Sobre esta cobrança a participante relata:

> Eu cobro muito a presença dele. Com os três filhos anteriores, porque tem mais dois filhos. Eu acho que eu sou a que cobro mais, ele é meio frio. Ele não é um pai que é muito, aquele pai de aconchego e tal, não. É o pai do quando você tá precisando ele tá lá, ele dá o suporte, mas em relação à emoção não existe muito isso, é muito frio, eu busco muito isso nele, até hoje. (M1, Entrevista)

Sobre a relação mãe-filha Ariane diz que, apesar de ter convivido com a mãe mais tempo, haviam conflitos relacionados a diferenças de opinião e personalidade. Ariane diz que isso foi atenuado após a independência e a saída de casa, mas que no geral a relação com a mãe é descrita como boa e tranquila.

Estrutura familiar – Atualizações

Gestação

O casal se conheceu em 2012 e o casamento ocorreu, aproximadamente um ano depois. Após 2 anos morando juntos, Ariane ficou grávida. Adriano diz que o sonho dele era ser pai e brinca dizendo "*eu tinha mais vontade de ser pai que de casar*" (P1, 1ª observação). A esposa, em vista desse desejo, quis fazer uma surpresa para ele e parou de tomar a pílula sem avisá-lo. Ao voltar de uma viagem de trabalho ele foi surpreendido com a notícia da gravidez. Sobre o que sentiu neste momento, Adriano descreve:

> Foi de êxtase! Foi a concretização de um sonho! Então por eu viver nessa situação de separação dos meus pais, de ter criado meu irmão, de ter perdido a minha adolescência e parte da minha infância, perdi minha adolescência toda e parte da minha infância pra poder dá atenção a ele, cobrar os estudos dele e tal a partir do meu, eu fiquei com essa... eu sempre tive vontade de ser pai, sempre, quando eu encontrei Ariane eu disse "ah agora eu vou ser pai de todo jeito!". Então no dia da notícia eu classifico como êxtase total, foi a grande notícia da minha vida, a melhor de todas, a melhor de todas, eu classifico dessa maneira. (P1, Entrevista)

Sobre a surpresa que preparou para o marido e as sensações e significados atribuídos à chegada de Ariel em sua vida, Ariane relata:

> Ele tava viajando, eu passei 7 dias com a gravidez escondida dele, eu não disse a ninguém, não disse a meu pai, não disse a minha mãe, não disse a ninguém. Eu tava esperando ele chegar, porque acho que a pessoa primordial pra saber dessa notícia teria que ser ele. É, pra mim foi um momento de muita muita alegria, porque esse era um dos meus maiores sonhos, ser mãe. Mas assim, foi uma gravidez muito planejada, a vida da gente sempre foi muito bem planejada, apesar de ter sido um curto tempo de espaço, assim da gente se conhecer, namorar, noivar e casar. Mas assim, foi muito planejada, a gente queria uma estabilidade financeira pra poder dar uma qualidade pro filho da gente da melhor maneira, então pra mim foi uma realização, mas ao mesmo tempo foi uma espera já planejada. (M1, Entrevista)

Quanto às expectativas em relação ao sexo do bebê o casal relata que, inicialmente, já havia escolhido duas opções de nomes para ambos os sexos e a informação de que era um menino gerou muita alegria em ambos. Ariane destaca, no entanto, que por ter tido um irmão mais velho e por este ser autoritário, ela preferiu no começo que fosse uma menina, mas durante a gravidez ela diz que seu "*instinto dizia que era um homem*" (M1, Entrevista) e ela ficou feliz por ter descoberto pelos exames que isso havia se confirmado. Ariane também diz que, hoje em dia, gosta muito de ser mãe de menino, ela justifica isso dizendo que as pessoas na sociedade afirmam que:

> O menino tem um carinho assim... mais com a mãe e a menina tem um carinho mais com o pai, tanto é que o Dri (Adriano) disse assim "Ah nega, se fosse uma menina, eu queria que fosse uma menina, que fosse mais carinhosa comigo e tal". Mas, acho que hoje a gente não tem muito uma distinção em relação a carinho, do Ariel não, mas ele é muito carinhoso comigo, então eu acho que é bem isso. (M1, Entrevista)

Ao longo do período gestacional Adriano diz ter participado ativamente do processo cuidando de Ariane, participando das compras para o bebê, indo às consultas pré-natais, tirando dúvidas, marcando e acompanhando todos os exames e ultrassons. Este pai relata que quis participar desse momento familiar e comenta que ao receber a notícia da gravidez passou a noite sem dormir e pensou "*agora eu sou pai, se eu sou pai, eu vou ser um pai de verdade*" (P1, Entrevista). Há também a menção a um excesso de cuidados e proteções, que Adriano diz terem sido regulados por Ariane em vista de sua ansiedade.

A gestação também foi associada a uma forma de asseguramento do status de família por Adriano. Ele diz que durante esse período o casal ficou mais unido do que já era e houve um reforço nas trocas afetivas. Adriano até ressalta que sempre falava para todo mundo "*que a mulher mais linda do mundo é a mulher grávida*" (P1, Entrevista) e completa dizendo que ver o "*barrigão*" da esposa o fez se sentir "*extremamente realizado*".

Ariane diz ter tido uma gestação muito tranquila, apesar do enjoo inicial, e que aproveitou bastante os momentos de atenção que recebeu das pessoas. Ela menciona que às vezes se questiona se aproveitou ao máximo, pois trabalhou até os 9 meses, mas diz que sempre interagia bastante com o filho. Ela também diz que achou a participação do marido no processo gestacional "*bem legal*" (M1, Entrevista) e confirma que ele participou ativamente de tudo, às vezes de forma super protetora, mas isso era conversado e resolvido entre eles.

Ao falar de momentos significativos do período gestacional Ariane relata como foi marcante para ela sentir Ariel mexendo em sua barriga e também em como ele mexia ao ouvir a voz de Adriano, o que demonstrava que a interação não era só entre ela e Ariel, mas entre os três.

A recepção da notícia da gravidez pela família extensa foi descrita de forma positiva em geral, no entanto, Ariane esperava reações mais efusivas dos pais que, de acordo com o casal, reagiu de forma fria. A irmã de Ariane foi destacada como a familiar que mais demonstrou alegria e interesse em participar do processo gestacional.

Parto

Sobre o parto, Adriano traz a seguinte fala "*A expectativa era que fosse parto normal, mas a gente não conseguiu evoluir e aí a gente tomou a decisão de ser cesariana*" (P1, Entrevista). Adriano diz ter entrado em conflito com a sogra nesse momento, pois ela afirmou que se só uma pessoa pudesse entrar na hora do parto, ela é quem entraria, ao que Adriano respondeu "*Ah é? Quem fez foi eu, então quem vai entrar sou eu*" (P1, Entrevista). O conflito foi resolvido pela confirmação de que ambos poderiam acompanhar o parto. O momento foi filmado do começo ao fim e Ariane ainda ficou internada 2 dias até receber alta. Seguem as descrições do primeiro contato de ambos com Ariel:

> Quando eu botei Ariel no braço, caraca! Ali foi a realização, foi a vitória mesmo, foi a graça de Deus, peguei ele no braço, conversei com ele, disse a ele que a gente esperava muito ele, ele era muito sonhado, ele já era muito amado na barriga. Foi esse carinho e esse amor que eu tive com Ariel logo de cara, ele com aquele bico chorando, com aquela boca do tamanho de tudo e foi muito lindo! (P1, Entrevista)

> Quando colocaram o Ariel perto de mim, que ele tava aos prantos, quando ele saiu da barriga ele já saiu gritando e quando ele encostou em mim, ele se calou. Ele ficou quieto. Ele só escutou a minha voz e eu senti o cheiro dele. Esse foi um momento único. (M1, Entrevista)

Cuidados após o nascimento

Quando questionados sobre se tiveram ajuda de alguém durante os primeiros cuidados após o nascimento, o casal afirmou que havia planejado ficar o primeiro mês na casa da mãe de Ariane, que havia tirado férias justamente para ajudá-los. No entanto, Adriano diz que, por mais que a ajuda tenha sido muito importante para a esposa, eles sentiram-se incomodados por não estarem no próprio lar.

No décimo oitavo dia, em uma visita ocasional ao próprio apartamento para a troca de fraldas, os dois resolveram que não iriam mais voltar para a casa da mãe de Ariane. Esta, inicialmente, ficou um pouco chateada, mas depois passou uma semana na casa deles para ajudar.

Nos primeiros cuidados oferecidos a Ariel, enquanto recém-nascido, o casal diz ter recebido ajuda de vários familiares, mas Adriano diz também que eles desenvolveram um método próprio de cuidar que às vezes ia de encontro aos conselhos recebidos. Na opinião deste pai essa confiança na construção de um cuidado mais autêntico deu um caráter mais sólido à

relação com Ariel, ainda que tenha sido um período intenso e cansativo. Ao ser questionado sobre como foi a experiência dos primeiros cuidados, Adriano descreve:

> Então, eu e Ariane, minha sogra ficava até chateada, porque ela operada com ponto ainda, ela que dava banho, eu que dava banho, minha sogra praticamente não dava. Então todos os cuidados era eu e Ariane. Eu sou pai, eu queria tá perto. Então eu dormindo do lado da Ariane, Ariane dormiu do meu lado, a gente dormiu do lado do Ariel. Quando ele acordava, acordava os dois. Algumas vezes eu tava cansado pelo ritmo do dia, então ela disse "ó vá descansar, porque ele vai mamar, então é comigo", mas a gente viveu com intensidade esse primeiro momento. (P1, Entrevista)

O fato de Ariane trabalhar na área da saúde e ter tido experiências anteriores de cuidado com bebês foi considerado por Adriano como um fator que habilitou a esposa a cuidar de forma adequada, nas palavras do participante "*parecia que alguém pegou um disquete cheio de coisa e botou na cabeça dela, que ela já tinha toda noção*" (P1, Entrevista). Ariane também fala sobre a divisão de cuidados iniciais e destaca que desde o início a maioria dos afazeres eram realizados por ambos e a ajuda de familiares era periférica e restrita a momentos pontuais. A divisão dos cuidados até o momento da entrevista é descrita por cada participante como algo realizado por ambos tanto em relação aos afazeres domésticos, quanto em relação aos cuidados com Ariel, seguem os comentários de Adriano e Ariane:

> As tarefas de casa, de alimentação eu fico fazendo, enquanto Ariane tá com ele. E aí as domésticas Ariane faz outras coisas, eu fico com ele. Então a gente sempre divide bem essa situação, mas a parte de higiene, banho, cuidado, alimentar, brincar, dormir, acordar durante a noite a gente sempre divide muito bem. (P1, Entrevista)

> Eu acho que é isso mesmo a gente divide tudo na verdade, né. Tem dias que eu faço mais, tem dias que ele faz mais. É muito dividido assim, o cuidado com ele é todo dividido, não existe 'Ah você é a mãe você cuida de tudo, você faz tudo'. Não. Aqui em casa é tudo dividido. (M1, Entrevista)

7.2 Tríade 2 – Breno(P2)/Bárbara(M2)/Bruno(B2)[38]

O contato inicial com a família se deu via e-mail através de Breno. Este já respondeu me enviando o formulário de Perfil SED preenchido (o pai pertencente a outra tríade havia divulgado a pesquisa e encaminhado o formulário). Constatada a adequação da tríade aos critérios de inclusão, fiz o convite por e-mail e Breno confirmou, em nome dos familiares, o interesse em participar do estudo. O participante forneceu seu contato telefônico que era também seu número de WhatsApp. Todos os contatos online antes do primeiro encontro pessoalmente com a família se deram exclusivamente com Breno.

Em dezembro de 2015 entrei em contato para agendarmos um encontro na residência da família, no qual apresentei o TCLE (APÊNDICE C) e expliquei informações concernentes à execução da pesquisa. Breno e Bárbara assinaram seus respectivos termos e deram consentimento para que eu começasse com as visitas de observação. Estas tiveram início na semana seguinte a esse momento no mês de janeiro. Ressalto que, assim como na tríade 1, os únicos aspectos a respeito da família aos quais eu tive acesso antes dessas visitas eram os referentes às informações fornecidas no formulário de Perfil SED.

Breno e Bárbara, provenientes do Estado de Alagoas e residentes na cidade de Maceió, estavam, a época[39] do acompanhamento, com 31 e 34 anos, respectivamente. Bruno (sexo masculino) foi acompanhado dos 6 aos 9 meses. O casamento no civil se deu após 2 anos de relação e o casal já estava coabitando há 6, totalizando 8 anos de relacionamento. Breno informou ter uma carreira militar há 13 anos, formações anteriores na área de exatas e na área jurídica, além de 3 especializações *lato sensu*; e Bárbara declarou possuir uma carreira como funcionária na segurança pública há 4 anos, uma formação anterior na área de exatas e, durante a participação na pesquisa, uma formação em andamento na área jurídica. Bárbara conseguiu usufruir da licença materna durante 6 meses, acrescidas de 45 dias de férias acumuladas. Breno informou ter usufruído de licença paterna de 8 dias, acrescidas de 1 mês de férias e 3 meses de uma licença especial concedida a militares a cada 3 ou 5 anos no ofício. Não houve intercorrências durante o período gravídico-puerperal e a renda familiar estava compreendida entre 12 e 13 salários[40] mínimos. Quanto à raça Breno se declarou como branco e Bárbara como parda. Ambos afirmaram seguir a religião evangélica.

---

[38] Nomes fictícios.
[39] Dezembro de 2015 a Abril de 2016.
[40] Valor corrente no Brasil R$880,00 no ano de 2016 (Decreto Nº 8618, 2015).

No primeiro encontro com a família, enquanto conversávamos sobre detalhes referentes à pesquisa, Bruno esteve presente durante todo tempo e movimentava-se pulando ora no colo da mãe ora no colo do pai, mostrando-se receptivo e risonho. Breno também demonstrou contatos carinhosos com o filho e este pareceu gostar dos beijos que o pai lhe dava.

Perguntei ao casal como eles preferiam que ficassem os horários das visitas, fixos ou decididos semanalmente, e eles preferiram a 2ª opção, pois Breno estava com horários instáveis. Eu disse que podíamos nos encontrar em horários flexíveis, mas que seria importante que os 3 estivessem presentes. Breno ressalta que passava as tardes e as noites com Bruno e Bárbara, trabalhando de segunda a sexta até o começo da tarde e tendo os fins de semana livres; e Bárbara, durante o período de acompanhamento, ficou afastada do trabalho até fevereiro, retomando em seguida uma rotina na qual ela comparecia ao trabalho de forma alternada (dia sim, dia não). Destaca-se também que nos dias em que ela trabalhava, seu expediente estendia-se do início da manhã até o começo da noite.

Durante a apresentação do TCLE (APÊNDICE C) também respondi as perguntas do casal sobre a forma de participação na pesquisa e detalhes sobre o meu percurso enquanto pesquisadora. Bruno continuava pulando no colo da mãe e Bárbara mencionou sorrindo que ele não parava. Breno esperou que o filho ficasse parado e disse "*pula pipoca, pula pipoca*" ao que Bruno voltou a pular sorridente no colo da mãe, que também sorriu com a brincadeira entre pai e filho.

Ao me despedir da família os 3 me acompanharam à porta. Toquei nos cabelos de Bruno que estava sorrindo enquanto nos olhava atento, Bárbara disse "*ele gostou da Tia*", sorrimos e eu informei que iria retomar o contato na primeira semana do ano para que iniciássemos as observações. Os contatos para agendamento, ainda que tenham se dado com a concordância de Bárbara, foram realizados exclusivamente com Breno via WhatsApp durante os 3 meses de acompanhamento.

1ª observação – Tarde

Chego por volta das 15 horas e sou recebida por Breno que me dá boa tarde e pede que eu fique à vontade. Bárbara está com o filho sentada no sofá da sala. Este sorri ao me ver e eu sorrio também. Sento no sofá e Bruno continua a me olhar atento. O casal me conta que o filho tomara duas vacinas naquele dia, uma em cada perna. Vejo que uma das pernas de Bruno está inchada, ele começa a chorar enquanto os pais vão me relatando a situação.

Bárbara tenta acalmá-lo conversando e Breno faz brincadeiras chamando o nome do filho. Bárbara me conta que Bruno acordara com muita febre naquela madrugada por conta da vacina e que ele ainda estava com febre. Bruno me olha e estica os braços em minha direção, eu seguro sua mão e ele aperta meu dedo com força.

Breno senta-se no tapete e pega o filho nos braços, colocando-o próximo aos brinquedos que estão num tapete emborrachado e colorido na sala, no tapete está também uma pequena piscina de bolinhas. Bruno é posto sentado no chão, mas continua chorando pela dor na perna, o pai tenta entretê-lo, mas ele parece sentir-se mais desconfortável ao movimentar-se e chora. Bruno vai em direção ao peito do pai e este diz "*leite não é comigo, é com ela*" e aponta para a esposa que sorri. Ela pega o filho e pergunta se ele quer mamar, colocando-o em seu seio.

Breno senta na cadeira a nossa frente e começa a falar que normalmente o filho dorme ou mamando, ou dançando. Ele põe um dvd de música e só assim Bruno dorme. Breno destaca que hoje em dia consegue entender os sinais do filho e até os tipos de choro. E continua dizendo que o choro de sono tem um som de N, que é como se o bebê colocasse a língua no céu da boca e chorasse, ele reproduz o som desse tipo de choro; diz que no choro de fome ele puxa para o som de (o); o choro de sofrimento que ele diz perceber que há alguma dor, como essa da vacina; e o choro de denguinho que é esse que ele chora um pouco e fica se esfregando na mãe. Ele sorri e diz "*É toda uma ciência*". Completa dizendo que com o tempo entendeu essas diferenças, mas que no primeiro mês ficou desesperado. Bárbara sorri e parece concordar com um gesto de assentimento com a cabeça ao comentário do marido.

Breno fala que "*mesmo quando o pai tá ali disponível, o vínculo com a mãe sempre é mais forte*". E enfatiza esta diferença dizendo que em situações normais em que o filho está tranquilo ele brinca, passeia e tenta entretê-lo de todas as formas, mas quando Bruno está com algum incômodo só a mãe mesmo, às vezes a avó. Ele brinca dizendo que "*primeiro é a mãe, depois a avó e depois eu*". Bárbara sorri.

Ele conta também que a mãe de Bárbara está com eles desde que Bruno nasceu. Esta circula em alguns momentos para estender roupas na varanda. Ela passa por mim sorrindo e eu retribuo. Breno conta que o filho não gosta de dormir só e eles, por serem pais de primeira viagem e por insegurança, preferem deixar o berço ao lado da cama do casal. Quando o bebê acorda a noite é mais fácil acalentá-lo logo para que ele volte a dormir.

Breno conta que os dois se comprometeram a cuidar sem contratar ninguém para ajudar, contando apenas com a ajuda da mãe de Bárbara. Ele diz que ter filho acaba transformando a

vida e reconhece que para a esposa tem sido mais sobrecarregado, pois era ela quem aguentava mais de madrugada e isso a deixava muito cansada.

Enquanto Breno fala, Bárbara brinca com Bruno em silêncio. Ela levanta e Breno diz que o filho está com a fralda cheia. Ele tenta colocá-lo de pé, mas Bruno emite sons de incômodo. Breno entrega o bebê à esposa e vai à cozinha. Bárbara checa a fralda e diz não ver nada sujo. Ele diz que o cocô está mais embaixo e pega novamente o filho, levando-o ao trocador no quarto.

Breno chama Bárbara rindo e dizendo que quando ele tirara a fralda, Bruno havia mijado tudo. Ela vai ao quarto e me chama para ver também. Chego lá e Breno está limpando o trocador que está molhado (o trocador é coberto por uma capa de plástico). Breno se dirige a mim e diz "*você devia ter visto o que ele fez*". Aviso ao casal que já havia chegado o momento de encerrar a visita e Breno aperta a minha mão, dizendo que foi um prazer, eu agradeço e me despeço.

Bárbara me acompanha e eu pergunto se ela está cansada (ela está com olheiras e me parece abatida), ela diz que é mais sono mesmo e que não dorme direito desde o 8º mês, pois a barriga estava grande e como ela é magra acabava pesando mais, era difícil achar uma posição boa para dormir. O elevador chega e nos despedimos.

2ª observação - Tarde

Chego à residência da família e Breno me informa que esposa e filho estão cochilando e logo devem acordar. Sento no sofá, ele na cadeira ao lado me fala que fez um experimento durante a semana e saiu sozinho com Bruno pela primeira vez, foram ao supermercado. Normalmente quando vão os três, Bruno fica chorando muito por ficar na cadeirinha e querendo ir para o colo da mãe. Ele diz que Bárbara ficou um pouco receosa do filho ficar chorando quando visse que ela não estava. Breno vai contando que, mesmo sem a mãe, Bruno não chorou em nenhum momento e que a única dificuldade que teve foi a de fazer compras enquanto segurava-o no braço, mas fora isso não teve problemas.

Ele diz passear sempre com Bruno no térreo do prédio e que o filho normalmente gosta dessa mudança de ambiente, só chorando ao final. Breno enfatiza que quando o choro começava o filho parecia desesperado e só queria a mãe. Breno começa a falar em tom mais baixo e diz que um dia quando eu tivesse filho eu iria saber como é. Porque os hormônios alteram o corpo e a percepção de si se altera, os cabelos caem, os seios se modificam, tudo muda e o nível de estresse é maior. Ele diz que a esposa era rata de academia e que hoje em dia toda a vida dela era o filho, alimentar, cuidar, dormir quando ele dorme e pronto, tudo se concentrava na relação

com o filho e nada mais existia. Ele diz que percebeu um nível de estresse muito grande e que em discussões prefere ceder para não entrar em conflito. Como ele me conta tudo isso em tom de segredo, no momento me sinto desconfortável pelo acesso a informações íntimas sem a presença de Bárbara.

Nessa hora um barulho agudo chega do quarto e Breno diz que o filho acordou. Escuto mais nitidamente Bruno balbuciar e logo em seguida ele e a mãe aparecem na sala com caras de sono, Bárbara me cumprimenta e Bruno me olha curioso, depois sorri. Breno chama o filho para os seus braços, mas este não se mobiliza em sua direção, apesar de sorrir para o pai, ele pega o filho nos braços mesmo assim e o põe em seu colo, Bárbara senta-se ao meu lado no sofá.

Breno retoma o que estava falando antes e enfatiza o nível de exaustão que era para a mulher ter que cuidar do filho o tempo todo. Ele diz que notou esse cansaço na esposa e que até a própria irmã dela também havia notado que Bárbara estava diferente. Ele ressalta que agora ela estava voltando ao seu normal, ele sorri e Bárbara também. Sinto um certo estranhamento com a reação silenciosa de Bárbara, que mesmo sendo o alvo do relato do marido não faz nenhum comentário.

Breno se levanta e brinca com o filho de forma agitada. Bárbara avisa que o filho havia comido e pede para o marido parar de balançá-lo. Ele se deita no tapete e senta Bruno em sua barriga. Este vomita um pouco em si mesmo e na camisa do pai. Bárbara vai ao quarto pegar uma fralda para limpá-los.

Bruno olha pra mim várias vezes como se estivesse curioso com a minha presença, Bárbara fala "*quem é essa tia?".* Ela pega o filho e ele fica pulando em seu colo, como estamos a pouca distância no sofá ele vem andando, apoiado pela mãe, em minha direção. Eu o seguro e ele anda sobre minhas pernas fazendo também a brincadeira de pular, olhando-me atento. A mãe diz "*tá muito enxerido*". Breno diz que o filho era mais "*enxerido*" com mulheres e que ele se identificava mais com elas, talvez porque elas lhe lembrassem a mãe.

Bárbara suspende o filho e ele abraça seu pescoço, ela o beija. Breno diz que não vê ele fazendo isso com mais ninguém, só com a mãe. Ele pega o filho nos braços e fica brincando com ele em pé, Bruno sorri muito. Breno deita com o filho sentado em seu busto numa rede que está na varanda. Depois de um tempo ele chama a esposa dizendo que Bruno havia vomitado novamente. Os dois estão rindo e Bruno olha ao redor atento, enquanto a mãe o limpa.

3ª observação – Tarde

Breno está sentado no chão e vai dando ao filho vários brinquedos. Este havia acabado de acordar. Bárbara estava ausente neste momento. Bruno olha o pai e me olha curioso, rindo em alguns momentos. Ele tenta alcançar um brinquedo que está mais longe, o pai deixa o brinquedo onde está e encoraja-o a pegá-lo sozinho. Bruno faz força nos braços, mas não consegue sair de onde está. Breno pega o brinquedo e bate com ele várias vezes no chão, tentando estimular o filho. Este continua tentando se mover sem conseguir e começa a chorar um pouco, neste momento o pai entrega o brinquedo a ele.

Breno fala que Bruno já tem tentado engatinhar e põe o filho na posição de quatro, dizendo "*mostra, filho*". Bruno faz força nos braços, mas suas pernas não se dobram, permanecendo esticadas. O pai fala com o filho chamando-o para que ele pegue brinquedos. Este continua sem conseguir se movimentar para frente, apenas mantém-se suspenso com os próprios braços e começa a chorar, demonstrando irritação por não alcançar o brinquedo ou por estar naquela posição. Breno entrega um brinquedo para ele, mas não o move do lugar, continuando a tentar estimular o filho a mover-se sozinho, Bruno vomita no tapete e o pai imediatamente o põe sentado, enquanto limpa o filho e o tapete com a fralda. Sinto um grande incômodo ao ver Bruno nesta situação em que ele dá claras demonstrações de que não quer fazer o que o pai quer. Seu vômito neste momento assinalou para mim um limite de desconforto que fez o pai finalmente interromper uma estimulação motora que não estava agradando o bebê.

Bruno ainda fica chorando um pouco e Breno o põe em seu colo, enquanto vai entregando os brinquedos. Breno se dirige a mim e diz "*quer ver algo que ele ri pra se acabar?!*" E põe o filho sentado enquanto realiza movimentos malabáricos com os brinquedos. Bruno não mostra muito interesse na brincadeira e parece não estar prestando atenção. Breno faz o movimento algumas vezes, depois para e beija o filho.

Bárbara aparece e me cumprimenta. Ela vai à cozinha e volta com uma caneca na mão, Bruno a olha atento. Ela diz que o filho precisa trocar a fralda, pois está de xixi. O interfone toca e ela diz que alguém, conhecido dos dois, está lá embaixo e que ela precisaria ir falar com essa pessoa, Breno diz que pode trocar a fralda e que ela pode ir. Ele levanta com Bruno nos braços e brinca de fazer barulhos na barriga do filho. Bárbara diz que Bruno tem chorado muito no trocador e sugere que eu acompanhe pai e filho para ver a troca da fralda.

Breno coloca Bruno no trocador e fala com ele de uma forma carinhosa. Ele ainda assim chora bastante. O pai vai tirando sua fralda e limpando-o. Bárbara, apesar de ter dito que ia descer, permanece no quarto e fala com o filho tentando fazê-lo parar de chorar. Ela também

pede para que o marido se apresse, ao que ele responde "*com você aqui, aí é que ele não vai parar mesmo*". Bruno continua chorando inquieto enquanto Breno vai colocando a pomada no filho. Bárbara continua presente tentando acalmar Bruno. Ela não parece nervosa, apenas sorri e comenta que não sabe o que tem acontecido, porque antes ele gostava desse lugar. A avó materna também para na porta sorrindo e observando. Bárbara apressa novamente o marido, dizendo que ele ponha a fralda logo. Breno diz que está tentando e sua expressão parece um pouco tensa. Ele termina de pôr a fralda e põe o filho no braço novamente, este para de chorar imediatamente.

Voltamos para a sala e Breno diz para a esposa descer para falar com a pessoa que a espera. Ela diz que volta rápido, também dirigindo-se a mim e desce. Pai e filho estão sentados no tapete da sala e depois de um tempo alguém toca a campainha e Breno diz "*abra*", vejo que uma senhora entra, ele não consegue ver da posição onde está, mas diz "*é minha mãe?*". A senhora vem andando em nossa direção, dizendo que trouxe uma surpresa para ele e que ele ia adorar. Breno me apresenta dizendo que eu sou a pesquisadora que ele tinha mencionado e que estava indo observar. Ela sorri para mim e me cumprimenta, sentando-se na cadeira em seguida. Ela fala com Bruno algumas vezes, mas ele parece não reconhecê-la.

A avó paterna vem para junto do filho e do neto no tapete e fala com Bruno pegando-o no colo. Ele se mostra incomodado, chora algumas vezes e olha bastante para mim nesse momento. A avó paterna comenta rindo "*Ele olha tanto pra ela*". Breno segura o filho no colo e ela vai mostrando as fotos que veio trazer, algumas em tamanho grande outras em tamanho normal. Bruno sorri algumas vezes ao olhar as fotos que a avó mostra, em outros momentos ele a olha com uma expressão interrogativa. Breno ao observar esta reação do filho fala "*é a vovó, filho*". A avó paterna complementa "*é a vovó que não vem tanto aqui*". Depois de pouco tempo Bárbara volta com um amigo do casal, que pelo que entendi seria seu *personal trainer*.

Bárbara conversa na varanda com a visita, enquanto segura Bruno. Breno me explica que o *personal* iria ajudar a esposa a voltar a frequentar a academia, fazendo um programa que ela possa realizar na academia do prédio. Ele também diz que isso vai ser bom para ela e explica que Bárbara sempre malhou muito antes de engravidar e que tinha o corpo todo definido, ele diz também que quis que ela voltasse para a academia para que ela retomasse sua vida social e a vida que ela tinha antes. Bárbara diz que acha que a academia do prédio não seria suficiente, apesar de ser mais próxima de Bruno, e que ela provavelmente teria que frequentar uma academia fora do prédio. Breno comenta "*acho até melhor*".

4ª observação – Tarde

Chego ao apartamento da família e sou recebida por Bárbara e Bruno. Cumprimento os dois e sento no sofá. Bárbara se senta com o filho no tapete. Este parece agitado e pula nas pernas da mãe fazendo barulhos e sorrindo, por vezes me olhando e esticando os braços em minha direção. Bárbara diz que ele fica assim pulando o dia todo e se dirige ao filho dizendo "*mamãe tá com os braços cansados, filho*". Ela tenta colocá-lo sentado em seu colo e vai conversando e beijando-o.

Ela conta que não sabe como vai ser quando voltar ao trabalho, o retorno seria em 15 dias. Bruno ficará com a avó e também com o pai que tem as tardes e noites livres. Bruno tenta pegar o controle da TV, mas a mãe não deixa. Ele começa a chorar inquieto e ela fala "*vamos comer banana, filho*!", ele coloca o rosto e as mãos no peito da mãe, indicando que quer mamar, Bárbara ri da pressa do filho e o coloca junto ao seio, Bruno suga e fica tranquilo por um tempo.

Bruno solta o peito e volta a ficar em pé, mas permanece chorando, a mãe o põe no outro seio, ele suga e solta, voltando a chorar, ela diz "*tá aí, filho*" ele volta a mamar. Ela conta que ele havia acordado muitas vezes durante a noite e que ela havia retomado a academia no dia anterior. Bruno levanta novamente, movimentando-se inquieto, Bárbara tenta colocá-lo sentado, mas ele só quer ficar em pé, ele volta a chorar e ela levanta com ele nos braços dizendo que ele está com sono. Ela o balança nos braços e ele para de chorar.

Nesse momento Breno fala do banheiro que o filho está com sono e Bárbara confirma. Ele sai do banheiro e me cumprimenta. Bruno se vira olhando para o pai que fala com ele em tom brincalhão. Bruno parece sair de sua sonolência e olha para o pai sorrindo. Breno se aproxima dos dois fazendo cócegas e beijando o filho. Ele pede para Bárbara "*me dê ele*". Ela faz o solicitado e eles se sentam no sofá ao meu lado. Bruno me olha várias vezes. Breno diz "*É a tia*".

Enquanto os dois brincam no tapete da sala, Bárbara pede para o marido ter cuidado, pois Bruno havia acabado de comer. Eles continuam brincando, Breno faz movimentos de vai e vem com o filho e cócegas em sua barriga. Bárbara alerta o marido novamente "*Mô, ele vai colocar tudo pra fora, deixa a comida assentar*". Breno responde sorrindo "*estamos brincando*". Ela ri e diz que ele tem que ir devagar. Breno se dirige ao filho e diz "*tá vendo pra tua mãe regulando a gente?*". Ele ri e continua a brincar com Bruno que sorri com as brincadeiras do pai.

Bruno vai se movimentando no tapete e em um momento acaba caindo para trás, o tapete amortece o impacto e o pai logo o segura para que ele não comece a chorar. Breno explica o

ocorrido para Bárbara, que neste momento havia ido à cozinha, e diz que não foi nada. Ela se aproxima do filho e diz "*pronto, pronto*" beijando-o.

Bruno é colocado novamente no tapete, ele brinca e acaba ficando deitado de um jeito que não consegue se levantar ou se virar. Breno deita de frente para o filho e fala com este em tom brincalhão. Bárbara pede que o marido ajude o filho a mudar de posição. Breno põe o filho deitado de frente e brinca fazendo cócegas. Bruno ri muito.

Pouco tempo depois Bruno vomita no tapete e a mãe pega a fralda para limpá-lo. Breno não havia visto o filho vomitar e fica dizendo que não foi tanto, Bárbara mostra a ele o tapete sujo. Ele senta novamente no tapete com o filho e diz que muitas vezes Bruno vomita e ele não vê, pois está brincando, quando a esposa aparece é que constata que o filho está sujo de vômito. Eles falam isso rindo como se fosse uma anedota habitual da família.

Bruno fica no tapete brincando e a mãe e o pai sentam-se ao seu redor. Bárbara está me contando algo sobre o filho e se distrai, deixando-o cair para a frente, o pai rapidamente põe a mão entre a cabeça dele e o tapete e diz que ainda bem que ele teve o instinto de pôr a mão. Bárbara alega que ele estava de lado, então não teria batido a testa no chão, Breno questiona "*e como foi a testa dele que eu segurei?*" Ela continua dizendo que ele estava de lado e Breno muda de assunto e menciona que a esposa está voltando à academia. Ele conta também que ela é mais magra agora depois da gravidez do que antes, pois perdeu muita massa muscular, Bárbara fala que pesava 58 e agora está pesando 47 kg.

5ª observação – Tarde

Bruno é colocado pelo pai na piscina de bolinhas, este me fala que a esposa estava tomando banho, pois havia acabado de chegar da academia. Breno diz que chega do trabalho 13:30 e fica com o filho, Bárbara vai à academia, depois que ela volta ele é quem vai à academia. Ontem Bárbara também havia voltado a frequentar a faculdade pela noite. Ele relata que Bruno ficou tranquilo, enquanto a mãe estava em aula. Ele conta que pôs o filho no cadeirão enquanto fazia seu próprio jantar, deu um pouco de leite na mamadeira para ele e desceu para passear no térreo.

Bárbara aparece e me cumprimenta, ela me parece animada e receptiva. Ela senta-se na cadeira e interage com Bruno. Breno põe o filho no tapete. Bárbara começa a chamá-lo de uma curta distância e os dois o estimulam a engatinhar até a mãe. Bruno fica na posição de quatro, mas não consegue ainda avançar. Apenas estica o braço em direção à mão da mãe.

Breno se levanta e diz "*me dê uma folga pra eu tomar um café*". Bárbara responde de forma irônica "*É tu quem precisa de folga, né*?!" ele ri e vai à cozinha, perguntando se ela quer que ponha para lavar algumas roupas. Ela diz inicialmente que sim e pede para ele separar as brancas. Ele vai, mas logo em seguida ela pede que ele fique com Bruno, enquanto ela ajeita as roupas e faz suco. Ela olha pra mim e diz "*melhor eu ir, senão ele põe tudo no mesmo bolo*".

Bárbara volta da cozinha, põe o cadeirão na sala de jantar e Breno põe Bruno sentado. Este parece animado enquanto a mãe vai lhe dando suco em uma mamadeira com a ponta em colher. Comento que nunca tinha visto daquele tipo de mamadeira, Bárbara me conta que foi procurar na internet e viu essa mamadeira, ela diz que essa é melhor, porque na mamadeira normal Bruno não quer tomar, no copo metade do suco vai para fora e com a colher além de demorar mais, porque Bruno fica tentando pegar, também é mais difícil de dar o alimento.

Ela vai colocando a mamadeira-colher na boca do filho e falando com ele em tom carinhoso. Breno senta-se na cadeira e diz que algumas coisas foram resolvidas empiricamente, pois como a esposa é mais jeitosa, alimentação e banho era mais ela quem fazia. Ele diz que no começo o que ficou sob sua responsabilidade foi trocar a fralda e que tenta dar a comida, mas enquanto ele demora 10 horas para fazer isso, Bárbara tinha mais jeito. Esta complementa o marido comentando que o filho era muito agitado e que dar a comida ficava mais difícil mesmo.

Breno continua "*eu também não faço questão*". Diz que prefere que ela faça e me explica alguns detalhes sobre sua área de trabalho. Eu tento dividir minha atenção entre o que ele diz e a interação entre mãe e bebê, nesse momento as ações entre Bárbara e Bruno de um lado e Breno de outro parecem extremamente desconectadas, como se fossem dois ambientes diferentes e indiferentes um ao outro. Bárbara parece concentrada na atividade que realiza e tenta fazer isso de forma carinhosa e lúdica para que Bruno tome todo o suco. Breno volta novamente sua atenção para esposa e filho e diz achar engraçado eles serem os únicos pais do prédio que descem para ficar com o próprio filho. Todas as outras crianças ficam com babás. Ele brinca dizendo "*aí tá eu lá de homem no meio de um monte de babá*".

Eles tiram Bruno do cadeirão e Bárbara diz que sempre que ele come agora tem que dar banho, porque ele se mela todo. Acompanho os três ao banheiro. A banheira já tinha sido montada e enchida por Breno. Bárbara põe o filho na água e vai molhando-o e ensaboando-o. Ele brinca com a água, enquanto olha ao redor e sorri, tentando algumas vezes ficar de pé, ou resistindo a ficar sentado. Breno menciona que dá banho no filho quando vai tomar banho e Bárbara ressalta que ele nunca deu banho sozinho.

Bárbara termina de dar o banho e Breno esclarece que nesse momento sua função é mais preparar a banheira e pegar para enxugar. Ele envolve o filho com a toalha e o leva à cama do casal. Após enxugar Bruno, Breno pede o pente à esposa, mas ela diz que é melhor primeiro ele colocar a fralda. Ele me explica que por questões de higiene passa a pomada por último no ânus. Depois disso ele põe a fralda e me mostra que tem que deixar um dedo entre a fralda e a barriga do bebê antes de fechar, para que não fique apertada. Bárbara segura Bruno, enquanto Breno vai penteando o cabelo do filho. Bárbara põe o filho sentado e vai pondo uma camiseta nele. Voltamos para a sala e eu me despeço dos três.

6ª observação – Tarde

Esta observação seguiu-se à semana de intervalo referente ao carnaval. Quando cheguei à residência familiar, encontrei apenas a avó materna e Bruno. Este me pareceu muito à vontade com a avó e interagiu alternadamente conosco. Depois de uns 15 minutos da minha chegada, Bárbara chega e Bruno olha imediatamente em sua direção sorrindo. Ela inicialmente vai até a cozinha, Bruno começa a chorar, seguindo a mãe com o olhar. Bárbara vem até onde estamos e Bruno para de chorar, enquanto sorri e olha para a mãe.

Bruno procura o peito da mãe insistentemente. Bárbara está com roupa de academia e diz para o filho que o top é ruim de tirar, mas ele continua puxando a blusa da mãe em busca do seio. Bárbara sorri e ajeita o filho nos braços, enquanto retira o seio que Bruno imediatamente segura e começa a mamar.

Ela menciona que o marido não havia avisado que eu iria hoje, por isso ela havia se atrasado. Ela comenta "*é tão ruim voltar a trabalhar*", diz que não conseguiu fazer acordo quanto ao horário de trabalho. Diz também que ligou o tempo todo para saber como Bruno estava, sua mãe ficou acalmando-a ao telefone e dando notícias de que ele estava bem e não havia chorado, seus amigos do trabalho disseram brincando "*tu queria que ele tivesse chorando, né?! Ele tá nem aí, já te esqueceu*". Ela sorri, enquanto diz que eles estavam tentando mexer com ela.

Bruno mama uma vez e solta o peito, Bárbara coloca a blusa de volta, mas ele insiste em continuar mamando e ela o põe de volta no seio. Enquanto mama percebo que ele segura a mão dela e leva-a até seu pé. Ela já havia me falado dessa sua mania de querer que ela segurasse seu pé enquanto mamava. Ela comenta "*agora só quer mamar assim, inventa cada uma esse Bruno*". Ela segura o pé do filho e olha para ele. Bruno para de mamar e fica sentado por um

tempo, mas procura o seio novamente, Bárbara diz para o filho que ele já comeu muito e que vai acabar colocando para fora, ele insiste e ela põe novamente ele no peito.

Bárbara relata que no dia anterior quando chegara do trabalho, ele só queria peito, foi tanto que ela acabou nem indo à aula. Bruno aperta o seio da mãe com a mão e ela diz "*aperte não filho, agora ele tá dando uns apertos no meu peito*". Ela diz "*não tá nem mamando, só brincando*". Ele solta o peito e não volta a mamar. Ela vai para o tapete com ele e vai entregando os brinquedos. Bruno fica fazendo besourinhos (sons de besouro com os lábios) enquanto segura os brinquedos e os põe na boca.

Breno chega e percebo que Bruno não nota sua entrada até o pai falar com ele. Nesse momento ele sorri e olha para o pai. Breno se aproxima dos dois e dá beijos no pescoço do filho. Ele me pede desculpas pelo atraso e explica que teve médico e acabou demorando mais do que imaginara.

Breno senta no tapete junto à esposa e pega o filho nos braços. Bárbara pede que ele tenha cuidado, pois Bruno havia acabado de comer. Breno segura o filho e deita-o em seu colo aproximando o rosto da barriga dele e fazendo cócegas, Bruno sorri muito com a brincadeira. Breno põe o filho novamente sentado no tapete. Bruno demonstra querer levantar e o pai o segura de pé. Ele se inclina em direção à mãe e esta o segura, ele já dá passos seguidos e Breno comenta isso.

Breno se dirige a mim dizendo "*você devia ter vindo ontem que Bárbara não tava aqui*", não entendo o motivo do comentário e Bárbara fica séria e calada, parecendo ter se incomodado com a fala do marido. Ele parece não notar isso e complementa dizendo que Bárbara havia voltado a trabalhar e que no final da tarde Bruno havia ficado "*emputecido*" querendo o peito. Ele diz que sabia que não era por fome, pois ele havia comido bem.

Após dizer isso ele me pergunta "*quer ver ele sorrir?*" e pede para a esposa colocar Bruno de frente para ele, ela demora um pouco a fazer o que ele pede, mas segura o filho de frente para o marido, pergunto-me se ela está sutilmente se recusando a usar o filho para demonstrar algo ou se ela simplesmente não deseja participar da interação. Breno se levanta e se aproxima com os braços levantados fingindo que vai pegar Bruno, este se assusta, mas ri em seguida. A brincadeira é repetida algumas vezes e Bruno sorri sempre que o pai se aproxima. Bárbara não parece muito interessada em participar, apenas segura o filho, enquanto observa a brincadeira.

7ª observação – Tarde

Nesse dia a família está fora no horário marcado, espero por um tempo no térreo e após 10 minutos eles chegam, justificando o atraso com o trânsito. Entramos no elevador e Bruno me olha curioso e receptivo. Breno diz que o filho está fazendo umas vocalizações novas com um som diferente. Chegamos ao apartamento e eu me dirijo ao sofá.

Bruno está na sala com a mãe e em dado momento Breno vai à cozinha, Bruno chora olhando em direção ao pai, este responde "*Já vou, pai*". Breno se aproxima rápido na direção de Bruno como se fosse pegá-lo, este sorri bastante com a brincadeira. Enquanto segura o filho de pé no tapete, Bárbara, que está sentada no sofá, comenta "*ah ele tá conversando tanto*". Ela diz que ele fica um bom tempo conversando agora. Bruno faz um "*oooo*" e a mãe diz "*é filho*".

Ela senta-o em seu colo e por um momento ele fica quieto olhando para a TV. Voltando em seguida a movimentar-se para ficar de pé. Ele consegue fazer força com as pernas para se pôr de pé, mas ainda não tem equilíbrio para se manter sozinho. Bárbara diz que ele não quer nem saber, pois ele se levanta solto e eles que tem que ser rápidos e segurá-lo. Bárbara deixa Bruno com o pai e vai até a área pegar o tapete emborrachado que normalmente fica na sala. Ela vai montando enquanto Breno segura o filho em seu colo. Ela termina de montar o tapete e Breno vai espalhando os brinquedos. Em seguida ele coloca Bruno de quatro e diz "*vai fazer tua guerra*".

Bárbara vai fazer algo na cozinha e Bruno chora um pouco olhando em sua direção. Breno comenta "*ele quer que fique os dois com ele o tempo todo*". Bruno volta ao colo da mãe e coça os olhos, parecendo impaciente, ele procura o seio, esta pede para ele esperar e vai tirando o sutiã por baixo da blusa. Bruno suga o seio e levanta o pé procurando a mão da mãe para que ela segure seu pé. Ela pergunta "*é pra segurar, é?*" e segura o pé dele em seguida. Ele começa a dormir enquanto mama. Eu me despeço de Bárbara, esta diz "*ele capotou*". Espero o elevador, enquanto Breno vem se despedir e comenta que agora o filho estava com dois ritmos, um quando a esposa ia trabalhar e outro quando ela ficava em casa, mas que às vezes ele também funcionava de maneiras imprevistas. O elevador chega e nós nos despedimos.

8ª observação – Tarde

Breno e o filho estão no tapete emborrachado que neste dia está na varanda. Breno me diz que a esposa estava no cabeleireiro e que achou ótimo, porque "*a mulher se anula muito pelo bebê*", ele também ressalta que fazia muito tempo que ela não ia. Ele continua dizendo que

o bebê é um mundo à parte e que para a mulher não interessa mais nada, contanto que o bebê esteja bem. Ele diz que conversava muito com a esposa para que ela voltasse para a realidade, diz que se "*a pessoa não tiver uma cabeça muito boa, não consegue lidar com essa relação entre a mulher e o bebê*".

Ele acrescenta que agora está bem melhor, mas que ela não voltou mais a ser a mesma de antes, até as outras pessoas percebiam a mudança. Bruno, que estava segurando vários brinquedos seguidamente, começa a chorar um pouco, parecendo incomodado por não ter a atenção do pai. Breno olha para o filho fazendo caretas e brincando. A avó materna se aproxima sorrindo e Bruno engatinha olhando para a avó. Ela vem até a porta da varanda e diz a Breno que amassou bananas para o neto comer.

Breno pega o filho e vamos todos para a cozinha onde está o cadeirão de Bruno. Este é posto no cadeirão e sorri, atento ao que acontece. A avó pergunta se Breno quer dar a banana, mas ele diz que ela pode dar. Ela puxa uma cadeira e a coloca na frente de Bruno, eu e Breno ficamos em pé observando.

Bruno vai recebendo a comida e comendo sem esforço, Breno diz que o filho gosta muito de banana. Cada vez que a avó coloca a colher em sua boca, Bruno tenta puxá-la para si, segurando-a com força. A avó fica rindo muito com a brincadeira do neto, ele segura a colher com força e é preciso que pai e avó retomem a colher de suas mãos. Breno pega o prato de banana e resolve dar a comida ao filho, a avó fica fazendo outras coisas na cozinha, enquanto olha para o neto e para mim sorrindo.

Breno vai alimentando o filho e tentando esquivar a colher das mãos dele, ele diz que normalmente quando Bruno não quer mais comer começa a fazer besourinho, ele complementa dizendo que com banana ele comia tudo e gostava muito. Bruno está com banana nos cabelos e nos olhos, Breno sorri e comenta "*eu desafio alguém a dar comida pra bebê e deixar ele limpo*".

Breno diz que pela manhã Bruno fica com a avó, a tarde com ele e a avó e a noite só ele, quando a esposa ia para a faculdade. Breno ressalta que sua sogra ajuda muito eles e que não sabe como seria se eles não pudessem contar com ela, diz também que muito das coisas que eles sabem tinha sido ela quem havia ensinado. Nesse momento a avó que estava fazendo algumas coisas na pia nos olha sorrindo.

Bruno vai comendo toda a banana e em dado momento se engasga, Breno fala "*engasgue não, pai*", em algumas colheradas Breno fala como se questionasse o filho "*eita, foi demais, né pai?*". Bruno come e sorri olhando para o pai. Alguns pedaços de banana caem de

sua boca, Breno usa o próprio dedo e coloca a banana na boca do filho. Bruno termina de comer e o pai o põe nos braços. Ele leva o rosto de Bruno diretamente até a pia e o lava, limpando seu rosto e suas mãos. A avó fica perto e observa os dois. Breno menciona sorrindo "*Bárbara fica puta quando eu limpo ele com isso*" e pega um pano de pratos para enxugar o rosto do filho. A avó sorri do comentário.

Nos encaminhamos para a sala e neste momento Bárbara chega pedindo desculpas pelo atraso. Ela vai até Bruno que sorri olhando para a mãe e pega-o nos braços. Breno sorri para a esposa, beijando-a na testa e dizendo "*ficou bonito o cabelo*". Bárbara se olha no espelho sorrindo.

9ª observação – Tarde

Nesta observação Breno esqueceu o horário agendado e não esteve presente. Estamos Bárbara, sua mãe, Bruno e eu na cozinha e Bárbara diz que vai pegar pera, entregando o filho à mãe, que senta-se na cadeira segurando o neto. Bárbara pega a fruta na geladeira e Bruno segue a mãe com o olhar. Ela raspa a pera e me diz que ele gosta mais de banana e vai dando colheradas da fruta para o filho, este faz algumas caretas, mas come aos poucos, movimentando-se sem parar no colo da avó e virando-se algumas vezes na minha direção. As duas parecem concentradas na atividade, enquanto Bárbara dá as colheradas, sua mãe segura a mão de Bruno para que ele não pegue a colher.

Bruno continua fazendo caretas e sua mãe brinca de aviãozinho com a colher, dizendo que se fosse banana não precisaria disso. Ele continua a comer e já no fim Bárbara dá comida diretamente da fruta. Ele parece gostar mais de se alimentar assim e faz menos caretas. A avó sorri olhando para o neto.

Bárbara recolhe a casca da pera e joga fora. Ela molha as mãos e vai limpando as mãos de Bruno com as próprias mãos, fazendo o mesmo com o pescoço e o rosto do filho. Depois disso, ela pega um pedaço de guardanapo para enxugá-lo, Bruno fica tentando puxar o papel. Ela termina de limpá-lo e entrega a folha para ele, ele puxa com as mãos as extremidades do papel e o rasga ao meio, faz o mesmo algumas vezes rasgando o papel em pedaços cada vez menores. Bárbara impede que ele coloque o papel na boca e depois joga fora.

Bárbara sugere que nós fiquemos na varanda onde está o tapete emborrachado. Eu a acompanho e nós ficamos sentadas no tapete, enquanto a avó passa pano na sala. Enquanto Bruno vai pegando e soltando vários brinquedos espalhados, Bárbara comenta que só pretende ter um filho, pois é algo que exige muito. Ela diz que as pessoas esquecem o quanto dá trabalho,

mas que esse começo é muito difícil. E acrescenta que no começo teve um problema sério nos seios por causa da amamentação. Os seios tiveram rachaduras graves e ela teve que interromper por um tempo a amamentação.

10ª observação – Tarde

No início dessa observação o casal está na mesa de jantar com algumas visitas tendo uma reunião. Eles pedem que eu espere um pouco e eu fico sentada no sofá. Bruno está, inicialmente, sentado em cima da mesa ao lado de Breno, ele emite alguns balbucios e o pai diz "*o pai tá conversando, filho*".

Bárbara continua conversando com as visitas e Breno se levanta com Bruno em seus braços, este havia começado a chorar demonstrando um pouco de impaciência. O pai segura-o e aperta-o junto ao seu corpo, beijando-o. Ele me diz que Bruno está um pouco doente e que no dia anterior havia tido febre. Bárbara acrescenta que o filho havia tido febre pela manhã naquele dia também. Breno vai mostrando alguns objetos que estão na estante para entreter o filho. Bruno observa atento.

Breno põe o filho no chão estimulando-o a engatinhar. Bruno fica sentado no chão e olha para mim, inclinando também o corpo na direção em que estou. Neste momento percebo este movimento dirigido a mim e a expressão no rosto de Bruno como um pedido de ajuda, pois em vista do estado adoecido e febril me pareceu que um desconforto físico foi gerado quando o pai colocou Bruno diretamente no chão frio. Breno chama Bruno ainda tentando fazer o filho engatinhar, mas este começa a chorar e continua sentado onde está. Ele pega o filho nos braços e diz "*ô desculpa pai, não quer agora, né?*". E aperta novamente Bruno junto a si, este para de chorar.

11ª observação – Tarde

Esta observação seguiu-se ao feriado da semana santa. Quando chego à residência da família, Breno me fala que tinha acabado de tomar banho com Bruno, como Bárbara não estava presente, deduzi que ele já estava conseguindo fazer isso sem a assistência dela. Breno menciona uma viagem de feriado na semana anterior e explica que como haviam mais pessoas, outro ambiente e uma atenção mais integral ao filho, notou Bruno mais dinâmico e mais atento. Ele conversa comigo enquanto balança o filho nos braços. Bárbara chega da academia e se aproxima me cumprimentando, tocando em meu ombro e sorrindo para mim.

Ela vai fazer algo dentro do quarto e Bruno começa a chorar. Breno sorri e me diz que o choro era porque a mãe não foi diretamente ficar com ele. Breno fala para o filho "*ela já vem, pai!*", mas ele continua chorando. Bárbara aparece e o pega nos braços, falando de forma carinhosa "*que dengo, filho*". Ela o põe em seu seio, Bruno mama, mas constantemente se movimenta, chegando a ficar sentado, enquanto observa o que acontece ao seu redor. Bárbara o segura seguindo as modificações de posição do filho. Depois de um tempo ele deita nos braços da mãe que canta uma música de ninar.

Breno chama a atenção do filho para que ele o olhe dando beijos em Bárbara, mas Bruno está de cabeça para baixo e me olha sorrindo. Bárbara diz "*tá se exibindo, né filho?*". Ele emite alguns sons "*ééé*", "*aunnn*", "*bababa*", ela repete esses vocábulos. Bruno retoma a posição sentado e abraça a mãe. Breno finge que vai pegá-lo, mas Bárbara diz "*deixe ele aqui mesmo*". Ela conta que segunda foi estudar e deixara o filho com sua mãe, mas umas 9 horas da noite esta ligara dizendo que o neto estava chorando muito e não parava. Quando ela chegou em casa Bruno ainda estava chorando e sua mãe também havia chorado ao ver o neto daquele jeito. Bárbara me fala que acha que como eles estiveram juntos sem interrupção durante todo o feriado, na volta para casa e no retorno aos compromissos profissionais dos pais, Bruno deve ter sentido falta de ter eles o tempo todo disponíveis.

Bárbara põe Bruno no tapete e ele pega vários brinquedos, segurando por mais tempo uma bolinha-chocalho. Breno que está em pé, pede para Bruno jogar a bola para ele. Ele levanta o braço, mas a bola vai na direção contrária a do pai. Bárbara fica de frente para o filho e pede para ele jogar a bola, ele joga a bola na direção da mãe e esta fala de forma animada com o filho, incentivando-o a jogar novamente.

A bola acaba entrando embaixo da cama e Bárbara diz "*pede pro teu pai, pai pega a minha bolinha*". Breno escuta e diz que já vai pegar. Bruno se vira na direção da caixa transparente em que são guardados os brinquedos e puxa a caixa com força. Ele me olha pela lateral transparente da caixa e eu inclino-me para vê-lo também através da caixa. Ele sorri e parece interessado nessa modificação de imagem, pois repete várias vezes essa brincadeira, olhando-me por cima da caixa e através da caixa e rindo sempre que eu retribuía seu olhar. Ele repete a brincadeira com o pai, mas Breno pega a caixa e coloca-a em cima do filho, cobrindo seu corpo por inteiro de uma forma que Bruno passa a ver tudo através da caixa transparente. Percebo que de dentro da caixa ele observa ao seu redor e parece um pouco assustado, mas ri depois de um tempo.

Breno tira a caixa de cima do filho e agora o põe sentado dentro na caixa, dizendo que é o carro de Bruno. Bárbara pede para ele ter cuidado. Bruno parece segurar as bordas da caixa com força e permanece expectante. Breno dá um brinquedo arredondado para o filho e diz que é o volante do carro. Bruno segura o brinquedo brevemente e volta a segurar nas bordas da caixa. Breno vai puxando devagar a caixa-carro pela casa e fazendo barulhos de motor. Bruno sorri e olha para o pai.

Depois de um tempo Breno se senta no chão e continua a brincadeira de movimentar o filho dentro da caixa. Ele puxa a caixa de forma mais rápida e Bruno bate a cabeça na extremidade oposta. Bárbara diz novamente para o marido ter cuidado. Ele puxa novamente e Bruno bate a cabeça uma segunda vez. Bárbara o repreende de forma mais veemente. Ele põe alguns emborrachados atrás do filho para que ele não bata a cabeça novamente.

Continuam os movimentos de puxar e empurrar a caixa, Bruno ri muito e olha pra mim. Bárbara também ri da animação do filho. A brincadeira se repete várias vezes e Bruno chega a gargalhar de tanto rir. Breno para e Bruno tenta levantar da caixa, ele se apoia nas beiradas, mas ao tentar pegar um brinquedo no fundo da caixa, ele acaba se desequilibrando e caindo para a frente, batendo o rosto. Ele chora um pouco e Breno o entrega a esposa. Ele para de chorar e Breno o põe novamente dentro da caixa, dizendo que está fazendo isso para que o filho não associe a queda à caixa. Bárbara não diz nada e Bruno é colocado na caixa novamente. O pai faz cócegas nele e ele se encolhe rindo.

História Familiar

Estrutura familiar de origem paterna

Em relação à família de origem Breno descreve uma ausência paterna desde o início. Ele menciona que os pais são separados, mas não há uma explicação clara quanto ao motivo desta separação. Segue a descrição do participante:

> Na verdade o meu pai biológico é meio que uma interrogação, né. Eu tive dois contatos com ele na verdade. Um com 23 anos e outro com 28 anos. Dois contatos não muito claros, muita coisa...é um mundo de interrogações que não dá pra ser saneada em tão pouco tempo. Então precisaria de muito tempo de convivência, a gente não tem essa condição de conviver, porque pelo espaço geográfico e a opção também, né. Ele mora num local, eu moro em outro e pronto, mas nenhum...nada...nenhum sentimento, nem pra mais, nem pra menos. É realmente uma interrogação em relação ao meu pai biológico, porque não teve como formular nada, não teve contato, não teve, não teve...Já com as figuras que de certa forma foram meu pai, tirando minha mãe que foi meu pãe, que como minha mãe foi minha mãe e meu pai, as figuras que eu tenho um apreço como

> pai é um amor incondicional. Meu vô, ele faleceu faz muito tempo, eu tinha 14 anos, mas é minha referência de homem em relação à educação e um tio meu também, que era uma pessoa como um pai pra mim, faleceu 2004, acho que foi 2004. Referências positivas, pessoas que tinham é...comportamentos assertivos e errados, em minha opinião. Tentei tomar como referência pra mim as coisas positivas. O que tinha de errado, como eu devo ter também, mas pra mim é indiferente, as escolhas que eles fizeram pra mim é indiferente. A coisa positiva foi o que eu tomei pra mim, pra minha referência de educação, né. (P2, Entrevista)

Ele acrescenta também que foi uma criança muito "levada" (travessa) e que apanhava muito da mãe por isso, sua figura de autoridade. Ele diz não ter raiva disso. Conta que sua mãe era professora e mantenedora, enquanto ele era criado pela babá. Diz também ter um relacionamento muito bom com a mãe hoje em dia, ele é filho único, e acrescenta que quando era bebê, ele a estranhava muito por ela estar sempre ausente trabalhando, ele entende que era mais apegado à babá. Sobre a descrição do relacionamento com a própria mãe Breno dá o seguinte depoimento:

> Minha mãe é o meu maior referencial de educação, de amor, de tudo. Do que eu sou hoje como um homem. Depois de Deus, é minha mãe o referencial. De tudo, de tudo que eu posso imaginar, então, é...eu sempre falo, todas as vezes que eu fiz, as duas graduações que eu fiz eu botei, e uma pós, eu botei...é a frase que mais resume isso: é meu maior exemplo de força, coragem e fé. É a minha mãe. Por tudo que ela foi, por tudo que ela é, por tudo que ela representou, o quanto ela conquistou de vida, enfim, tudo. O maior referencial de coisa boa foi minha mãe, né. Pela idade, pelo quanto ela tocou a vida dela, não tinha como eu tocar a minha vida menor diante de tudo que eu enfrentei, porque eu vi a minha mãe enfrentar tudo. E de uma forma, com uma condição um pouco mais difícil que a minha e nunca baixou a moral. O maior referencial em relação a tudo, né. (P2, Entrevista)

Estrutura familiar de origem materna

Bárbara ao falar de sua estrutura familiar de origem diz ter uma irmã mais velha e que seu pai havia falecido quando ela tinha 15 anos. Sua mãe desde então não se casara novamente. Ao descrever como era a relação com o próprio pai Bárbara se expressa de maneira breve e afirma que este sempre fora muito presente na vida delas, até o seu falecimento. Sobre a relação com a própria mãe ela sintetiza:

> A minha mãe é tudo também. Até porque depois que o meu pai morreu...Eu sempre tive também muito mais a proximidade com a minha mãe, né. E depois que o meu pai morreu foi que... era só ela e a gente, né. Então foi a base pra tudo, até hoje. É meu braço, minha perna, meu...metade. (M2, Entrevista)

Estrutura familiar – Atualizações

Gestação

Após aproximadamente 6 anos de relacionamento o casal planeja ter um filho e Bárbara para de tomar o anticoncepcional. Ao mencionar como se sentiu com a notícia a participante relata primeiro que no início destas tentativas de engravidar houve um aborto espontâneo e depois de pouco tempo um atraso na menstruação que atestou a nova gravidez. Breno menciona que a esposa fizera o teste de farmácia 3 vezes e um exame de sangue para confirmar de fato que estava grávida. A notícia é descrita por Breno como "*Boa, excepcional, surpreendente e excepcional. Até porque já vinha um certo tempo a gente querendo*" (P2, Entrevista). A descoberta do sexo do bebê é mencionada por cada membro do casal da seguinte forma:

> Eu nunca tive muita, assim eu sempre dizia: "eu quero que venha com saúde, pode ser menino ou menina". Na minha casa sempre teve menina e todo mundo achava que ia ser menina. Breno sempre dizia: "ah eu não, por mim tanto faz", mas quando ele soube que era menino na sala de ultrassom ele teve uma crise de riso. (M2, Entrevista)

> Foi. Na verdade, quando eu tive, porque é o seguinte, eu tinha no meu consciente que seria homem. Por várias coisas, primeiro porque, sei lá...eu sentia que ia ser homem e minha mãe, ela sempre foi de sonhar. E assim, eu sei que é uma coisa muito, por mais que a gente seja esclarecido, é uma coisa que pra mim sempre foi... minha mãe sempre sonhou com algumas coisas e sempre dava certo. E ela sonhou com meu tio, que era uma figura de meu pai, trazendo um casal pra apresentar a ela e na mesma época tinha nascido minha prima, que era neta dele. Aí quando eu soube que era uma menina, eu disse à Bárbara: "ah vai ser homem", mas assim, nada de...eu falei: "nada engessado". Eu falei diante de tudo, não tinha nada esse negócio de zica, nada, diante de tudo, vindo com a saúde a gente aguarda, mas quando foi homem eu tive uma crise de riso, agora um riso misturado com felicidade, quando a gente soube que foi homem. (P2, Entrevista)

Durante o período gestacional Breno diz que fez de tudo para estar presente e que participou de todas as ultrassons, enfatizando que tinha até fotos em cada uma delas. Em relação às mudanças no cotidiano as quais ele teve que se ajustar durante esse momento ele menciona:

> Teve uma fase da gravidez que foi difícil, mas a gente superou. Assim como teve uma fase pós gravidez também muito difícil. Que foi mais difícil ainda, mas também a gente superou. Mas, durante a gravidez acho que a mudança maior do humor que me, que assim, a mulher muda e a mudança da questão sexual, que também muda. Tem um momento que realmente você tem que respeitar isso. Foi a coisa que eu mais senti, mas fora isso, nada. Na verdade, é porque muda toda uma conjuntura. O corpo da mulher muda, a forma dela dormir muda, o humor da mulher muda, a vontade dela pra estar com você em companhia também muda, a vontade de fazer sexo muda, tudo. Então o

> excesso aí a gente tem que ser um pouco compreensivo, eu acho que na medida do possível eu fui. Em alguns momentos a gente diz: "pô, vamo voltar ao normal". Mas não dava, era a própria situação da gravidez cobrava uma mudança de comportamento. (P2, Entrevista)

Bárbara descreve o momento gestacional como um período "*normal*" e "*tranquilo*", apesar das alterações hormonais. Ela acrescenta também que trabalhou e assistiu aula até o final da gestação e que não precisou interromper nenhuma de suas atribuições cotidianas. Sobre a participação do marido nesse momento ela relata:

> Ah não, o Breno foi, ele teve até paciência. E realmente ele ia em toda consulta. Quando eu ia pra consulta, ele ia pra consulta, ia pra ultrassom. Sim e essas épocas eu tava, tinha dia que eu tava com a minha chatice muito... num grau muito elevado. Tinha dia que até eu perdia a paciência comigo mesma. Mas, tirando isso, foi bem tranquilo também. (M2, Entrevista)

Ao falar de momentos marcantes desse período gestacional ambos mencionam a escolha do nome do bebê, a descoberta do sexo, o primeiro enjoo e o primeiro desejo por uma comida específica como experiências inesquecíveis. Breno destaca também a emoção que sentiu ao ouvir a primeira batida do coração "*Saí da ultrassom, fiz um vídeo, gravei no carro dirigindo sozinho. Dizendo o quanto eu o amava, que daquele dia em diante eu faria tudo pra vida dele, foi o primeiro momento que eu escutei a batida do coração*" (P2, Entrevista). Bárbara fala da emoção ao sentir os primeiros movimentos de Bruno na barriga e de ver a barriga crescendo.

A notícia da gravidez para a família extensa foi descrita como um acontecimento positivo, no entanto, Breno menciona uma certa decepção por parte da família de Bárbara, composta por muitas filhas mulheres, com o fato do bebê ter vindo do sexo masculino. Ambos destacam, contudo, que tanto a avó materna quanto a paterna ficaram muito felizes com a notícia e também com o fato de ser um menino.

Parto

Bárbara me relata que havia feito todo o planejamento para um parto humanizado[41] e que seria realizado num local do hospital chamado casa de banho. No entanto, o trabalho de

[41] Parto caracterizado e realizado a partir de uma intervenção menos medicalizada e cirúrgica na qual há um incentivo ao parto natural, mãe e bebê são compreendidos e acolhidos em uma dimensão mais humana. Nesse sentido, a qualidade afetiva que permeia este momento é assegurada como um direito com o intuito de preservar a saúde integral da mulher e da criança (Passati et al., 2017).

parto se deu de maneira rápida. Quando o casal chegou ao hospital não houve tempo para a preparação para o parto planejado previamente e Bruno nasceu na sala de observação. A irmã de Bárbara também é descrita por ambos como alguém que deu apoio e esteve presente durante todo esse acontecimento. Sobre as impressões e sensações durante esse momento Bárbara se remete ao cheiro exalado pelo hálito do bebê como um cheiro de pureza e que pediu para o marido não sair de perto do bebê em nenhum momento, este teve que ser higienizado por um momento pela presença de mecônio durante o parto. Sobre a emoção que sentiu nesse momento Breno relata:

> Aquele momento ali é único. É único, é indescritível. Não é só a emoção, não é só razão, é um misto de sensações. E aí a gente tinha lembrado que muitas pessoas disseram: "ó sinta o cheiro, o hálito dele". Foi uma coisa que a gente tentou fazer e é incrível, a coisa besta, quando ele abre a boca e respira no seu nariz é uma coisa incrível. É um cheiro único, inconfundível. E é incrível como ele se acalma, como é, aquele momento parece que a sala todinha some. Fica nós 3 ali. A sensação que você tem é essa. Se eu pudesse descrever é isso. Tudo some e fica só você, seu filho e sua esposa ao seu lado. (P2, Entrevista)

<u>Cuidados após o nascimento</u>

Do período inicial de cuidados até o momento final da pesquisa o casal menciona a presença marcante e assídua da avó materna no cotidiano familiar, descrita por Breno como "*um braço*" do casal. O participante também menciona a presença da irmã de Bárbara ocasionalmente nessa rede de apoio familiar. Sobre essa participação da mãe nesse processo Bárbara enfatiza:

> Ela sabe quando eu num tô bem, quando eu não tô legal, quando eu preciso de alguma coisa. E não tem a cerimônia de eu dizer assim: "ó mainha não, eu não gosto disso, eu não faço assim". Porque é minha mãe né, então assim, tem abertura maior pra resolver as coisas, pra decidir. "Ó não faça assim, faça assim, vamo fazer assim". Então, pra mim foi, pra gente né, é de fato ela é o braço e a perna, o corpo todo. (M2, Entrevista)

Ao se referirem aos meses iniciais após o nascimento de Bruno cada membro do casal dá detalhes sobre problemas que interferiram no cotidiano familiar e na realização dos cuidados com o bebê. Um deles está relacionado às dificuldades iniciais durante a amamentação e que foram ocasionadas devido a graves fissuras nos seios de Bárbara. Ambos falam desse momento como um período muito difícil para todos, principalmente para Bárbara. Seguem os comentários de ambos:

> Eu acho que só a primeira semana foi tranquila, mas aí a segunda já começou a machucar. Aí eu fui insistindo, insistindo, insistindo. Até que eu não aguentei mais, aí

> só dei os 15 dias. Eu não aguentei porque ficou muito feio, inflamou, tava sangue e pus. Aí eu parei, eu não queria parar né na verdade. Aí mesmo com aquela agonia toda eu ainda fui pra médica e tal, aí foi quando ela disse que eu não tinha condições de dá, que eu tinha que suspender, tomar medicação pra poder sarar, pra eu poder voltar a dar. Só que eu não queria, porque eu não queria dá o leite ao menino, ao Bruno. Ele ainda...depois eu comecei a dar, porque ou eu dava ou ele ia ficar com fome. E ele chorava, porque ele sempre comeu muito. Aí eu comecei a dar a mamadeira, na cozinha, acho que dei uns 15 dias também. Aí ela disse: "ó suspenda uns 5 dias". Mas aí quando eu suspendi, que o peito começou a sarar, eu fiquei com medo de dar. Aí todo dia a minha irmã dizia: "vamo tentar de novo". Aí eu: "não, não, não". "Vamo tentar de novo" e eu "não, não, não". Com medo de machucar de novo. Aí eu chorava, porque tava dando o leite da mamadeira, porque eu dizia que ele não ia voltar a pegar. E chorava, porque eu não tinha coragem de dar o peito. (M2, Entrevista)

> Eu acho que eu já vi muita coisa feia, mas ficou feio. Eu tinha foto, eu bati foto de tudo. Abriu que nem uma flor, era pus com sangue. Ela chorava que o bebê mamava, era eu chorando. A gente ficou tão assim, não foi algo normal, foi além. Eu pensei que ela ia surtar. (P2, Entrevista)

Outro problema relacionado a esse período inicial e que foi mais enfatizado por Breno teria sido uma crise conjugal relacionada à relação de completude estabelecida entre mãe e bebê e às sensações de inutilidade e exclusão despertadas neste pai, algo relatado durante as observações de forma recorrente e também durante a entrevista num relato profuso e emocionado. Segue a fala de Bárbara sobre o assunto, pronunciada apenas durante a entrevista; e a fala de Breno em relação ao que sentiu nesse momento:

> Assim, pra mãe parece que o mundo a volta para e só é aquilo. Se torna aquilo, só. A mãe, a gente acha que é uma dependência tão grande que a gente precisa tá 100% ali, sabe? É essa ideia que a pessoa vem na cabeça, que é uma dependência pra tudo. Pra comer, pra dormir, pra beber, pra aturar, pra fazer cocô, pra fazer xixi, tudo, tudo, pra tá limpo. Então assim, a pessoa acaba achando que você tem que viver praquilo né e mais nada. (M2, Entrevista)

> E o marido sofre com isso. Porque a mulher, ela realmente se autocompleta. Ela não tem mais necessidade nenhuma. Nem de companhia, nem de afeto, nem nada. É aquilo e o marido tem que dar conta. Foi complicado. Foi o momento mais difícil eu acho do casamento da gente. Ela não sentiu, eu senti. Foi o único momento do casamento que eu pensei que o meu casamento ia acabar. Foi o momento dos primeiros dias, dos primeiros meses da gravidez, do nascimento do bebê. Uma coisa que você ama e faz, um fruto do amor e esse fruto gera um desequilíbrio né. Então você se sente um inútil. A gente como homem precisa se sentir útil em diversas frentes, na frente de ser um cara que dá retorno trabalhando, é um companheiro. Então você fica um zero em casa. A sensação que você tem enquanto homem é isso, você fica um zero, você não serve mais pra nada, pra nada. Não tinha muito que ser útil não. O bebê e a mãe é uma coisa só no começo. Ou a utilidade que eu tinha era suplantada por qualquer outra pessoa. Era pegar ele, tentar quando ele acordasse ninar ele, mais isso, entendeu? Quanto a ele eu era útil.

> Enquanto a mulher a utilidade para com o bebê faz ela se sentir completa, pra o homem não faz. São sentimentos distintos, pra mulher se doar pro filho é algo que completa ela em todos os sentidos. Pra homem, pra gente não, a gente tá fazendo uma coisa que qualquer outra pessoa faz. Entendeu? A sensação que a gente tem no começo é essa. Depois a gente vai notando que faz uma diferença, que a gente pode ir fazendo. Mas, no começo, você realmente se sente um zero. A sensação que se tem do conjunto, né para com o filho não, é do conjunto da casa. Você vê a sua mulher, uma mulher com o peito pendurado dando pra o bebê, só isso que você vê. Tá nem aí pra você, quando trata você...então tipo assim, é ruim, não é bom não esses primeiros meses, não é bom. (P2, Entrevista)

Breno também relata que buscou ajuda conversando com amigos que eram pais e que ouviu a descrição de experiências masculinas parecidas em relação a esse momento, algo que o fez se sentir mais "normal" em relação aos sentimentos despertados e serviu para ajudá-lo a ver o problema como um momento difícil, porém passageiro.

Sobre os cuidados práticos realizados com o bebê desde o início Bárbara fala que o marido era meio desajeitado e Breno menciona que só conseguiu começar a dar banho em Bruno após o sexto mês. De forma geral, apesar de Bárbara realizar mais cuidados desde o início, ambos se remetem ao período inicial como uma experiência intensa de aprendizados e ao mesmo tempo muito difícil. No momento da entrevista Bárbara destaca uma adaptação maior de todos às demandas cotidianas do bebê e Breno acrescenta que naquele momento todos faziam de tudo, mas faz a seguinte ressalva "*Eu só faço tudo, tudo mesmo, full time, quando eu tô sozinho com ele*" (P2, Entrevista).

8 PROCESSOS INTERATIVOS E PRÁTICAS DE CUIDADO

8.1 A construção do casal parental – Revestimentos e Recomeços

Iniciaremos esta discussão a partir de apontamentos e inferências relacionadas às famílias de origem dos casais parentais constituintes de cada tríade, à construção da parentalidade como produtora de novos processos interativos na história familiar e aos revestimentos fantasiosos projetados sobre o bebê durante o ciclo gravídico-puerperal. Constatamos que algumas fantasias concernentes aquilo que circulou por meio das transmissões intergeracionais foram acessadas ao longo do material coletado tanto a partir das observações, como por meio das entrevistas. A ideia de um revestimento fantasioso que precede a chegada do bebê no ambiente familiar será explorada em vista da história relacional transmitida. Desse modo, compreende-se que o bebê precisa ser inserido numa narrativa para constituir-se como parte de determinada família e para co-escrever com os pais e os demais familiares um novo começo, que é também recomeço e traz sempre a possibilidade da transformação a partir do ineditismo do encontro com cada criança.

Tríade 1 – Adriano(P1), Ariane(M1) e Ariel(B1)

Adriano e Ariane situaram-se em seus relatos em estruturas familiares que convencionou-se chamar de reconstituídas. Nesta estrutura em particular, temos uma configuração composta por homens e mulheres que foram casados, assim como filhos(as) de relações anteriores e atuais. Surgem nesse contexto lugares intersubjetivos a serem ocupados por membros familiares e que fogem ao modelo tradicional da família nuclear e monogâmica, constituída por um pai, uma mãe e filhos(as), tais como: padrastos, madrastas, enteados(as) e meios-irmãos(as) (Araújo, 2011; Corrêa, 2012; Gomes, 2009).

Os membros deste casal em particular fizeram referência a separações entre os pais quando ambos eram crianças (Os pais de Adriano separaram-se quando ele tinha 7 anos e os de Ariane quando ela tinha 6). Ariane destacou que a separação entre seus pais trouxe para ela e os irmãos um afastamento em relação à figura paterna, distância que ela tentou diminuir indo conviver com o pai durante o fim de sua adolescência. No entanto, permaneceu a referência a um modelo de paternidade que provia suporte, mas que não era afetivo como ela gostaria. A

mãe também foi mencionada a partir de uma relação conflituosa por diferenças de temperamento e de comportamentos pouco afetivos.

Adriano assinalou um afastamento em relação à figura paterna após o divórcio e uma convivência com o pai que se dava apenas em datas comemorativas, restringindo-se o contato a conversas por telefone; relacionamento que, de acordo com Adriano, vinha sendo retomado nos últimos 6 anos. A relação com a mãe foi descrita de forma positiva, mas a pouca convivência com esta, devido a exigências de mobilidade por causa do trabalho, trouxe para a vida de Adriano a experiência precoce de ter que assumir um lugar parental junto ao irmão mais novo.

Santos & Antúnez (2017) discutem a possibilidade de filhos(as) de famílias reconstituídas terem ao longo de seu desenvolvimento contato com estereótipos de gênero mais flexíveis, devido a manutenção de cuidados e posições de autoridade desempenhadas por mães e pais em ambientes diferentes. Logo, em vista da separação do casal haveria a possibilidade de novos processos interativos em que os(as) filhos(as) seriam criados tendo contato com os novos lares da mãe e do pai após o divórcio. Podemos pensar que a convivência com outras práticas parentais a partir de padrastos e madrastas poderia também ampliar as referências de cuidado assimiladas pelas crianças que crescem neste tipo de configuração.

No entanto, ressaltamos que tanto para Adriano como para Ariane, o divórcio não implicou numa alternância entre os lares do pai e da mãe, mas sim numa diminuição da convivência com as figuras paternas, no caso de Adriano também com a figura materna. Nestes contextos familiares, podemos pensar em interações mediadas e indiretas e que ao mesmo tempo constituíram-se como ausências afetivas. Destacamos também uma diferença significativa na forma como estas ausências são mencionadas pelos participantes, Ariane pareceu enfatizar mais a qualidade da interação afetiva com os pais, considerados em alguns momentos a partir de uma atitude fria e de não aconchego. Em contrapartida, Adriano se remeteu mais a aspectos quantitativos ao falar sobre a ausência dos pais em seu cotidiano, pois mesmo se comunicando com ambos por telefone durante sua adolescência, este caracterizou a relação com os pais como próxima.

Levantamos, desse modo, a hipótese de estas experiências terem fomentado a fantasia por parte de Ariane de construir uma família com uma vinculação afetiva demonstrada de formas mais evidentes e cotidianas; e a fantasia por parte de Adriano de ser um pai “de verdade”, o que culminou numa prática parental mais afetiva, direta e assídua junto ao bebê. Considerou-se também a apropriação precoce deste pai do lugar de cuidador do próprio irmão

e de si como uma experiência que o habilitou a desempenhar funções de cuidado junto a sua esposa e filho.

A união do par conjugal foi considerada pelo casal como algo que se deu de forma relativamente rápida, em vista do curto espaço de tempo entre namorar, casar e ter filho. Porém, ao mesmo tempo em que isto é mencionado por Ariane, há em seu discurso uma noção de planejamento, na qual o desejo de constituir uma família com uma base financeira e emocional sólida mobilizou ações que culminaram em conquistas esperadas, o que incluiu também todo o processo de construção parental. Como mencionamos anteriormente haveria na contemporaneidade a associação entre parentalidade e empreendimento a longo prazo, algo que suscita a ponderação entre o momento adequado para conceber um(a) filho(a) (Viala, 2011). O investimento nessa construção é uma decisão negociada, sujeita a adiamentos, na qual as necessidades e as liberdades individuais são consideradas na escolha pela transição do casal sem filhos(as) para o casal parental.

A notícia da gravidez, dessa maneira, foi considerada um momento de maior aproximação entre Adriano e Ariane, acontecimento que os conectou com uma construção fantasiosa, derivada das histórias geracionais, e que encontrou um novo ponto de partida com a chegada de Ariel. A fantasia da mulher grávida e os processos identificatórios de Adriano ao se remeter ao período gestacional e até mesmo ao parto "*a gente não evoluiu*" (Fala de P1 ao tratar da dilatação da esposa, Entrevista) nos remeteram à construção do casal grávido (Salem, 2007). Fenômeno considerado como um processo de gestação intersubjetiva e intercorporal que implica ambas as figuras parentais, resguardadas as especificidades do corpo físico e psíquico do pai e da mãe e a forma como estes corpos interagem entre si e com o bebê dentro da barriga.

Tratar-se-iam de revestimentos parentais que se dão em diferentes nuances corporais, algo que é mais evidente na mulher em função da gestação, mas que pode gerar transformações no homem/pai que também está em transição para assumir o encargo parental (Lamour, 2008). Não seria o mesmo que reproduzir as alterações corporais da mulher, mas de mudanças ligadas ao processo de integração criativa de uma nova experiência e que traz não só para o corpo psíquico, mas também para o corpo físico novas vestimentas de ser. Este processo de transformação também é sedimentado pela interação intercorporal com o bebê e por tudo que o corpo infantil mobiliza nos pais.

Podemos pensar em modificações de entonação de fala e vocabulário (algo que será explorado adiante), em interações mais carinhosas mobilizadas pela presença do bebê e que podem se estender às interações do adulto com outras pessoas em seu entorno, ou até mesmo

em uma forma diferente de prestar atenção a detalhes do ambiente em função da segurança e do conforto da criança, algo que implica em uma nova escuta e em um novo olhar sobre os espaços cotidianos.

O corpo do bebê (dentro da barriga) é também revestido pelas fantasias relacionadas ao corpo físico e psíquico deste ser em integração. As identificações e expectativas dos pais sobrepõem, sobre este corpo em processo, revestimentos que dizem respeito às histórias relacionais precedentes de cada membro do casal (Golse, 2003) e que, posteriormente, são integradas e transformadas (quando a criatividade é respeitada) pela individualidade do bebê. Sobre as expectativas em relação ao sexo da criança, a mãe falou que, inicialmente, preferiu uma menina, isto foi justificado pelo lugar que ela ocupou em relação ao seu irmão mais velho em sua família de origem. Na perspectiva de Ariane o lugar de primogênito conferiria uma autoridade em relação aos irmãos, algo que, por estar situada na posição de irmã mais nova, foi experienciado por ela de forma negativa e que pode ser explicitado na seguinte fala:

> Quando eu engravidei, no primeiro momento eu queria ter uma menina, eu pensava sempre assim como eu sou mais nova e eu tenho um irmão mais velho, aí eu sempre pensava assim, não, eu queria que fosse uma menina, porque o menino sempre manda na menina quando é mais velho. (M1, Entrevista)

Refletimos sobre os revestimentos construídos em relação ao lugar de autoridade de um primogênito e sobre o gênero de quem ocupa este lugar, o que daria a uma filha um privilégio que ela não teve e/ou gostaria de ter tido. Ariane também complementou o seu relato ressaltando que, a despeito de sua preferência inicial, ela sentiu que conceberia um homem, algo que ela atribuiu a uma intuição religiosa ou hormonal e que também pode estar relacionado a uma apreensão estética de formas sensoriais (Safra, 2005), produzidas pela interação intercorporal entre o corpo da mãe e do bebê.

Adriano também construiu alguns revestimentos sobre um bebê do sexo feminino que estariam relacionados à suposição de uma vinculação mais intensa entre a díade pai-bebê(menina), algo relatado e corroborado também por Ariane. Consideramos este um revestimento presente no contexto psicossocial em algumas culturas nas quais a maior ligação afetiva do bebê, enxergada sobre uma lógica binária e heterossexual, se daria com o cuidador do gênero oposto[42]. Neste estudo partimos do entendimento de que esta é mais uma forma de

[42] Mencionamos a título de informação a construção freudiana em torno de um preenchimento maior no narcisismo a partir de um filho do sexo masculino. Na argumentação de Freud, a atualização do complexo edipiano conferiria à mãe de um menino um lugar fálico, enquanto a mãe de uma menina seria remetida novamente à sua própria castração e à inveja do pênis (Freud, 1932/1996). Esta é mais uma compreensão binária e pautada sobre a lógica heterossexual de gênero na qual a Psicanálise freudiana edificou alguns revestimentos em torno das fantasias

revestimento psicossocial a operar nos discursos e nas interações, não se trataria, portanto, de algo generalizável a todas as práticas de cuidado entre pais e bebê.

Compreendemos também que a vinculação intensa do bebê se dá com os cuidadores primários mais presentes em seu cotidiano, algo que pode incluir ou não o pai e pode ou não ter relação com o gênero da criança. Sobre a importância da individualidade e dos revestimentos construídos pelo bebê, mencionamos que apesar destas fantasias iniciais, Ariane destacou que a atualidade das interações com Ariel, até o momento da entrevista, demonstrava que este era carinhoso com ambas as figuras parentais. Algo que não era uma prerrogativa da mãe por ser do gênero feminino, em contraposição ao gênero do bebê, e que também foi percebido ao longo das observações.

Nesta família o momento do puerpério foi descrito como uma experiência vivida intensamente por Adriano e Ariane, que realizaram continuamente os cuidados demandados pelo recém-nascido. Mencionamos duas situações emblemáticas e que podem ser consideradas como uma transformação nos revestimentos em relação aos lugares do pai e da sogra (mãe da mãe) neste contexto. O primeiro deles refere-se ao momento do parto no qual Adriano demarcou um lugar privilegiado junto a um acontecimento que não poderia ter sido engendrado sem a sua participação "*Quem fez foi eu, então quem vai entrar sou eu*" (P1, Entrevista). A reação que poderia ser considerada hostil foi mobilizada pela suposição da avó de que, na possibilidade de acesso a apenas um acompanhante, ela é quem necessariamente teria este privilégio. Adriano, reagindo a uma anulação da importância de sua presença como essencial neste momento, sustentou o seu lugar de pai e estabeleceu um lugar periférico para a avó, algo que foi também sustentado por Ariane.

A segunda situação se referiu ao momento do pós-parto no qual o casal, seguindo a naturalização do lugar da avó como um suporte indispensável, instalou-se por um tempo na casa da mãe de Ariane. Embora toda a ajuda recebida tenha sido considerada como importante, a necessidade de uma autonomia e de uma construção parental na qual os cuidados provenientes do pai e da mãe fossem predominantes situou novamente a avó num lugar secundário. Dessa maneira, compreendemos que um novo revestimento foi criado quando o casal resolveu voltar para casa antes do previsto e cuidar do bebê de forma independente, situando o suporte composto pela família extensa como algo buscado apenas ocasionalmente.

---

familiares. Estes revestimentos, no entanto, também precisam ser situados em um contexto histórico e psicossocial determinado.

Podemos, portanto, inferir que nesta família a construção fantasiosa em torno do bebê mobilizou práticas de cuidado específicas e que foram relatadas como algo construído desde o início das interações com Ariel. Além disso, consideramos a possibilidade de novos processos interativos, nos quais Adriano situou-se também como cuidador primário e a avó, assim como a família extensa, foi situada num lugar à margem. Desde o início dos contatos e acessos a esta tríade observamos a possibilidade de revestimentos que subverteram algumas tradições já naturalizadas e que configuraram novas práticas de cuidado, atualizadas pelas fantasias de Ariane e Adriano, enquanto um casal parental, e pela interação com Ariel.

Tríade 2 – Breno(P2), Bárbara(M2) e Bruno(B2)

Na história relacional deste casal com as famílias de origem destacamos a ausência do pai de Breno em sua vida, algo que permaneceu para o próprio participante como uma lacuna que ele não soube como explicar. A menção a figuras masculinas e substitutas nos apontou uma tentativa de construir outras referências de paternidade. Havia também uma forte ligação com a mãe (pãe) que, na perspectiva de Breno, era na infância sua referência de autoridade. A avó paterna foi muitas vezes situada no discurso deste pai em um lugar de potência e superação diante de dificuldades enfrentadas. Breno também destacou em uma visita de observação o quanto ele, quando era bebê, "estranhava" a própria mãe. Esta foi uma informação que nos remeteu a um modelo de maternidade em que a mãe não era reconhecida como representante da maternagem, ou como a responsável pelo *holding* do bebê (Winnicott, 1965/1983), esta função tornou-se uma atribuição da babá.

Bárbara, por sua vez, de forma sucinta, porém elucidativa nos falou sobre uma figura paterna que havia falecido em sua adolescência e de uma vinculação muito forte com a própria mãe, algo que foi intensificado ainda mais após a morte do pai. A participante se referiu em vários momentos à mãe como uma parte muito importante de si, fazendo comparações entre esta e partes do seu próprio corpo "*é de fato ela é o braço e a perna, o corpo todo*" (M2, Entrevista). Refletimos a partir disso que, na atualização de sua prática parental, Bárbara experienciou não só uma identificação psíquica com a mãe que ela teve quando bebê, mas necessitou da intercorporalidade estabelecida entre mãe e mãe da mãe para situar-se neste novo lugar intersubjetivo e intercorporal. Nesse sentido, a identificação com a dependência e a fragilidade do filho mobilizaram um processo regressivo que demandou a presença da avó

materna de forma constante. Sobre a qualidade da presença e do suporte dos familiares quando há a primeira experiência parental, Missonnier (2004) nos traz o seguinte excerto:

> Jovens mulheres, na sua primeira gravidez, testemunham uma reaproximação com as mães, podendo ocorrer, então, diálogos muito fecundos entre a futura avó e a futura mãe. E isso também é provavelmente verdade para o avô, e diria que é mais amplamente verdade para todas as pessoas de confiança. Isto é, pessoas nomeadas pela jovem mulher grávida ou pelo marido que acompanha esse processo como aquelas a quem se recorre quando há crises existenciais. (Missonnier, 2004, p.119)

Ressaltamos também que as avós estiveram presentes em algumas observações desta tríade, principalmente, a avó materna. No entanto, foi possível constatar uma distinção marcante entre os modelos de maternidade transmitidos por cada avó, o que trouxe repercussões e influências para a prática atual dos cuidados exercidos por Bárbara e Breno. Nas interações cotidianas Bruno também demonstrou uma vinculação muito próxima com a avó materna e ao mesmo tempo atitudes de estranhamento em relação à avó paterna, esta afirmação está relacionada à observação de momentos em que ele parecia não reconhecê-la.

Bárbara e Breno, durante muito tempo um casal sem filhos (6 anos), resolveram ampliar a estrutura familiar por meio da parentalidade. Temos nestas tentativas de transformação um aborto espontâneo que permaneceu como uma ameaça presente durante toda a gestação de Bruno. Breno se remeteu a uma preocupação constante durante todas as ultrassons em saber se o bebê estava se desenvolvendo corretamente. Houveram também menções a receios com a morte súbita após o nascimento e a observação vigilante da respiração da criança durante o sono.

Em vista da decisão negociada pelo casal de ter pelo menos um filho, Bruno foi considerado um bebê planejado, o que nos remeteu, também nessa família, à ideia de uma construção parental como um projeto (Missonnier, 2004), escolhido para ser desenvolvido em vista do momento e das condições financeiras e/ou emocionais adequadas para receber este bebê. No entanto, ainda que tenha se tratado de uma escolha de ambos, a chegada de Bruno modificou consideravelmente o estilo interativo estabelecido pelo casal, o que, principalmente na perspectiva de Breno, culminou em uma sucessão de dificuldades que ameaçaram a estabilidade do casamento. Podemos pensar no bebê que é considerado, pelo pai, um terceiro separador na relação do casal (Menezes & Lopes, 2007).

A implicação de Breno nos cuidados e preparativos para a chegada do filho foram consideradas por ele e pela esposa como bastante ativa, pois o participante esteve presente em todas as ultrassons e acompanhou assiduamente todas as etapas do desenvolvimento fetal. No

entanto, ele se referiu a mudanças na vida sexual do casal e no humor da esposa, consideradas como dificuldades que exigiram paciência e maturidade de sua parte. Bárbara também enfatizou estas alterações de humor e reafirmou o quanto o marido teve paciência durante este período.

Os revestimentos sobre o sexo do bebê foram mencionados de formas diferentes pelos membros do casal, pois Bárbara nos trouxe a referência a uma família de origem na qual as filhas eram sempre mulheres, o que, na perspectiva de Breno, gerou frustração para alguns familiares. Breno por outro lado, sobrepôs a este bebê revestimentos que nos falaram sobre identificações específicas. Sob a ótica paterna, Bruno foi, desde a gestação, um bebê que se parecia muito com o pai, não só fisicamente, como em atributos psicológicos. Havia, desse modo, uma fantasia presente no discurso dos pais, principalmente de Breno, de uma criança que reproduziu muitos traços do pai, como por exemplo: formatos de partes do corpo (dedos dos pés); comportamentos agitados e necessidade de variação ambiental (algo que Breno identificou no filho e em si mesmo); e também algumas projeções bélicas nas quais este pai, que é um militar, construiu associações sobre o corpo infantil em processo.

Sobre estas associações podemos citar algumas situações observadas. O pai ao falar sobre a posição do bebê, que estava com o joelho apoiado no chão e a outra perna esticada, associou a imagem do corpo do filho com o que ele explicou ser uma posição de segurança em seus treinamentos físicos e que é também uma posição de locomoção em algumas situações profissionais. Em outra situação, Breno estimulou o filho a brincar com a seguinte fala "*vai fazer tua guerra*" (P2, 7ª observação), produzindo associações específicas na apropriação do brincar como uma ação bélica. No início das visitas de observação Breno se questionou "*Eu me pergunto que tipo de homem eu quero colocar no mundo*" (P2, 2ª observação) e descreveu os valores que ele achava importantes na criação de um filho: "*os pilares de uma educação são o amor, a disciplina e o exemplo*" (P2, 2ª observação).

Podemos levantar a hipótese de Breno usar aquilo que fazia parte de seu cotidiano profissional e que, de certa forma, organizava a sua realidade a partir de disciplinamentos e de referências de autoridade, o que ele inconscientemente também transmitia ao filho. Estes são revestimentos, não necessariamente masculinos, que o pai sobrepôs ao corpo do bebê. O caráter masculino ou feminino atribuído a estas fantasias não ficou claro no discurso paterno. Logo, associar as atitudes de disciplinamento e as associações bélicas como atributos masculinos seria possível apenas se fosse o participante a estabelecer estes revestimentos. Consideramos nesse contexto o fato de Bárbara trabalhar em uma área profissional parecida com a do marido e de

Breno ter situado à própria mãe como sua referência de disciplinamento e autoridade, o que nos remeteu também a características femininas que fugiam aos estereótipos de gênero tradicionais.

E embora alguns parentes na família materna tenham criado revestimentos sobre um bebê do sexo feminino, "*É porque a maioria dos meus realmente é mulher, na minha casa, eu tenho só dois primos. O resto é tudo mulher*" (M2, Entrevista), ambas as avós ficaram felizes com o fato de ter um neto. Breno ressaltou que sua mãe ficou ainda mais feliz que ele com este detalhe, segue a fala do participante:

> A minha sogra acho que gostou mais que foi menino. E minha mãe aí pronto, foi o fechamento de tudo. Acho que ela ficou mais alegre do que eu, de eu ter filho. É claro que é eu brincando, é claro que não. Porque filho único, o único homem que ela tem sou eu. Eu sempre fui muito ligado e sou a ela por conta da ausência de meu pai. E ela tem um neto e o neto ser homem, num tem coisa mais feliz pra vida dela do que isso. (P2, Entrevista)

Observamos nestas falas revestimentos projetados sobre um bebê que de um lado veio interromper ou ser um desvio na sucessão de transmissões e reproduções de mulheres e de mulheres que geram filhas mulheres; e por outro lado, um bebê que era um neto único (o casal declarou que possivelmente não teria outros filhos), assim como o pai era filho único, a preencher um lugar na ausência de um avô paterno. Havia, portanto, na história relacional (Golse, 2003) a ser construída por esse bebê junto aos pais, revestimentos apropriados a partir dos processos interativos, os quais já estavam a operar sobre seu corpo físico e psíquico antes mesmo dele nascer.

O momento do parto foi descrito como um acontecimento de muita emoção para o casal e que contou com a ajuda tanto da irmã quanto da mãe de Bárbara. A avó materna continuou assiduamente até o final do acompanhamento desta tríade sendo um "braço" do casal nos cuidados cotidianos com Bruno. Sobre a divisão dos cuidados iniciais com a criança, a avó e a mãe são declaradas como as principais cuidadoras e o pai, considerado desajeitado, foi adquirindo confiança em algumas atividades, como dar banho, somente quando o bebê já estava com 6 meses. Na sequência de importância Breno brincou dizendo "*primeiro é a mãe, depois a avó e depois eu*" (P2, 1ª observação). O pai, desse modo, se colocava e era situado num lugar periférico junto a esses cuidados. Algo que foi se modificando aos poucos com o crescimento de Bruno para uma interação intercorporal mais direta entre a díade pai-bebê. No entanto, permaneceu a ressalva a um cuidado exercido pelas figuras maternas (mãe e avó materna) como predominante, o cuidado exclusivo pelo pai só era realizado quando ele estava sozinho com o bebê.

Também podemos mencionar nos relatos de Breno e Bárbara dificuldades que interferiram no cotidiano de cuidados e que geraram conflitos e angústias específicas. Bárbara se remeteu aos problemas devido a dificuldades com a amamentação, aqui a mãe expressou claramente sua ambivalência em vista da necessidade de amamentar Bruno e ao mesmo tempo de sua dificuldade de se colocar em uma situação que poderia trazer novamente danos ao seus seios em recuperação. A experiência da dor intensa devido às rachaduras nos seios causou uma cisão nos processos identificatórios desta mãe, que precisou deixar de satisfazer a demanda imperativa do bebê, algo que ela só fez após insistentes recomendações médicas, para pensar em seu corpo de forma separada e protegê-lo da ameaça de ser danificado pela voracidade da criança. Breno se remeteu a uma espécie de enlouquecimento da esposa diante deste conflito e mencionou o fato de, junto com a cunhada, ter cogitado buscar um tratamento psiquiátrico para Bárbara.

Observa-se, de modo geral, uma mãe que esteve durante muito tempo sob os ditames das demandas imperativas do bebê, algo que também a fez entrar num estado de esgotamento e exaustão devido, principalmente, a privações de sono contínuas. Esta predominância do papel de mãe, em detrimento do papel de esposa, pode ter sido um dos motivos que fez com que Breno tenha sentido dificuldades em se envolver nos cuidados com o bebê e em manter a mesma relação de companheirismo anteriormente estabelecida pelo casal.

Houveram várias menções por parte do participante a um lugar inexistente em relação à Bárbara e um lugar facilmente substituível em relação a Bruno. O recorrente lugar de excluído foi justificado por Breno a partir da relação de completude atribuída à díade mãe-bebê. Bárbara, no entanto, falou sobre as pressões em atender todas as demandas da dependência absoluta (Winnicott, 1965/1983) "*a gente acha que é uma dependência tão grande que a gente precisa tá 100% ali, sabe? É essa ideia que a pessoa vem na cabeça, que é uma dependência pra tudo*" (M2, Entrevista).

Estas perspectivas diferentes sobre como este momento foi integrado e revestido por cada figura parental também nos indicaram diferentes tipos de identificação. Enquanto Breno nos apresentou a possibilidade da fantasia idílica de completude na relação mãe-bebê, Bárbara nos expôs uma realidade intersubjetiva em que a dependência tornou o corpo da mãe uma fonte de sobrevivência. A mãe nesta perspectiva é, inicialmente, matriz e nutriz única da vida do bebê, sustentando de forma abnegada e extenuante, com os produtos e o espaço formado pelo seu próprio corpo, a existência segura da criança.

8.2 Estilos interativos entre pai, mãe e bebê

Retomando a alegoria introdutória, argumentamos sobre aqueles que, a partir da visibilidade legitimadora, enxergam os revestimentos fantasiosos, o que no conto atestaria a qualidade de ser inteligente e digno do cargo ocupado. Na comparação metafórica com o contexto das interações entre pai, mãe e bebê, a inteligência foi pensada como algo que estaria situado muito além das capacidades cognitivas e como aquilo que atestaria a legitimidade do en(cargo) parental, na função de enxergar e revestir sobre uma nudez psíquica constitutiva. Estamos nos referindo, desse modo, a um saber (construído pelos cuidadores e pelo bebê) e que configura a singularidade do encontro. A ideia subjacente a essa construção é a de que o cuidado produz um saber por meio da intersubjetividade e da intercorporalidade específicas entre pais e bebê, mais ainda, um saber que é revestido e reveste a partir da integração criativa produzida na interação.

Diante destas considerações, trazemos o pressuposto de que: a sustentação da onipotência inicial da criança também produz um lugar onipotente a ser ocupado e abandonado pelos cuidadores; para que o bebê controle e crie um mundo que se molda às suas capacidades, os pais devem também exercer um controle sobre o ambiente, que é moldado e modulado de acordo com a apercepção primária; e esse controle demanda a construção de um saber que é produto da sustentação paradoxal de lacunas criativas (saber e não saber/criar e encontrar/ser e não ser, fazer e esperar etc). Nessa linha de compreensão, refletimos também sobre aquilo que é construído pela sustentação do que não se sabe e ao mesmo tempo do que é apreendido pelas comunicações do bebê com ambiente.

Captar estas comunicações e estabelecer uma intercomunicação, não necessariamente verbal, é justamente o que confere um caráter de construção mútua a este saber e que faz com que os revestimentos não sejam uma obstrução à criatividade do bebê em função da adequação a uma possível rigidez proveniente das sobreposições parentais. Inferimos, assim, que a apreensão intercomunicativa entre os corpos (físicos e psíquicos) é o que sedimenta os processos identificatórios da mutualidade intersubjetiva e é também o que possibilita a transposição da identificação primária e da preocupação materna primária para as identificações cruzadas (Winnicott, 1969a). Segue um esquema de representação destes processos concomitantes no bebê e nos pais na dependência absoluta:

TABELA 1 - Processos interativos entre cuidadores e bebê na dependência absoluta

Dependência Absoluta				
Bebê	Identificação Primária	x	Preocupação Materna Primária	**Cuidadores**
	Onipotência Primária	x	Onipotência Parental	
	Controle Mágico	x	Controle Ambiental	
	Criatividade Primária	X	Criar/Revestir/Conhecer o bebê	
	Saber sobre si	X	Saber/Cuidar (Técnica)	

Fonte: Produção da autora

Aqui temos um momento em que a identificação se dá em função da dependência absoluta. Mencionamos, a título de complementação, o trabalho de Campana, Santos e Gomes (no prelo), para destacar a possibilidade de uma preocupação parental primária, o que inclui também os processos identificatórios mobilizados pelo cuidado paterno no *holding* inicial oferecido à criança. O controle ambiental no contexto da dependência absoluta se volta para o provimento das condições adequadas e para a sustentação de uma continuidade de ser. Não se trata de controle sobre o bebê, mas sim, de um controle sobre aquilo que é acessado pela apercepção primária, o ambiente deve reduzir ao máximo as perturbações que poderiam inserir a intrusividade no processo de integração.

Como mencionamos anteriormente "O conhecer subordina-se ao criar" (Safra, 2005, p.25) e a criatividade por parte daqueles que cuidam deve se manifestar como uma conciliação entre revestir e encontrar o bebê. Logo, o saber sobre si, construído pela criança na dependência absoluta, é a resultante da integração criativa das experiências de ser cuidado por um ambiente suficientemente continente. Enquanto o saber parental é aquele que deve instrumentalizar o cuidar a partir da repetição de uma técnica construída pela identificação empática. Passemos agora às especificações dos processos interativos concomitantes entre pais e bebê na dependência relativa:

TABELA 2-Processos interativos entre cuidadores e bebê na dependência relativa

Dependência Relativa				
Bebê	Identificações Cruzadas	X	Identificações Cruzadas	**Cuidadores**
	Desilusionamento	X	Desadaptação	
	Transicionalidade	X	Apresentar Limites	
	Criar o não-eu	X	Se fazer conhecer	
	Saber sobre o ambiente	X	Saber a partir da interação	
	Cuidado internalizado	x	Cuidado atualizado	

Fonte: Produção da autora

O cuidado ambiental e a identificação empática sustentam, na dependência relativa, a capacidade do bebê de, paulatinamente, também identificar-se com o ambiente, deste momento em diante como um ser que se percebe como portador de uma individualidade, capaz de ter experiências compartilhadas. Sobre a desadaptação, ou a saída de uma adaptação absoluta em relação às necessidades primitivas, nos remetemos ao processo de desilusionamento, no qual a onipotência primária e o controle mágico são substituídos pela constatação de que o ambiente possui elementos que não só não fazem parte, como também não estão sob o controle do bebê (Winnicott, 1965/1983, 1975).

Aqui a transicionalidade insere o não-eu numa alternância entre percepção subjetiva e objetiva da realidade, o bebê passa a exercer um controle pela manipulação com a ajuda dos objetos transicionais, paradoxalmente, (nem) internos e (nem) externos (Winicott, 1975). Este é também um processo que está a operar no psiquismo dos cuidadores, pois estes devem abandonar o lugar de onipotência parental e deixar que o bebê lide com as frustrações e falhas relacionadas à espera na satisfação das necessidades. Novos limites ambientais são apresentados de acordo com as capacidades de cada criança (Winnicott, 1965/1983, 1975, 1988/2006).

Ressaltamos que o processo de desilusionamento não significa a abolição das ilusões, apenas a convivência concomitante entre a realidade subjetiva (predominante na apercepção primária) e a realidade objetiva e compartilhada. A ilusão, utilizada de início para criar um mundo onipotente, passa a estabelecer novas interações com o entorno a partir da percepção de outros corpos. Aqui podemos conceber a internalização de aspectos do cuidado por parte do bebê e a atualização do cuidado parental em função de uma relativa autonomia infantil (Winnicott, 1965/1983, 1975, 1990).

Todo o período de observação, portanto, foi situado no início dos processos concernentes à entrada na dependência relativa, o que proporcionou a oportunidade de observar a especificidade desse momento para cada família. A exposição desses esquemas se baseia tanto na teoria que fundamenta este estudo, quanto nos dados construídos a partir do acompanhamento das tríades. Passemos agora a discussão dos revestimentos que foram atualizados, transformados e/ou sobrepostos a partir das interações e dos cuidados observados durante o período compreendido entre o 6º e o 9º mês de idade dos bebês.

Tríade 1 – Adriano(P1), Ariane(M1) e Ariel(B1)

Na especificidade das interações que se remeteram a posições de onipotência parental e ao saber produzido pelos cuidados cotidianos, trazemos o relato de Adriano já na 1ª observação sobre uma busca em livros e manuais por respostas para a questão: Como educar o meu filho? Este pai, que se apresentou de imediato como ansioso, demonstrou uma necessidade de encontrar um manual de instruções na construção de um saber que o ajudasse a proporcionar não só uma boa educação, mas que também fosse uma fonte de informações sobre como entender as nuances comportamentais do bebê. Segue um trecho de observação referente a este aspecto do pai:

> Adriano senta no sofá ao meu lado, enquanto Ariane está na cozinha lavando pratos, e me pergunta se pode fazer algumas perguntas, eu respondo que sim e ele me fala que sempre pergunta a mesma coisa para outros pais ou profissionais, como psicólogos. Diz que lê muito e cita dois livros em que há conselhos e orientações sobre como educar crianças. Adriano menciona uma situação em que Ariel estava se movimentando agitado, enquanto Ariane trocava sua fralda e ele disse ao filho: "Não empurra filho, pra não machucar a mamãe". No entanto, após ler um dos livros mencionados ele entendeu que esse contato também era importante para o bebê adquirir força muscular e depois desse entendimento passou a dizer nessas situações: "olha como ele é forte, vai ser jogador de futebol". Ele continua me explicando que sente necessidade de entender estas nuances e que é muito ansioso. (P1, 1ª observação)

Aqui a vulnerabilidade, compartilhada pelos envolvidos nos cuidados com o bebê, foi exposta de forma evidente por Adriano. O participante situado no lugar daquele que não sabe ou não se apropriou de um saber construtivo e, consequentemente, estava a enxergar a falta de controle diante da nudez psíquica do bebê, recorreu em alguns momentos a um saber racional diante daquilo que era mobilizado pelo contato com experiências primitivas e infantis.

Sobre as condições que conferem confiabilidade ao saber materno, Winnicott (1988/2006) vem nos apontar que "a riqueza essencial deste conhecimento intuitivo é o fato de ele ser natural e não conspurcado pelo aprendizado" (p.14). A qualidade de natural neste contexto não diz respeito a algo que se dá de forma inata ou algo que passa a operar em todas as mulheres que se tornam mães, mas sim no fato de que "Devemos nos organizar de modo que em cada caso haverá alguém com tempo e inclinação para *saber o que a criança precisa. Pode-se saber isso na base de alguém conhecer a criança* [grifos da autora]" (Winnicott, 1965/1983, p.68). Temos, desse modo, a ênfase em um saber que é produzido na e pela interação entre cuidador-bebê e que torna-se um desafio neste início, posto que o acesso à percepção subjetiva, com a qual a criança reveste o mundo ao seu redor, implica no desenvolvimento de uma

intercomunicação criativa, ou seja, na espera e na retribuição do que é "enxergado" como espontaneidade no bebê.

Na contrapartida da posição inicial de não saber por parte do pai, temos uma mãe que sabia tudo sobre o bebê "*eu sei tudo né filho, cada cantinho e até o que ainda vai aparecer*" (Fala de Ariane na 3ª observação após me contar quantos sinais o filho tinha pelo corpo). Esta mãe nos apresentou um saber proporcionado pela identificação absoluta e pelo cuidado minucioso e assíduo. No entanto, no prosseguimento das observações, percebemos a vivência materna de um momento que demandou um processo de desadaptação, acentuado pela retomada da rotina profissional, no qual houve uma saída da posição onipotente a partir da percepção de que seu saber não era absoluto.

Compreendemos que o abandono do lugar onipotente por parte dos cuidadores primários é imprescindível para que o saber sobre o bebê não se transforme em um controle restritivo. Esta separação intersubjetiva e intercorporal demanda uma aceitação, muitas vezes difícil para algumas mães, de que não saber também faz parte do cuidar. Neste desilusionamento materno, observou-se em alguns momentos a dificuldade de Ariane em abrir mão do controle ambiental concernente aos cuidados com Ariel.

Ressaltamos também o lugar privilegiado do saber materno constantemente reforçado pelo pai. No que foi observado, Adriano encontrava-se de antemão em uma posição na qual não havia o reconhecimento de um saber próprio. Esta inferência está fundamentada no fato de que ainda que ele realizasse os cuidados de forma especializada e compreendesse algumas necessidades do bebê, sua posição de incerteza fazia-o demandar uma espécie de autorização ou confirmação da esposa em relação a tudo que era feito. Dessa forma, mesmo quando Adriano realizava os mesmos procedimentos que Ariane, em situações nas quais ela não estava presente, como no momento de higienização da 7ª observação, era preciso responder a um *check-list* do que tinha sido feito, o que servia tanto para dar confiança ao pai, quanto para reafirmar a mãe em seu lugar de potência.

Além disso, observou-se que, inicialmente, mesmo em situações nas quais não se sabia o que fazer, não havia um reconhecimento dessa dúvida por parte de Ariane, apenas um silenciamento diante dos questionamentos e sugestões do marido (4ª observação). A amamentação vinha ao encontro da lacuna do não saber materno funcionando como um tamponamento e preenchendo a falta de respostas de Ariane. À medida que as observações foram avançando, foi possível perceber uma mudança nesse contexto decorrente de alguns comportamentos de Adriano. Se havia, inicialmente, a necessidade de ser reassegurado pela

esposa, alguns incômodos foram percebidos em situações nas quais o saber materno era utilizado para restringir o ritmo ou a espontaneidade das interações entre Adriano e Ariel (5ª, 6ª e 7ª observações).

Estas regulações ocorriam, principalmente, em situações de brincadeiras, consideradas em alguns momentos como excessivas por Ariane. Esse excesso paterno era mediado pelas regulações da mãe em momentos que o corpo da criança era manipulado de forma brusca. Algumas vezes Ariel manifestava sinais evidentes que poderiam ser associados a esse excesso, como expressões de medo (5ª e 6ª visitas de observação), outras vezes mesmo sem que a criança demonstrasse incômodos havia uma regulação (7ª visita de observação), nesses momentos o pai era excessivo na percepção da mãe, pois não existiam elementos observáveis que pudessem confirmar este fato. É possível também apontar que Adriano parecia não perceber essas interações como excessivas "*Ela não entende que é com emoção, né pai?*" (P1, 6ª observação), demonstrando ficar constrangido ou desqualificado com as interferências da esposa.

Desse modo, podemos considerar estas regulações maternas tanto como sobreposições imperativas, relacionadas a aspectos da onipotência parental em Ariane e de sua dificuldade em abrir mão de um saber e de uma manipulação predominantes sobre o corpo do bebê; como algo relacionado ao controle ambiental, no qual a mãe intervia como interlocutora, em nome do bebê, "*Devagar, pai*" (M1, 6ª observação), para ajudar Adriano a compreender os limites da interação intercorporal com Ariel.

Outro momento interativo foi configurado pelo aumento na carga horária de trabalho de Ariane. Nesse período, Adriano começou a cuidar sozinho de Ariel durante o dia. Constituiu-se então um saber paterno de caráter informativo, no sentido daquele que se reportava ao materno naquilo que ele não alcançava. O retorno da mãe ao ambiente familiar era acompanhado pelo relato de Adriano do que havia acontecido durante o dia (8ª observação). O pai assim informava a mãe sobre o convívio, o saber aqui era quantitativamente maior em termos de tempo junto à criança, mas isso não implicou em uma substituição do saber materno.

A partir da 9ª observação notamos outra transformação nos processos interativos, nesse momento Ariane não só saiu de uma posição onipotente, como reconheceu as contribuições do marido. Ao interpelá-lo sobre dar banho ou alimentar Ariel, ela o reconheceu em um lugar além daquele que informava ou reproduzia, considerando-o como um cuidador tanto quanto ela e como aquele que poderia possuir um saber diferente. Ressalta-se também que Adriano conseguiu se colocar em uma posição não impositiva, resguardando o lugar materno. Logo, as

interações com o bebê ganharam a possibilidade de serem mediadas pelas contribuições de ambas as figuras parentais.

Compreendemos assim que o casal avançou de uma posição hierárquica de saberes para a interação entre conhecimentos complementares provenientes tanto do pai quanto da mãe. O caminho parental que já vinha sendo empreendido desde o início dos cuidados com Ariel e que foi entendido como uma co-construção mais autêntica do casal, culminou em uma relativização do saber materno e em um saber paterno construído e legitimado pelo ineditismo da experiência contínua junto à criança.

Outro processo interativo a ser considerado dentro da dependência relativa refere-se à alimentação e ao desmame. Observamos nesta tríade uma mãe que nos falou sobre um seio que não alimentava, mas que nutria de formas afetivas sendo mediador de momentos "chameguinho" entre mãe e bebê (3ª observação). Ariel estava, desde o início do acompanhamento à família, sendo alimentado com o leite artificial e, com algumas dificuldades, também por meio de uma alimentação complementar (sucos e alimentos pastosos).

Ariane falou em alguns momentos sobre o quanto ainda gostaria de estar amamentando, remetendo-se de forma nostálgica a um momento anterior no qual havia uma realização plena de sua função nutridora e que também configurava um vínculo específico entre ela e o filho (3ª observação). O seio-chameguinho, ainda situado na transição do desmame para ambos, foi uma experiência ora solicitada por Ariel, ora buscada por Ariane, algo que perdurou como apresentação afetiva e estética da ternura que perpassou os encontros da díade (Safra, 2005).

Ainda sobre a função nutridora podemos destacar, durante quase todas as observações, o preparo do gogó de Ariel, e também da alimentação complementar, por parte de Adriano. No entanto, ainda que fosse o pai a preparar, era Ariane aquela que sempre alimentava Ariel, resguardando seu lugar de nutridora primária e estabelecendo a mediação direta entre a comida e a ingestão do filho. Conjecturamos aqui, numa comparação metafórica, que Adriano, ao preparar o alimento a ser oferecido pela mãe e ingerido pelo bebê, entrava nestes processos como um corpo-nutriente, participando ativamente, mas de forma indireta na realização desse cuidado.

Esta característica do pai foi se acentuando à medida que a alimentação complementar era introduzida com mais insistência e ele passou a cuidar sozinho da criança (a partir da 8ª observação). Nesse momento ainda que, durante as observações, continuasse sendo a mãe a alimentar diretamente, podemos deduzir que na ausência de Ariane era ele quem estava

alimentando o filho. Acompanhamos também na 9ª observação a dificuldade da mãe em fazer com que Ariel aceitasse a alimentação complementar "*eu me sinto impotente*" (M1, 9ª observação), algo que a remeteu a um lugar de falha e que foi também uma outra forma de abandono do lugar onipotente, enfatizado pela exclusividade da amamentação. Adriano em contrapartida demonstrou ter mais paciência nesse processo e atuou reassegurando a esposa em sua função nutridora (9ª observação).

A 12ª observação demarcou um momento de maior aceitação de Ariel em relação à alimentação complementar, algo que foi facilitado por Adriano, situado neste momento também na função de nutridor, a estabelecer um outro tipo de mediação intercorporal entre a comida e a ingestão do bebê. Foi possível acompanhar a transmissão de um saber paterno sobre como alimentar da melhor forma e o êxtase do pai em ver Ariel demonstrando voracidade também em relação a esse novo tipo de alimentação.

Sobre a percepção da função nutridora assimilada pelo bebê, observou-se em três momentos (8ª, 10ª e 12ª observações) Ariel manipular o mamilo paterno "*esses parecem com os da sua mãe, mas não tem leite não*" (P1, 10ª observação). Este gesto investigativo foi manifestado de forma recorrente a partir do momento em que era o pai a ficar com o bebê durante parte do dia, enquanto Ariane havia retomado a rotina integral de trabalho. Ponderamos sobre um seio-pai reconhecido como nutridor também por Ariel, algo que nos remeteu à percepção por parte da criança e à apresentação por parte dos pais (se fazer conhecer) das especificidades dos estilos interativos e das práticas de cuidado.

Durante esse momento de cuidado primário exercido pelo pai também verificamos que as solicitações ou os incômodos de Ariel passaram a ser percebidos de forma imediatista por Adriano, o que fazia com que, em alguns momentos, ele apressasse a esposa em sua tarefa de alimentar (12ª observação). Segue um outro exemplo desse aspecto manifestado nas interações de Adriano com o filho:

> Ariane sai da mesa e vai até Ariel para lhe oferecer um pouco de cuscuz que ela leva no dedo e coloca na boca do filho. Adriano diz que ele pode se engasgar, mas Ariel come sem dificuldades. Ariane dá um beijo no pé do filho e volta a se sentar. Ariel segura um boneco e o põe na boca, fazendo besourinho algumas vezes. Ele também movimenta as pernas de forma ritmada, cruzando-as em alguns momentos. A mãe fala com ele de forma cantada dizendo que o ama. Ele fica quieto por um certo tempo, emitindo balbucios ou fazendo barulhos com a garganta. Depois de um tempo ele começa a demonstrar inquietação, inclinando-se para a frente como se quisesse sair da cadeirinha. Adriano diz que ele está com sono e se levanta, apertando num botão da cadeirinha do filho. Ele diz: "espera um pouco painho, já tô terminando". Ariel começa a chorar e Adriano vira seu corpo na direção do filho, enquanto tenta comer logo. Ariane diz para o marido se ajeitar e terminar de comer. Adriano, no entanto, continua a comer

> apressadamente e vai falando com Ariel pedindo para ele esperar. Ele diz: "já já eu lhe pego pra gente brincar e fazer o zigueriguedum". Ele termina de comer e põe o prato na pia, voltando em seguida e retirando Ariel da cadeirinha. Ele se senta com o filho no chão da sala e Ariane continua a comer na mesa. (11ª observação)

Nesta observação identificamos uma urgência em retirar o bebê de uma situação de possível incômodo, o que nos remeteu a um momento em que o pai, sob as demandas captadas a partir da identificação, pareceu alimentar a onipotência primária tentando atender à necessidade ou diminuir a intensidade do incômodo de forma imediata. Inferimos que a maior convivência com a criança e a apropriação também do lugar de cuidador primário, exercendo interações diretas com Ariel, mobilizou em Adriano um nível mais profundo de identificação, o que, consequentemente, pode ter interferido tanto nas suas capacidades de compreender as nuances das comunicações primitivas, como na prontidão em atender as demandas.

Ariane por outro lado, já em um momento de desadaptação, demonstrou mais tolerância em fazer o filho esperar, sustentando a capacidade de Ariel de também lidar com a frustração. Acompanhamos a configuração de um contexto em que ambas as figuras parentais, por meio da interação direta com o corpo do bebê, conseguiram estabelecer especificidades intercomunicativas, além disso, observamos a importância, para a ampliação do saber parental, de práticas de cuidado em que a intercorporalidade tornou-se imprescindível.

Entre outros aspectos que compuseram os estilos interativos entre a tríade, acompanhamos em vários momentos o estabelecimento de contatos ternos e amorosos, demonstrados de formas evidentes por Adriano e Ariane, correspondidos pela atenção compenetrada e o deleite do bebê (3ª, 6ª, 11ª e 12ª observações). Em situações nas quais um dos pais estava em outro cômodo da casa, mas ainda acessível ao contato visual (6ª observação), Ariel esteve constantemente a sustentar a presença de ambos em seu entorno, comunicando-se afetiva e corporalmente. Destacamos também a observação recorrente de interações nas quais tanto o pai, quanto a mãe estimularam Ariel a avançar em seu desenvolvimento psicomotor, bem como interações lúdicas específicas a cada díade (5ª, 6ª, 7ª observações).

Ariane em alguns momentos estimulava o filho com brincadeiras de aproximação/afastamento (5ª observação) e esconder/encontrar (7ª observação) que nos remeteram tanto à transicionalidade e à conciliação entre as realidades subjetiva e objetiva, quanto aos interjogos que auxiliam o bebê a lidar com as ausências e presenças maternas. A dependência relativa, deste modo, esteve a configurar os tipos de interação lúdica entre a díade mãe-bebê. Adriano por outro lado, estabeleceu em várias observações brincadeiras que envolviam um caráter musical e rítmico com Ariel (11ª observação), aqui temos um outro tipo

de estilo interativo, no qual o brincar parecia ser utilizado para que pai e bebê aprendessem a se comunicar num ritmo próprio.

Este aspecto interativo da díade pai-bebê também fez parte de outros tipos de intercomunicação, nas quais Adriano, na construção de seu saber parental, estava sempre a esperar o bebê manifestar respostas e reações que dessem indicativos sobre a melhor forma de realizar os cuidados. O pai esteve, desse modo, sempre a informar e preparar o bebê antes de realizar suas ações, além disso, os gestos, incômodos e balbucios de Ariel iam modulando a forma como Adriano realizava ou interrompia o que estava fazendo (2ª, 3ª, 6ª observações). Este foi um procedimento evidente na técnica de cuidar paterna e que se relacionou de forma mais nítida ao cuidado e ao revestimento intercorporal no qual o bebê foi considerado como um participante ativo.

Em relação a este aspecto, Ariane esteve ora esperando o gesto individual e os sinais de incômodo do bebê, ora cuidando de forma mais intuitiva e imediata. Estas especificidades também nos falam sobre diferentes posições de saber e de identificação, ocupadas pelos pais em relação à autonomia e à criatividade primária. O saber construído pelo casal parental, portanto, configurou-se, ao longo do acompanhamento familiar, rumo: à apropriação de uma técnica de cuidados co-construída; à integração criativa da experiência cotidiana; e às especificidades das intercomunicações intersubjetivas e intercorporais estabelecidas com Ariel.

Tríade 2 – Breno(P2), Bárbara(M2) e Bruno(B2)

Sobre o momento de entrada na dependência relativa para esta família trazemos, inicialmente, a construção parental de um pai que sabe muito sobre o bebê. Na descrição minuciosa e perspicaz de vários aspectos observados cotidianamente, assim como nas variações do comportamento do filho ao longo dos três meses, Breno se apresentou a partir de um saber intrinsecamente relacionado às suas capacidades perceptivas e cognitivas. Sobre essa construção por parte do participante, trazemos um trecho de fala:

> Parece que o seu cérebro é limitado pra compreensão. Quando você tem um filho o seu cérebro abre mais uma sinapse assim. Abre mais uma janela de percepção do mundo. Você cria mais um sentido. Seu cérebro você leva numa boa, quando você tem um filho seu cérebro faz tuff, ele abre a compreensão pra outra coisa. É outro patamar de inteligência, de capacidade cognitiva. (P2, Entrevista)

Ao mesmo tempo em que o bebê "*É toda uma ciência*" (P2, 1ª observação) a ser aprendida, não necessariamente apreendida, este saber pareceu, para este pai, não ser utilizado

na construção de uma prática de cuidados e de uma técnica autônoma. Como nos referimos anteriormente, o que fundamenta o *holding* ambiental é, precisamente, o criar/revestir e o conhecer a criança e suas idiossincrasias a partir da identificação com a posição infantil (Safra, 2005; Winnicott, 1988/2006). Logo, a referência à construção de um saber a partir das capacidades cognitivas por parte de Breno estava mais concernida a uma dificuldade de identificar-se com a posição subjetiva do filho, que a um senso acurado e empático de percepção.

Em várias observações é possível notar que esta dificuldade se manifestou em momentos em que o bebê parecia estabelecer comunicações e Breno não sustentava este processo como uma intercomunicação, encaminhando a criança à mãe ou ignorando o gesto espontâneo de Bruno, algo recorrentemente manifestado em situações nas quais o bebê demonstrou incômodos e o pai continuava a estimulá-lo a realizar determinadas ações (1ª, 2ª, 3ª, 4ª observações). Assim como, situações nas quais Breno, mesmo sozinho com Bruno, estava mais envolvido no relato das informações que na interação com o filho em seus braços (5ª e 8ª observação). Temos, desse modo, um saber que subentende um contato com a criança como alguém a ser observado e catalogado, o que configura: uma mutualidade que não se constrói como uma troca de gestos espontâneos; um revestir que não se subordina ao criar e ao encontrar; e a sobreposição de conhecimentos objetivos ao conhecer a criança.

Compreendemos a partir disto que na possibilidade de entrar em contato inconscientemente com o seu próprio bebê retroativo, por meio da revivescência e da presentificação, Breno permaneceu predominantemente de forma defensiva na posição segura do adulto, enquanto aquele que experiencia e interage a partir de recursos cognitivos mais elaborados. A integração da experiência paterna nesse contexto se deu mais ao nível intelectual que criativo. É possível refletir também que é justamente esta dificuldade em lidar com o bebê retroativo em si mesmo que traz como consequência uma negação das fragilidades e dependências que circulam nos processos interativos entre cuidador e bebê.

Nas defesas erigidas em função da experiência primitiva para este pai, inferimos que o tipo de interação estabelecido poderia estar relacionado também ao cuidado que o participante confirmou ter recebido de sua própria mãe, como aquela que era uma figura de autoridade e disciplinamento, além de alguém que o ajudou "*a sentar, engatinhar e andar, mesmo trabalhando em 3 horários*" (Fala da avó paterna, 3ª observação). Logo, na atualização da experiência parental, a maternagem recebida e transmitida por Breno, mobilizou práticas de

cuidado seletivas, voltadas predominantemente à ludicidade, ao disciplinamento e à estimulação psicomotora.

Bárbara, por sua vez, apresentou-se como uma mãe e uma mulher a partir do que era falado pelo marido. Este pai se colocou no lugar de porta-voz das experiências de cansaço e exaustão vivenciadas pela esposa, enquanto Bárbara, mesmo sendo o assunto dos relatos de Breno, interagia de forma silenciosa ou parecia em muitos momentos não estar prestando atenção ao marido. Em algumas observações nas quais Breno falava profusamente sobre o bebê e a esposa, Bárbara parecia interagir apenas com Bruno, estabelecendo uma intercomunicação exclusiva e paralela, na qual a díade mãe-bebê circunscrevia uma mutualidade difícil de ser acessada por este pai. Breno nestes momentos soava como um ruído que não fazia parte, ou alguém desconectado, ao mesmo tempo em que tentava estabelecer contato com ambos (1ª, 2ª e 5ª observações).

Aqui temos tanto a possibilidade de uma comunicação paterna que se sobrepunha e competia com as intercomunicações entre a díade mãe-bebê, como uma comunicação que tamponava as lacunas de presença enfatizadas pelos silenciamentos desta mãe. Ressalta-se também que Bárbara, em situações em que o marido não estava, falava, ainda que de forma breve, sobre suas próprias experiências parentais. A exemplo da 1ª observação, na qual só quando questionada pela pesquisadora sobre seu cansaço, ao fim da observação, ela falou sobre a cronicidade de sua privação de sono; ou na 9ª observação quando ela espontaneamente contou sobre as dificuldades em criar um bebê e os problemas que teve ao amamentar.

Nesse sentido, consideramos aspectos relacionados a características pessoais de reserva e discrição em Bárbara, mas também a uma dificuldade de estabelecer uma intercomunicação para além do bebê, algo que pareceu durante muito tempo demandar grandes esforços e recursos psíquicos desta mãe. No contexto destas dificuldades parentais, cogitamos sobre a construção de um saber materno que não foi transmitido como algo que poderia ajudar o pai a ser instrumentalizado numa técnica de cuidados. Aqui a mulher é naturalizada, pelo marido e por ela mesma, como cuidadora, o saber é suposto como associado ao lugar ocupado por uma mãe e não como uma construção (5ª observação).

Trazemos uma fala de Bárbara sobre este aspecto "*É porque, no fundo, no fundo, a mãe acha que só ela sabe fazer as coisas*" (M2, Entrevista). Logo, temos um saber fazer onipotente que predominou de forma exclusiva e que não se transformou em uma transmissão de como fazer, ao menos não para Breno. A transmissão da técnica de cuidados, ou da maternagem, estaria configurada como uma rede que liga de forma restrita e inconsciente uma família de

muitas mulheres? E de mulheres que geram mulheres? E, embora Breno demonstrasse ter conhecimentos, algo que ele didaticamente fazia questão de assinalar em várias observações (1ª, 5ª, 8ª observações), o como fazer aprendido por este pai não era produto de uma intercomunicação com a esposa e o bebê, mas sim de uma observação constante, porém, distanciada enquanto prática.

Ainda sobre a construção desse saber parental, produto ou não das identificações, temos um bebê que foi usado corporalmente pelo pai como uma confirmação de saber (1ª, 2ª, 10ª observações). Houveram, dessa maneira, várias situações em que as informações fornecidas foram seguidas de estimulações por parte de Breno para que o filho provasse a veracidade do que estava sendo dito. Nestas situações, Bruno ora correspondia à expectativa e reproduzia o discurso paterno com o próprio corpo, ora se "negava" a demonstrar. Segue um exemplo deste tipo de interação:

> Breno diz que o bebê precisa de estimulação para sorrir e fala que eles sempre fazem festa quando chegam em casa para que Bruno veja o ambiente de forma positiva. Ele continua falando que quando chega do trabalho sempre fala com o filho sorrindo ao reencontrá-lo. Nesse momento ele se aproxima do filho sorrindo e falando. Bruno presta atenção ao pai, mas não sorri em resposta. Breno continua dando o mesmo sorriso várias vezes, mas Bruno não sorri. (3ª observação)

Ainda sobre as interações entre a díade pai-bebê, observamos também momentos em que Breno manipulava o corpo de Bruno de uma forma em que a criança acabava vomitando (2ª, 3ª, 4ª observações). Este tipo de interação, mencionado pelo casal como algo corriqueiro, foi observada de forma recorrente ao longo dos primeiros encontros com esta família. A intercorporalidade entre pai e bebê estabelecia-se de modo que Breno estava sempre levando o corpo de Bruno a limites de incômodo (vômito ou choro), o que assinalava de forma mais enfática o momento em que a estimulação transformava-se em um excesso. Nestes momentos em que o corpo do bebê precisava ser protegido nas interações intercorporais com o pai, destacamos que Bárbara ora tentava intervir, mediando a comunicação dos incômodos, ora permanecia impassível, não interferindo em nome do bebê.

Podemos citar aqui um momento na 12ª observação, em que o brincar, iniciado por Bruno com a caixa transparente, foi transformado por Breno em uma interação lúdica que excedeu as capacidades motoras e perceptivas do bebê. Observamos, dessa maneira, a construção de uma intercorporalidade em que a estimulação paterna mobilizava a musculatura e a atenção do bebê a se proteger de aspectos ambientais imprevisíveis.

Neste contexto, portanto, verificamos o estabelecimento de padrões em que os movimentos do corpo infantil eram produzidos como uma reação às interações conduzidas pelo

pai e os gestos de Bruno não eram derivados de sua própria espontaneidade, com exceção das situações em que o bebê contradizia o discurso paterno, não reproduzindo o estímulo (3ª, 6ª, 10ª observações). Cogitamos aqui sobre a formulação de uma espécie de autonomia reativa, no sentido daquela que pode estar relacionada ao gesto criador que se molda em uma base de submissão aos revestimentos alheios e externos à subjetividade do indivíduo, ou ao gesto criador que só é autônomo na medida em que constrói um fazer não esperado.

E, se o pai era em alguns momentos excessivo para o corpo da criança, cogitamos a possibilidade de o vômito recorrente estar relacionado a um excesso também para o pai. Em vários momentos acompanhamos a referência de Breno a um vínculo entre mãe e bebê justificado, principalmente, pela amamentação "*pra ter um vínculo tão forte assim, só se o pai desse de mamar*" (P2, 1ª Observação). Neste sentido, para Breno, o leite regurgitado poderia estar relacionado a um excesso do materno, no corpo do filho, que deveria ser expelido, algo que esteve relacionado a uma interação muito específica deste pai, cujo propósito era facilitar ou forçar uma autonomia entre mãe e bebê. Bruno ainda estava sendo alimentado ao seio e Bárbara mencionou em vários momentos que iria continuar amamentando enquanto pudesse. Ainda que a alimentação complementar também tivesse sido introduzida, esta não interrompeu a frequência da amamentação.

No 2º encontro com a família acompanhamos o "experimento" paterno de tentar levar o filho sozinho ao supermercado sem a presença de Bárbara. Nesta experiência, o momento entre pai e bebê não foi descrito a partir da necessidade de ter um momento exclusivo com a criança, mas sim, como um teste à tolerância de Bruno de ficar sem a mãe continuamente. E, se foram observadas interações mobilizadas para tornar o bebê mais independente, também haviam falas e incentivos para ajudar a esposa a retomar outros aspectos da vida, relegados a último plano nos primeiros 6 meses da criança.

Observamos a retomada por parte de Bárbara dos exercícios na academia, algo realizado assiduamente antes da chegada de Bruno. Aqui temos o retorno a um corpo potente que, sob a ótica paterna, nas observações e na entrevista, foi transformado em função das demandas imperativas "*Porque os hormônios alteram o corpo e a percepção de si se altera, os cabelos caem, os seios se modificam, tudo muda e o nível de estresse é maior*" (P2, 2ª observação). A ênfase constante nestes aspectos do corpo materno nos remeteram, principalmente, a associações em torno de uma intercorporalidade mãe-bebê vista a partir da impotência.

Este foi mais um exemplo do quanto a dependência e a nudez psíquica mobilizadas pelo contato com o bebê, geraram percepções específicas neste pai e que se relacionaram a

dificuldades de identificar-se a partir da posição do bebê retroativo. A onipotência primária não foi, desse modo, um processo psíquico concebido e compartilhado por Breno. O *holding*, e tudo que a provisão ambiental do bebê demandou, estava situado como uma experiência de falta de controle e anulação subjetiva, atestadas pela ausência intersubjetiva e pelo esfacelamento corporal de Bárbara.

A potência intelectual desta mãe, também mencionada por Breno, foi resgatada com o retorno às aulas na faculdade, descritas por ela como uma atividade quase recreativa ou um *hobby*, no qual não existiam pressões profissionais e cujos cronogramas e compromissos poderiam ser adiados em função da adaptação do bebê. Segue o trecho de observação no qual podemos acompanhar o relato materno sobre o assunto:

> Bárbara fala que voltou a estudar e acrescenta que não iria ficar se pressionando, indo em algumas aulas apenas. Ela diz também que não se importa em perder matérias, pois isto não era algo que ela precisava fazer com dedicação, principalmente, por ter que dar atenção a Bruno. (5ª observação)

Temos também o momento (6ª observação) em que a participante retomou sua carga horária de trabalho, o que estabeleceu, de acordo com Breno, dois ritmos de interação para Bruno, um quando Bárbara estava presente o dia todo e outro quando ela só chegava em casa no começo da noite. Nestes dias eram a avó materna e o pai quem cuidavam dele. Bárbara demonstrou brevemente os seus receios e o sofrimento gerado por esta separação durante as observações, relatando de forma mais detalhada o que sentiu durante a entrevista:

> Mas, a pessoa fica com saudade. Fui trabalhar, quando eu comecei a trabalhar, eu chorava, a minha mãe: “Meu Deus mulher, você não sabe que tem que trabalhar?!”. “Eu sei, mãe”, “É assim mesmo, todo mundo sofre, mas você vai se acostumar”, “Queria ficar em casa”. Eita, meu Deus! Queria mesmo, não vou mentir. A gente acha que não sobrevive, depois você nota, a mãe falou assim “rapaz, você foi trabalhar, tu chorou mais que o menino”. (M2, Entrevista)

A relativização da dependência trouxe como consequência sofrimentos relacionados à separação da convivência intercorporal constante e o início da saída de um lugar onipotente em relação aos cuidados com o bebê. Breno, neste contexto, enfatizava com suas ações e falas o processo de desilusionamento, “*Bárbara, chegou um momento que agora é dolorido, mas o Bruno sobrevive sem você*” (P2, Entrevista), o que tanto ajudou a esposa a reconhecer a necessidade de uma desadaptação em relação às demandas infantis, quanto enfatizou a apropriação de uma posição de terceiro, como elemento separador, a tentar retirar esposa e filho da mútua dependência que o excluía.

Entre as retomadas de uma intersubjetividade para além do bebê, temos também, na 8ª observação, um momento em que Bárbara pareceu voltar a se preocupar com aspectos concernentes à sua feminilidade e à conjugalidade entre o casal. A ida ao cabeleireiro nos assinalou a possibilidade de uma reapropriação de si mesma, enquanto alguém com uma individualidade separada do bebê, e de outros lugares intersubjetivos e intercorporais, como o de esposa. Daí em diante observamos demonstrações mais evidentes de carinho entre o casal. Na 11ª observação Breno, de forma jocosa, estimulou o filho a olhar para Bárbara, enquanto a beijava. Bruno neste momento ignorou o que o pai mostrava e olhou para a pesquisadora sorrindo. Verificamos assim uma interação paterna que tentou promover uma reapresentação da mãe, no lugar de esposa, e a tentativa de inserir a conjugalidade de forma específica na subjetividade do bebê, situando-o a partir de um lugar de terceiro excluído.

Se no período puerperal Bruno foi considerado, pelo pai, como um elemento separador a causar uma crise na relação entre o casal, as interações entre pai e filho se refletiram, principalmente, num desenvolvimento psicomotor que avançou progressivamente, no sentido de instrumentalizar o corpo da criança a se tornar independente, não necessariamente autônomo. Observamos também um bebê que solicitou a presença constante de ambas as figuras parentais "*ele quer que fique os dois com ele o tempo todo*" (P2, 7ª observação), o que nos apresentou um outro tipo de interação, na qual o bebê transformou-se em um elemento que também retomou, a partir de suas novas demandas, a conjugalidade dos pais.

Portanto, nos estilos interativos construídos por esta tríade, acompanhamos um saber fazer materno que não foi compartilhado com o pai, enquanto um cuidador primário possível, e um saber paterno que impôs um ritmo nas interações com o bebê. Desse modo, compreendemos que houveram dificuldades no estabelecimento das intercomunicações diádicas entre o casal e entre pai e bebê. Os processos interativos foram marcados por aspectos de competitividade entre parentalidade e conjugalidade, principalmente para a figura paterna, o que nos apresentou a demanda em torno de um desfusionamento entre mãe e bebê que se sobrepôs, enquanto revestimento e processo interativo, à integração criativa das experiências.

8.3 Parentês – A linguagem afetiva da tríade

Destacamos neste subtópico algumas elaborações em torno da linguagem afetiva que perpassou os encontros entre as tríades. Estamos nos referindo aqui ao *parentês*, que engloba

além do *manhês* (Catão, 2011; Gratier, 2011), as adaptações configuradas em torno de uma linguagem específica também entre pai e bebê. Remetemo-nos novamente, dentro de uma teoria geral do cuidar, elaborada por Figueiredo (2012, 2014), às funções de reconhecimento e de interpelação como capacidades a serem desenvolvidas e operacionalizadas pelos cuidadores. É preciso, desse modo, reconhecer/interpelar a singularidade de forma empática do outro-bebê e do outro-parental, aqui temos a mobilização de processos que conferem um caráter de pertencimento "*aquilo com o que ela se parece se acha relacionado com o que ela vê ali"* (Winnicott, 1975, p.154). E é necessário também reconhecer/interpelar o outro em sua diferença, o que implica em esperar a manifestação da espontaneidade e acreditar numa individualidade em construção.

Ambas as funções fazem parte dos processos identificatórios, mobilizados pelo *holding* oferecido e pela função *reverie* (Bion, 1962/1991), enquanto facilitadores de traduções e interpretações a partir da mutualidade intersubjetiva. A criatividade infantil acolhida como comunicação e situada numa intercomunicação insere o bebê num campo simbólico de representações psicossociais particulares a determinada família, o que por sua vez complexifica o alcance das ilusões criadoras e das fantasias, a mediar de forma constante as interações entre realidade subjetiva e objetiva (Golse, 2003; Winnicott, 1975).

Incluímos o pai no contexto desta manifestação linguageira (Gratier, 2011), característica das enunciações construídas em torno do bebê antes da apropriação da linguagem verbal, em vista do reconhecimento de que o contato mais assíduo e direto com a criança, além da revivescência e presentificação do bebê retroativo naqueles que cuidam, mobilizou também nos homens/pais algumas adaptações de prosódia e sintaxe em função dos bebês, resguardadas as especificidades de cada caso. Consideramos também a possibilidade de a voz paterna, no momento da gestação, ser o primeiro contato intercorporal entre pai e bebê. A voz, nesse sentido, quando há o estabelecimento de intercomunicações com o feto, interpela o bebê a partir de uma outra referência ambiental, em comparação com as interações intercorporais entre o corpo do bebê dentro do corpo materno.

Seguindo estes apontamentos passaremos agora a descrição de alterações percebidas a partir do material de cada tríade em torno do que estamos chamando aqui de *parentês*. Passemos, primeiramente, às alterações de prosódia. Estas compreenderam as mudanças de tonalidade na voz, referentes às falas em tom mais agudo e ao aumento ou diminuição na altura vocal. Houveram também mudanças de ritmo, referentes à enunciação produzida de forma melódica, ao aumento ou diminuição na velocidade das falas e à repetição rítmica. Quanto às

especificações sintáticas observadas, segue a apresentação de três tipos de interpelação recorrentes:

1. *Interpelação Empática*

Este tipo de interpelação operou ao nível de uma tradução relacionada à função *reverie* do cuidador (Bion, 1962/1991). Nessa operação de traduzir a partir do gesto espontâneo do bebê, que pode se dar com sinais evidentes ou fantasiados, os pais situaram-se a partir do bebê retroativo. Houve, desse modo, um empréstimo dos recursos linguísticos e simbólicos do adulto para mediação de significados atribuídos pelo bebê, o que também exigiu uma capacidade empática acurada em relação às necessidades e detalhes sutis que passariam despercebidos a alguém que não estivesse numa posição de identificação. Ressalta-se que neste tipo de interpelação, o bebê retroativo desponta sob a ênfase da revivescência, enquanto rememoração inconsciente. Temos, desse modo, um adulto que ao identificar-se com o bebê, traduz e produz uma intercomunicação, a posição de adulto não é anulada.

TABELA 3- Interpelação empática - Trechos de fala dirigidos ao bebê por observação

OBSERVAÇÃO	TRÍADE 1	TRÍADE 2
1ª	"*Bom dia, paizinho!*" (P1)	
2ª	"*Ô mãe me dá um pouco desse peito, por favor*" (M1)	"*Quem é essa tia?*" (M2)
3ª	"*É a tia Carine*". (P1) "*Tá vendo mãe, pode tomar água de côco também*" (M1) "*Quem é essa estranha que não é daqui? Eu não vejo ela por aqui*" (M1) "*Eu gosto tanto desse negócio fazendo um carinhosinho no meu ouvido*" (M1) "*Me dá peito, mãe*". (M1)	
4ª		"É a tia" (P2)
5ª	"*Que fome, pai!*". (P1)	
6ª	"*E agora, pai?*" (P1) "*Cadê a mamãe?*" (P1) "*Cadê a mainha?*" (M1) "*Ela não entende que é com emoção, né pai?*" (P1) "*Devagar, pai*". (M1)	

(Continua)

TABELA 3- Interpelação empática - Trechos de fala dirigidos ao bebê por observação (Continuação)

OBSERVAÇÃO	TRÍADE 1	TRÍADE 2
6ª	"*E agora mãe, como eu faço isso?*" (M1) "*Eu fico com o papai, mas não é a mesma coisa*" (M1)	
7ª	"*Sabia, tia Carine, que eu tenho dormido bem melhor, quase não tenho acordado*" (P1) "*Onde tá o painho?*" (M1)	
8ª		"*Olha a tia, papai!*" (P2)
9ª	"*Olha ela aqui, é Carine*" (M1)	
11ª	"*É a tia Carine*" (P1) "*Ô mãe, termina logo com isso!*" (M1)	"*Tá gotoso!*" (M2)
12ª	"*Tá vendo tia Carine, como eu cresci desde que você chegou aqui*" (M1) "*Ei mãe, fique comigo agora, você passou o dia todo fora*" (M1)	

Fonte: Produção da autora *(Conclusão)*

- P1 e P2 – Pais da tríade 1 e 2, respectivamente/ M1 e M2 – Mães da tríade 1 e 2, respectivamente.
- Ressaltamos que, em vista de 2 feriados durante o período de observação, houveram 12 observações da tríade 1 e 11 da tríade 2.

2. *Interpelação Aglutinante*

Nessa interpelação o bebê é chamado de pai ou mãe e, consequentemente, os pais se colocam na posição do bebê e/ou do filho como se realizassem a ação. A fala demonstra uma identificação aderente na qual as posições subjetivas se confundem. Temos aqui um bebê retroativo sob a ênfase da presentificação, o bebê que os pais foram manifesta-se numa espécie de sub-rogação da experiência infantil. A posição adulta é diluída na interação e o bebê pode ser situado em uma enunciação que se remete também à função parentalizante da criança.

TABELA 4- Interpelação aglutinante - Trechos de fala dirigidos ao bebê por observação

OBSERVAÇÃO	TRÍADE 1	TRÍADE 2
5ª	"*Tô aqui, mãe*" (M1)	
6ª	"*Vamos sentar, pai*" (P1) "*Vai pai, tenta?*" (P1) "*Eita mãe, vamos mamar pra parar de soluçar*" (M1)	
7ª		"*Já vou, pai*" (P2) "*Pai! Pai!*" (P2) "*Ô pai, faça isso não*" (M2) "*Ô pai, vamos comer pera*" (M2)
8ª		"*E tá sério é pai?!*" (P2) "*Engasgue não, pai*" (P2) "*Eita foi demais, né pai?*" (P2)
9ª	"*Tem que comer, painho*", (P1) "*Tem que comer, pai*" (P1)	
10ª		"*Ô desculpa pai, não quer agora, né?*". (P2)
11ª	"*Espera um pouco painho, já tô terminando*" (P1)	"*Ela já vem, pai!*" (P2)
12ª	"*Painho, dá pra você soltar o meu peito*" (P1) "*Calma pai, deixa eu terminar isso*" (P1)	

Fonte: Produção da autora

- P1 e P2 – Pais da tríade 1 e 2, respectivamente/ M1 e M2 – Mães da tríade 1 e 2, respectivamente.
- Ressaltamos que, em vista de 2 feriados durante o período de observação, houveram 12 observações da tríade 1 e 11 da tríade 2.

Interpelação Individualizante

Este tipo de interpelação pressupõe uma separação corporal (física e psíquica) entre cuidador e bebê. Há nesse tipo de chamamento, pelo nome próprio ou pelo lugar de filho, um apelo à individuação psíquica a partir das identificações cruzadas. O bebê aqui é considerado como alguém relativamente independente.

TABELA 5 – Interpelação individualizante - Trechos de fala dirigidos ao bebê por observação

OBSERVAÇÃO	TRÍADE 1	TRÍADE 2
1ª		"*É, hoje ele tá enjoadinho*". (P2) "*Leite não é comigo, é com ela*" (P2)
2ª	"*Olha filho, a tia Carine*" (M1) "*E tá paquerando Carine, é?*" (M1) "*Pula pipoquinha, pula pipoquinha, vamos vestir a roupa filho*" (P1) "*E esse buxo de lama? E esse buxo de lama?*" (P1) "*Assim, filho!*" (M1)	"*tá muito enxerido*"(M2)
3ª	"*Já já vai tomar banho, né filho?*" (M1) "*Já sei o que você quer, é o cinto nas suas costas né? Deixa a mamãe tirar*" (M1) "*Que fedor, filho!*" (P1) "*Quer peito, né filho? Eu vou dar*" (M1) "*Vamos trocar de peito, filho?*" (M1)	"*Mostra, filho*" (P2) "*É a vovó, filho*" (P2) "*Não vai ter*" (P2)
4ª	"*Tá olhando pra Carine é Ariel?*" (M1) "*Tá brincando com Carine, né filho?*" (M1)	"*Mamãe tá com os braços cansados, filho*" (M2) "*Vamos comer banana, filho!*" (M2) "*Ei durma não, dormiu a manhã toda rapaz*" (M2) "*Tá aí, filho*" (M2) "*Tá vendo pra tua mãe regulando a gente?*" (P2) "*Quer ver Bárbara ficar irritada? É quando eu seguro ele assim*" (P2) "*Bruno tá nem aí, ele gosta*" (M2) "*Se despede da tia, Bruno*" (P2)
5ª	"*Não pula filho, vai colocar tudo pra fora*" (M1) "*eu nunca vi a pessoa querer andar sem ter aprendido a sentar*"(P1)	"*Mas é maloqueiro*!" (P2) "*Criança quando gosta de uma brincadeira quer que a pessoa fique fazendo o tempo todo*" (M2)

(Continua)

TABELA 5- Interpelação individualizante - Trechos de fala dirigidos ao bebê por observação (Continuação)

OBSERVAÇÃO	TRÍADE 1	TRÍADE 2
	"*gostoso*"(M1) "*Vamos mamar, filho*" (M1)	
6ª	"*desistiu, foi? Hein preguiçoso?*" (P1) "*Vamos tentar de frente então*" (P1) "*Cuidado pra não virar, filho*" (P1) "*Isso filho, conseguiu levantar sozinho*" (M1) "*Mamãe vai fazer em você também*" (M1) "*Você quer um banho, filho?*" (M1)	"*Agora só quer mamar assim, inventa cada uma esse Bruno*" (M2) "*Aperte não filho, agora ele tá dando uns apertos no meu peito*" (M2) "*Não tá nem mamando, só brincando*" (M2) "*Bora Bruno, levar a tia até a porta*" (M2)
7ª	"*Assim não filho, carinho*" (M1) "*Vamos esconder o painho*" (M1) "*Vamos os três pra caverna*" (M1)	"*ah ele tá conversando tanto*"(M2) "*Tá gostoso, né filho?*" (M2) "*É filho*" (M2) "*O negócio dele é jogar no chão pra gente ir pegar*" (M2) "*Vamo comer uma pêrinha, filho?*" (M2) "*Já dá pra fazer um toucinho com as tuas banhas, Bruno*" (P2) "*Vai fazer tua guerra*" (P2) "*ele quer que fique os dois com ele o tempo todo*" (P2) "*Puxe não que o pai é careca*" (P2) "*Tu quer ela? Tu quer ela?*" (P2) "*Tem que trabalhar filho, tua mãe tá gastando muito*" (P2) "*É pra segurar, é?*" (M2)
8ª	"*Vai filho, o outro pé*" (M1) "*Esse, filho*" (M1) "*Isso, filho*" (M1) "*esse não tem leite não, filho*"(P1) "*dá um abraço na mãe, filho*"(M1)	"*O papai tá conversando com o tio*" (P2) "*Alô, Alô Bruno*" (P2) "*Olha a vovó, filho*" (P2) "*Não vai sair não, filho*" (M2)
9ª	"*Come, filho*", (M1) "*tem que comer*"(M1) "*fui mais rápida que você*"(M1) "*a mamãe precisa insistir e não vai desistir, você é muito miúdo para saber o que quer*" (M1)	"*E foi, filho?*" (M2) "*Vamos comer pera, filho*" (M2) "*Bruno, mostra como chama a gata da vovó*" (M2) "*É o ventinho, filho*" (M2) "*Peidando Bruno!*" (M2)

(Continua)

TABELA 5- Interpelação individualizante - Trechos de fala dirigidos ao bebê por observação (Continuação)

OBSERVAÇÃO	TRÍADE 1	TRÍADE 2
9ª	"*Mamãe vai esperar você comer*" (M1) "*pronto, limpo como brilux*"(P1) "*Gordinho do papai, tem que comer*". (P1) "*Pega filho o dedo da mainha*", (M1)	"*Chama a vovó, Bruno*" (M2) "*Esse não é de colocar na boca, filho*" (M2) "*Dá tchau, Bruno!*" (M2)
10ª	"*E foi, filho? Tá contando pra mamãe como foi o dia, é?*" (M1) *é sexta-feira filho, eu vou ter amanhã e depois de amanhã para ficar com você*" (M1) "*eu já sei o que você quer*"(M1) "*Tá com saudade do paizinho é filho?!*" (P1) "*esses parecem com os da sua mãe, mas não tem leite não*"(P1) "*Com tanta bolinha tu vem pegar as do teu pai*" (P1)	"*o pai tá conversando, filho*"(P2) "*Olha a espada do pai, filho*" (P2) "*Dá um abraço nele, filho*" (P2) "*Bruno vamos dançar um sertanejo*" (P2)
11ª	"*Deixe eu ajudar você, filho*" (P1) "*perna dura!*"(P1) "*É só a barba crescer um pouquinho e tu não quer saber mais do teu pai, né?*" (P1) "*Tá rindo pra tia Carine, é?*" (P1) "*Tu quer pegar a bolsa da tia Carine, né?*" (P1) "*Bate palma, filho*" (P1) "*Cansou, filho?*", (P1)	"*Que dengo, filho*" (M2, Obs. 11) "*Tá se exibindo, né filho?*" (M2) "*Pede pro teu pai, pai pega a minha bolinha*" (M2)
12ª	"*olha como está atirado*"(M1)	

Fonte: Produção da autora *(Conclusão)*

- P1 e P2 – Pais da tríade 1 e 2, respectivamente/ M1 e M2 – Mães da tríade 1 e 2, respectivamente.
- Ressaltamos que, em vista de 2 feriados durante o período de observação, houveram 12 observações da tríade 1 e 11 da tríade 2.

Estas foram especificações construídas a partir do registro das falas enunciadas pelos membros dos casais nas interações com os bebês e que compuseram um dos aspectos presentes nos relatos escritos após as observações. Não temos, com esta forma de apresentação dos dados, a pretensão de fazer uma análise quantitativa dos enunciados, pois estes serviram apenas à finalidade de sistematizar parte das comunicações e refletir sobre a questão: De que forma o

parentês, ou a ausência do *parentês,* específico à cada tríade também demonstrou aspectos dos estilos interativos em construção? A seguir trataremos destas especificidades em cada família.

Tríade 1 – Adriano(P1), Ariane(M1) e Ariel(B1)

No que se refere às alterações de prosódia nas falas de Ariane e Adriano dirigidas a Ariel, podemos destacar, primeiramente, a presença da voz terna e sedutora da mãe. Em vários momentos enquanto a mãe falava, Ariel a olhava compenetrado em deleite, como se estivesse, por meio do gesto vocal, hipnotizado pela voz reconfortante e carinhosa que lhe era dirigida. Observamos também modificações nítidas na tonalidade da voz de Adriano ao se dirigir ao filho. Estas modificações apresentavam a partir do aumento da altura, da mudança no tom da voz (mais agudo) e da ternura comunicada, uma adaptação intersubjetiva e intercorporal relativa à posição psíquica do bebê.

Mencionamos também às falas enunciadas de forma melódica tanto por Adriano, como por Ariane. Como dissemos anteriormente, esta era uma interação específica e recorrente entre a díade pai-bebê e era utilizada para modular a velocidade das interações lúdicas. Ariel também demonstrou interesse pelo tom de voz grave do pai. Em situações nas quais Adriano falava em seu tom de voz adulto, percebeu-se que o bebê observava de forma atenta e curiosa, o que sugeriu a possibilidade, por parte de Ariel, de apreensões estéticas diferenciadas e paralelas, além do começo da conciliação entre as "duas vozes" do pai, voz do *parentês* e voz do adulto, na mesma pessoa.

Sobre as repetições rítmicas podemos mencionar momentos em que os balbucios do bebê eram reproduzidos, principalmente por Adriano, e interações intercorporais nas quais os movimentos do bebê eram espelhados por um dos pais, ou era o próprio bebê a espelhar os movimentos captados. Segue uma descrição que exemplifica este caráter de espelhamento intercorporal:

> Adriano está sentado com o filho no tapete emborrachado na sala. Ariel está deitado sugando absorto um brinquedo e o pai chama sua atenção dizendo "desistiu foi? Hein preguiçoso?" Adriano aproxima o rosto do filho e começa a beijar sua orelha. Ariel fica rindo. Adriano beija a barriga do filho e diz "tu sabia que é o amor da vida do painho?" Ele põe Ariel sentado novamente e fica beijando seu pescoço, este chora e o pai logo fala "já sei, foi a barba, né? Pronto, pronto". Ariel para de chorar. Adriano se senta e segura o filho em pé, ele anda na ponta dos pés e olha na direção da cozinha. Adriano diz "Cadê a mamãe?", Ariel sorri. Ariane vem até o filho e diz "Cadê a mainha?" Ariel sorri e ela volta à cozinha. Adriano permanece com o filho no tapete. Ele se deita e Ariel bate na barriga do pai, que está sem camisa. Adriano deixa o filho à vontade e Ariel aproxima o rosto da barriga do pai, tentando mordê-lo. Adriano sorri. (6ª observação)

O trecho nos expõe uma interação na qual o bebê repete, a sua maneira, a ação realizada pelo pai, temos aqui aspectos que conferem à interpelação um caráter ressoante, no sentido daquilo que produz ecos intercorporais, o que compreende a simples repetição dos balbucios aos interjogos imitativos entre pai, mãe e bebê. Concebemos a partir da interpelação ressoante a possibilidade do gesto espontâneo ser amplificado e devolvido aos pais e/ou ao bebê de uma forma diferente. E ainda que a comunicação individual seja irreplicável, neste tipo de interpelação a empatia é demonstrada pela tentativa, consciente ou inconsciente, de ressonância do gesto criador.

No que foi exposto em relação às alterações de sintaxe, acompanhamos as capacidades de Ariane e Adriano de tradução em nome de Ariel a partir de vários exemplos nos quais, na interpelação empática, o bebê ganhou um lugar como interlocutor. Nas interpelações aglutinantes observamos a enunciação de falas em que estavam implícitas a fantasia de realizar as ações junto com o bebê; além da troca de posições nas quais a ação era realizada pelo pai ou pela mãe, mas era atribuída ao bebê e vice-versa. Tratar-se-iam de falas mobilizadas pela diluição entre o bebê atual (presente) e o bebê retroativo (presentificado) dos pais. Em acréscimo, consideramos que situar o bebê na posição de pai ou de mãe poderia estar relacionado às capacidades da criança de também parentalizar os pais (Lebovici, 2004), ou seja, de ajudá-los, a partir de uma identificação aderente, a saberem como modular aspectos do cuidado ambiental.

E por último, temos o registro de várias falas, de ambas as figuras parentais, nas quais o bebê é situado em um lugar intersubjetivo e intercorporal separado, na interpelação individualizante. Esta separação estava concernida tanto à facilitação da individuação do bebê e à interpelação da diferença (chamar o bebê pelo nome próprio); quanto à inserção num lugar de pertencimento na história familiar (chamar o bebê de filho). Neste último aspecto também podemos mencionar falas nas quais os pais se referem a si mesmo na terceira pessoa - "*Gordinho do papai, tem que comer*". (P1, 9ª observação)/"*Mamãe vai esperar você comer*" (M1, 9ª observação) – relativas a uma apresentação dos lugares parentais, enquanto posições intersubjetivas e intercorporais a serem reconhecidas pelo bebê.

No que diz respeito à linguagem afetiva estabelecida pela tríade, constatamos que o *parentês* fez parte do repertório intercomunicativo tanto de Adriano, quanto de Ariane e foi utilizado em várias nuances para auxiliar nos processos identificatórios com Ariel. Verificamos também diferentes tipos de identificações (empáticas, aderentes e cruzadas) nas interações entre

pais e bebê, nas quais a criança ocupou, constantemente e de várias maneiras, uma posição de interlocutor.

Tríade 2 – Breno(P2), Bárbara(M2) e Bruno(B2)

No que se refere às alterações de prosódia observadas nos encontros com esta tríade temos, de modo geral, a predominância de falas carinhosas e em tonalidades mais agudas por parte da mãe. A ternura e o conforto dessa linguagem específica entre mãe e bebê foi expressada de formas mais evidentes nas situações em que algum cuidado era realizado com Bruno, nos momentos de amamentação, ou quando o bebê estava mais solícito em relação à presença materna, a exemplo das observações após o retorno de Bárbara à rotina de trabalho (a partir da 6ª observação).

A voz do pai também foi mencionada como uma interação intercorporal entre a díade pai-bebê desde a gestação. Breno apresentou alterações na altura da voz relacionadas a tentativas de diminuição da agitação do filho, em função da quantidade de estimulação recebida: "Breno diz que em momentos nos quais o bebê está agitado, eles tem que ir desligando luzes, falando mais baixo, colocando uma música lenta e assim ele vai ficando menos agitado" (1ª observação). Esta modulação ambiental também estava relacionada à necessidade de que Bruno fosse uma criança que se adequasse às interações sociais. Nesse sentido, o bebê era estimulado a falar baixo na presença de outras pessoas, ou em outros ambientes: "Breno relata que sua mãe estava brincando com Bruno de repetir os gritos do neto e ele a repreendeu, explicando que nessas horas ela devia falar mais baixo, para que ele aprenda a não gritar" (2ª observação). Temos assim uma modulação na altura da voz que era mobilizada tanto em função da diminuição do excesso de estímulos, como por uma espécie de disciplinamento em torno de comportamentos sociais considerados aceitáveis.

As intercomunicações intercorporais de carinho eram muito evidentes entre mãe e filho e muitas vezes não envolviam elementos verbais por parte da mãe, estas interações eram mencionadas por Breno como gestos exclusivos do bebê direcionados à Bárbara. Também podemos mencionar a disposição do pai para embalar o filho em momentos de sonolência. De acordo com o casal, o bebê dormia de formas específicas com cada cuidador (mãe, avó e pai) e era embalado pelo pai ao som de músicas. Nesse ínterim, os ritmos estabelecidos por cada díade cuidador-bebê foram configurados pelos estilos interativos e pelo reconhecimento, por parte de Bruno, das especificidades do cuidado.

Nas interpelações ressoantes, Bárbara reproduzia muitas vezes os balbucios de Bruno e estava sempre significando estes gestos vocais como uma conversa mobilizada pelo bebê. Breno, por sua vez, não apresentou falas em que a intercorporalidade do bebê era "ecoada", significando as alterações nos balbucios como novas vocalizações e, consequentemente, se referindo a estas de forma objetiva. As reproduções paternas dos sons produzidos pelo bebê ocorriam em momentos nos quais este pai tentava dar informações sobre as nuances observadas, dessa maneira, tratavam-se de sons reproduzidos numa conversa entre adultos e não da ressonância do gesto vocal do bebê.

Sobre as alterações de sintaxe apresentadas por esta tríade, constatou-se a pouca utilização de interpelações empáticas por ambas as figuras parentais. Inferimos deste fato que, a pouca tradução de Bruno a partir da função *reverie* da mãe poderia estar concernida a uma espécie de impermeabilidade no acesso à díade mãe-bebê, o que, consequentemente, tornava a criança pouco acessível a outras intercomunicações. Fato que também pode ter interferido na qualidade das comunicações entre pai e bebê, nesse sentido a mãe não facilitava o aprendizado de como pensar pelo bebê. Como referido anteriormente, Breno parecia não compreender Bruno e ter dificuldades em estabelecer identificações a partir da posição subjetiva infantil num momento primitivo do processo de constituição psíquica.

Ressaltamos, no entanto, que Breno demonstrou a utilização de interpelações aglutinantes. A partir dos exemplos mencionados constatamos a presença de chamamentos concernidos à aderência entre as posições do pai e do bebê, o que nos remeteu à presentificação do bebê retroativo e à tentativa de estabelecer uma identificação na qual a posição adulta estaria mais diluída. Seria o mesmo que tentar transpor a dificuldade de "pensar pelo bebê" (Identificação empática), para uma comunicação em que se "pensa no lugar do bebê" (identificação aderente), por isto a hipótese de uma sub-rogação do lugar infantil. Além disso, como referido antes, este tipo de interpelação poderia também estar relacionada às capacidades do bebê de ajudar (intersubjetiva e/ou intercorporalmente) no processo de parentalização. Logo, o bebê se deixa sub-rogar, exercendo também um tipo de cuidado em relação aos pais.

Ainda sobre este tipo de interpelação, temos duas falas de Bárbara nas quais o bebê é chamado de pai, o que nos remeteu a uma maior complexidade nesta troca de posições. Cogitamos a possibilidade de uma identificação aderente entre pai e filho também sustentada pela mãe, algo que poderia estar relacionado ao revestimento sobre um bebê que reproduz os comportamentos do pai; ou ainda, numa apresentação materna do lugar do pai, antes intersubjetivamente excluído, para Bruno.

A predominância das falas nesta tríade foi situada no tipo de interpelação individualizante, o que corroborou a ideia de uma mobilização em torno do desfusionamento entre mãe e bebê e a necessidade de infundir autonomia em Bruno e Bárbara. Nas nuances da utilização deste tipo de interpelação, verificamos falas que mobilizaram: o processo de individuação (chamar o bebê pelo nome próprio); a inclusão numa história familiar (chamar o bebê de filho), a apresentação dos lugares parentais de cada cuidador (os pais se referem a si mesmo na terceira pessoa) e a divisão de ambientes intercomunicativos paralelos (se referir ao bebê na terceira pessoa). Neste último tipo de fala, o bebê, ainda que presente, é mencionado como "ele" ou "criança", o que individualiza, mas ao mesmo tempo compartimenta os níveis de conversa estabelecidos. Nesse sentido, fala-se sobre o bebê, mas não com o bebê que está presente, esta foi um tipo de divisão recorrente em várias comunicações de Breno, nas quais este pai falava muito sobre, mas não necessariamente com o filho.

Portanto, o *parentês*, como uma linguagem afetiva que se subordina à subjetividade infantil, foi utilizado mais pela mãe que pelo pai nesta família. Ao mesmo tempo em que a intercomunicação predominantemente observada se deu com Bruno como alguém já separado e individualizado, as intercomunicações entre mãe-bebê situaram-se num nível mais primitivo e intercorporal durante boa parte do acompanhamento a esta tríade. Logo, haviam demandas parentais relativas à apropriação, por parte do bebê, de um lugar independente (identificações cruzadas); e também a manutenção de aspectos exclusivos à vinculação entre mãe e filho (identificação primária). Dessa maneira, a posição de interlocutor, a ser ocupada pela criança, foi conduzida de forma dicotômica pelos revestimentos sobrepostos do pai e da mãe.

8.4 Afazeres domésticos x Investimentos profissionais

Se a dependência relativa é concebida como um processo intersubjetivo e intercorporal, consideramos nas diversas maneiras em que isto ocorre em cada família aspectos relacionados aos imperativos psicossociais do contexto político e cultural ao qual os pais estão inseridos. Logo, em vista dos limites de tempo concedidos a partir das licenças materna e paterna no Brasil, o período compreendido a partir dos 6 meses de idade da criança atesta um limite máximo de convívio ininterrupto com a mãe, fixado por lei; enquanto este limite se reduz para 5 ou 20 dias para os pais que se utilizam da licença paternidade.

E embora as famílias acompanhadas tenham conseguido estender este tempo inicial de convívio com os bebês, esta é uma realidade pouco acessível a maioria da população brasileira. O período de observação, portanto, foi situado num momento de transição entre o final das licenças maternas e o retorno das mulheres ao trabalho, o que mobilizou rearranjos nas interações familiares e também trouxe repercussões para o processo de construção dos estilos interativos em andamento.

Tríade 1 – Adriano(P1), Ariane(M1) e Ariel(B1)

Adriano e Ariane situados quanto à renda familiar na classe média brasileira conseguiram usufruir de licenças e benefícios que concederam 7 meses com o bebê para Ariane e aproximadamente 2 meses para Adriano. Ambos também pareciam muito envolvidos em suas carreiras profissionais, realizando cursos de pós-graduação (mestrado e especialização) em um período recente ao início do acompanhamento familiar. E apesar de Ariane declarar que trabalhou até uma semana antes de ter Ariel, o retorno ao trabalho para ambos após as licenças deu-se de maneira bastante diversa.

Não foi possível acompanhar o retorno de Adriano ao trabalho em vista do período escolhido para o início das observações, no entanto, o participante nos falou sobre uma carga horária que se concentrava em dois dias da semana, o que dava bastante tempo de convívio com esposa e filho. Ariane por outro lado, à medida que sua licença ia chegando ao fim, retomou sucessivamente um emprego pela manhã e outro pela tarde, o que a fazia chegar em casa apenas no início da noite, esta mudança passou a ocorrer a partir da 8ª observação.

Os sofrimentos gerados num momento prévio a essa separação temporária entre mãe e bebê foram recorrentemente manifestados como algo constante nas preocupações de Ariane, que estava sempre mencionando a iminência deste acontecimento. Acompanhamos também alterações manifestadas por Ariel, descrito como "*cabisbaixo*" e "*morgado*" após o retorno da mãe a um dos empregos (1ª observação). Na 4ª observação o adoecimento da díade mãe-bebê também foi percebido como algo que poderia estar relacionado a esta separação para ambos. O retorno à carga integral de trabalho (manhã e tarde) foi acompanhado por mudanças no ritmo de sono do bebê, que teve dificuldades temporárias para dormir, algo que o casal diz ter sido resolvido nas observações seguintes a esta segunda mudança na rotina.

Como vimos já na visita de apresentação do TCLE (APÊNDICE C) ao casal, havia a decisão prévia que diante destas alterações, seria Adriano o responsável exclusivo por cuidar

do bebê na ausência da mãe. Algo que corroborava desde o início uma confiança no pai como um cuidador primário e um lugar conferido a Adriano que não ameaçava Ariane. No entanto, ao longo das primeiras observações identificamos aspectos relativos à competitividade presente nas interações diádicas entre o casal, algo que esteve relacionado à necessidade de ter uma atenção especial por parte do bebê. Inferimos, dessa forma, ciúmes em relação à posição privilegiada da mãe por parte de Adriano; e inseguranças, por parte de Ariane, em relação à manutenção do vínculo com o bebê em função do retorno ao trabalho e às ambivalências diante da possibilidade de ter o seu lugar suplantado pelo cuidado oferecido pelo marido.

Trazemos aqui alguns exemplos que justificam a percepção de elementos de competitividade nas interações parentais : a percepção paterna de um bebê que é puxa-saco da mãe (1ª observação), à menção a uma barba que fura o corpo do bebê e é um elemento invasivo (5ª observação), uma fala em relação ao suborno pela atenção do bebê "*30 ml de suco de manga de manhã se falar primeiro papai*" (P1, 6ª observação); e a sustentação da mãe de um lugar privilegiado "*eu fico com o papai, mas não é a mesma coisa*" (M1, 6ª observação).

Destacamos também a presença de regulações imperativas e críticas por parte de Ariane em relação ao cuidado exercido por Adriano, algo que foi particularmente intensificado na 7ª observação, momento que precedeu o retorno da mãe ao segundo emprego. Relacionamos, portanto, este aspecto crítico e competitivo dirigido ao pai, como um derivado da angústia de separar-se mais ainda de Ariel. Ressaltamos também que o caráter de competitividade foi abandonado por ambos diante do cansaço demonstrado por Ariane em função da sobrecarga de trabalho. Nestes momentos, Adriano se dispunha a cuidar dos afazeres domésticos e preparar a comida de Ariel, para que Ariane tivesse mais tempo de qualidade com o filho. Além disso, o participante mencionou a filmagem de momentos considerados importantes no desenvolvimento do bebê para que a esposa os acompanhasse mesmo não estando presente e pudesse revê-los quando retornasse para casa (9ª, 10ª e 12ª observações).

Em relação aos investimentos profissionais destacamos a informação dada por Ariane durante a entrevista de uma possível saída de um dos empregos, algo que foi cogitado pelo casal desde o início das observações como uma experiência que seria posta em teste em vista das adaptações e do bem-estar dos membros familiares. A possibilidade de mudança foi justificada em vista da necessidade materna de acompanhar de forma mais assídua os avanços no desenvolvimento de Ariel, algo corroborado pelas seguintes afirmações:

> Eu acho que assim, foi um momento muito angustiante pra mim ficar longe dele. O momento de voltar ao trabalho foi muito angustiante. Enquanto eu tava em um, que eu ainda tinha a tarde e a noite pra ficar com ele não foi tão pesado, mas a partir do

> momento que eu fiquei nos dois, aquilo ali me tomou, né. E ver a reação dele quando eu chegava, quando eu ligava pelo telefone, quando ele me via. Então eu acho que não tem dinheiro que pague. Você ver o seu filho bem, você acompanhar. Chegar em casa ele bateu palma e eu não vi. Então eu não quero isso. (M1, Entrevista)

> Então quando a gente usou essa expressão de "nós nunca queremos terceirizar o carinho, a atenção, a educação e o zelo com Ariel", a gente levanta essa bandeira muito forte hoje. Tanto é que Ariane tá fazendo essa opção de, provavelmente, deixar o emprego pra não deixar o Ariel com ninguém, não por egoísmo, mas sim por ter ele perto, acompanhar cada segundo da vida dele. Então é o que a gente tava falando, ontem ele não abria a boca pra comer nada, hoje ele já abriu. Então é esse passo que a gente não quer perder, sabe? É esse... é essa aproximação aí. A gente sempre projetou e a gente vem continuando hoje. (P1, Entrevista)

Logo, nesta família constatamos a conciliação entre um discurso em prol de uma não terceirização do cuidado, ressaltado durante a entrevista, e o que foi observado enquanto prática do casal. O cuidado com Ariel e os afazeres domésticos não foram assim delegados a terceiros, sendo atribuições complementares apropriadas de forma não hierárquica por Adriano e Ariane. Em relação a este compartilhamento igualitário de afazeres e cuidados, observamos de forma recorrente momentos em que o bebê era posto em sua cadeirinha de frente para a cozinha, enquanto observava ambos os pais realizando atividades domésticas; além dos revezamentos constantes na realização da técnica de cuidados, algo que envolveu em vários momentos e de formas sequenciais Adriano e Ariane; ou ainda os momentos à mesa, nos quais o bebê também em sua cadeirinha era posto num ângulo de proximidade e contato visual que o tornava um participante interativo na refeição familiar. Constatamos neste contexto a experiência triádica que se deu em função de uma rotina construída sob uma divisão igualitária de cuidados, algo presenciado e assimilado intersubjetiva e intercorporalmente por Ariel.

Tríade 2 – Breno(P2), Bárbara(M2) e Bruno(B2)

Breno e Bárbara, também situados na classe média brasileira, usufruíram de licenças que permitiram que Bárbara permanecesse durante 7 meses e meio com o bebê e Breno aproximadamente 4 meses. O casal se referiu a variadas formações profissionais e Breno ainda destacou a realização de 3 especializações. Sobre os investimentos profissionais após a chegada do filho, Breno também destacou que abriu mão de um emprego em vista da necessidade de passar maior tempo com a família e do afastamento conjugal percebido, segue a fala do participante:

> Porque foi um conjunto na verdade. É tipo assim, a coisa lá era uma coisa que me agradava em relação a absorver conhecimento, mas deixava a desejar na questão financeira. Ponto. O preponderante pra eu sair do escritório foi o medo de eu acabar minha família. Eu tive medo da minha família acabar, porque eu vi muita forma de, muita coisa dando...se quebrando. Muita coisa, o tempo que eu tinha dedicado à minha família, não dava mais tempo. Num tava conseguindo alinhar com a Bárbara e o bebê, esse novo momento. Aí eu falei "bixo tá errado, eu tenho que parar enquanto é tempo, eu tenho que tentar vencer enquanto é tempo, senão vai chegar um momento que talvez eu não consiga". Aí por medo eu parei, a decisão maior foi esse receio. O receio de chegar em um momento que não desse pra voltar mais. Que como tava indo, pra mim tava aparentando que ia chegar a isso, né. Eu fiquei com receio de destruir a família em prol de um trabalho. (P2, Entrevista)

Em vista destes receios e após o término das licenças obtidas, Breno passou a trabalhar, predominantemente, pela manhã, voltando para casa por volta das 13h e permanecendo com as tardes, as noites e os fins de semana com esposa e filho. Bárbara também conseguiu uma licença relativamente longa, comparada à média brasileira, e diz ter estudado e trabalhado até o fim da gestação. Esta mãe voltou a trabalhar somente da 6ª observação em diante, neste momento, ainda que sua carga de trabalho alternada proporcionasse dias em que ela estava ininterruptamente com Bruno, nos dias de trabalho Bárbara só retornava para casa por volta das 19h, o que compreendia um período de tempo relativamente extenso longe da criança.

Sobre estas ausências Breno menciona na 6ª observação o estado "emputecido" do filho ao fim da tarde, associando a reação do bebê à falta da mãe e Bárbara, na 11ª observação, mencionou um momento em que ela foi solicitada pela avó materna a voltar da faculdade antes do fim da aula em vista do choro ininterrupto de Bruno. O casal também se referiu em vários momentos a dificuldades de Bruno em dormir, seja durante a noite, ou durante o dia. Observamos também as solicitações veementes do seio materno por parte de Bruno, principalmente a partir da 4ª observação, momento em que Bárbara começa a falar sobre o retorno à rotina de trabalho.

Na divisão de cuidados estabelecida nesta família, temos a presença contínua de três cuidadores, nesta configuração o cuidado materno (mãe e avó materna) era predominante e primário, enquanto Breno exercia um cuidado seletivo, ou exclusivo apenas quando nenhuma figura feminina estava presente. Sobre esta divisão "empiricamente" constituída em função das melhores habilidades de lidar com o jeito do bebê, Breno destacou que também não fazia questão, algo que foi também reforçado pela mãe em vista do comportamento agitado da criança e da dificuldade maior para Breno na hora de manusear o corpo de Bruno durante os cuidados (5ª observação).

Depreendemos desta fala a justificativa de um pai que “não faz questão”, o que pode ser compreendido como o lugar de alguém cujas demandas foram suplantadas pelas demandas imperativas do bebê (o pai não produz questão nesse momento); além disso, podemos compreender também um posicionamento no qual a inserção ou não nos cuidados é vista como uma opção. Para este pai, portanto, existia a possibilidade de escolha (sustentada por ele e pela esposa) entre realizar todas as práticas de cuidado demandadas ou apenas aquelas consideradas mais confortáveis diante do seu “desajeito”. Escolha esta que não se apresentou como possibilidade para a mãe.

Ainda sobre a manutenção na rotina de três cuidadores em relação a Bruno, ressaltamos que a mãe de Bárbara não era considerada como uma forma terceirizada de cuidado, mas sim como parte intrínseca do funcionamento parental. Logo, observamos à terceirização dos afazeres domésticos, que eram função da diarista da família, enquanto o cuidado primário era exercido predominantemente pelas figuras maternas e o pai.

No cuidado paterno exclusivo, iniciado a partir da 5ª observação, em momentos que Bárbara estava na faculdade a noite e a avó materna havia voltado para a sua própria casa, Breno passou a desenvolver um ritmo próprio de cuidar do bebê, ainda que não fosse o cuidador predominante. Além das interações lúdicas, das capacidades de embalar e dos estímulos ao desenvolvimento psicomotor, observamos na 8ª observação o pai, inicialmente, delegar a função de alimentar à sogra. Logo em seguida, ele saiu da posição de observador para um lugar de cuidador ao resolver alimentar o filho, algo que ele fez sem dificuldades e no ritmo do bebê. O comportamento agitado de Bruno, referido pelo pai como um empecilho, não foi suficiente para atrapalhar o cuidado que estava sendo realizado.

Outro aspecto que mudou durante o período de observação foi a capacidade de Breno, na 11ª observação, de dar banho em Bruno sem a supervisão das figuras maternas (mãe e avó materna). Este foi entendido como um momento de maior encontro intercorporal entre pai e bebê e, possivelmente, no desenvolvimento de novas capacidades intercomunicativas com o filho. Ressalta-se também que o cuidado realizado sozinho pelo pai era visto por Bárbara de forma insegura, o que a fazia fantasiar que o bebê não estava sendo bem cuidado sem ela. Segue uma descrição da participante sobre o que sentiu quando o marido resolveu ir sozinho com o filho ao supermercado:

> Pior que mãe fica pensando cada besteira, que depois você fica pensando “Meu Deus, como é que eu pensei uma coisa dessas?”. Aí eu ficava pensando “Meu Deus, Breno tá no supermercado com o Bruno. Como é que ele vai pegar as coisas com o menino no braço?” Ó repara que pensamento! “Como é que vai pegar as coisas com o menino no braço? Se ele pega alguma coisa e o menino cai?” Repare, coisa de mãe neurótica, doida

> né? Porque é coisa de mãe. Porque todo mundo diz que mãe quer achar que vai segurar o menino aqui e daqui o menino não sai. (M2, Entrevista)

Diante destas preocupações, Breno comentou "*A toda hora eu fico mandando foto pra acalmar ela. Eu mando foto*" (P2, Entrevista). Testemunhamos, desse modo, a pouca confiança da mãe nos cuidados exclusivos realizados pelo pai, algo também sustentado por Breno ao se posicionar a partir de um cuidado seletivo, e a superproteção relacionada a dificuldades de abandonar um lugar de cuidadora primária.

Neste contexto familiar, portanto, não podemos falar em um cuidado compartilhado de forma igualitária e em processos que demonstraram a configuração de interações triádicas. Constatamos assim que as práticas de cuidado realizadas pelo casal foram construídas sobre referências que privilegiaram a mãe como cuidadora predominante e mais adequada. As interações desenvolveram-se a partir de dicotomias em que o cuidado, paterno e materno, foi construído em espaços intersubjetivos e intercorporais compartimentados. Em vista desta compreensão, identificamos a manutenção de estilos interativos estabelecidos em função da predominância diádica e a repercussão nas práticas de cuidado das sobreposições conflitantes entre as demandas paralelas de cada par.

9 CONSTRUÇÃO NARRATIVA DE SETTING: ENCONTROS ENTRE TRÍADES E OBSERVADORA/PESQUISADORA

Se o desnudamento foi destacado como uma função importante relacionada à presença do observador no ambiente familiar, esta categoria traz alguns apontamentos que apresentam possibilidades de utilização da presença intersubjetiva e intercorporal da observadora em cada *setting* constituído. As diferentes interações estabelecidas enfatizaram não só o potencial de aplicação do Método Bick de Observação Infantil em pesquisas científicas, como demonstraram a versatilidade, atestada pelos usos inesperados do *setting* de observação na manutenção e/ou transformação dos processos intercomunicativos para além da interação entre a díade mãe-bebê. Segue a discussão em torno de algumas especificidades identificadas nas projeções dos membros familiares sobre a observadora/pesquisadora, bem como as identificações contratransferenciais (bebê retroativo na observadora) em função das diferentes interações observadas.

Tríade 1 – Adriano(P1), Ariane(M1) e Ariel(B1)

A divulgação da pesquisa através de redes sociais mobilizou os primeiros contatos com Adriano, que desde o início foi receptivo e demonstrou grande entusiasmo em poder contribuir, confirmando logo o interesse da família em participar do estudo. Além disso, este pai divulgou espontaneamente a pesquisa entre sua rede de contatos, sendo um mediador em meu nome junto a outras famílias. Na construção do *setting* a implicação paterna foi considerada imprescindível para a continuidade das observações, fato atestado por ser Adriano o responsável direto por estabelecer e manter as comunicações relacionadas aos agendamentos e aquele a sustentar de forma constante uma posição de acolhimento em relação ao meu lugar de observadora.

Nas primeiras interações com Adriano eu fui situada como aquela que era detentora de um saber psicológico que o guiaria em direção à melhor forma de educar Ariel. Aqui as ansiedades geradas pelos cuidados com o bebê demandaram uma continência e uma sustentação do não saber paterno. À medida que o lugar de cuidador ia sendo apropriado dentro do *setting*, Adriano passou a apresentar tentativas de realizar práticas de cuidado mais autônomas e que demonstravam a necessidade de construir processos interativos mais independentes junto ao filho, algo que era constantemente mediado pela necessidade do aval da esposa. As regulações maternas que geravam, na minha presença, constrangimentos em Adriano poderiam estar

associadas a uma desqualificação de aspectos do cuidado exercido por este pai e pelo entendimento de que eu o estava avaliando positiva ou negativamente em relação a isso. Este foi um aspecto de insegurança e fragilidade que gerava uma necessidade de reasseguramentos contínuos.

A mudança na rotina familiar e a consequente atribuição exclusiva a ele pelos cuidados com o bebê durante parte do dia, trouxeram para o contexto do *setting* um novo lugar para este pai na atualização das práticas de cuidado. Logo, percebemos que no testemunho da demarcação de novas atribuições em função de um rearranjo na provisão ambiental, a necessidade de utilização da observadora/pesquisadora enquanto um saber-guia foi substituída pela sustentação de um espaço de reafirmação e construção criativa de práticas complementares e ao mesmo tempo autênticas de cuidado.

Adriano, na 9ª observação ao preparar o gogó de Ariel, diz que fez um pouco a mais que a medida certa, um a mais que o bebê aceita e com o qual se sacia. O *setting* de observação, portanto, funcionou como uma possibilidade de sustentação da medida certa de cuidado também por parte do pai. Algo muito presente em experiências de observação da díade mãe-bebê em outros estudos (Mélega & Sonzogno, 2008), em que o observador é situado como um suporte à função materna e que, neste ambiente familiar, proporcionou ao pai uma sustentação de sua experiência de construção parental.

No que se refere às projeções provenientes de Ariane em relação à minha presença, observamos, inicialmente, ambivalências demonstradas a partir de comentários nos quais a mãe sugeria formas de contribuir, por meio da observação de diferentes momentos da rotina, e ao mesmo tempo estava constantemente me questionando sobre o que deveria fazer durante as observações. Em vários momentos Ariane perguntava se poderia dar prosseguimento as atividades rotineiras, mesmo com afirmações recorrentes sobre esse aspecto. Além disso, haviam questionamentos, provenientes também de Adriano, em relação a detalhes da pesquisa, algo respondido ao casal e que me remetia a uma preocupação de ambos com a análise que seria feita em função do material construído. Logo, compreendemos que a presença da observadora para Ariane foi associada a possíveis impedimentos em sua espontaneidade, o que também estava relacionado a projeções sobre um saber psicológico de caráter avaliativo. Desse modo, haviam preocupações em torno de uma performance adequada ou perfeita, que atestassem o seu saber absoluto sobre o bebê e a perícia dos seus cuidados.

Na 3ª observação o ato falho de escrita (ver mais de perto/ver de mais perto), enquanto elemento contratransferencial, assinalou uma intensificação de projeções persecutórias

direcionadas a mim e que tiveram seu ápice na 7ª observação, momento em que o incômodo materno produziu uma espécie de bloqueio captado intercorporalmente e representado pela sensação de que “eu não podia estar onde ela não estivesse”. Esta observação é também um momento de intensificação das regulações em relação ao cuidado exercido por Adriano. Este aspecto de persecutoriedade foi associado tanto ao retorno de Ariane à rotina integral de trabalho e o consequente afastamento de Ariel, quanto ao abandono de uma posição parental onipotente. Nesse sentido, a angústia materna foi intensificada pela iminente ausência junto ao bebê e pela suposição de um preenchimento não materno dessa lacuna, o que repercutiu em eu não poder acessar o que estava fora do controle ambiental de Ariane e Adriano ter que sustentar a angústia gerada na esposa por ter acesso ao que ela iria deixar de ter.

Ainda sobre a 7ª observação, acompanhamos uma interação lúdica estabelecida entre a tríade, na qual Ariane e Adriano estimulam o filho, sucessivamente, a ser encontrado, encontrar a mãe e encontrar o pai. Esta sequência foi extremamente significativa nesta observação por apresentar uma ordem nos encontros que seguia justamente a forma como a mãe conduzia a apresentação da realidade para o bebê. Temos, assim, um encontro do bebê consigo mesmo na presença dos pais; um encontro do bebê com a mãe, estando o pai como um continente da díade; e um encontro do bebê com o pai, inserido a partir da mediação materna.

E é exatamente a tríade que vai “pra caverna”, apresentação estética e representativa compreendida como uma metaforização de Ariane em relação a um lugar que os resguardaria de espaços intersubjetivos e intercorporais sem o bebê. A minha presença neste momento, como um quarto elemento externo à tríade, foi da mesma forma escondida e encontrada, o que foi considerado um novo interjogo na apresentação dos limites ambientais ao bebê. Podemos também refletir sobre as capacidades de transformação lúdica desta mãe diante de angústias mobilizadas pelas mudanças impostas à sua rotina familiar.

Na 8ª observação que se deu no começo da noite, logo que cheguei à casa da família, Ariane me informou que já iria acordar Ariel, que dormia no sofá. Ela me explicou que estava tentando regular o sono do filho em função da nova rotina e relatou que um familiar havia lhe dito que fazer isso poderia traumatizar o bebê. Nesse momento percebi que fui deslocada de um saber avaliativo, para um saber reassegurador e que poderia ser traduzido pela questão: Eu vou traumatizar o meu filho? Aqui também identificamos mais um aspecto que demonstrava o início da saída do lugar onipotente e projeções relacionadas à fragilidade e à perda do controle absoluto sobre o bebê. Daí em diante verificamos uma diminuição considerável nos incômodos de Ariane em relação à minha presença e até mesmo atitudes de relaxamento e descontração.

Compreendemos, portanto, que um novo lugar de suporte foi criado em relação ao cuidado materno, situado em um controle relativo e em processo de retomada de aspectos externos à maternidade.

No prosseguimento das observações algumas especificidades também foram captadas a partir das interações entre bebê e observadora. Ariel foi, desde o início dos encontros, um bebê que me acolhia a partir de contatos visuais e sorrisos que demarcavam uma forma peculiar de reconhecimento e averiguação da minha presença. Uma das interações intercorporais mobilizadas em mim pelo bebê foi a demarcação de limites do *setting*, o que despertou a importância de estabelecer contatos suaves e táteis tanto na entrada, como na saída do ambiente familiar. Desse modo, em momentos de encontro e despedida, ao me despedir de Ariel estava sempre a tocar uma de suas mãos ou pés.

Esta nos pareceu uma interação mobilizada por uma projeção captada de forma inconsciente de que a minha presença trazia um elemento estranho aquele ambiente, algo traduzido por Ariane em nome do filho "*Quem é essa estranha que não é daqui? Eu não vejo ela por aqui*" (M1, 3ª observação). Dessa forma, a confiabilidade, construída paulatinamente a partir dos encontros, mobilizou em mim aspectos que se referiam à delimitação da temporalidade e da constância do *setting* observacional, além de reapresentações que se deram também ao nível intercorporal.

À medida que a minha constância era sustentada, Ariel observava-me atento e persistentemente, realizando à distância um escrutínio da minha presença, aqui o bebê tornava-se também um observador curioso (espelhamento interativo com a observadora). De forma paralela à diminuição dos elementos persecutórios em Ariane, possivelmente também associados à percepção subjetiva do bebê e mobilizados pelo desilusionamento, observamos uma mudança nas interações estabelecidas entre bebê e observadora. Ariel, antes observador à distância, realizou uma investigação tátil da minha corporalidade, como se só naquele momento isto tivesse se tornado uma possibilidade de acesso segura, algo que tem início na 10ª observação e se repete nos encontros seguintes.

Na 11ª observação, identificamos novamente o escrutínio tátil do bebê em relação ao meu rosto e aos meus cabelos, algo que sustento enquanto uma manifestação espontânea de interesse do bebê. A intercorporalidade, voluntariamente estabelecida por Ariel, é mais um elemento de confiabilidade no *setting*, o que o bebê retribui encostando a cabeça de forma carinhosa em meu peito, num contato terno e amigável.

Entre outros elementos presentes neste *setting*, podemos nos remeter também a processos identificatórios (bebê retroativo na observadora/pesquisadora) mobilizados por experiências do bebê ao receber cuidados e que despertaram sensações de relaxamento, como no momento em que o pai dá banho em Ariel na 3ª observação, ou em momentos de higienização nos quais a voz materna despertava sensações de conforto, sonolência e ternura hipnóticas.

Como foi possível observar nos relatos das observações, os agendamentos com esta família se deram em horários variados (manhã, tarde ou noite) e muitas vezes eram decididos previamente, mas reagendados com pouca antecedência. Esta forma de demarcar os horários do *setting* observacional, que seguia, principalmente, a rotina de trabalho mais intensa de Ariane, mobilizava em mim a sensação de um atraso constante, pois não importava o quanto eu me preparasse, os agendamentos em cima da hora faziam com que eu tivesse que me apressar para encontrá-los. Nesse ritmo que nunca estava sobre o meu controle e no qual havia sempre a iminência de perder o tempo junto à família, compreendemos que o casal, mobilizado pelo processo de desadaptação materna, inconscientemente também me fazia experienciar esse momento de transição, o que, consequentemente, situava-me em uma temporalidade impositiva e que demandava à adequação a um ritmo acelerado e externo à minha corporalidade.

Por fim, destacamos um aspecto interessante e que foi observado durante a realização da entrevista com o casal. Embora os três estivessem presentes nesse momento, logo no início da entrevista Ariel começou a dormir no colo da mãe, o que foi compreendido como uma retirada intersubjetiva da interação, ainda que ele tenha permanecido presente durante todo o tempo. Ariel, desse modo, ausentou-se temporariamente de um momento intercomunicativo mais voltado aos pais, despertando imediatamente após o fim da entrevista e sendo acolhido por nós com sorrisos. Adriano e Ariane também estabeleceram uma sequência de respostas que se dava sempre de forma alternada e na qual um só começava a responder após o parceiro ter terminado de falar. Temos, desse modo, espaços intercomunicativos respeitados e resguardados dentro do grupo familiar e que nos remeteram a interações em que pudemos constatar a sustentação da espontaneidade e da individualidade.

Tríade 2 – Breno(P2), Bárbara(M2) e Bruno(B2)

A mediação dos contatos com esta família deu-se a partir de Breno, que aceitou o convite em participar pela família, era o responsável por todos os agendamentos e também foi um pai

que apresentou uma implicação importante para a estruturação e para a continuidade do *setting*, sendo receptivo e acolhedor durante todo o período de observação. Ressalta-se que na demonstração recorrente de seu conhecimento parental estava implícita uma necessidade urgente em torno de problemas ligados à conjugalidade e que foram se tornando evidentes à medida que as observações iam prosseguindo.

Nas primeiras visitas a esta tríade tive dificuldades de observar o contexto de interações como um todo, porque Breno em seus relatos profusos e ininterruptos exerceu uma espécie de monopólio da minha atenção. As falas que se referiam, predominantemente, ao bebê e à esposa se sobrepunham de forma impositiva, o que me dava sempre a sensação de que eu estava observando dois *settings* diferentes. Este primeiro momento na interação entre pai e observadora foi compreendido como uma tentativa paterna de criar uma segunda díade, paralela à díade mãe-bebê, na qual Breno tentou atenuar as angústias relacionadas a ocupar uma posição de excluído.

Neste tipo de interação que perdurou em vários momentos durante os três meses de acompanhamento familiar, Breno me convocava a criar um novo espaço intersubjetivo e estabelecer conluios por meio de acessos a informações íntimas sem a presença de Bárbara (2ª observação). Aqui o pai tentava inconscientemente criar uma interação na qual haviam conteúdos em sua fala só acessíveis a mim, de forma análoga à mutualidade impermeável entre mãe e bebê.

Observamos também na 6ª observação um momento em que Breno sugeriu que eu observasse na ausência da esposa, algo que me pareceu ter incomodado Bárbara, mas que este pai não notou, fazendo novamente a sugestão na 7ª observação quando os três estavam se despedindo de mim. Somente neste segundo momento ele justificou de forma mais clara que sugeriu isso para que eu pudesse observar o comportamento do bebê na ausência da mãe. Temos, então, outro exemplo das tentativas de conluio com a observadora, aqui para tentar excluir a mãe do *setting* de observação e/ou tentar despertar ciúmes, algo que aconteceu justamente no retorno de Bárbara ao trabalho e fazia parte do reforço ao processo de desfusionamento e de retomada da vida conjugal, enquanto uma interação recorrente de Breno. Logo, houveram projeções paternas para que eu também auxiliasse na separação entre mãe e bebê.

Um outro tipo de utilização do *setting* e da observadora apresentado por Breno dizia respeito à instrumentalização do corpo do bebê para demonstrações de conhecimentos que ele considerava que seriam interessantes que eu observasse. Nestes momentos Breno projetava

sobre mim um lugar de aprovação, como representante de um saber psicológico, e ao mesmo tempo de inexperiência, no qual as provas de seu saber atestavam as contribuições provenientes de suas qualidades como pai e me ensinavam sobre uma boa prática parental. Os avanços do bebê eram, consequentemente, avanços dele como pai responsável por educar, estimular e disciplinar. Nestas demonstrações repetitivas também podemos considerar a utilização da observadora para mediar a apresentação dessas qualidades à Bárbara. Dessa forma, o pai mostrava para mim e para a esposa o quanto era um bom pai por saber muito sobre o bebê e estar atento a cada detalhe.

E como foi apontado, entre as projeções captadas sobressaíram-se aquelas relativas a um lugar de testemunho e endosso do incentivo ao processo de autonomização entre mãe e bebê, principalmente, para retomar o vínculo conjugal com Bárbara. Nesse ínterim, Breno utilizava a minha presença no ambiente familiar para falar sobre seu sofrimento e sobre a ausência de Bárbara ao centrar-se de forma exclusiva no bebê. Logo, nas menções ao esfacelamento corporal, nas queixas sobre as mudanças de humor e nos incentivos a um retorno à academia, à faculdade, ao trabalho e à vida social da esposa, Breno me situava como um reforço de argumento, no qual podemos cogitar a fantasia de um assentimento em relação à pertinência das suas falas.

Nas projeções captadas entre mãe e observadora, temos, inicialmente, uma mulher que foi falada pelo marido porta-voz. Nas primeiras observações, as percepções captadas em relação à Bárbara me remeteram a uma espécie de alheamento quase indiferente a minha presença. Era difícil saber até que ponto esta mãe de fato estava psiquicamente presente conosco e as interações observadas entre ela e o bebê davam-se, predominantemente, ao nível intercorporal. E se Breno falava em alguns momentos em nome da esposa, estas falas paternas tornavam-se também “corta-voz” da forma pessoal como Bárbara estava vivenciando e percebendo suas próprias experiências. Algo que me fez, ao fim da 1ª observação numa reação contratransferencial, questionar Bárbara sobre seu cansaço, o que foi compreendido como uma identificação empática com esta mãe e como uma tentativa de oferecer também a ela um lugar de fala sobre si mesma, algo usurpado pela monopolização de *setting* realizada por Breno e que foi sentido de forma impositiva por mim.

Nas falas ininterruptas paternas e nas quais também haviam queixas recorrentes direcionadas à Barbara, refletimos sobre a possibilidade de uma escuta por procuração, na qual eu era situada num lugar de continência da angústia paterna em um momento em que Bárbara estava intersubjetivamente indisponível e no qual estas falas (ruídos) intrusivas nos remetiam a

um excesso para o qual não havia continência suficiente por parte dela, ao menos não naquele momento. Desse modo, a minha escuta funcionava entre o casal como uma espécie de filtro através do qual Breno elaborava sua angústia e Bárbara escutava de forma menos invasiva as demandas do marido.

À medida que as observações seguiam, verificamos a construção de um espaço de fala por parte de Bárbara e a demonstração de uma expressividade mais espontânea e pessoal. Nas retomadas de um mundo para além do materno, Bárbara passou também a demonstrar mais vivacidade no *setting* de observação, participando ativamente das interações não só com o bebê e parecendo mais acolhedora em relação à minha presença, algo que me dava uma impressão de que, apesar de receptiva desde o início, ela me notava gradativamente.

Neste momento de demarcação de seu espaço no *setting*, observamos também o incentivo materno para que o bebê demonstrasse seus avanços psicomotores e seus novos comportamentos. A mãe, no entanto, me apresentava estas evoluções em função do ritmo e não a despeito da vontade do bebê. Logo, consideramos também a projeção em relação a um olhar aprovador, no sentido de utilizar os avanços do bebê para atestar uma potência parental sob o assentimento de um saber psicológico, mas, diferentemente de Breno, estas demonstrações não pareciam ter também um caráter didático, apenas o intuito de compartilhar detalhes que ela achava que iriam me interessar.

Ressaltamos anteriormente que, nas interações estabelecidas entre a díade pai-bebê, Bárbara ora conseguia estabelecer uma regulação que protegia o corpo do filho de uma estimulação excessiva, ora mesmo estando presente não interferia em nome do bebê na tradução dos incômodos. Este foi um aspecto que me causou, a partir de uma identificação à posição do bebê, desconfortos pela impossibilidade de intervir. Nestes momentos as comunicações dirigidas por Bruno não eram compreendidas e/ou amparadas por nenhum dos pais.

Em meio às interações estabelecidas com cada figura parental, Bruno foi um bebê muito receptivo à minha presença no ambiente familiar. Seu interesse era manifestado por uma curiosidade que o impeliu desde o primeiro encontro a estabelecer contatos intercorporais comigo, o que mobilizava em mim esforços para sustentar e conter sua agitação corporal, algo que também era realizado pelos pais. Bruno mesmo quando estava no colo não permanecia muito tempo parado ou sentado, pulando de forma repetitiva e deslocando-se de um lugar para o outro, algo também enfatizado pelas sucessivas aquisições motoras demonstradas. Havia também uma volubilidade em seu interesse pelos brinquedos ao seu redor, os quais eram segurados e substituídos rapidamente.

Este comportamento agitado também era estimulado nas interações lúdicas com o pai, que estava sempre a chamar a atenção do bebê e tentar entretê-lo, retirando-o de seus estados mais tranquilos ou sonolentos, com exceção dos momentos em que o bebê era embalado para dormir. Nas interações com a mãe, Bruno apresentava-se ora agitado, ora mais calmo e atento, o que situava Bárbara como aquela que conseguia controlar melhor o comportamento do filho. Podemos pensar, desse modo, em um bebê que situou a observadora como alguém que foi corporalmente também utilizada para conter uma agitação manifestada de forma constante.

Nas interações entre a díade pai-bebê, a espontaneidade demonstrada por Bruno esteve muitas vezes associada a atitudes que não demonstravam aquilo que era mencionado pelo pai, existiam, assim, momentos em que Bruno se deixava usar pelo pai na minha presença e outros em que ele começava a sustentar uma autenticidade vinculada a interações opositivas em relação ao discurso paterno. E se as interações intercorporais eram conduzidas num ritmo que se sobrepunha ao ritmo do bebê, verificamos uma intercomunicação elucidativa estabelecida entre bebê e observadora, estas ocorriam especificamente quando Breno ignorava os incômodos de Bruno. Nestas situações o bebê olhava-me de forma solícita e tentando se movimentar em minha direção. Algo que foi compreendido como uma tentativa de encontrar uma continência em momentos que apresentavam aspectos intrusivos ou excessivos na interação. Haviam, assim, projeções que eram experienciadas por mim como desconfortos e como uma necessidade de traduzir o incômodo do bebê (bebê retroativo da observadora/pesquisadora).

Sobre a manutenção da frequência e da constância do *setting*, percebemos acessos ao ambiente familiar que se deram exclusivamente no horário da tarde e que, ainda que tivessem o assentimento de Bárbara, eram agendados apenas por Breno. Em alguns momentos a participante mencionava que o marido não havia avisado sobre os agendamentos, o que nos remeteu à demarcação de um *setting* em função da disponibilidade do pai. O casal também foi o responsável por demarcar para o bebê os momentos de despedida entre nós, pois na maioria dos encontros eles me acompanhavam até a porta e se despediam juntos. Algo que foi observado como uma interação mobilizada pelo casal também na presença de visitas que frequentaram o ambiente enquanto estive realizando o acompanhamento. Dessa forma, o bebê era ensinado a acolher e se despedir educadamente.

Outro aspecto importante na estruturação desse *setting* foram as ausências momentâneas de Breno ou Bárbara durante as observações. Estas ausências tornaram-se mais corriqueiras a partir da 6ª observação, momento de retomada da rotina de trabalho de Bárbara. Nesta visita o casal não estava presente no começo e o bebê foi deixado aos cuidados da avó materna. Os

atrasos de um dos dois ou de ambos ocorreram em todas as observações seguintes, algo que enfatizou a ideia de um ambiente familiar no qual, apesar da presença de três cuidadores, havia uma predominância de interações e cuidados diádicos.

Cogitamos também a possibilidade do *setting* de observação começar a inserir a possibilidade de interações menos excludentes entre a tríade, algo que pode ter sido associado, pelos pais e pelo bebê, a um novo tipo de configuração em que a percepção de dois ambientes separados, captada inicialmente, foi substituída por um espaço intersubjetivo e intercorporal compartilhado pelos membros familiares. Ainda sobre o *setting* observacional, ressaltamos que, no 9º encontro estabelecido com a família, Breno esqueceu o horário agendado e não esteve presente. Esta observação seguiu um momento que foi compreendido como o início de uma retomada, por parte de Bárbara, de aspectos de sua individualidade e de sua vida conjugal (8ª observação), o que nos fez refletir sobre a possibilidade de uma desimplicação de Breno, evidenciada por seu lapso de memória, relacionada ao êxito de seus intentos junto à esposa. Neste sentido, ele não precisava mais do *setting* observacional como um mediador para tentar estabelecer um acesso interrompido.

E para finalizar, trazemos alguns apontamentos sobre o que foi observado durante o momento da entrevista. Quando cheguei ao ambiente familiar o casal já estava me esperando e Bruno estava dormindo. As avós também estavam presentes nesse momento. Durante a entrevista nas respostas dadas por cada membro do casal, observei a presença de falas que se interrompiam ou se sobrepunham simultaneamente. A avó paterna também interrompeu algumas respostas que Breno me dava, corrigindo-o ou acrescentando detalhes, o que foi repreendido pelo participante. Pouco antes de terminarmos Bruno acordou e juntou-se a nós na mesa da sala. Enquanto os pais respondiam as últimas perguntas, o bebê tornou-se mais uma voz a se sobrepor simultaneamente, o que dificultou num momento posterior a tarefa de transcrever, pois este atravessamento de vozes demandou a necessidade de escutar várias vezes o mesmo segmento de áudio, numa espécie de decantação de vozes, para compreender o que cada participante estava falando. Estas sobreposições também nos remeteram a espaços de fala que causavam interferências uns nos outros, as quais foram assimiladas por mim como ruídos que comunicavam, mas não necessariamente estabeleciam uma intercomunicação.

10 MODELOS DE INTERAÇÃO DIÁDICA E TRIÁDICA

Diante do material apresentado, a partir das duas famílias, reunimos nesta categoria alguns apontamentos que sintetizam de forma esquemática: aquilo que foi captado como um modelo de interação triádica e que por sua vez esteve mais associado à manutenção de um cuidado parental igualitário, enquanto prática do casal heterossexual; e aquilo que foi associado a um modelo de interação diádica, cujas bases se sustentaram, principalmente, sobre práticas parentais dicotômicas e/ou hierárquicas, nas quais as mulheres (mãe/avó materna) exerceram cuidados mais assíduos e cotidianos, enquanto o homem/pai se manteve e foi mantido em um lugar periférico em relação ao bebê.

Esta sistematização foi construída em vista da discussão empreendida, dos referenciais psicossociais captados a partir da análise aprofundada do material, do referencial teórico adotado e dos objetivos almejados por este estudo. Ressaltamos, contudo, que a apresentação esquemática e sintética dos resultados de pesquisa não tem o intuito de estabelecer generalizações, servindo apenas à finalidade de destacar aspectos identificados na configuração e na manutenção de modelos interativos, em vista do momento específico escolhido para a realização do acompanhamento das tríades.

Quando especificamos a demarcação destes dois modelos, estamos tentando discriminar diferenças nos processos interativos que vão além da presença de dois cuidadores e um bebê, algo que na tríade 2 não implicou necessariamente no estabelecimento predominante de interações triádicas entre pai, mãe e bebê. Temos a presença constante de duas cuidadoras primárias e um cuidador periférico. Podemos nos questionar se o cuidado oferecido pela mãe e pela avó materna configurariam um modelo de interação triádica. Porém, estamos a considerar nestas divisões a manutenção de atribuições em vista do casal parental, o que situou a avó como uma extensão do materno e não numa relação conjugal[43].

Para esta família a presença assídua e cotidiana do pai não mobilizou trocas interativas simultâneas e compartilhas a três (pai, mãe e bebê), algo corroborado em vista dos seguintes aspectos: o constante lugar de excluído em que o pai foi situado, mesmo estando presente no

[43] Esta inferência nos remete invariavelmente à questão de como seria um modelo de interação triádica em vista de lugares ocupados por um casal parental constituído por duas mulheres ou dois homens, ou até mesmo famílias em que os bebês tivessem mais de dois cuidadores primários. No entanto, esclarecemos que não estamos a afirmar que a tríade ou as interações triádicas só possam ser constituídas por um casal heterossexual, ainda que os dados desse estudo se baseiem nesta estrutura em particular. Logo, a manutenção de interações diádicas e triádicas em vista de um cuidado parental igualitário exercido por outras estruturas familiares e outras composições de casais parentais seriam desdobramentos passíveis de investigação.

ambiente; as dificuldades intercomunicativas observadas entre as díades pai-bebê e pai-mãe; e de interações, reproduzidas em várias nuances, em que predominaram a sobreposição conflitante entre os estilos interativos.

Dentro do que foi apresentado pela tríade 1, constatamos a presença assídua e contínua de 2 cuidadores primários (constituídos pelo casal parental) desde o início e a articulação por parte do bebê entre os estilos interativos construídos com cada cuidador de forma conciliatória, simultânea e não dicotômica. Não foram constatadas, no ambiente familiar desta tríade, tipificações rígidas entre espaços habitados, funções e papéis desempenhados ou intercorporalidades que formavam pares opositivos, o que por exemplo não situava a mãe como um corpo cuidador, afetivo e intercomunicativo e o pai como um corpo limitador, acessado indiretamente e associado a interdições e controles restritivos.

A interação triádica para os membros familiares da tríade 1 desenvolveu-se como uma construção paulatina e conjunta de espaços e ritmos intersubjetivos, intercorporais, intercomunicantes e não impositivos; ainda que elementos relacionados à competitividade entre o casal e ao controle restritivo materno tenham sido observados. Sobre uma concepção triádica por parte do bebê, podemos refletir sobre a importância das interações com uma segunda díade (com o pai ou outro adulto que mantenha um vínculo conjugal com a mãe), algo defendido por Hollway (2006) não necessariamente como a percepção de um terceiro interditor, mas como um segundo adulto a ser concebido a partir de uma identificação empática na subjetividade do bebê.

De acordo com essa autora, este tipo de configuração possibilitaria a percepção do relacionamento entre duas pessoas externas ao bebê. No entanto, ao ser sustentada e contida na intersubjetividade e na intercorporalidade por dois cuidadores primários, a compor um casal parental, a posição de terceiro - ocupada pelo bebê - poderia ser associada a qualidades positivas, como de testemunho, e não a um lugar de exclusão e separação; posição que também poderia ser ocupada pelo pai ou pela mãe em relação aos outros membros da tríade (Hollway, 2006).

Conjecturamos ainda sobre um modelo de interação conjugal e parental assimilado pelo bebê no qual as atividades e os cuidados não estariam categorizados em função de critérios pré-estabelecidos, como o gênero de quem cuida. Também não estamos aqui defendendo um cuidado parental em que as especificidades se anulem, mas estas não formariam pares opositivos e contrastantes. A individualidade não seria sinônimo de dicotomias excludentes, como: homem/pai/masculino/não cuidador ou mulher/mãe/feminina/cuidadora.

Tratar-se-iam de individualidades inseridas pelo cuidado compartilhado entre pai e mãe que trariam para a vida da criança, a partir das interações, noções relacionadas a: mutualidades

que envolvem mais de uma pessoa, aqui é possível constituir interações a dois e a três, sem que se crie a necessidade de um terceiro excluído ou intrusivo; alternâncias, complementaridades e diversidades inseridas pela construção de diferentes estilos interativos, sem que, necessariamente, um estilo se apresente de forma privilegiada quanto ao vínculo; e a criatividade estimulada pela ampliação e reverberação dos gestos espontâneos, constitutivos de uma intercomunicação em que há uma linguagem afetiva e empática compartilhada com pai e mãe.

Em vista destes apontamentos, acompanhamos, a partir do exposto no material de cada família, aspectos que estiveram presentes em um modelo de interação diádica (tríade 2), no qual a presença de uma tríade familiar não necessariamente configurou um modelo de interação triádica, fato justificado pela predominância de estilos interativos diádicos paralelos (pai-bebê, mãe-bebê, avó materna-bebê, pai-mãe, mãe-avó materna e pai-avó materna) e em alguns momentos inconciliáveis; e um modelo de interação triádica (tríade 1) em que pudemos conceber tanto as interações diádicas (pai-mãe, mãe-bebê e pai-bebê) como as interações triádicas (pai-mãe-bebê).

Refletimos também sobre a possibilidade de, no contexto familiar da tríade 2, o bebê(B2) ter se constituído, em um processo de autonomia reativa, a partir de revestimentos parentais e interações que se sobrepuseram ao gesto espontâneo como padrões pouco flexíveis e no qual pudemos observar a divisão polarizada de espaços intersubjetivos e intercorporais entre o grupo familiar. Enquanto no contexto da tríade 1, o bebê(B1) entrou em contato com um cuidado ambiental construído e compartilhado entre pai e mãe e foi capaz de estabelecer estilos interativos em que predominaram o respeito às individualidades e à criatividade integradora das experiências, constantemente atualizadas pelas práticas de cuidado cotidianas.

Por fim, nos remetemos - como defendido por Figueiredo (2014), Plastino (2012) e Winnicott (1990) - ao cuidado em que a noção de democracia é apresentada em nuances sutis do cotidiano por meio da empatia fomentada nos encontros. O que fundamenta a assimilação de interações igualitárias, a serem estendidas para além do núcleo familiar. A seguir trazemos as sistematizações em função dos dados construídos a partir das famílias acompanhadas e do que compreendemos como modelos de interação triádica e diádica:

TABELA 6-Caracterização esquemática dos modelos de interação triádica e diádica

MODELO DE INTERAÇÃO TRIÁDICA	MODELO DE INTERAÇÃO DIÁDICA
Casal grávido – implicação de ambas as figuras parentais no processo gravídico-puerperal	A gestação como um momento intersubjetivo e intercorporal vivenciado com mais intensidade pela mulher
A construção de uma provisão ambiental pelo casal	A construção de uma provisão ambiental pela mulher, o pai é situado no limite ou na externalidade para a díade mãe-bebê
Espaço para a criatividade no processo de constituição psíquica desde a gestação, sustentação do paradoxo parental: revestir e encontrar o bebê	Revestimentos que se sobrepõem à criatividade desde o início e que continuam a operar de forma contínua criando padrões pouco flexíveis nas interações
Um parto a três (mãe, pai e bebê)	Um parto a três (mãe, mãe da mãe ou outra mulher e bebê) ou a dois (mãe e bebê)
A primazia do cuidado e não do gênero na vinculação com o bebê	Vinculações pressupostas sob uma lógica binária e heterossexual não ressignificadas em função do cuidado
O casal como cuidadores primários	As mulheres como cuidadoras primárias
O suporte auxiliar da família extensa	O suporte indispensável da família extensa
O pai inserido no *holding* como terceiro continente	O pai excluído da unidade mãe-bebê e inserido como um terceiro separador
Saber materno instrumentalizador e compartilhado	Saber materno excludente e inacessível
A intercorporalidade cuidador primário-bebê enxergada a partir de um lugar de potência	A intercorporalidade cuidador primário-bebê enxergada a partir de um lugar de impotência
Saber paterno construído a partir da interação com a mãe e o bebê	Saber paterno construído de forma desvinculada da prática de cuidados
Saber parental co-construído pelo casal	Saber parental construído de formas desvinculadas entre o casal
Funções nutridoras compartilhadas pelo casal	Função nutridora como exclusividade materna
Um intercorporalidade direta entre pai e bebê como imprescindível ao processo de intercomunicação	Uma intercorporalidade entre pai e bebê indireta e mediada pelo corpo materno
Interações não dicotomizadas entre pai, mãe e bebê	Interações com padrões pouco flexíveis em cada díade (pai-mãe, pai-bebê e mãe-bebê)

(Continua)

TABELA 6-Caracterização esquemática dos modelos de interação triádica e diádica (Continuação)

MODELO DE INTERAÇÃO TRIÁDICA	MODELO DE INTERAÇÃO DIÁDICA
Intercomunicações e gestos espontâneos do bebê sustentados pelos cuidadores: Espontaneidade do bebê como uma construção	Comunicações sobrepostas e gestos em função da interação parental: Espontaneidade do bebê como uma reação
A conjugalidade inserida para o bebê a partir de aspectos do cuidado do pai e da mãe	A conjugalidade inserida para o bebê a partir da percepção de um terceiro separador nas interações com a mãe
P*arentês* como uma linguagem afetiva compartilhada pela tríade	M*anhês* como uma linguagem afetiva compartilhada pela díade mãe-bebê
Manutenção de dificuldades relacionadas à conciliação entre família, trabalho e carreira como parte das negociações do casal	Sobrecarga de atribuições ligadas ao cuidado familiar para a mulher e/ou primazia do trabalho remunerado do homem
Confiança materna nos cuidados paternos realizados (na ausência ou na presença da mãe)	Falta de confiança materna nos cuidados paternos realizados (na ausência ou na presença da mãe)
Uma rotina construída sobre uma divisão igualitária de cuidados e afazeres	Uma rotina construída sobre a predominância de mulheres na realização de cuidados e afazeres
Cuidado paterno assíduo e implicado	Cuidado paterno seletivo
Um modelo igualitário de funcionamento parental e conjugal assimilado pela criança desde o início	Um modelo dicotômico e/ou hierárquico de funcionamento parental e conjugal assimilado pela criança desde o início

Fonte: Produção da autora *(Conclusão)*

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentamos ao longo deste corpo textual destacar a primazia das interações e das práticas de cuidado naquilo que configurou os revestimentos construídos em relação aos bebês, desde a elaboração de um projeto na vida do casal até o encontro e sustentação da continuidade de ser infantil. Destacamos também que o caráter processual da interação não pode ser confundido com a recorrência de padrões estáveis e pouco flexíveis, aqui teríamos um acúmulo de repetições que circunscrevem as comunicações em espaços intersubjetivos e intercorporais limitantes. Nestes espaços os processos circulam em torno de restrições e controles nos quais a criatividade e a espontaneidade são também limitadas.

Entretanto, o potencial transformador dos encontros entre indivíduos tornaria possível a ressignificação de padrões, a criação de novos processos interativos e a ampliação dos limites disponíveis à experiência de integração criadora. Acima de quaisquer imposições restritivas, nos guiamos por um viver criativo que também se impõe como processo contínuo, ainda que sujeito a entraves e vicissitudes; em outras palavras, viver é criar. Compreendemos, então, que as ilusões criadoras devem sempre deixar margem aquilo que não se "enxerga", enquanto um não saber e que nos põe diante de uma nudez psíquica "invisibilizada". Nos encontramos, assim, nus, a revestir constantemente fragilidades e dependências constitutivas com construções fantasiosas que nos protegem e nos dão a certeza de pertencer a uma narratividade, compartilhar realidades e perceber outros indivíduos de formas únicas.

Pertencer, compartilhar e perceber são ilusões ou fatos? São perguntas que não devem ser respondidas, a lacuna criativa deve ser sustentada. Nos encontros entre pai, mãe e bebê o paradoxo de criar e revestir torna-se um desafio cotidiano, expressado na conciliação entre aquilo que o bebê vem supostamente preencher na fantasia parental e aquilo que é produto do inédito e do imprevisto, a reintegrar e construir novos revestimentos. Estivemos, deste modo, defendendo uma sequência de argumentações na qual as interações intersubjetivas e intercorporais foram compreendidas como imprescindíveis ao estabelecimento das intercomunicações; estas fundamentaram e revestiram os processos identificatórios na mutualidade entre a tríade; o que, por sua vez, sustentou também a possibilidade de práticas de cuidado cotidianas e um saber parental proveniente do pai e da mãe.

Revestimos ainda esta sequência de processos interativos e práticas de cuidado sob a denominação cuidado parental igualitário. Aqui, podemos pensar em um revestimento conceitual utilizado para mobilizar discussões em torno de um fenômeno psicossocial que

emerge no contemporâneo, a circular entre outras práticas parentais. Temos, então, a tentativa de encontro entre teorias organizadoras e aquilo que é produto do novo e do imprevisto. Na investigação exploratória e na possiblidade de encontrar e criar, foram também identificados processos interativos específicos, observados de forma contínua em torno dos modelos de interação sistematizados e expostos em detalhes característicos.

Caminhamos, portanto, no sentido de defender que: *a possibilidade de um cuidado parental igualitário, enquanto revestimento na contemporaneidade, sustentou também a possibilidade de um modelo de interação triádica entre pai, mãe e bebê*. Logo, o material apresentado nos permitiu conceber um contexto familiar em que o casal parental foi situado como uma matriz de interações igualitárias, sustentadas pela implicação de ambas as figuras parentais na manutenção de cuidados recíprocos, apresentados de forma cotidiana para o bebê na construção dos estilos interativos.

Em contrapartida, também observamos um tipo de configuração familiar em que as práticas de cuidado dicotômicas e as interações tipificadas em função do gênero favoreceram a manutenção de um modelo de interação, predominantemente, diádica. Observou-se, neste modelo, as repercussões dos referenciais parentais mais tradicionais atuando de formas sutis e dinâmicas no cotidiano da tríade familiar e no desenvolvimento emocional primitivo. Logo, pudemos falar sobre processos que foram tanto um produto das interações balizadas por elementos inconscientes, como das influências da transmissão intergeracional em torno de um cuidado infantil prioritariamente materno.

É necessário ressaltar que a presença assídua de ambos os pais (P1 e P2) no ambiente familiar já nos assinala uma mudança de paradigma em torno de uma vinculação pai-bebê em que a afetividade construída está intrinsecamente associada à presença paterna no cotidiano. No entanto, estar presente não necessariamente significa compreender as comunicações do bebê e exercer um cuidado a partir de identificações com a posição infantil e primitiva. As nuances em relação ao tipo de interação estabelecido entre as díades pai-bebê nos apresentaram contextos em que o cuidado realizado de forma autônoma pelos homens/pais demandou um suporte que os auxiliasse na construção de um saber parental, algo também relacionado à implicação mais evidente por parte dos homens em participar do estudo.

Na tentativa de construção parental vinculada ao cuidado materno e ao mesmo tempo autônoma, constatamos as inseguranças de P1 e a intrusividade de P2 a evidenciar as dificuldades de um processo de inserção no *holding* do bebê. Também pudemos refletir sobre a função interditora, importante num momento posterior do desenvolvimento, como uma

operação psíquica que não necessariamente precisa ser uma função exclusiva do homem e do lugar paterno. Além disso, destacamos a importância de um terceiro que pode se apresentar a partir de outras possibilidades de interação, seja como elemento continente, seja como um testemunho. Aqui teríamos um terceiro que ao mesmo tempo em que aponta para uma externalidade, faz isso a partir de dentro dos limites intersubjetivos e intercorporais que circunscrevem o *holding*.

Assim, na defesa desta tese apresentamos a captação de dados em torno de processos interativos familiares (diádicos e triádicos) que foram observados de forma extensiva, seja a partir do estabelecimento de padrões recorrentes, ou da transformação paulatina de nuances nos estilos interativos. Nos aprofundamentos e nas inferências construídos a partir do material, a aplicação do Método Bick de Observação infantil tornou-se uma importante ferramenta metodológica, fato corroborado pelos diversos usos do *setting* de observação em cada contexto familiar e pela comprovação do potencial científico do método em contextos de pesquisas clínicas e psicanalíticas.

Salientamos também que a necessidade de manejar aspectos conjugais, de forma mais evidente em um dos contextos familiares, nos apresentou a possibilidade de utilização do *setting* na mediação da intercomunicação entre o casal, algo que emergiu como uma demanda que se sobrepôs e demarcou uma exploração possível por parte da família na manutenção de aspectos para além da parentalidade, o que também interferiu na observação das interações estabelecidas com o bebê.

Sublinhamos também a experiência intensa de estar inserida nos contextos familiares como observadora, algo que veio contribuir para a formação enquanto psicóloga clínica e pesquisadora. O acolhimento de ansiedades e a sustentação de uma postura empática e não intrusiva durante as observações foram mantidos de forma contínua durantes as supervisões, momento prolífico que deu suporte a toda esta construção narrativa. O desafio de se expor e conter a exposição de cada membro familiar observado foi considerado um momento transformador, onde o encontro semanal com cada minúcia interativa foi construindo a capacidade de enxergar processos dinâmicos e simultâneos e de aprender a perceber com todo o corpo (físico e psíquico) os diferentes níveis intercomunicativos entre as tríades. Podemos assim corroborar a importância da integração criativa destas experiências e do saber construtivo derivado da própria interação.

Dentro dos limites estabelecidos pelo método Bick em sua forma padrão, propomos por meio desta pesquisa, algumas adaptações que trouxeram novas perspectivas para a técnica

originalmente preconizada: como o contrato do *setting* estabelecido em função da implicação do casal parental, o que sustentou o espaço da tríade no *setting* de observação; o tempo de acompanhamento das famílias, circunscrito ao período de três meses e que foi considerado suficiente para uma análise aprofundada em vista da densidade do material reunido; a sustentação dos *settings* observacional e investigativo por meio das supervisões clínicas e de pesquisa, que tiveram a finalidade de sustentar também a validade das inferências em vista das análises complementares empreendidas; e a utilização da entrevista semiestruturada como recurso complementar de acesso à história familiar, algo que permitiu uma comparação entre aspectos captados pela prática de cuidados e o discurso em torno destas práticas, além de ser também um momento de integração da experiência interativa após os três meses de acompanhamento.

Compreendemos que, em vista da caracterização e delimitação dos casos acompanhados e do tipo de metodologia aplicada, o estudo traz limitações às inferências e hipóteses, restritas e fundamentadas pela análise das observações e entrevistas das duas famílias. No entanto, consideramos que o método escolhido tornou possível o alcance dos objetivos propostos, o avanço das elaborações em relação a alguns conceitos psicanalíticos e aos novos referenciais parentais contemporâneos, assim como a investigação minuciosa do que foi delimitado como um modelo de interação triádica entre pai, mãe e bebê.

Dentro das limitações relativas à amostra escolhida para participar do estudo, em ambas as famílias os bebês eram do sexo masculino, o que nos remeteu a questões e possíveis investigações em que os modelos de interação (diádica e triádica) e as práticas parentais (igualitária e dicotômica/hierárquica) poderiam ser observados em famílias com bebês do sexo feminino.

Também levantamos algumas ressalvas em torno de um modelo de cuidado hierárquico/dicotômico como predominante na região nordestina. O cuidado parental igualitário observado, enquanto prática parental, em uma das famílias participantes, nos remeteu à influência deste fenômeno contemporâneo em Maceió, capital do estado de Alagoas e caracterizada como uma cidade urbana. E embora a apresentação de um caso emblemático não seja suficiente para refutar a predominância de referências mais tradicionais na região, podemos cogitar a apropriação de novos revestimentos parentais, enquanto discurso e/ou prática, também nesta cidade. Algo situado como um desdobramento de pesquisa a ser desenvolvido por outros estudos que continuem explorando a emergência, ou não, destes fenômenos nessa região.

Os casais participantes também conseguiram licenças (maternas e paternas) e ajustes nas cargas horárias de trabalho para passar mais tempo junto ao bebê, além disso, os homens/pais apresentaram bastante disponibilidade de tempo, investida predominantemente na maior convivência com esposa e filho, o que foi considerado benéfico em ambas as famílias e corroborou a necessidade de licenças maternas e paternas mais extensas. Sobre os investimentos e renúncias profissionais em função da maior convivência familiar, observamos M1 e P2 referirem-se a desistência em continuar em um de seus empregos, o que realçou a relação conflituosa entre parentalidade e investimento profissional e corroborou a necessidade de políticas laborais conciliatórias na manutenção de aspectos provenientes de demandas familiares e de trabalho.

Na delimitação de categorias temáticas, necessárias para a demonstração mais condensada de aspectos essenciais para a discussão, verificamos a presença de temáticas paralelas, caracterizadas como possíveis desdobramentos da pesquisa. Refletimos, desse modo, sobre as seguintes questões: De que forma os modelos interativos e as práticas de cuidado configuradas por determinada tríade podem ser associados à ressignificação ou à manutenção de modelos familiares transmitidos inter e transgeracionalmente? Podemos pensar em novos revestimentos provenientes sempre de uma descontinuidade em relação aos modelos parentais anteriores assimilados das famílias de origem? Que tipo de experiências anteriores à paternidade fomentam a produção de homens que cuidam e/ou a reprodução de homens que não sabem ou não querem cuidar?

Outras temáticas relacionadas foram: a presença de um discurso e um desejo, apresentado por ambas as mães, de conceberem a partir de um parto humanizado, algo que desponta na contemporaneidade como uma mobilização política em torno da diminuição das intervenções medicalizadas e cirúrgicas durante este momento; à utilização da tecnologia (fotos e vídeos) para acompanhamento e/ou vigilância do bebê e do pai, algo que foi apresentado ora sobre um caráter de tamponamento da ausência e tentativa de acompanhar nuances cotidianas do bebê, ora sobre um caráter de desconfiança e reasseguramento em relação à prática de cuidado paterna na ausência da mãe; e à menção em ambas as famílias, principalmente por parte das mulheres, a redes virtuais de apoio composta por mães, o que nos remeteu a um suporte virtual e indireto na construção parental.

No vestuário psicossocial concernente à cultura e à época em que vivemos podemos conceber o cuidado parental igualitário como uma prática que reveste e é revestida pelas interações entre pai, mãe e bebê. O modelo de interação triádica, deste modo, configurou-se

como uma nova possibilidade intersubjetiva e intercorporal que trouxe implicações para o desenvolvimento emocional primitivo e para o relacionamento paterno-infantil. Acompanhamos a apresentação ao bebê de uma estrutura familiar particular, internalizada pela convivência constante com um cuidado ambiental configurado sobre a premissa da afetividade e dos ideais democráticos de forma simplificada nas práticas cotidianas. Justamente por esta assimilação intersubjetiva e intercorporal podemos conceber neste contexto a sustentação de um ambiente interno em que o casal suficientemente bom pôde ser pensado como representação simbólica e apreensão estética do bebê. E ainda que se trate de uma experiência particular a determinada família, refletimos sobre a construção de uma provisão ambiental, na qual se fomentam transformações contínuas nas funções e papéis parentais, sustentadas pela primazia da interação, enquanto encontro transformador, e dos cuidados recíprocos como responsabilidade do núcleo familiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abram, J. (2000). *A linguagem de Winnicott – Dicionário de Palavras e Expressões utilizadas por Donald W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter.

Abreu, L. M. R. (2009). *Transição para a parentalidade: Estudo comparativo entre mulheres e homens primíparos*. Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.

Alves, J. E. D. & Cavenaghi, S. M. (2013). Indicadores de desigualdade de gênero no Brasil. *Mediações, 17*(2), 83-105.

Andersen, H. C. (1991). A roupa nova do imperador. In H. C. Andersen, *Clássicos da Infância – Contos de Andersen*. Círculo do Livro: São Paulo.

Aranha, M. S. F. (1993). A interação social e o desenvolvimento humano. *Temas em Psicologia, 3*, 19-28.

Araújo, M. F. (2011). Família, modernização capitalista e democracia: retomando alguns marcos do antigo debate sobre as transformações da família no Brasil. *Tempo e Argumento, 3*(1), 180-198.

Arruda, S. L. S. & Lima, M. C. F. (2013). O novo lugar do pai como cuidador da criança. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia, 4*(2), 201-216.

Azevedo, A. V. (2001). A partir de "A terceira margem do rio": algumas considerações sobre transmissão em Psicanálise. *Ágora, 4*(2), 61-72.

Badinter, E. (1980). L'indifférence maternelle. In E. Badinter, *L'amour em plus – Histoire de l'amour maternel - XVII°-XX° siècle*. Flammarion, Paris.

Badinter, E. (2011). O caso das francesas. In E. Badinter, *O conflito: a mulher e a mãe*. Editora Record, Rio de Janeiro.

Baéz, E. M. (2012). Lo que sucedio a um rey con los picaros que hicieron la tela. In E. M. Baéz, *Don Juan Manuel – El Conde Lucanor*. Edhasa: Castalia. (Trabalho original publicado em 1953)

Barham, E. J. & Vanalli, A. C. G. (2012). Trabalho e Família: perspectivas teóricas e desafios atuais. *Revista Psicologia: Organização e Trabalho*, *12*(1), 47-60.

Belo, M. R. (2014). O homem da areia e outras histórias – Uma leitura das dinâmicas familiares a partir das ideias de Winnicott ou o mundo tomado em pequenas doses. *Revista Winnicott e-Prints*.

Benczik, E. B. P. (2011). A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Rev. Psicopedagogia, 28*(85), 67-75.

Berg, A. (2016). Reflective practice in infant mental health – a south african perspective. *Infant Mental Health Journal, 37*(6), 684-691.

Bick, E. (1964). Notes on infant observation in psychoanalytic training. In M. Harris & E. Bick (2011), *The Tavistock Model: Papers on child development and psychoanalytic training*. London: Karnac, The Harris Meltzer Trust.

Bick, E. (1968). The experience of the skin in early object relations. In M. Harris & E. Bick (2011), *The Tavistock Model: Papers on child development and psychoanalytic training*. London: Karnac, The Harris Meltzer Trust.

Bilac, E. D. (2014). Trabalho e Família – Articulações possíveis. *Tempo Social, 26*(1), 129-141.

Bion, W. R. (1966). *Os elementos da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editôres.

Bion, W. R. (1991). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Originalmente publicado em 1962)

Bion, W. R. (2004). *Transformações: Do aprendizado ao crescimento* (Trad. P. C. Sandler). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho Original publicado em 1965)

Bion, W. R. (2006). *Atenção e Interpretação.* Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1970)

Bogren, L. Y. (1984). The couvade syndrome: Background variables. *Acta Psychiatrica Scandinavica, 70*(04), 316-320.

Borsa, J. C. & Nunes, M. L. T. (2011). Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumentativa, 29*(64), 31-39.

Bortoluzzo, A. B., Matavelli, I. R. & Madalozzo, R. (2016). Determinantes da Distribuição da (Des)igualdade de Gênero entre os Estados Brasileiros. *Estud. Econ., 46*(1), 161-188.

Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-Child Attachment and Healthy Human Development*. London: Routledge.

Bowlby, J. (1995). *Maternal Care and Mental Health.* London: Jason Aronson. (Trabalho Original publicado em 1950)

Briggs, S. (1999). Links between infant observation and reflexive social work practice. *Journal of Social Work Practice, 13,* 147-156.

Briggs, A. (2008). Translating nature: developing Esther Bick's method for finding words to describe what is seen and experienced in infant observation and clinical work. *British Journal of Psychotherapy, 24*(1), 74-90.

Briggs, A. & Piontelli, A. (2006). From infant observation to ultrasound: the thoughts of a pioneer researcher. *Infant Observation, 9*(2), 199-209.

Busnel, M. & Heron, A. (2011). O desenvolvimento da sensorialidade fetal. In M. C. Lasnik & D. Cohen (orgs.), *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Lagage.

Bustamante, V. & Mccallum, C. (2014). Feeding practices, healthcare and kinship during the first year of life. *Estudos de Psicologia, 31*(3), 425-435.

Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Campana, N. T. C., Santos, C. V. M. & Gomes, I. C. (no prelo). De quem é a *preocupação primária*? A teoria winnicottiana e o cuidado parental na contemporaneidade. *Revista Psicologia Clínica*.

Candelori, C., & Dal Dosso, M. (2007). An experience of infant observation in a prision. *Infant Observation, 10*(1), 59-69.

Caron, N. A. & Lopes, R. C. S. (2014). Aprendendo com as mães e os bebês sobre a natureza humana e a técnica analítica. Porto Alegre: Dublinense.

Castoldi, L., Gonçalves, T. R. & Lopes, R. C. S. (2014). Envolvimento paterno da gestação ao primeiro ano de vida do bebê. *Psicologia em Estudo, 19*(2), 247-259).

Catão, I. (2011). Voz, fala e linguagem: a clínica psicanalítica com os que não falam. In M. C. Lasnik & D. Cohen (orgs.), *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Lagage.

Cebon, A. (2007). Supervision with Esther Bick 1973 – 1974. *Journal of Child Psychotherapy, 33*(2), 221-238.

Chodorow, N. (1978). *Psicanálise da maternidade – uma crítica a Freud a partir da mulher*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos.

Corrêa, M. E. C. (2012). *Duas mães? Mulheres lésbicas e maternidade*. Tese de doutorado, Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Covre-Sussai, M. (2014). Couples' joint decision-making: the construction and validation of a key proxy for understanding gender relations in contemporary families. *R. Bras. Est. Pop., 31*(1), 51-71.

Cunha, J. V. A & Féres-Carneiro, T. (2009). *Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais na atualidade*. (Relatório Técnico). Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro: PIBIC.

Decreto Nº 8618. (2015). Regulamentação do valor do salário mínimo para o ano de 2016 no Brasil. Brasília, Poder Executivo.

Donelli, T. M. S. & Lopes, R. C. S. (2013). Descortinando a vivência emocional do parto através do Método *Bick. Psico-USF, 18*(2), 289-298.

E-Dicionário de termos literários de Carlos Ceia – Alegoria. (2009). Recuperado em 13 de janeiro de 2018, de http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/alegoria/

Esteca, F. M. (2012). *A mãe que trabalha fora: a criança e a família em relação ao trabalho materno*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Ferreira, S. S. M. (1995). De l'interaction mère-bébé, au dialogue mère et bébé: le premier pas. In S. S. M. Ferreira, *La Psychanalyse de l'enfant*. Janvier: Revue de l'Ass. Freudienne.

Figueiredo, L. C. (2012). *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de Psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta.

Figueiredo, L. C. (2014). *Cuidado, Saúde e Cultura – Trabalhos psíquicos e criatividade na situação analisante*. São Paulo: Escuta.

Fiorin, P. C., Oliveira, C. T. & Dias, A. C. G. (2014). Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. *Revista Brasileira de Orientação Profissional, 15*(1), 25-35.

Fivaz-Depeursinge, E., Bürgin, D., Corboz-Warnery, A., Lebovici, S., Stern. D., Bing-Hall, J. (1994). The dynamics of interfaces: Seven authors in search of encounters across levels of description of an event involving a mother, father, and baby. *Infant Mental Health Journal, 15*(1), 69-89.

Freud, S. (1996). Introdução ao narcisismo. In: Freud. S. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (1996). Além do princípio do prazer. In: Freud. S. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (1996). Feminilidade. In: Freud. S. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932).

Frizzo, G. B. & Piccinini, C. A. (2007). Depressão materna e a interação triádica pai-mãe-bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 20*(3), 351-360.

Gama, E. B. B. (2014). *A transição para a parentalidade: vivências de pais três meses após o nascimento do primeiro filho*. Dissertação de Mestrado em Enfermagem de Saúde Materna e Obstetrícia, Escola Superior de Saúde de Viana do Castelo, Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal.

Golin, G. & Benetti, S. P. C. (2013). Early Sheltering and Bonding in Institution. *Psic.:Teor. e Pesq., 16*(4), 561-569.

Golin, G., Benetti, S. P. C. & Donelli, T. M. S. (2011). A study on early sheltering inspired by Bick Method. *Psicol. Estud., 16*(4), 561-569.

Golse, B. (1999). *No início da vida psíquica – O desenvolvimento na primeira infância*. Porto Alegre: Instituto Piaget.

Golse, B. (2003). *Sobre a Psicoterapia Pais-Bebê: narratividade, filiação e transmissão*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Golse, B. (2004). O que nós aprendemos com os bebês? Observações sobre as novas configurações familiares In M. C. P. Silva & Solis-Ponton, L., *Ser pai, Ser mãe – Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Gomes, I. C. (2009). Famílias reconstituídas: um novo desafio para a clínica contemporânea. In I. C. Gomes (Coord.), *Clínica Psicanalítica de Casal e Família – A interface com os Estudos Psicossociais*. São Paulo: Santos Editora.

Gomes, I. C. (2010). Trabalho de turno de operários metalúrgicos e a dinâmica familiar: quinze anos depois. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e Família: Permanências e Rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Gradvohl, S. O., Osis, M. J. D. & Makuch, M. Y. (2014). Maternidade e forma de maternagem desde à Idade Média à atualidade. *Pensando Famílias, 18*(1), 55-62.

Gratier, M. (2011). As formas da voz: o estudo da prosódia na comunicação vocal mãe-bebê. In M. C. Lasnik & D. Cohen (orgs.), *O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Lagage.

Grossi, M. P. (2003). Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. *Cadernos Pagu, 21*, 261-280.

Guimarães, M. G. V. & Petean, E. B. L. (2012). Carreira e Família: Divisão de tarefas domiciliares na vida de professoras universitárias. *Revista Brasileira de Orientação Profissional, 13*(1), 103-110.

Harris, M. & Bick E. (1976). The contribution of observation of mother-infant interaction and development to the equipment of a psycho-analyst or psychoanalytic psychotherapist. In M. Harris & E. Bick (2011), *The Tavistock Model: Papers on child development and psychoanalytic training*. London: Karnac, The Harris Meltzer Trust.

Harris M. & Bick E. (2011), *The Tavistock Model: Papers on child development and psychoanalytic training*. London: Karnac, The Harris Meltzer Trust.

Helth, T. D. & Jarden, M. (2013). Fathers' experiences with the skin-to-skin method in NICU: Competent parenthood and redefined gender roles. *Journal of Neonatal Nursing, 19*(3), 114-121.

Hepburn, J. M. (2017). 'What a lovely baby': some thoughts on narcissism and projective identification through the lens of infant observation. *British Journal Psychotherapy, 33*(1), 48-62.

Hollway, W. (2006). The gender of parenting, the gender of care. In W. Hollway, *The capacity to care*. London: Routledge.

Hollway, W. (2007). Afterword. *Infant Observation, 10*(3), 331-336.

Hollway, W. (2016). Feminism, Psychology and becoming a mother. *Feminism & Psychology, 26*(2), 137-152.

Houzel D. (2004). As implicações da parentalidade. In M. C. P. Silva & L. Solis-Ponton. *Ser pai, ser mãe. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Houzel, D. (2012). Infant Observation and the French Model. *Int J Psychoanal, 93*, 181-201.

Jager, M.E. & Botolli, C. (2011). Paternidade: vivência do primeiro filho e mudanças familiares. *Psicologia: Teoria e Prática, 13*(1), 141-153.

Klauber, T. (2013). Babies in all their states: Infant Observation in different cultural contexts. *Infant Observation, 16*(1), 102-104.

Klein, M. (1921). O desenvolvimento de uma criança. In M. Klein. (1970), *Contribuições à Psicanálise*. Editora Mestre Jou: São Paulo.

Klein, M. (1934). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In M. Klein. (1970), *Contribuições à Psicanálise*. Editora Mestre Jou: São Paulo.

Klein, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In M. Klein. (1991*), Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Editora Imago: Rio de Janeiro.

Klein, M. (1955). Sobre a identificação. In M. Klein. (1991*), Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Editora Imago: Rio de Janeiro.

Klein, M. (1991). *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Editora Imago: Rio de Janeiro.

Klein, M. (1996). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In. M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros problemas*. Editora Imago: Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1930)

Kosakowska-Berezecka, N., Besta, T., Adamska, K., Jaskiewicz, M., Jurek, P. et al. (2016). If my masculinity is threatened i won't support gender equality? The role of agentic self-stereotyping in restoration of manhood and perception of gender relations. *Psychology of men & masculinity, 17*(3), 274-284.

Lamour, M. (2008). Construir conjuntamente a paternidade: uma experiência de pesquisa, ação e formação na creche. In J. André & C. Chabert (orgs.), *O esquecimento do pai*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Lang, C. E., Barbosa, J. F. & Caselli, F. R. B. (2011). A geração criada por mulheres: o pai e o masculino no Clube da Luta. *Revista Mal-estar e Subjetividade, 11*(2), 843-870.

Lebovici, S. (1987). *O bebê, a mãe e o psicanalista*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Lebovici, S. (1998). L'arbre de vie: le processus de filiation et de parentalisation. *Journal de la psychanalyse de l'enfant, 22*, 98-127.

Lebovici, S. (2004). Diálogo Leticia Solis-Ponton e Serge Lebovici. In M. C. P. Silva & L. Solis-Ponton, *Ser pai, Ser mãe – Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lebovici, S., Solis-Ponton, L. & Barriguete, J. A. (1997). A árvore da vida ou a empatia metaforizante, o enactment. In M. C. P. Silva & L. Solis-Ponton (2004), *Ser pai, ser mãe – Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lejderman, A. & Kompinsky, E. (2000). Caráter preventivo daaplicação da observação da relação mãe-bebê em uma creche. In N. A. Caron (Ed.), *A relação pais-bebê: da observação à clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lei nº 11.770. (2008). Criação do Programa Empresa Cidadã. Brasília: Câmara dos Deputados.

Loparic, Z. (2005). Elementos da teoria winnicottiana da sexualidade. *Natureza Humana, 7*(2), 311-358.

Lopes, R. C. S., Caron, N. A., Steibel, D. & Donelli, T. M. S. (2012). Desafios ao percurso do pesquisador psicanalítico: reflexões a partir da pesquisa com o método bick de observação de bebês. In M. M. K. Macedo & B. S. G. Werlang (Orgs.), *Psicanálise e Universidade: potencialidades teóricas no cenário da pesquisa*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Magalhães. A. S. (2010). Conjugalidade e parentalidade na clínica com famílias. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e Família: Permanências e Rupturas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Malmquist, A. (2015). Womem in lesbian relations: construing equal or unequal parental roles? *Psychology of Womem Quarterly, 39*(2), 256-267.

Mélega, M. P. (2008). A supervisão da Observação Mãe-Bebê – Ensino e Investigação. In M. P. Mélega & M. C. Sonzogno, *O olhar e a escuta para compreender a primeira infância*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mélega, M. P. (2008). Metodologia da Observação da Relação Mãe-bebê na família. In M. P. Mélega & M. C. Sonzogno, *O olhar e a escuta para compreender a primeira infância*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mélega, M. P. & Ribeiro, S. (2008). O observador psicanalítico como modelo continente da função materna. In M. P. Mélega & M. C. Sonzogno, *O olhar e a escuta para compreender a primeira infância*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mélega, M. P. & Sonzogno, M. C. (2008). *O olhar e a escuta para compreender a primeira infância.* São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mellier, D. (2007). La narration entre observation et historicisation, l'apport de la clinique du nourrisson. *Annales Médico Psychologiques, 165*, 478-484.

Menezes, C. C. & Lopes, R. C. S. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até dezoito meses do bebê. *Psico-USF, 12*(1), 83-93.

Missonnier, S. (2004). O início da parentalidade, tornar-se mãe, tornar-se pai. As interações dos pais e da criança antes do nascimento. In M. C. P. Silva & L. Solis-Ponton, *Ser pai, Ser mãe – Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mitchell, J. (1979). *Psicanálise e feminismo. Freud, Reich, Laing e mulheres.* Belo Horizonte: Interlivros.

Moreno, J. M. G. (2011). A conciliação entre a vida familiar e a vida profissional no Direito Comunitário: uma análise jurídico-feminista. *Ex aequo, 23*, 39-52.

Oliveira-Menegotto, L. M. (2007). *O desamparo materno diante de seu bebê com Síndrome de Down: aplicação do Método Bick de observação da relação mãe-bebê*. Tese de doutorado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Oliveira-Menegotto, L. M., Lopes, R. C. S. & Caron, N. A. (2010). The Bick infant observation method: clinical aspects. *Psic. Clin., 22*(1), 39-55.

Oliveira-Menegotto, L. M., Menezes, C. C., Caron, N. A. & Lopes, R. C. S. (2006). The Bick Method of infant observation as a research method. *Psic. Clin., 18*(2), 77-96.

Palmigiani, M. G. (2008). O observador Psicanalítico como Modelo Continente na família. In M. P. Mélega & M. C. Sonzogno, *O olhar e a escuta para compreender a primeira infância.* São Paulo: Casa do Psicólogo.

Park, M. S., Goodwin, R., Harsányi, G. & Kim, J. (2011). Macro-level factors & their influence on family perceptions in two cultures. *Acta de Investigación Psicológica, 1*(2), 274-297.

Passati, A. B., Prates, L. A., Cremonese, L., Scarton, J., Alves, C. N. & Ressel, L. B. (2017). Humanização do parto: significados e percepções de enfermeiras. *Esc Anna Nery, 21*(4), 1-6.

Pedrosa, C. F. & Salvato, M. A. (2008). *Análise dos impactos da igualdade de gênero para a queda da desigualdade nas regiões Nordeste e Sudeste do Brasil*. (Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu, MG).

Piccinini, C. A., Seidl de Moura, M. L., Ribas, A. F. P., Bosa, C. A., Oliveira, E. A., Pinto, E. B. et al. (2001). Diferentes perspectivas na análise da interação pais-bebê/criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 14*(3), 469-485.

Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. C. S. & Tudge, J. (2012). Envolvimento paterno aos três meses de vida do bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 28*(3), 303-314.

Pierotti, M. M. S., Levy, L. & Zornig, S. A. (2010). O manhês: costurando laços. *Estilos da Clínica, 15*(2), 420-433.

Plastino, C. A. (2014). *Vida, criatividade e sentido no pensamento de Winnicott*. Rio de Janeiro: Garamond.

Prado, R. M. & Fleith, D. S. (2012). Pesquisadoras brasileiras: conciliando talento, ciência e família. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 64*(2), 19-34.

Prat, R., Amar, M., Choppy, M.-C., Delion, P., Falca, L., Haag, G. et al. (2008). Symposion Report – Association Francophone des Formateurs à l'Observation de Bébé selon Esther Bick (AFFOBEB): First International Symposium of Training Supervisors in Infant Observation (Esther Bick's Method). Lille, France, 27-29 October 2006. *Infant Observation, 11*(1), 89-101.

Priberam Dicionário: Imperativo. (2018). Recuperado em 11 de janeiro de 2018, de https://www.priberam.pt/dlpo/imperativo

Priberam Dicionário: Retroativo. (2018). Recuperado em 14 de fevereiro de 2018, de https://www.priberam.pt/dlpo/retroativo

Quek, K. M. T., Knudson-Martin, C., Orpen, S. & Victor, J. (2011). Gender equality during the transition to parenthood: A longitudinal study of dual-career couples in Singapore. *Journal of Social and Personal Relationships, 28*(7), 943-962.

Rehel, E. M. (2014). When dad stays home too: paternity leave, gender, and parenting. *Gender & Society, 28*(1), 110-132.

Reid, S. (1997). The development of autistic defenses in an infant: the use of a single case study for research. *Infant Observation: The International Journal of Infant Observation and its Application, 1*(1), 51-110.

Resolução Nº 510. (2016). Ética na Pesquisa na área de Ciências humanas e sociais. Conselho Nacional de Saúde.

Rhode, M. (2004). Infant observation as research: cross-disciplinary links. *Journal of Social Work Practice: Psychotherapeutic Approaches in Health, Welfare and the Community, 18*(3), 283-298.

Rodriguez, B. C. & Gomes, I. C. (2012). Novas formas de parentalidade: do modelo tradicional à homoparentalidade. *Boletim de Psicologia, 63*(136), 29-36.

Röhr-Sendlmeier, U. M. & Bergold, S. (2012). Father's role when mother is working – family involvement, life satisfaction and children's scholastic achievement. *Journal of Family Research, 24*(1), 3-26.

Rosa, C. D. (2009). O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. *Natureza humana, 11*(2), 55-96.

Rosa, C. D. (2014). *E o pai? Uma abordagem winnicottiana*. São Paulo: DWW Editorial.

Rosa, J. C. (1995). Reflexões sobre o método da observação mãe-bebê. *Revista Brasileira de Psicanálise, 29*(2), 299-305.

Roudinesco, E. (2002). A família do futuro. In E. Roudinesco, *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Roudinesco E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Ruitenberg, J. & Beer, P. (2014). Exploring the social origins of dutch mothers' ideal family lives. *Sex Roles, 70*, 315-328.

Rustin, M. (1998). Infant research and Psychoanalysis. *Infant Observation, 1*(2), 113-116.

Rustin, M. (2001). *Reason and unreason: Psychoanalysis, science and politics*. London: Continuum Books.

Rustin, M. (2006). Infant observation research: What have we learned so far? *Infant Observation, 9*(1), 35-52.

Rustin, M. (2008). What do we see in the nursery? Infant observation as “laboratory work”. *Infant Observation, 1*(1), 93-110.

Rustin, M. (2011). Infant observation and research: a reply to Steven Groarke. *Infant Observation: International Journal of Infant Observation and Its Applications, 14*(2), 179-190.

Rustin, M. (2012). Infant Observation as a method of research. In C. Urwin & J. Sternberg (Orgs.), *Infant Observation and Research: Emotional Processes in Everyday Lives.* New York: Routledge.

Safra, G. (2005). *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo: Unimarco Editora.

Salem, T. (2007). *O casal grávido: disposições e dilemas da parceria igualitária*. Rio de Janeiro: Editora da fundação Getúlio Vargas.

Sampaio, M. A., Falbo, A. R., Feliciano, K. V. O, Camarotti, M. C., Rustin, M. & Miller, L. (2012). Anthropological and psychoanalytical observation: theoretical and methodological dialogues in a doctorate programme in mother and child health. *Rev. Bras. Saude Mater. Infant., 12*(1), 75-81.

Santos, C.V.M. (2014). *Um novo pai, novas funções? Considerações sobre a relação pai-bebê no período da dependência absoluta*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Santos, C. V. M. & Antúnez, A. E. A. (2017). Paternidade Afetivamente Inscrita: modalidades de interação na relação pai-bebê. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 70*(1), 224-238.

Santos, C. V. M. & Antúnez, A. E. A. (2018). “Papai não tem leite!” Considerações sobre o holding paterno na dependência absoluta. *Psicol. Estud., 23,* 105-116.

Santos, C.V.M., Campana, N.T.C. & Gomes, I. C. (no prelo). Cuidado Parental Igualitário: Revisão de literatura e Construção conceitual. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*.

Santos, C. V. M. & Gomes, I. C. (2016). The L Word – Discussões em torno da parentalidade lésbica. *Psicologia: Ciência e Profissão, 36*(1), 101-115.

Santos, C. V. M., Santos, R. L. & Leitão, H. A. L. (2015). *Criando laços afetivos: o processo de inserção da criança na creche-escola*. Verlag: Novas Edições Acadêmicas.

Schulz, F. & Rost, H. (2012). Division of housework, maternity leave and the policy of parenting benefit in Germany. *Journal of Family Research, 24*(1), 27-45.

Scorsolini-Comin, F., Nedel, A. Z. & Santos, M. A. (2011). Close, far, outside and inside: the training of the observer from an experience with the Bick Method. *Psic. Clin., 23*(2), 151-170.

Seabra, K. C. & Seidl-de-Moura, M. L. (2011). Cuidados paternos nos primeiros três anos de vida de seus filhos: um estudo longitudinal. *Interação Psicol., 15*(2), 135-147.

Serralha, C. A. (2005). O ambiente em Winnicott. *Winnicott E-Prints, 4*(1), 21-34.

Shuttleworth, J. (2012). Infant observation, ethnography and social anthropology. In C. Urwin & J. Sternberg (Orgs.), *Infant Observation and Research: Emotional Processes in Everyday Lives.* New York: Routledge.

Silva, M. C. P. & Solis-Ponton, L. (2004). *Ser pai, Ser mãe – Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Silva, N. M. V., Santos, C. V. M. & Rhodes, C. A. A. (2014). Do vídeo para o texto escrito: implicações para a análise da interação. *Psicologia em Revista, 20*(3), 513-528.

Solis-Ponton, L. (2004). A construção da parentalidade. In M. C. P. Silva & L. Solis-Ponton, *Ser pai, Ser mãe – Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Souza, N. H. S., Wagner, A., Branco, B. M. & Reichert, C. B. (2007). Famílias com casais de dupla carreira e filhos em idade escolar. *Aletheia, 26*, 109-121.

Steibel, D. (2011). *As vivências primitivas de um bebê nascido extremamente prematuro no ambiente da UTI neonatal: uma aplicação do Método Bick de observação*. Dissertação de mestrado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Stern, D. (1992). *O mundo interpessoal do bebê: uma visão a partir da Psicanálise e da Psicologia do desenvolvimento*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Sternberg, J. (2012). Why the experience of infant observation lies at the heart of psychoanalytic psychotherapy training. In C. Urwin & J. Sternberg (Orgs.), *Infant Observation and Research: Emotional Processes in Everyday Lives.* New York: Routledge.

Stevens, E. (2015). Understanding discursive barriers to involved fatherhood: the case of Australian stay-at-home fathers. *Journal of Family Studies, 21*(1), 22-37.

Tiitinen, S. & Ruusuvuori, J. (2015). Producing gendered parenthood in child health clinics. *Discourse & Society, 26*(1), 113-132.

Trifan, T. A., Stattin, H. & Tilton-Weaver, L. (2014). Have authoritarian parenting practices and roles changed in the last 50 years? *Journal of Marriage and Family, 76*, 744-761.

Viala, E. S. (2011). Contemporary family life: a joint venture with contradictions. *Nordic Psychology, 63*(2), 68-87.

Vliegen, N. (2006). 'She doesn't want to look at me'. Mother – infant observation as a bridge between clinical practice and research. *Infant Observation, 9*(3), 261-268.

Wakelyn, J. (2012). A study of therapeutic observation of na infant in foster care. In C. Urwin & J. Sternberg (Orgs.), *Infant Observation and Research: Emotional Processes in Everyday Lives.* New York: Routledge.

Wendland, J. (2001). A abordagem clínica das interações pais-bebê: perspectivas teóricas e metodológicas. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 14*(1), 45-56.

Williams, G. P. (2008). O trabalho de Martha Harris. In M. P. Mélega & M. C. Sonzogno, *O olhar e a escuta para compreender a primeira infância*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Winnicott, D. W. (1941). A observação de bebês numa situação padronizada. In D. W. Winnicott (2000), *Da Pediatria à Psicanálise – Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. W. (1948). Pediatria e Psiquiatria. In D. W. Winnicott (2000), *Da Pediatria à Psicanálise – Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. W. (1956). A preocupação materna primária. In. D. W. Winnicott (2000), *Da pediatria à Psicanálise – Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. W. (1958). A capacidade de estar só. In D. W. Winnicott (1983), *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre, Artmed.

Winnicott, D. W. (1960). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In D.W.Winnicott (1983), *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre, Artmed.

Winnicott, D. W. (1962). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In D. W. Winnicott (1983), *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre, Artmed.

Winnicott, D. W. (1963). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In D. W. Winnicott (1983), *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre, Artmed.

Winnicott, D. W. (1969a). Desarrollo del tema del inconsciente de la madre, tal como se lo descubre em la practica psicoanalítica. In D.W. Winnicott (2015), *Exploraciones psicoanalíticas I*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós.

Winnicott, D. W. (1969b). El uso de un objeto en el contexto de Moises y la religion monoteísta. In D.W. Winnicott (2015), *Exploraciones psicoanalíticas I*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA.

Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre, Artmed. (Trabalho original publicado em 1965)

Winnicott, D. W. (1990). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago Ed.

Winnicott, D. W. (2000). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago Ed. (Trabalho original publicado em 1958)

Winnicott, D. W. (2006). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1988).

Winnicott, D. W. (2008a). E o Pai? In D. W. Winnicott, *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho original publicado em 1957).

Winnicott, D. W. (2008b). O mundo em pequenas doses. In D. W. Winnicott, *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC. (Trabalho original publicado em 1957).

Winnicott, D. W. (2011a). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965).

Winnicott, D. W. (2011b). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986).

Winnicott, D. W. (2012). *Privação e Delinquência*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1984).

Winnicott D. W. (2015). *Exploraciones psicoanalíticas I*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1989).

Zornig, S. M. A. J. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo Psicanalítico*, *42*(2), 453-470.

Zvara, B. J., Schoppe-Sullivan, S. J. & Dush, C. K. (2013). Fathers' involvement in child health care: associations with prenatal involvement, parents' beliefs, and maternal gatekeeping. *Family relations, 62*, 649-661.

APÊNDICE A: FORMULÁRIO DE PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO-DEMOGRÁFICO (PERFIL SED)

Nome do pai/idade:

Nome da mãe/idade:

Nome e idade do bebê:

Data de nascimento do bebê:___/___/___

Contato inicial através de:

1. **Os membros do casal são os pais biológicos do bebê?**
   ( ) Sim ( ) Não

2. **Qual a condição de parceria do casal?**
   ( ) apenas coabitam
   ( ) coabitam e são casados no civil

3. **Qual a duração total do relacionamento até o momento e há quanto tempo estão em situação de coabitação?**

4. **Trata-se da primeira experiência parental?**
   ( ) Sim ( ) Não

5. **Qual a profissão do pai?**

6. **Qual a profissão da mãe?**

7. **Há quanto tempos ambos trabalham em suas profissões?**

8. **Ambos tiveram direito a licença paternidade e maternidade? Se sim, voltarão ao exercício profissional ao fim da licença ou pretendem estendê-la?**

9. **Os membros do casal são provenientes de que cidade brasileira?**

10. Houve alguma complicação na saúde do bebê durante a gestação, parto ou puerpério?

11. Qual a escolaridade do pai e da mãe?

12. A sua renda familiar se encaixa entre que intervalo?

( ) de 500 a 2.000 reais

( ) de 2.000 a 4.000 reais

( ) de 4000 a 6.000 reais

( ) de 6000 a 8.000 reais

( ) de 8.000 a 10.000 reais

( ) acima de 10.000 reais

APÊNDICE B: MODELO DE ENTREVISTA

1 **Nomes e idades dos pais e da criança?**

2 **Procedência/naturalidade dos pais?**

3 **Situação econômica do casal (média de quantos salários mínimos)?**

4 **Como vocês se definem quanto à raça?**

5 **Qual o nível de escolaridade?**

6 **Qual a profissão, o horário de trabalho e há quanto tempo exercem (do pai e da mãe)?**

7 **Qual a religião dos membros do casal, se houver alguma?**

8 **Qual o tempo total de relacionamento até o momento da entrevista?**

9 **Como é constituída a família de origem de cada membro do casal?**

10 **Como vocês descreveriam a relação com o próprio pai?**

11 **Como vocês descreveriam a relação com a própria mãe?**

12 **Como foi para cada membro do casal a notícia da gravidez?**

13 **O que eles sentiram em relação a descoberta do sexo do bebê?**

14 **Como o pai acompanhou a gestação? O pai acompanhou as consultas de pré-natal? Se não, por quais motivos não acompanhou? O que achou da experiência?**

15 **Como foi a experiência da gestação para a mãe? O que a mãe achou da forma como o pai acompanhou o período gestacional?**

16 **Quais foram os momentos mais marcantes desse período para cada membro do casal?**

17 **Como os membros da família de origem reagiram a notícia da gravidez?**

18 **Existia alguma expectativa em relação ao bebê antes dele nascer? Essas expectativas foram correspondidas?**

19 **Houve alguma dificuldade enfrentada pelos membros do casal durante o período da gestação?**

20 **Como foi o parto do bebê para a mãe e para o pai?**

21 **A partir do nascimento do bebê, o casal obteve alguma ajuda de outras pessoas? Se sim, quem são (é) essa(s) pessoa(s)?**

22 **Descrever como foram os primeiros cuidados com o recém-nascido e como se sentiram nesse período inicial de cuidados (1º mês)?**

23 **Receberam licença paternidade e maternidade? Quanto tempo durou a licença? O pai e a mãe recorreram a outras formas de afastamento do trabalho para permanecer mais tempo junto à criança?**

24 **Como os membros do casal se dividem em relação aos cuidados do bebê (disponibilidades de horários e tipos de cuidado)?**

25 **O pai consegue cuidar do bebê quando está sozinho? Se sim, essa situação traz algum incômodo ou dificuldade? E como a mãe se sente em relação ao fato de deixar o bebê aos cuidados do companheiro?**

26 **O casal buscou, ou busca, informações sobre aspectos relacionados aos cuidados do bebê desde a gestação até o período atual?**

27 **De que forma cada membro do casal define o que é ser pai?**

28 **De que forma cada membro do casal define o que é ser mãe?**

29 **Em relação às expectativas que o casal tinha de como seriam enquanto pai e mãe, estas são semelhantes ou diferentes da experiência real que estão tendo?**

30 **Descrever como foi o período em que as mães e pais tiveram que voltar a rotina de trabalho? Reações do bebê?**

31 **Por que motivo eles decidiram participar do estudo e como eles descreveriam essa experiência?**

APÊNDICE C: MODELO TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós,.....
.... e ....., tendo sido convidados a participar como voluntários da pesquisa **ESTUDO COMPARATIVO SOBRE AS INTERAÇÕES DIÁDICAS E TRIÁDICAS ENTRE PAI, MÃE E BEBÊ A PARTIR DE UM CUIDADO PARENTAL IGUALITÁRIO**, recebemos da Srta. CARINE VALÉRIA MENDES DOS SANTOS, doutoranda do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, responsável por sua execução, as seguintes informações que nos fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- **Que o estudo se destina a** analisar como se dão as interações entre pai, mãe e bebê no terceiro trimestre de vida da criança;
- **Que a importância deste estudo é a de** entender aspectos presentes nas interações entre a tríade pai-mãe-bebê que possam ser relacionados com referenciais contemporâneos da família nuclear;
- **Que esse estudo será realizado no período** compreendido entre o 6º e o 9º mês após o nascimento da criança, nesse período a família será acompanhada durante uma hora a cada semana;
- **Que o estudo será feito da seguinte maneira**: através de observações na casa dos participantes, registradas em diários de campo, e por meio de uma entrevista semiestruturada a ser realizada com o casal ao final do acompanhamento da família, no 9º mês de idade da criança, gravada em áudio para posterior transcrição;
- **Que diante de possíveis incômodos decorrentes da participação na pesquisa**: o participante receberá orientação psicológica por parte da pesquisadora sendo encaminhado para atendimento psicoterapêutico, se necessário;
- **Que os possíveis riscos à saúde física e mental**: serão evitados por uma atitude ética e comprometida por parte da pesquisadora que tomará como prioridade a livre participação na pesquisa e o bem-estar dos participantes;
- **Que os benefícios esperados pela participação no estudo:** serão de caráter indireto por meio da contribuição dos participantes para os estudos e conhecimentos desenvolvidos a partir da temática desta pesquisa;

- **Que a qualquer momento os participantes poderão recusar-se a continuar participando do estudo e, também, retirar este consentimento, sem que isso traga qualquer penalidade ou prejuízo;**
- **Que as informações obtidas através da participação no estudo possam ser divulgadas em publicações e participação em eventos da área, resguardando-se o sigilo do conteúdo e a identificação dos participantes.**
- **Que os participantes da pesquisa receberão, quando da assinatura, uma via do Termo**

de Consentimento Livre e Esclarecido.

- **Que em relação aos custos de participação, ressarcimento e indenização por eventuais danos: a participação no estudo não acarretará custos ou danos de nenhuma ordem, não estando disponível nenhuma compensação financeira adicional.**
- **Que, sempre que desejar, serão fornecidos pela pesquisadora esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. Além disso, para eventuais esclarecimentos de caráter ético os participantes podem entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo: Av. Prof. Mello Moraes, 1721, Cidade Universitária, CEP – 05508-030, São Paulo – SP. Telefone: (11)3091-4182. E-mail: ceph.ip@usp.br**

Finalmente, tendo compreendido perfeitamente tudo o que nos foi informado sobre a nossa participação no mencionado estudo e estando consciente dos direitos, responsabilidades, riscos e benefícios que a nossa participação implicam, concordamos em dele participar e DAMOS O NOSSO CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO TENHAMOS SIDO FORÇADOS OU OBRIGADOS.

Endereço dos participantes Domicílio: (rua, praça, conjunto): Bloco: /Nº: /Complemento: Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone: Ponto de referência:
Informações da responsável pela pesquisa: Nome: E-mail: Telefone p/contato:

São Paulo, ... de ..... de 20.....

_____ Assinatura do voluntário Sr. _____ Assinatura da voluntária Sr.ª	_____ Carine Valéria Mendes dos Santos (Doutoranda)

ANEXO A
APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE DE SÃO

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Estudo comparativo sobre as interações diádicas e triádicas entre pai, mãe e bebê a partir de um cuidado parental igualitário.

Pesquisador: Carine Valéria Mendes dos Santos

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 47948315.9.0000.5561

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.259.535

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa apresenta-se muito bem redigido, com todos os itens que explicitam como será o desenvolvimento da pesquisa em todas as etapas do trabalho. A pesquisadora não só detalha e justifica seus objetivos e metodologia, como também os fundamenta teoricamente. Trata-se de pesquisa que busca ir além do que já tem sido pesquisado em Psicologia Clínica e Psicanálise sobre a interacão mãe-bebê, passando a incluir o pai, na observação das interações entre eles. As observações deste estudo serão realizadas durante o período do terceiro trimestre de vida do bebê, levando em conta a maior participação dos pais no cuidado parental, como uma tendência na evolução da família contemporânea. Isto a partir da progressiva mudança nos papéis de pai e mãe na sociedade atual, evidenciando-se uma distribuição mais igualitária das atribuições relativas às mães e pais. A pesquisa também busca comparar estas mudanças em duas famílias de configuração social e de engajamento profissional semelhantes, sediadas em diferentes estados, cujas tradições sociais supostamente aparentam diferenças em relação à evolução da família contemporânea (São Paulo-SP e Maceió-Alagoas).

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes,1721 - Bl. "G" sala 27
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3091-4182 **E-mail:** ceph.ip@usp.br

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral da pesquisa é "analisar como se dá o processo de constituição das interações diádicas e triádicas entre pai, mãe e bebê no terceiro trimestre de vida da criança".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A autora não considera que haja riscos em participar nesta pesquisa, mas que está preparada para encaminhar para apoio psicológico, se surgir esta necessidade nos participantes.

Em relação aos benefícios, julga que, além de contribuir para o avanço no conhecimento das interacões mãe-pai-bebê, a família poderá se beneficiar desta experiência e até favorecer na melhoria dos cuidados dispensados à criança, contribuindo para seu desenvolvimento.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A leitura atenta do projeto proporciona a convicção de que apesar de ser um estudo complexo e delicado por envolver criança e pais, ele está muito bem fundamentado e as normas e exigências a serem seguidas foram bem estabelecidas e planejadas, gerando expectativas positivas de que o estudo venha se somar às contribuições significativas nesta área de estudo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos apresentados estão corretos e claros, não deixando dúvidas sobre as tarefas e os contatos a serem realizados.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Se o projeto prevê aplicação de TCLE, todas as páginas do documento deverão ser rubricadas pelo pesquisador e pelo voluntário e a última página assinada por ambos, conforme Carta Circular no 003/2011 da CONEP/CNS.

Salientamos que o pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEPH de forma clara

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes,1721 - Bl. "G" sala 27
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3091-4182 **E-mail:** ceph.ip@usp.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DA UNIVERSIDADE DE SÃO

Continuação do Parecer: 1.259.535

e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Lembramos que esta modificação necessitará de aprovação ética do CEPH antes de ser implementada. De acordo com a Res. CNS 466/12, o pesquisador deve apresentar a este CEP/SMS o relatório final do projeto desenvolvido, conforme preenchimento de Protocolo disponível na página do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP, do site do IPUSP. Em seguida, o protocolo preenchido deverá ser enviado ao CEPH pela Plataforma Brasil, ícone Notificação, logo que o mesmo estiver concluído.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_516374.pdf	29/06/2015 20:42:20		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE - PAIS E MÃES.pdf	29/06/2015 20:41:41		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_516374.pdf	16/06/2015 17:58:56		Aceito
Folha de Rosto	Folha de rosto.pdf	16/06/2015 17:44:59		Aceito
Outros	Declaração de compromisso.pdf	16/06/2015 17:44:25		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto - Plataforma Brasil.pdf	16/06/2015 17:43:57		Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

SAO PAULO, 05 de Outubro de 2015

Assinado por:
Helena Rinaldi Rosa
(Coordenador)

Endereço: Av. Prof. Mello Moraes,1721 - Bl. "G" sala 27
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 05.508-030
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3091-4182 **E-mail:** ceph.ip@usp.br